TOMÁS DA FONSECA

NA COVA DOS LEÕES

LISBOA

(Paginação Cabeçalho)

NA COVA DOS LEÕES

PRINCIPAIS OBRAS DO AUTOR

Evangelho dum Seminarista, 1903 (esgotado)
Deserdados (Poemas, com prefácio de Guerra Junqueiro), 1909 (esgotado)
Sermões da Montanha - 1.a edição portuguesa, 1909; última
edição brasileira. Editorial Germinal, Rio de Janeiro, 1947
Cartilha Nova - 1.a edição, 1912; 2.a, 1915 (esgotado)
Origem da Vida - 1912 (esgotado)
Memórias do Cárcere - 1919 (esgotado)
Musa Pagã (Poemas) - 1921
História da Civilização relacionada com a de Portugal - 2.a edição, 1929
Cartas Espirituais - A Mulher e a Igreja - 1922 (esgotado)
As Congregações e o Ensino - 1924 (esgotado)
Erro de Origem - Transformismo Religioso - 1925
Questão Romana (colaboração de Brito Camacho) - 1930 (esgotado)
No Rescaldo de Lourdes - 1932 (esgotado)
O Santo Condestável - 1932 (esgotado)
A Igreja e o Condestável - 1933 (esgotado)
O Púlpito e a Lavoura - 1947 (esgotado)
D. Afonso Henriques e a Fundação da Nacionalidade - 1949
Memórias dum Chefe de Gabinete - 1949 (esgotado)
Águas Novas (Peça Dramática) - 1950 (esgotado)
Águas Passadas - 1950 (esgotado)
Filha de Labão (Romance) - 1951
A Pedir Chuva... - 1955
Fátima - 1955 - edição brasileira
Guerra Junqueiro (Conferências) - 1956
Agiológico Rústico - I - Santos da minha Terra - 1957

A Publicar:
Agiológico Rústico - II - Santos da Terra Alheia
O Diabo no Tempo e no Espaço IX,

- Oferta
(2002-07

TOMÁS DA FONSECA

NA COVA
DOS LEÕES

- Para mostrar Que a gente pela Verdade Se deve deixar matar
JOÃO DE DEUS

Destinada ao Brasil
LISBOA - *1958* =

À Honrada Memória de
ARTUR DE OLIVEIRA SANTOS -que, no exercício de suas funções de Administrador do Concelho de Vila-Nova-de-Ourém, muito se esforçou por evitar o embuste de Fátima, - que a Igreja continua perfilhando e explorando com a repulsa dos cristãos verdadeiros.

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Numa reunião de delegados republicanos, eFectuada em Lisboa, para tomarem conhecimento do programa apresentado pelo candidato à presidência da República - General Norton d*e* Matos - e assentar na orientação a dar à campanha eleitoral, o Dr. Santos Silva, que fizera parte da mesa e conversava com o candidato, chamou-me para me dizer:
- Lembrámos a conveniência de você aparecer na imprensa, escrevendo coisas no género que lhe é familiar. Já tem um belo tema - a pregação do sacerdote minhoto, a que se referiu o Dr. António de Macedo. 1*)*
Aleguei razões de escusa, às quais poderia ter juntado o facto de estar ainda quente o lugar que durante um mês ocupara no Aljube. Além disso os jornais já por várias vezes tinham aludido à minha "provecta idade". Deveriam chamar os novos, alguns bem preparados e aguerridos. E fiquei nisto.

(1) Afirmara aquele advogado portuense que, numa Igreja do Norte, um sacerdote iniciara a campanha eleitoral, dizendo **aos** seus paroquianos: "Votem todos com o nosso pároco"

Mas, no dia seguinte, quis o destino que eu subisse à redacção da "República), onde encontrei diversos publicistas, entre os quais perorava Rocha Martins, que, mal me viu, exclamou:
- Você também deve aparecer... A hora exige-o. Escreva, por exemplo, uma carta a um pároco de aldeia, naquele seu estilo, que tanta agrada às massas.
- Homem, deixe-me em paz - respondi-lhe. E contei o diálogo havido na reunião dos delegados provinciais.
Mas do grupo outros me invectivaram e com argumentos de tal peso que eu tive de vergar:
- Pois bem, Carvalhão Duarte! Amanhã aqui terá a prosa que me impõe.
Foi assim que apareceram no dia 8 de Janeiro de 1949, as "Palavras calmas a um provinciano inquieto". O incêndio que em seguida atearam vê-lo-ão adiante, em alterosas chamas, que

dir-se-ia anunciarem o *dies irae* da justiça divina, tão impetuosamente galgou e abrasou, em poucos dias, a pobre terra portuguesa, de ordinária resignada e apática.
E por culpa de quem, apavorada gente? Para que me acordaram? E, acordado, para que me empurraram? Ignoravam, porventura, que não tenho a fala para ocultar os pensamentos? Ou julgariam que a tal "provecta idade" me teria levado a desertar do campo onde, durante meio século, me bati, enfrentando a Reacção, quer me surgisse de coroa, quer de mitra ou de tiara, a tolher-me os passos ou a desviar a luz que alegra os corações e fortalece a alma?
Pois aí têm. E agora extingam, se virem que há vantagem, o incêndio a que não quiseram acudir, quando era ainda um pequeno fogacho, que qualquer abafaria com um simples ramo verde, ou com a sola do sapato. Por mim, não tentei o menor gesto para o dominar, porque achei bem que se lançasse e longamente ardesse, a ver se aquecia tanto o corpo arrefecido, iluminando ao mesmo tempo a legião de consciências e vontades que jazem amodorradas no indiferentismo, na miséria ou nas desilusões que os anos acarretam.
Só o tempo nos dirá se realmente iluminou e pôs de pé esses amodorrados, ou se a labareda foi tão forte, que tudo haja esterelizado e reduzido a cinzas.
Alguém me diz que um livro da natureza deste, posto a circular em Portugal, põe em risco, não apenas a liberdade do autor, mas ainda a sua própria vida. Embora! Morra ele, mas vivam os tristes que salpicam de lágrimas e sangue os caminhos que levam aos santuários donde regressam mais pobres e mais desventurados!
Sim. Morra ele, mas vivam esses e, com eles, todos os que têm fome e sede de justiça E morra como deve morrer: no campo donde se volta livre, ou se não volta mais!

PRIMEIRA PARTE

"CASUS BELLI"

PALAVRAS CALMAS A UM PROVINCIANO INQUIETO (1)

Caro Amigo:
Diz você na sua carta: "O pároco da minha freguesia iniciou há dias a propaganda eleitoral com esta exortação: *Votai todos com o vosso pároco!* E comenta: "É necessário opor-lhe, desde já, uma campanha tal que o faça recolher à sua função de pastor de almas. Porque o padre, ou representa Cristo, e nesse caso só lhe compete pregar o Amor e a Concórdia, ou é agente eleiçoeiro, e então forçoso se torna irmos ao seu encontro, a fim de o conduzirmos ao caminho de que se haja desviado".
Não sei se alguém respondeu já à sua inquietação. Apesar disso, também quero acudir, na esperança de que as minhas palavras possam atenuar o alvoroço que a sua carta nos revela.
Não é preciso ser-se muito lido, nem ter largo convívio com pessoas de igreja, para poder afirmar que, embora o sacerdote em causa haja lançado esse convite às ovelhas que pastoreia,
(1) Publicadas no diário lisbonense "República" a 8 de Janeiro de 1949.

não acredito que o seu exemplo seja contagioso a ponto de constituir perigo para a vitória do candidato, que o meu amigo tão ardorosamente se propõe defender.
Sucederá isso numa ou noutra freguesia minhota, onde a ignorância e a miséria enchem a igreja até à porta; mas, nas outras, como no resto do país, a prudência e o bom senso do clero evitarão que as ovelhas que pastoreia enveredem por tal caminho, onde, por vezes, há silveirais e pedregulhos de pôr medo. Demais sabe ele que o eleitor dos nossos dias há muito se encontra suficientemente esclarecido para poder votar, não por sugestões, venham de onde vierem, mas segundo o seu critério e conveniências sociais, que, quase sempre, condicionam também as económicas.
Por muito que se tenha feito para limitar a propaganda de pessoas e de credos políticos, pouca gente haverá que não esteja elucidada acerca do momento que passa e, portanto, dos interesses do país e posição dos homens que se propõem governá-lo. Não pode, pois, o clero constituir

excepção, sobretudo os velhos sacerdotes que, pelo muito que já viram e ouviram, e ainda pela esperiência de passados embates, perfeitamente sabem que o povo deixou de ser criança, tendo atingido aquela maioridade que lhe trouxe a noção do dever e da responsabilidade, tanto dos actos que pratica, como dos que, por incúria ou negligência, deixa de praticar. Sabe, pois, o clero que as qualidades morais, a piedade, a tolerância e a bondade do povo são tradicionais; mas sabe igualmente que, quando alguém abusou desses dons naturais,

raramente o povo deixou de responder com aquela coragem e civismo que a história nacional regista a cada passo.
O tempo ensinou-o a ser cauto. E essas lições, aliadas às que, por vezes, lhe chegam dos superiores hierárquicos, têm-no tornado mestre na arte de prever e saber conciliar. Pois não guarda ele, entre as pastorais diocesanas, a prudente mensagem que, em 29 de Março de 1934, o representante da Santa Sé junto do episcopado português lhe transmitiu, primeiro, através da Emissora Nacional, e em seguida, por toda a denominada boa imprensa? Recomendava, com efeito, o Patriarca Cerejeira, já nessa altura assistente ao Sólio Pontifício: "Todo o esteio duma coação puramente policial não fará mais que manter de pé um cadáver".
Foi conciso e terminante. E o clero português registou o aviso, e, assim prevenido, mantém-se nas paróquias à escuta e de olhos bem abertos sobre a passagem do Evangelho que aconselha prudência, naquela fórmula tanta vez recordada nas encíclicas e rescritos pontifícios, que em seguida se repetem dos púlpitos *e* de boca em boca são levadas a crentes e descrentes: A Deus o que é de Deus e a César o que a César pertence".
Ora, o pároco da sua freguesia sabe perfeitamente que o César de que fala o Evangelho é o Mundo, que Deus, no acto da criação, separou logo do Céu. Esclarecido como está, também esse padre saberá separar os dois poderes, considerando, sobretudo, aqueles que os teólogos de todas as idades e nações recomendaram sempre - o de Deus. E como Deus é puro espírito, o seu pároco, um momento esquecido

das doutrinas do divino Mestre, há-de voltar, se é que já não voltou, à lei de Deus.
E tão grande a confiança que nele ponho, que se me não dava de apostar em como, embora não vote no nosso candidato, a ninguém ousará recomendar o contrário. E se não experimente. Procure-o no tribunal da penitência, onde não recusará ouvi-lo, e invocando escrúpulos de consciência, formule-lhe o quesito: - Vim aqui, meu padre, porque desejo não errar, votando em cidadão menos digno. Qual é, pois, o nome da pessoa em que vota?
Creio que a minha fé me não ilude, e por isso apostaria novamente em como a fala dele não irá fora disto: "O meu candidato é Deus, para o espiritual, mas como estou ligado ao mundo pelo rebanho que o mesmo Deus me confiou, votarei também no outro, que, embora mortal e pecador, reunirá, decerto, virtudes morais e cívicas em grau suficiente para bem conduzir a nau do Estado. Portanto, indague como eu, e vote conforme a sua consciência".
Noutra carta apontarei as razões que tenho para afirmar que o clero português votará largamente no candidato nacional, ou seja - o da Oposição.

Caro Amigo:
Antes de mais nada, desejo recordar, para que me não julguem incoerente com um passado que vem já de muito longo, as seguintes palavras que pronunciei no Senado, em sessão de 29 de Março de 1917, acerca do regresso das congre-gações religiosas a Portugal, que lhes ficou devendo, além de séculos de miséria e opressão, o grande atrazo cultural que a história registou em páginas que não esquecem mais: (1)
(1) Escreveu Alexandre de Gusmão, Ministro de D.João V:
- "Quanto se não faz odiosa a perniciosa conduta dos Jesuítas, pretendendo com as suas máximas arruinar três reinos os mais poderosos? *(Colecção de Vários Escritos*
Na mesma ordem de ideias, o Cardeal Saraiva (Fr. Francisco de S. Luís), que morreu Cardeal Patriarca de Lisboa, deixou-nos, entre os seus numerosos escritos, a famosa *Memória sobre o estado das leiras em Portugal na primeira metade do século XVIII*, de que registaremos apenas uma simples amostra:
"Ninguém hoje ignora a triste decadência e abatimento a que chegou a literatura portuguesa nos fins do século **XVI** e por todo o **XVII**

“Não veja o Senado, nas palavras que vou pronunciar, qualquer fórmula de ataque ao sentimento religioso, ao ideal místico daqueles que sinceramente crêem e confiam na intervenção de um Deus, que é, para muita gente simples, essa esperança falaz que os norteia na vida e os embala na morte.,. Não venho ferir crenças, mas atacar embustes... Falo daqueles que têm Deus como instrumento do seu ódio; que, aproveitando a religião como gazua, exercem o sacerdócio, não para salvar as almas, mas forçarem a espórtula, sua ambição suprema... As palavras veementes que da minha boca se soltarem, essas vão para os caixeiros-viajantes do dogma cristão - os arlequins que andam de templo em templo,

(continuação da nota da página anterior)
“Assim, desde o ano de 1620, em que fechamos com, o
nome do grande Frei Luís de Sousa a lista dos nossos bons escritores, começamos a observar entre nós, em todos os ramos de literatura e erudição, a mais rápida e sensível decadência, mostrando-se nos engenhos portugueses tão incrível e prodigiosa transformação, que parece indicar um geral transtorno em toda a sua constituição física, moral e política.
“Não foi esta notável mudança obra de um só momento ou de uma só causa.
“Um fatal concurso de circunstâncias a preparou e chegou a consumar pelo decurso de muito mais de um século...
“Podemos, sem receio de errar, atribuir uma das primeiras e não menos principais causas daquela decadência ao inconsiderado arbítrio de se confiar a uma só corporação o importante cargo de educação e ensino da mocidade - à introdução e estabelecimento dos jesuítas em Portugal.
“Esta corporação ambiciosa e astatuta, constante nos seus planos e uniforme em suas operações, serviu-se oportunamente de todos os meios que as circunstâncias lhe ofereciam para assenhoriar-se da educação e ensino da mocidade, que é a primeira base e fundamento dos progressos nacionais”,. *(Obras Completas,* Vol. X, pág. 273 a 306;. (fim da nota)

vendendo a peso de ouro o corpo do seu Deus, ou trespassando a retalho a túnica que o cobriu”. (1)

Assim apresentado às gerações que de mim nunca ouviram falar, passo ao tema que me propus agra desenvolver e que em três pontos se desdobra:

1.) O clero português não está com a actual situação política; 2.) O clero sofre com o povo, e, por isso,… 3.) o clero português anseia, como nós, tempos melhores, sem miséria, sem ódio e sem tiranos.

Para demonstrar o 1." ponto, bastariam as queixas formuladas em jornais, boletins, circulares e relatórios, que de contínuo são levados junto das estações oficiais, a começar nos bispos e a findar nos curas das aldeias. Como as escolas públicas, também as igrejas, capelas e ermidas, mormente na província, se encontram em estado de ruína, umas; ao abandono, outras, e grande número totalmente esquecidas. Em muitas delas o exercício do culto é mantido quase exclusivamente com as alfaias que a República lhes deixou após a Lei da Separação, tão benigna, afinal, que nem sequer aproveitou, para usos civis, muitos dos templos que os próprios bispos desprezavam como desnecessários. A República preveniu a miséria do clero e deu trabalho, em repartições do Estado, aos que, tendo perdido a fé, não quiseram continuar a exercer actos de culto, que os rebaixariam perante a própria consciência. Para os que já tinham constituído família, procedeu em harmonia com a verdadeira

(1) *As Congregações e o Ensino,* pág. 1 e 2.

caridade cristã, deste modo salvando da miséria e do opróbio criaturas sem culpa.

Tem procedido assim a situação actual, unida à Igreja pela Concordata? Todos sabem que não. Pelo contrário: os que despem o hábito e procuram trabalho compatível com a sua cultura são apontados como indesejáveis e banidos de postos ao abrigo das receitas do Estado. E padres há que enlouqueceram, porque os obrigaram a renegar filhos que muito amavam.

Há terras onde o padre, para poder viver, é obrigado a acumular o serviço de duas ou mais paróquias. E quantas vezes recorre ainda a trabalhos agrícolas?! Outros sei eu que se viram na dura contingência de vender os próprios santos e alfaias do culto. *{-)* Culpa de quem? Dos crentes que não pagam, ou dos bispos, que lhes não assistem como devem?

Mancomunada com o Estado pelo cordão umbilical da Concordata e sob o peso de orçamentos brutais que levam coiro e cabelo, a Igreja desligou-o daquele nível de vida a que

(1) Um deles, conhecido e creio que amigo do jornalista Rocha Martins, vivia, há pouco ainda, nos arredores de Lisboa.
(2) Há numerosos casos, em todos os bispados, principalmente no centro e sul do país. Que o digam os antiquários e coleccionadores de imagens. Um dos párocos do meu concelho, há poucos anos falecido, conseguiu que o regedor, (também já deu contas a Deus") retirasse da sua capela uma rara e valiosa imagem de S. Pedro (Século XIV), que escondeu num carro de mato, para que o Povo ignorasse os valores do roubo. Acabou por saber, mas quando o santo já fora negociado por um coleccionador de imagens medievais.

se julga com direito, garantido pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada e aceite por todos os povos cultos.
Por seu lado o povo, incluindo o próprio aldeão, na ânsia de garantir aos seus o pão de cada dia, nem tempo encontra para assistir à missa, quanto mais para frequentar os sacramentos!
Desligou-se da Igreja, porque o Estado o desligou também do tal nível de vida, que conheceu em tempos que não vão longe. Além disso, as populações rurais deixaram de ler, de se congregar em centros de cultura, de ouvir preleções, de serem despertadas para as coisas do espírito. Nas escolas ainda se ensina a ler, escrever e contar, mas a maioria das crianças, passado pouco tempo, lembra apenas, e isso muito confusamente, a doutrina da Cartilha, com que os professores, mal preparados para a catequese, lhes martelaram a memória. E daí a antipatia que lhes fica por um ensino que não puderam compreender, não só por ser ministrado antes da idade e fora do lugar próprio, mas ainda por mestres, muitas vezes ateus, que, tendo Deus nos lábios, acarinham o Diabo no coração.
“Cada coisa tem a sua idade e o seu lugar! - comenta o pároco sensato. - O ensino na escola, a catequese nas igrejas. Porque razão deixaria o Estado de confiar-nos esse piedoso exercício?” O resultado está à vista. A doutrina com que o escolar aparece na igreja leva tudo menos o sentido cristão, que lhe não souberam ou não quiseram transmitir. Um tal espectáculo deprime, diminui e desalenta o clero, pois vê que a indiferença pelas coisas de Deus principia nas escolas.

Ora é sabido que o espírito, abalado pela indiferença, passa rapidamente à dúvida, caminho aberto para a negação de toda a fé religiosa.
Outros aspectos poderia focar, mas os que acabo de apontar-lhe bastam para justificar a oposição de grande parte do clero à situação actual.
2. ponto: o clero sofre com o povo.
Como é sabido, ou por ordens de Roma ou por zelo apostólico dos bispos, determinou-se que por toda a parte se entronizasse o Cristo-Rei. Quer dizer: apearam-no da cruz, onde brilhou durante muitos séculos, para o entronizarem como rei de Portugal e dos Algarves. Mau passo deram os promotores de semelhante dinastia. Ignoravam que a grande maioria dos portugueses já não crê em Messias, quanto mais em monarcas. Mesmo entre católicos militantes, muitos há contrários à realeza e por isso lhe recusaram assistência. Mas não foi só o povo crente que deixou de assistir-lhe. A própria igreja arrefeceu nas homenagens, acabando por esquecer o Cristo amarrado ao seu trono, sem glória para ele nem benefício para as almas. Apesar de o terem proclamado não só Grande Senhor, como ainda filho único de um Deus, que também dizem ser único e verdadeiro, ei-lo aí, soberano sem domínios, sem corte, sem vassalos e, pior que tudo, sem orçamento e sem crédito nos Bancos. Agora, de que vale entregarem-no ao povo? Pois não vêem que este ou é pobre e não pode contribuir para os fundos reais, ou é republicano e, como tal, não vê o novo Rei com bons olhos, quanto mais vesti-lo, calçá-lo e alombar o andor nas procissões!

Pergunto agora: Para que procedeu assim a Igreja Católica? E qual a verdadeira razão desse abandono? Todos o sabem: a Igreja voltou costas ao Cristo, porque lhe opôs uma Senhora que dizem ter sido sua mãe. Esta, porém, deixou não só de o trazer ao colo, como ainda de lhe dar os peitos, cujo leite bebia, regalado e bendito, como sempre se disse e a estatuária antiga o confirma. Mas não só lhe tiraram o filho, como também lho esconderam ou totalmente suprimiram. Erguem-se ainda cruzes é certo, mas muitas delas, como a que levantaram no Castelo (1), já não suspendem o Mártir do Calvário. Cruzes de madeira ou cruzes de ferro são

hoje, não símbolos de amor, piedade e redenção, mas chuços com que certos missionários ameaçam os que não se lhes ajoelharem aos pés, nos confissionários, onde se inculcam como verdadeiros e únicos enviados de Deus.
E o velho pároco na sombra, espantado com semelhantes destempêros!
Mas o sofrimento do clero e dos devotos vai mais longe. A tal Senhora, vestida de seda e ouro, essa é quem circula hoje como verdadeira soberana de Portugal, daquém e dalém-mar. Quando ela passa, é obrigatório ter-se na mão uma vela, ajoelhar em terra, cantar louvores, abrir a bolsa e, ao seguir para outras paragens, dizer-lhe adeus com lenços, brancos como as pombas que lhe amarram no andor. Resultado
(1) Cruz de ferro erguida no Castelo de S. Jorge por ocasião das comemorações da conquista de Lisboa aos mouros.

de todo este espectáculo? Que o digam os párocos de Norte a Sul de Portugal, em cujas Igrejas e capelas dormem hoje, no olvido e cobertas de pó, além da velha Padroeira, todas as santas mães, desde a que velava no presépio, asssistia aos partos, socorria os navegantes, amparava os inválidos, acarinhava os órfãos, até à própria Mater-Dolorosa, que nunca mais deixaram vir à rua, para se não saber que foi mulher e teve filhos.
Hoje a santa que o pobre Zé-pagante é obrigado a transportar aos ombros, de paróquia em paróquia, de santuário em santuário, é diversa das outras que, dando à luz, se tornaram matronas veneráveis. A da Cova da Iria é unicamente virgem. Lá dizia aquela nobre dama de Cascais, ao receber, no guiché dos Correios, o selo com a Padroeira: “O quê? A Senhora de Fátima com um filho?” - Não, alma piedosa: aquela santa não tem filhos.
Caro amigo: Sei de padres que chegaram ainda a revoltar-se contra a superstição, dizendo em plena Igreja que a mão de Deus era uma só, e essa tinham-na ali os crentes, pronta a receber as súplicas de todos, dando em troca, além da divina graça, o necessário amparo a cada um, nas suas dores e trabalhos. Esses, porém, foram obrigados não só a pôr termo a semelhantes prédicas, como ainda a enfileirar, com os paroquianos, nas peregrinações que mensalmente se dirigiam à referida Cova, que muita gente afirma já que há de servir de túmulo ao culto de Maria em Portugal.
Insisto neste ponto, para que se avalie a soma de sacrifícios necessária para assim arrastar

pobres campónios dos pontos mais distantes do país. E quantos milhares a pé, dormindo ao acaso, sob alpendres, em manjedouras, ao ar livre, e em terras onde ninguém os conhece nem deseja conhecer! Depois, que triste, que doloroso regresso! Muitos ficam por hospitais, e dos que alcançam o lar, quantos se vão abaixo e longos dias sofrem, estendidos no leito e sem ninguém que lhes cultive as leiras de que vivem!
Ainda se o pároco, como fazia outrora, pudesse recorrer às bulas de composição, muitos desses campónios, alegando não poderem cumprir, ficariam em casa, a troco de alguns escudos. Mas ao pároco de hoje é-lhe negado esse recurso, e ele mesmo não o solicitaria, para não ser suspeito de fé dúbia. Porque a nova ordem preceitua: quem prometeu é obrigado a cumprir. Adoeça embora na jornada, morra embora quando chegar a casa: o que se precisa é formar legião e transportar numerário, abarrotando os cofres da Senhora. O número impressiona sempre, os coros tocam os corações, e os lenços que dizem adeus ao ídolo são igualmente perturbantes. E é isso que se quer. Num país onde os governos só procuram fachadas, que outra coisa podemos esperar dos novos empresários da fé?
Esta vai longa, caro amigo, e por isso deixemos o terceiro ponto para amanhã ou dias próximos.

III (1)
Caro Amigo:
Compreende, de certo, que não devo abusar do espaço que me deixam nas colunas deste jornal para desenvolver, como era meu desejo, o tema que me serve de título, e por isso apontarei apenas alguns factos dentre muitos.
Começando pelo que se refere à Concordata hoje em vigor, afirmarei ser erro grave supor-se que o sacerdote verdadeiramente cristão acatou de bom grado esse deprimente e inconcebível diploma, sem precedentes não apenas entre nós, mas em qualquer nação de regular cultura.

Efectivamente, como poderá ele, vivendo à luz dos preceitos evangélicos, ver sancionados os direitos que regulam a sua profissão por Governos de força, como o que há mais de vinte anos

(1) No dia 10 voltei à "República", sendo logo abordado por um dos redactores daquele jornal, propondo uma entrevista acerca do último discurso do Presidente do Conselho. Abancámos ali mesmo, e as impressões trocadas saíram a público, no dia 11, sob o título *A Questão Religiosa.* Voltei no dia 12, para ver as provas da terceira carta, a fim de evitar transposições e gralhas. Na sala da redacção, conversava um dos membros da comissão de propaganda da candidatura do General Norton de Matos, que, alarmado com a celeuma que tanto as cartas como a entrevista estavam levantando nos arrais católicos, se me dirigiu nestes precisos termos: "E porque não dizer-lhe que mesmo entre os nossos causaram desagrado?! Em alguns até irritação! Por tal motivo o General manda dizer-lhe que suspenda os ataques à Igreja".
Anui, sem hesitação. E, passando ao gabinete do director do jornal, contei-lhe o caso, pedindo ao mesmo tempo que retirasse a terceira carta. Carvalhão Duarte acedeu, mas
acrescentando estas palavras que me cumpre registar:-"O meu amigo retira-a porque quer, visto que o jornal é por mim dirigido e está sempre ao seu dispor".
Fiz mal? Talvez, porque esta, como poderão verificar, é tão cristã e verdadeira como as outras. Lida ao Rocha Martins, comentou este: "Alguns republicanos estranharam as outras? Pois todas elas poderiam ser assinadas por um verdadeiro cristão".

vigora em Portugal?! Ainda se ele não conhecesse a História Eclesiástica, nem lesse os jornais de grande informação... Mas conhece, mas lê, e por isso não ignora o que a Igreja tem lucrado, todas as vezes que alarga as suas ambições e sacia apetites nos domínios de César, onde, nos dizeres dos Doutores, o Diabo comanda os seus obreiros. Considerem, por exemplo, o que em 1789 lhe sucedeu em França, quando tomou partido pela corte e pelos nobres que, escravizando o povo, o haviam lançado na mais negra miséria e dependência. Em troca da sua cumplicidade, o clero enriqueceu, teve honrarias, exerceu altos cargos, mas degradou-se. E o resultado viu-se: Quando o povo tomou conta dos destinos da Nação, a grande maioria dos sacerdotes que não conseguiram alcançar a fronteira sofreram por toda a parte duras perseguições e vexames sem conta nem medida. Outro tanto lhes ia sucedendo em Portugal, mormente às ordens religiosas, que nos últimos anos da monarquia apoiaram todas as violências e desmandos oficiais, mesmo quando já em conflito aberto com o povo. As velhas instituições foram depostas, e todos sabem

o que então se passou: prisão de bispos e de párocos, expulsão de ordens religiosas e, por fim, a votação, pelas Constituintes, duma lei de Separação que, longe de deprimir o clero, o nobilitaria - lei que há muito o próprio clero deveria ter reclamado, para fugir à tutela governamental, que, em troca de certas regalias, exigia funções que o apoucavam e punham em conflito com o povo. Poucos anos depois, assistimos na Espanha a um fenómeno da mesma natureza, mas de muito maior envergadura e projecção no mundo: Farto de ser ludibriado, expoliado e oprimido, o Povo espanhol, quando alcançou tomar conta do poder, não demorou o ajuste de contas com aqueles que mais haviam contribuído para as suas desgraças, sendo o clero tratado com desusada violência. Ele, os templos e os mosteiros, onde exercia o culto, iludindo ou falseando as doutrinas do Cristo.
Estes exemplos bastam para me garantirem que o clero português desejará a paz e a prosperidade nacional, mas não à sombra de concordatas impostas pelo poder de Roma, mormente quando abrem as portas a entidades há tanto indesejáveis, como sejam as congregações religiosas, à frente das quais campeia a Companhia

de Jesus, de sinistra memória - razão bastante para que o país inteiro sinta contra ela a mais viva repulsa. Na sua lógica simplista, vendo-se rodeado de frades e de freiras, o Povo mede pela mesma razoira o clero secular e o regular, o que representa uma grande injustiça, sabendo-se que o primeiro aborrece o segundo, tanto ou mais que as massas populares.
É notório que, onde domina o frade, o clero secular é um subordinado e uma vítima. Alimenta-o, agasalha-o, recomenda-o, entrega-lhe o confissionário e o púlpito; e quando ele parte, a despensa paroquial fica vazia e os devotos exaustos, porque o frade é sempre o mesmo: pede tudo, aceita tudo, come ou leva tudo.

Há tempos, na minha região beirã, apareceram missionários congreganistas, que alarmaram a população rural. O mulherio, sobretudo, perturbado pelas suas exortações, não os abandonou de dia nem de noite, ouvindo-os no confissionário e no púlpito, donde eles chegaram a proclamar que enquanto demorassem naquela freguesia - e o mesmo diriam nas demais! - qualquer devoto que morresse, subiria logo direitinho ao Céu. Nem pelo Purgatório passaria!
Avalie-se agora a situação do sacerdote honesto, vendo interpretar a doutrina evangélica por criaturas tão incultas e de tão baixa moralidade. Não querendo enganar os seus paroquianos, abusando da sua boa fé, vê-se em grande inferioridade, pois não sabe nem quer prometer coisas de tal categoria.
Na mesma região, e com pleno conhecimento dos poderes públicos, uma “santa” mulher completa

a acção missionária, enviando para o Céu, a troco de algumas centenas de escudos, as almas que os parentes queiram recomendar-lhe. Baratinho, sem dúvida, mas tal sistema de salvação repugna também ao clero secular.
Outra forma de propaganda religiosa, que o perturba e aborrece: a das folhas soltas e de jornais diocesanos, redigidos em linguagem plebeia ou despejada, e, além disso, em conceitos de tão dúbia moral, que a maioria dos párocos se envergonha de os comunicar às zeladoras, mesmo às analfabetas, que nas aldeias são os correios dessa literatura aviltante.
Depois, os párocos estão fartos de viagens a Fátima; fartos de circulares do seu bispo para apertar com as famílias, a fim de contribuírem para a sustentação dos seminários; fartos de procurar nessas famílias vocações para a vida eclesiástica, que de cem não vingam cinco; fartos de pedir para o dinheiro de S. Pedro, sabendo eles que a Santa Sé é hoje talvez o mais categorizado representante da alta finança (tantos e tão fortes são os cofres, que a piedade cristã lhe vai enchendo, além do crédito ilimitado que desfruta nos principais bancos do mundo (1); fartos de convocar famílias para se restabelecer ou avivarem cultos esquecidos; fartos de

(1) Recorte da *Vida Mundial.* N.o 979, de 15-3-58, que igualmente o recortou da revista francesa *Aux Ecoulex:* “O fundo especial da Santa Sé foi criado em 1920 por Pio XI e representa hoje um dos elementos essenciais da fortuna pontifícia. Não dispondo, a princípio, senão de dois biliões de liras que lhe foram entregues pelo governo italiano

subir escadas, puxar o cordão ou premir o botão de campainhas e pedir, e pedir sempre - para a Cruzada, para a Acção Católica, para o Amigo •do Povo, para as Missões, para o dinheiro de Santo António, do coração de Jesus, de S. Vicente de Paula, para tudo menos para fazer subir o nível de vida do país, especialmente o das classes trabalhadoras, que lutam, noite e dia, para que lhes não falte pão na arca nem brasas na lareira.
Se o pároco é novo, ainda vá: pode correr, subir, falar horas seguidas. Mas, se é um desses velhos sacerdotes, cansado pelos anos e por trabalhos no amanho da vinha do Senhor, não admira que, por vezes, perca a paciência e amaldiçoe tanto peditório, que só lhe traz antipatias, mesmo daqueles que têm de sobra para dar. Muitos há, certamente, que vão com tudo quanto Roma lhes preceitua. Maior número, porém, deve ser o daqueles que, recordando o Bispo de Viseu, Alves Martins, copiaram e têm, entre as folhas do Breviário, as palavras que lhe gravaram no pedestal da estátua, erguida em frente do seminário diocesano: “Na minha diocese quero sacerdotes que amem a Deus na pessoa “do próximo, e não jesuítas que o explorem em nome de Deus”.
quando se concluiram os acordos de Latrão, o Fundo Especial conseguiu, com acertadas colocações, fazer frutificar esse capital inicial ao ponto de hoje atingir a inacreditável soma de doze biliões de dólares, metade da qual depositada no Banco Morgan, em Nova York e a outra metade no Crédit Suisse, de Zurique”.

Daqui resulta que o Povo, para não ser massacrado com tanta pedinchice, evita aparecer na Igreja; não frequenta por isso os sacramentos, nem ouve a palavra evangélica. E quando, na Quaresma, chega a ocasião da desobriga, pouca gente aparece: uma ou outra menina, e as velhas que, não tendo que fazer, consomem o desgraçado padre, horas seguidas, no confissionário, a espiolhar pecados do tamanho de lêndias. Ora isto, creia o provinciano inquieto, aborrece profundamente os clérigos seculares, mormente aqueles que ainda lêem e meditam os Santos Padres, como esse arcebispo de Milão, S. Ambrósio, tão grande no saber e na virtude como a

famosa catedral que os vindouros lhe ergueram, em memória das lutas que travara, era defesa do rebanho que Deus lhe havia confiado, (i)
lalais obscuros, mas não menos corajosos, há todavia sacerdotes que preferem ser atingidos pela censura do seu prelado, do que ensinar ao Povo o contrário daquilo de que estejam convencidos. Tal como aquele personagem de que fala Renan: “Que Deus me condene, se quiser,

(1) Escreveu ele, dirijindo-se aos ricos: “Não é com os nossos bens que sois generosos para com os pobres, visto que lhes dais apenas uma parte do que lhes pertence. Com preceito, o que foi dado em comum e para uso de todos, vós o usurpais unicamente para vós. Ora a terra é de todos e não dos ricos”. E acrescenta, visando agora especialmente o clero: “Emprestai o vosso dinheiro ao Senhor mas na mão do pobre”. *(Les Peres de L'Eglise Latine*, tom 1 pág. 142 e 153).

mas nunca obterá que eu cometa voluntariamente uma falta de crítica, nem afirme ser verdade o que haja reconhecido falso”.
Muito mais tinha em mente dizer à sua inquietação, mas não posso ir mais longe, visto que o fogo lavra em outros pontos, donde me chamam e onde realmente quero acudir, com o meu sopro, o meu ramo verde ou o meu balde cheio, conforme a chama que tiver de enfrentar. (1)

(1) - *Hoc eral in volis*, como diria o velho lírico romano. Mas diz também a sabedoria das nações: o homem põe e Deus dispõe. Adiante veremos quem realmente dispôs as coisas para que me não fosse permitido aparecer em público nem com o ramo, nem com o balde e muito menos com o sopro.

IV

CARTA À JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CATÓLICA (1)

Meninos:
Apresentado pelo vosso presidente (), chegou aos papéis públicos um “indignado protesto” contra o signatário desta, “por haver ultrajado, na sua dignidade e honra, o clero português”, e ainda por “odiosas referências a Nossa Senhora e ao seu culto”. Escusado seria dizer-vos que foi grande o meu espanto por tão singular intervenção em assuntos de que nada entendeis. Digo - nada entendeis - e acrescento: a que deveis andar alheios enquanto não atingirdes certo nível mental, e, portanto, a clareza do raciocínio que os problemas do espírito exigem.
E se não... Porque os meninos ou não leram as cartas ou se as leram são acanhados de intelecto a tal ponto que não alcançaram o que a

(1) Retirada também pela mesma razão porque o foi a carta anterior, e com as mesmas palavras do director do jornal: “Retira porque quer”
(2) Francisco Pereira de Moura.

simples razão lhes mostraria à luz da maior evidência. Voltem, portanto, a ler o que lá vem (mas só o que lá vem como fizeram as pessoas de boa fé e moral sã, e verão que, longe de ultrajar o clero na sua honra, julguei defendê-lo daqueles que procuram torná-lo indigno, por atitudes e acções que rebaixam, fazendo dele agente indesejável, nos meios onde actua.
A segunda acusação é ainda mais grave, pois a baseiam em insultos que eu teria dirigido à mãe de um Deus. Decerto que não viram nem ouviram semelhante aleivosia. Para tal afirmar não me faltam motivos. Se os meninos estão habituados a escutar o que se lhes ensina, peço que voltem para cá um dos ouvidos e oiçam atentamente. Vão ver como foram infelizes quanto ao alvo onde quiseram acertar. Comecemos de longe.
Um dia, minha mãe contou-me como fora madrinha da Santa que, na aldeia onde nasci, ornamenta o altar da capela que me coube em herança. E aqui principia já o vosso espanto: o hereje que pretendem lapidar tem lá na terra uma capela!
O vosso espanto, porém, há-de subir ainda, quando virem ou ouvirem falar no carinho e respeito que vota à Santa que lá mora.
Porquê? - perguntareis. Ora, eu vos conto, rapazinhos.
Quando ela chegou a nossa casa, vai fazer agora um século, pouco se demorou, seguindo logo para a sua capela - que meu bisavô erguera sem comparticipação do Estado nem dos sete ou oito vizinhos que moravam então na dita aldeia - para que um dos seus filhos ali

celebrasse actos de culto. Era já Virgem - Mãe de Cristo, como todos viram pelas suas feições e pelo menino que transportava ao colo. Mas, como devem saber pelas mamãs e pelo confessor, todas as mães de Deus tem um nome próprio, que as destingue entre si, conforme as necessidades a que se propõem acudir.
- Esta será Nossa Senhora da Saúde - sentenciou o nosso tio padre. Mandou que minha mãe, então de poucos anos, lhe pusesse a mãozinha na cabeça. Ele colocou a sua e aspergindo água benta, declinou a fórmula litúrgica: *Ego te bapíiso in nomine Fairis*, etc. Seguidamente, subiram-na para o altar, e lá ficou a ouvir súplicas e dar esperanças aos devotos achacados ou enfermos, até que, decorrido pouco mais de meio século, veio parar às minhas mãos.
Escuso perguntar se vos lembrais da tormenta que em 1910 abalou Portugal de Norte a Sul, visto não terdes aparecido ainda à luz do mundo. Pois saibam os meninos que, devido à maneira como o clero e ordens religiosas se comportavam, espalhando calúnias, arengando sandices, desonrando famílias, caçando heranças e tudo o mais que era notório, o povo reagiu de tal maneira que, em horas de justa indignação, profanou igrejas e capelas, arrasou ermidas e santuários, sendo mais tarde as imagens leiloadas, e o seu produto aplicado em obras de assistência social.
Ora, a minha capela, devido a ser imóvel particular, não foi incluída no arrolamento geral, e daí a Senhora da Saúde ter escapado ao vendaval e às humilhações da almoeda. Todavia, não duvidais que eu pudesse ter feito como

tantos: vender a santa, as alfaias do culto e converter o edifício em palheiro ou armazém de cereais. Outros o têm feito, apesar de bons católicos e abonados, como sucedeu em Coimbra noutros tempos, a dezenas de templos, e ainda, poucos anos antes da República, à velha igreja de Santa Clara, transformada em estábulo, não obstante haver sido fundada por uma rainha, que foi canonizada (1), e pertencer a um rico proprietário, como os outros bom apostólico-romano (2).
Pois tal não fez o vosso hereje, visto que a referida Santa lá continua no altar, junto ao qual toda a gente pode ir suplicar-lhe as graças que muito bem quiser. E mais não sou católico nem rico! Pelo contrário, não creio em religião alguma, velha ou nova, morta ou viva, e quanto a bens de fortuna, nunca passei dum pobre cultivador de terras altas, cujos pastos e sementes acomodo numa casa-de-eira, tão acanhada que mal chega para a primeira recolhença. Assim, quem poderia reparar, quanto mais condenar-me, se eu convertesse aquele imóvel em armazém de produtos agrícolas, ou curral para gado!
Insisto neste ponto: leiam e considerem como os fidalgos vossos antepassados se portaram em 1834, com a extinção das ordens religiosas.

(1) A Rainha Isabel de Aragão, esposa do rei D. Diniz de Portugal.
(2) Ver *Santa Clara-a-Velha,* conferência realizada pelo autor na Universidade Livre de Lisboa, em 29 de Junho de 1926, na qualidade de presidente do Conselho de Arte e Arquiologia da 2ª circunscrição.

Quantas igrejas, conventos, abadias e santuários transformados em casas de lavoura, armazéns de vinhos, vivendas de recreio, palheiros, estábulos e pocilgas para animais imundos, como apontei acima (1). E os que não demoliram os santuários passaram a explorá-los, atraindo a piedade cristã, que enriqueceu alguns desses proprietários, a ponto de construirem palácios e adquirirem títulos de nobreza, O que eu não fiz, pois nunca a minha mão tocou em moeda, jóia ou qualquer oblata ganha pela Senhora. É que ambos nós somos pobres e, como deveis saber, pobre não tira a pobre.
Junto ainda certos pormenores a que os meninos talvez liguem pouca importância, embora eu julgue que tem muita. Refiro-me às desventuras que a pobre ultimamente tem sofrido - desventuras que não pude evitar, como ides ver. A primeira foi ter passado lá o Diabo sob a forma invisível de furacão, e destelhar-lhe a casa. Apesar disso, a Santa só apanhou o susto, porque o telhado foi reposto e mais seguro do que nunca.
Mas o Diabo não a larga, como verifiquei poucos meses andados. Vendo o telhado recomposto e a Santa de novo agasalhada, tentava agora achincalhá-la. Primeiro, fazendo com que a chave da porta se perdesse, se é que não foi ele próprio que a tirou e lançou a seguir a qualquer poço ou matagal. Pouco lucrou com

(1) Ver também *Irtier duos llliganles,* polémica do autor, *A* propósito da igreja de S. Tiago, em Coimbra, a reeditar em breve no 2." volume de *Aguas Passadas.*

isso, pois logo mandei pôr fechadura nova. Irritado com tão pronto socorro, aproveitou a hora em que todos dormiam e, chegando-se à porta,, deu-lhe tal encontrão que a meteu dentro, mas feita em pedaços, ficando a Santa à mercê das-galinhas e dos porcos que lá foram praticar sujidades. Pois, meninos: fez-se a limpeza e deu-se-lhe outra porta, novinha em folha.

Passado pouco tempo, verificou-se que as tábuas do soalho ou tinham encarquilhado ou se desligavam dos barrotes a que as tinham pregado, tanto o bicho os minara. Chamei um afilhado e fi-lo mordomo da Senhora. Rapaz zeloso e cumpridor, de tal maneira se houve que, em lugar do soalho apodrecido, empedrou tudo, e por cima espalhou brita e cimento. E lá tem agora asfalto para a vida dos nados e dos que hão-de nascer.

Depois... Depois é que veio a desgraça maior foi a fama da outra, tão despida de graça e de virtudes maternais, que nem o filho quiseram confiar-lhe. Antigamente a minha Santa era afamada em todas as aldeias, desde o Vale de Lafões às margens do Mondego. No seu dia festivo, os romeiros, vindos de toda a parte, enchiam-lhe o arraial de lés a lés, fazendo subir ao ar foguetes e morteiros, e ao seu altar, além de velas e ex-votos, raminhos de flores e lágrimas de gratidão

Da sede da paróquia e montado numa égua pigarça, comparecia o reitor, que celebrava a missa e pregava o sermão que, apesar de ser o mesmo todos os anos, o povo tinha sempre uma razão a desculpá-lo,: era a vida da Santa, que ele não podia alterar.

Meus pais, enternecidos pelos elogios que dela tinha feito, davam-lhe de jantar: refeição longa,, suculenta e variada, e no fim - Quanto é? - perguntara o chefe da casa. E o Reitor, no mesmo **tom** dos outros anos: - Não é nada... já estou pago! - Não pode ser! - tornava o dono da capela. E a libra de cavalinho caía no bolso da gamacha, com o disfarce costumado.

Pela tarde chegavam os cantadores e guitarristas, iniciando-se logo os desafios e os bailados” E então é que era sentir o coração bater! Toda a gente dançava no terreiro, mesmo na frente da Senhora, que lá do seu altar e pela porta, aberta o dia inteiro, tanto se comprazia em ver e ouvir o povo reunido e a mocidade satisfeita.

Hoje, porém, tudo mudou, como no *Estudante Alsaciano.* Os romeiros passam-lhe ainda à porta, mas nem “boas tardes” nem “bons dias”, tão apressados correm para a Cova da Iria. Assim, pois, faltando-lhe os devotos, começou igualmente a faltar-lhe o sermão, depois a missa, e agora só a muito custo se consegue que apareça um grupo de rapazes que, num coreto feito à pressa, a saúdem com uma concertina e duas gaitas.

Há dois anos passaram pela aldeia um professor catedrático (1) e um notário, acompanhados por esposas e filhos. Convidei-os a ir ao arraial. Ficaram desolados! Devotos, apenas uma pobre mulher, ajoelhada em frente do altar, de olhos fitos na Santa e os lábios a bulir. E, cá fora,.

(1) Dr. Rodrigues Lapa, filólogo de grande prestígio nos meios cultos da Europa e das Américas.

duas dúzias de pessoas, de boca aberta, à espera que amigos ou parentes da terra as convidassem a saborear o chibo à lampantana, que os visitantes igualmente conheciam das suas andanças pela serra. Vendo aquele abandono e miséria, as bondosas senhoras, condoídas, abriram quete, e todos nós contribuimos. Porque até eu, que dela nada espero, que nada lhe peço, nem mesmo a salvação da alma, abri a bolsa e depositei, na devota mão que se estendia ao grupo, a moeda de prata...

Agora, vejam o resto. Alguns vizinhos, julgando que a falta de romeiros, de fé e de pecúnia no cofre da Senhora fosse punição da minha impiedade, houveram-se de modo que, numa das minhas prolongadas ausências, conseguiram -apropriar-se da chave e das alfaias, chamando a si inteiramente os festejos e demais actos do culto. Pois foi pior ainda, porque logo nesse ano, além de não ter missa nem sermão, também não alcançou receita para “jazz”.

E tudo isto porquê, moços irrequietos? A culpa, -como viram, não é minha. Não é também dos mordomos que lhe vem assistindo. E dela ainda menos, pois continua, como sempre, à espera que o povo entre e veja o seu menino, que também continua sorrindo, a mãozinha no ar, como

-quem agradece. Mas o culpado, ou antes a culpada existe. E porque agravou a minha Santa, mãe do inocentinho que segura nos braços, não posso vê-la com bons olhos - o que é natural. Como são diferentes! Esta nunca sai de sua casa, não anda pelas ruas de sacola na mão, nem bate às portas de ninguém. Nunca pediu nem pede nada! E se tem ao pescoço um fio de

oiro, nem o pediu nem o roubou. Foi uma caramuleira que lho deu, após certas conversas que ambas tiveram.

E já que entramos na vida particular das nossas Santas, quero insistir na imensa distância que as separa. A minha, apesar de centenária e sem coroa, é mocidade em flor. A vossa, escondida em manteu de muitas dobras, terreana vulgar "domingada. Basta o menino para que uma seja luzeiro astral, e a outra, sem ele, uma luzinha morta. É que a minha tem raízes profundas, que a ligam a todas as virgens - mães, que, desde a índia, a Pérsia, o Egipto, a Mesopotâmia, a Grécia e Roma, deram à luz os seus meninos. Podem chamar-lhe, se quiserem, a brâmane Avani, a Maia dos budistas, a Isis dos egípcios, a Ceres dos gregos ou a Miriaire dos maudianos, que eu não levo isso a mal, antes me regozijo. O que não será jamais é a de La Salette, faladora insofrida que se deixou apanhar em flagrante delito de burla *(1),* nem a de Lourdes, que, além de outras deficiências, teve a de não conhecer a língua em que falou à tal menina, que induzia em erro grave *(2)* e muito menos a da Cova da (3)

(1) Ver "A Santa Montanha de La Salette", pelo bispo de Birminghan, Ullathorne, na versão portuguesa, 2.* edição, SS - p. 33 a 37. Què flanco ela deu para nós a alvejarmos!

(2) Ver Alphonse Karr, no seu *Credo du Jardinier,* p. 283 a 309 e ainda o longo processo, resumido no dicionário Larousse, vocábulo *La Áalelle.*

(3) Dissera a Santa: "Sou a Imaculada Conceição". A sabedoria divina a confundir uma função puramente genésica com um nome! Traduzido em vulgar o nome sôa deste modo: "Eu sou a função do órgão feminino que desenvolve

Iria, que, apesar de mendigar de porta em porta, como indigente, percorre o mundo em avião, organiza cortejos triunfais e faz-se proclamar, pomposamente, rainha de Portugal e do Egipto! Se no mundo fosse possível existir uma Santa que desse à luz um Deus, não seria a vossa, meus rapazes, mas a minha, que é toda maternidade e graça, desde a cabeça aos pés! Foi assim que as idades passadas a impuseram ao respeito do mundo. Nunca foi deusa, é certo, como agora pretendem seja a vossa, mas sim mulher, e mulher-mãe. Como as da nossa terra, também ela amara e dera à luz. Querendo nós que seja a do Evangelho, temos de atribuir-lhe cinco varões e, pelo menos, duas fêmeas ('). E, sendo assim, mais um motivo justificativo do carinho que lhe voto, pois, como minha mãe, sua madrinha, também ela dera à luz sete robustos filhos. E que semelhança entre elas, A mesma cabeça bem proporcionada, fronte reveladora de nobres pensamentos, olhos de infinita doçura, nariz de linhas puras, boca de lábios finos, sob os quais se distingue a covinha graciosa do queixo. Quantas vezes contemplei, lado a lado, os seus perfis duma beleza rara! Radiosas mulheres, eu vos bemdigo!

(continuação da nota da Página anterior)
um gérmen fornecido pelo macho". Isto é - um acto, não uma pessoa. A pobre Senhora quereria talvez dizer: - "Eu sou aquela cuja conceição foi imaculada". (V. Heliodoro Salgado, "O Culto da Imaculada", p. 180) e no *Rescaldo de Lourdes* por Tomás da Fonseca. (♦) S. Marcos 6-2 e 3.

Mas vocemecês subiram a escada para me interpelarem a propósito da Peregrina... Se a minha Santa fosse deusa, como pretendeis que seja a vossa, há muito que eu, apesar do nosso parentesco, a teria apeado. É certo que a denomino Santa. Mas quantos milhões de santas como ela tem havido entre mulheres de todas as raças e climas, a começar pela sua madrinha, a quem os velhos, ao recordá-la, dizem ainda: - Era uma Santa!

Mais duas palavras, e podereis ir à vossa vida. O que acabo de contar-vos não é para irdes agora propagar não ser eu tão hereje como as vossas gazetas proclamam. Não, meninos: sou hereje na mesma. O que, porém, não quero é ser filho indigno, que deixou apagar, no seu espírito, a memória daquela que o deu à luz e encaminhou na vida, para que fosse honrado e livre. E, porque a lembro sempre, não posso igualmente esquecer a Senhora de quem ela foi madrinha, nem esse padre, meu tio-avô, que a comprou num santeiro do Porto e dali a carreou para a

aldeia serrana, onde foi, como já disse, por ele mesmo baptizada com o raminho de oliveira que mergulhou em água benta.
Não, mocinhos da juventude! Enquanto eu tiver vida, viverá ela também no seu altar. Ela e o pequenino. Apesar de ter caído na miséria por culpa da tal que, por ser mais neva, andar mais luxuosa e sem filho que a comprometa, lhe roubou a quase totalidade dos devotos - estejam certos de que nunca lhe faltará casa onde viva com o seu menino, que, embora há muitos anos me não veja ajoelhado aos pés da mãe, nem por Isso deixa de me sorrir e erguer os dedinhos,
46
numa saudação tão carinhosa que me dá sempre vontade de o beijar e fazer-lhe festinhas na face bochechuda. É um dever que me impus. Mesmo porque são, de certo modo, membros da minha família, o que não sucede com a outra, que, além de usar nome pagão (), não consta que, entre nós, tenha parentes, mesmo afins. Esta, que ali nasceu para a vida espiritual, e na sua capela vive há muito, na melhor paz com os vizinhos, tem direito a nela continuar, agasalhada e respeitada, até que um dia... Porque, na vida, meus meninos, tudo morre. E a minha santa, de barro como nós, há-de morrer também.
Se eu fosse bispo, nesta altura estender-vos-ia o anel e lançar-vos-ia a benção, acrescentando: “Ide agora rezar a ladainha ou o fio-de-contas, no oratório da família, antes de serdes por aí atropelados, em cortejos sem fé nem piedade”! Como, porém, não tenho anel nem fui ungido príncipe da Igreja, concluo dando-vos um conselho, que nenhum de vós solicitou, é certo, mas pelo qual, também, nada vos levo: Rapazes, ide para vossas casas, estudai as lições e ouvi os mestres, até conseguirdes encaminhar raciocínios claros e tirar deduções firmes. E, depois, aparecei, visto que só então conhecereis que, entre os muitos desatinos e desvios morais da vossa mocidade, o tal protesto foi o mais pueril, para não dizer desconchavado.
E, agora, até mais ver!
Lisboa, 15 de Janeiro de 1949.
(1) PíHma. como sabem, é nome árabe.

SEGUNDA PARTE LIBELO ACUSATÓRIO
(Cartas ao Cardeal Patriarca de Lisboa)

1. - Carta
Na qual o autor relata a terrível campanha que, por iniciativa e sob o comando do órgão do Patriarcado, lhe moveu a imprensa católica de Portugal, por motivo de supostas heresias contra um ídolo.

íiminência:
Decorridos 365 dias (escrevo a 11 de Janeiro de 1950), após o incidente que a Igreja Católica aproveitou para, finalmente, me reduzir à cinza e ao pó da fórmula litúrgica. julgo que poderemos agora conversar sem inquietações nem ódios, que, devo acreditá-lo, nunca entre nós se fizeram sentir. Nem de outro modo se poderiam saldar contas que temos em aberto, visto que nenhum de nós deseja baixar à terra fria com semelhante contrapeso.
Recordemos, primeiro, para que, feito o exame de consciência, possamos seguidamente avaliar descuidos ou pecados que hajam de ser lavados pelo arrependimento e penitência (se realmente cometidos), ou anulados pela reparação devida a quem as línguas difamaram ou a força agrediu, sem motivo legal nem razões que justifiquem violências. Catemos, pois, a eito e lentamente, esses pecados ou agravos, que decerto ambos havemos de alegar, com razão ou sem ela, como é uso no foro, onde o réu se condena pelo mal que pratica ou se absolve e desagrava pela injustiça com que pretenderam atingi-lo - na honra ou na fazenda.
50
Tenho presentes não só os instrumentos do delito que me foi atribuido, como também o libelo com que a Igreja Católica, uma vez mais, pretendeu liquidar ou, pelo menos, desfazer-se de um adversário que há mais de meio século defronta o seu poder e desvarios com as únicas armas de que dispõe - as da pena e da tribuna.
O primeiro, sob a forma de carta, foi, como vimos há pouco, publicado a 8 de Janeiro de 1949, num diário republicano de Lisboa. *Palavras calmas* o intitulei, e na verdade foram calmas,

como qualquer pode verificar, relendo a prosa corriqueira, destinada a viver uma tarde ou um dia, quando muito. Calmas e benignas para qualquer dos dois sectores em que iam dividir-se os portugueses - uns para manter o *stata guo,* outros, constituindo a grande maioria da Nação, no intuito de reconquistar direitos e regalias sociais, há tanto arrebatados por um regime despótico em que a Santa Sé ocupa o lugar de honra.

No dia 10, destinada à mesma vida efémera, surge a *2ª* carta, esta com a agravante de aparecer estropeada - gralhas, períodos truncados, etc. - por ter sido composta a 100 à hora. Pelos jornais e revistas, que vieram ao seu encontro, alvoroçados e em grita, pude concluir que a matéria delituosa se encontrava, principalmente, neste segundo documento. Que afirmações teria eu feito, para que tamanho incêndio se ateasse e, em poucas horas, lavrasse por tão longe? Vale a pena determo-nos um pouco, a fim de podermos avaliar a extensão que tomou e os estragos que fez de Norte a Sul de Portugal, inclusive em terras de além-mar.

O sinal para abrir fogo foi dado a 11 de Janeiro, do alto das “Novidades”, órgão do Patriarcado. Mas em que tom! Por essa primeira badalada logo se revelou a elevação, aprumo e craveira moral dos fâmulos que Vossa Eminência põe no amanho da vinha do Senhor. Tratando-se de um adversário encarnecido no manejo da pena, era natural que o defrontasse quem soubesse medir a distância que vai duma saia a uma viela, ou melhor, dum jornalista a um violento carrejão. Tal, porém, não fizeram, o que redundou em descrédito da empresa que dá entrada e distribui serviços a brigões profissionais. O plumitivo das “Novidades” dir-se-ia que, habituado às cenas do estádio ou ao jogo do malhão, julgou-se com direito a partir-me as canelas ou a derribar-me à calhoada.

Ora V. Eminência, melhor do que eu, sabe que não é por actos de violência que se decidem lutas de pensamento. Se invoquei factos e razões, factos e razões deveriam ser alegados contra mim. Não quiseram, visto mandarem à frente o tal brigão, com a incumbência de abrir hostilidades com a elegância e nobreza testemunhadas nessas páginas, a que, já agora, temos de o amarrar. Escreveu aquele, entre outras coisas:

“T. da F... Tem-se a impressão de que costuma disfarçar-se em pianha de S. Miguel... Mesmo já perto da cova, não se perdoa o não ter aprendido nada, nem sequer a mentir com certo decoro... Quem o havia de supor tão actualizado, por detrás daquelas venerandas barbas em que os rouxinóis fazem ninho?”

Referindo-se à segunda carta, que classifica de insulto ignóbil à consciência católica de Portugal e aos padres que são padres”, encontra nela coisas piores ainda, por ser - diz ele - o ataque mais vil que eu vi, em minha vida, às coisas santas”. E prossegue: “Quisera que todos os rapazes cristãos ou simplesmente portugueses lessem até ao fim o artigo... para verem até que ponto foi possível diminuir-se e enla-mear-se uma inteligência cega pelo mais torvo dos ódios. Não quero transcrever o chorrilho de blasfémias com que o desgraçado plumitivo se refere à Mãe de Deus. Há baixezas em que uma pena digna não deve tocar. Passando além dos judeus, que crucificando o mestre, não atacaram directamente sua Santa Mãe, este escrito inconcebível é feito contra a própria Virgem Nossa Senhora. Atingem-se no insulto os milhões de portugueses que têm a mensagem de Fátima por alto milagre de Deus. Perante a triste realidade, é preciso que por esse Portugal fora, onde houver um português que traga no peito presente e vivo o Cristo Senhor, se levante de novo, bem alto, um brado de presença. De joelhos em terra, na atitude viril de quem só sabe dobrá-los diante de Deus, atiremos ao Céu nosso clamor vivo de desagravo e amor a Maria - Nossa Mãe. Gritemo-lo bem alto, a preço de tudo, do nosso trabalho e do nosso sangue, da nossa vida e da nossa morte.”

Por este pano de amostra se avalia a maneira como as “Novidades” dissertaram nessa manhã de 11 de Janeiro. Mas não ficaram por aqui, visto que, no dia seguinte, se expedia de Madrid um telegrama que revela bem a enormidade da

ofensiva determinada pela Igreja Portuguesa, com este duplo objectivo: afastar da presidência da República o candidato da Nação e cilindrar de vez o velho publicista, que há tantos anos vinha esclarecendo o público acerca dos abusos, tirania e embustes do clero (1).

Parecendo-lhe, porém, que o cilindro católico poderia não ter esmigalhado bem a cabeça, tronco e membros do hereje, voltou com ele, no próprio dia 12, a ver se alguma dessas partes dava sinais de vida. Parece que sim, porque de novo encarrilhou a geringonça, agora na direcção duma entrevista concedida à "República". E, já de longe: "Apóstolo da linhagem de Judas Escariotes, mas com barbas". Mais perto agora, achincalhava a "luz acesa" que eu erguera, logo denunciando que me "assopraram na candeia". Dito de espírito só ultrapassado pelo que dirigiu ao cultivador de terras altas, que volvera as suas atenções "ao machorro do milho e ao escaravelho da batata", e que "lá vai agora pregar *Sermões da Montanha* aos pássaros, explicar

(1) Eis o texto do telegrama: Madrid, 12 - Luís Mendez Dominguez publica no "ABC" um artigo em que se refere às "cartas a um provinciano inquieto", publicadas na "República", de Lisboa, pelo snr. Tomás da Fonseca e que diz o jornalista espanhol - "fizeram com que a propaganda eleitoral mantida durante alguns dias à margem do terreno religioso, entrasse agora numa nova fase". E Mendez Dominguez assinala que da "República" é que partiu a iniciativa". Observa ainda que em consequências disso o jornal "Novidades", orgão católico, "saltou para a primeira linha de batalha, coerente - e nem poderia ser doutro modo - com as suas convicções". (Do "Diário da Manhã", orgão do governo português, 13 de Janeiro de 1949).

a Origem da Vida às minhocas e proteccionar *História da Civilização* às toupeiras". E despede-me para o amanho das leivas, com esta graça toda castelhana: "Adiós, Lisboa, que te depueblas"!

Eis, Eminência, a linguagem do órgão do Patriarcado a que presidis. Considere o aprumo com que ali se tratam as pessoas que, por divergência em pontos de doutrina cristã, se lembraram de os considerar à luz dum raciocínio calmo, sem ultrajes nem achincalhes para as pessoas que os analisem por diferente prisma.

Mas adiante. Passemos às consequências do apelo das "Novidades", dirigido à família católica de Portugal, daquém e dalém-mar.

2ª - Carta

Sobre a manifestação nacional de desagravo ao ídolo da Cova da Iria e consequências que dela resultaram.

Snr. Cardeal:

O incêndio que V. Eminência mandou atear está, por enquanto, limitado a pequenos sectores. Até eu poderia apagá-lo, se quisesse subir a escadaria do palácio que habitais e, batendo à porta, fosse cair-vos aos pés, exclamando: *Penitência! Mas* não devo nem quero fazè-lo, porque tal incêndio, destinado a queimar uma alma, há-de atingir também instituições caducas, onde secularmente se aninharam e infiltraram a miséria, a crápula e os agentes do mal. Tal incêndio desempenha uma alta função: afugenta os miasmas, renova o ar e purifica tudo, mesmo os escombros, que servirão ainda para erguer fundações arejadas e limpas, dentro das quais não possam abrigar-se os que, vivendo em treas, só por elas esperam conseguir o domínio das almas e o governo do mundo. Deixemos, pois, intensificar as labaredas e alargar-se o clarão, a fím de que todos possam ver a direcção que toma, áreas que abrasa e ruinas que deixa. Assim o quis, assim o tenha.

Mas não antecipemos, truncando a crónica dos factos que venho relatando.

Além do protesto da Mocidade Universitária Católica, a que, no mesmo dia, respondi com a carta que atrás se registou, à "República" foram dirigidos outros, alguns em tom de desagravo, entre os quais destacaremos o do Conselho Parcial Arquidiocesano da Juventude Católica de Braga, que logo ouviu o grito das "Novidades", e por isso correu, juntando a sua indignação à dos colegas de Lisboa.

Navegando nas mesmas águas, um "Grupo de Católicos do Porto" fazia distribuir em todo o norte do País um manifesto ou proclamação, incitando os confrades, agora em nome do Presidente do Conselho, ou antes, à sombra de palavras que este escrevera e que rezam assim: "A Igreja não tomará, não pode tomar posição num debate político: mas os católicos não podem manter-se indiferentes às suas consequências". E então vá de clamar: "Católicos: Quem vos chama ao cumprimento do vosso dever? O mais-eminente estadista católico do mundo: Salazar! Repudiai o regime das perseguições religiosas, do laicismo na escola, do confisco dos passais,.

etc, etc. Repudiai a falsa liberdade que vos promete o Grão Mestre da Maçonaria, que por aí se exibe de braço dado com o jacobinismo torpe e miserável de T. da F., o conhecido Tomaz das

(1) "Braga 14-1-49 - Ex. Snr. Director do jornal "República", Lisboa - Conselho Parcial, etc, indignado vis palavras cartas Sr. Thomaz da Fonseca, repudia afirmações ultrajantes consciência católica portuguesa apresentando seus protestos tal publicação". (Seguem oito assinaturas, sendo a primeira de António de Lacerda e a última de Rogério Rodrigues).

barbas, que há dias insultava a consciência Católica do País, ultrajando N.a S.a de Fátima, etc. Protestando contra o desacato, perguntamos à vossa consciência e à vossa fé: Quereis Portugal livre e Católico? Porque o quereis, votai em Carmona"!

Comentários a isto, para quê, se por si fala tão alto e diz tanto?... Enquanto estes zeladores da santa fé e da política nova acordavam as almas da madorra em que jaziam, outros confrades lançavam mão de cartas e bilhetes que dirigiam ao iconoclasta, incitando-o a prosseguir, convencidos de que, deste modo, contribuiriam para alargar mais o incêndio ateado pelas "Novidades" que vieram tarde, *visto que a tal lanterna* já estava apagada. Em compensação, as dos adversários não só se multiplicavam, coma ainda lhes puxavam a torcida, para que a luz fosse mais viva. Numa "sessão nacionalista", no Palácio de Cristal, dois oradores me denunciaram à multidão, classificando-me de insultador da religião e agente de Satanás! (').

De mãos dadas com esses oradores, a Câmara Municipal do Porto, em sessão de 25, toma deliberações tendentes a desagravar a Santa da

(1) Um deles, escrito por pessoa cuja letra revela certa cultura, incitava-me a prosseguir no mesmo tom das cartas publicadas. E acrescentava: "Agora, depois da sua entrevista, estou ansioso por ler tudo o mais que nos promete nesta época de liberdade que de há muito esperávamos,, inquietos. Aproveite-a por isso, usando toda a sua proficiência e probidade". (Assinado e datado. A morada, porém, era fictícia, como consegui verificar).
(2) "Diário de Notícias". 19-1-49.

Cova da Iria, pelo desacato contra ela praticado, e que esse desagravo seja levado aos bispos do Porto e de Leiria e ao Patriarca de Lisboa. (1)

No mesmo dia, um jornal lisbonense de grande informação, relatava a sessão de propaganda eleitoral, realizada na véspera, em Lamego, durante a qual uma senhora diplomada, falando em nome das mulheres portuguesas se serviu do meu nome e das cartas que eu publicara na

De o Primeiro de Janeiro", de 26: "Com a presença de oito vereadores e presidida pelo Snr. Dr. Luís de Pina, efectuou-se, ontem, a sessão mensal da Câmara Municipal do Porto. O snr. Peixoto Braga começou por se referir à recepção que esta cidade dispensou à imagem da Virgem de Fátima, desde o porto de Leixões até à Sé Catedral. E acrescentou: - "Não receio afirmar que jamais o Porto assistiu a qualquer manifestação de qualquer género, que -de perto se aproximasse dessa jornada triunfal que consagrou definitivamente os sentimentos religiosos da grande maioria da população da cidade e sobretudo a sua veneração, que podemos dizer inata, pela Virgem Nossa Senhora. Quem levou ali e através de toda a cidade tantas dezenas de milhar de pessoas não foi o respeito particular e pessoal, nem o interesse político, nem qualquer humano sentimento, mas tão somente o fervor religioso inegável, uma terna -devoção a Nossa Senhora de Fátima, que por escassas horas ocupou no escudo de armas da Cidade o lugar que nele desde há séculos é reservado à Virgem de Vandoma". E, mais adiante: -"Volvido menos de um ano, pessoa que n*ão* é do Porto, em jornal que não é do Porto, num desrespeito flagrante pelos sentimentos da grande maioria do Povo Português, ousou agravar em termos de baixo jacotinismo, não só a religião Cristã, que professamos, mas sobretudo a dignidade de Nossa Senhora, que uma vez mais •confessamos nossa Mãe e nossa Padroeira, o duplo título. Estou certo de que V. Ex.a e toda a vereação não renega a atitude que assumiu há um ano, quando recebeu oficialmente a imagem da Padroeira, antes dela se ufana e portanto

"República", para atacar o candidato republicano. *()* Se considerarmos agora o panorama da província, verificaremos que o zelo apostólico foi tão habilmente fomentado pelo incitamento das "Novidades", que por vezes revelou aspectos de ferocidade. A cidade da Guarda foi uma das que viu e ouviu maiores clamores contra o publicista da "República" através dos semanários católicos locais. A "Voz do Domingo" tocou a rebate com tal veemência, em três proclamações,

(continuação da nota da página anterior)
nesta hora comunga no geral sentimento popular pelo desacato praticado à sombra da liberdade para fins de propaganda eleitoral. Nesta convicção tenho a honra de propor que desagravemos Nossa Senhora, Padroeira da Cidade sob a invocação de Fátima, conscientes de que enterpretamos o sentir da grande maioria da população da

Cidade do Porto, que é a Cidade da Virgem. E que esse desagravo consista na deposição de ramos de flores das mais lindas dos jardins municipais, diante da imagem de Nossa Senhora de Vandoma, ali, na vizinha Catedral, e que desta resolução se dê parte a Ss. Exas. Revmas., os srs. bispos do Porto e •de Leiria, e a sua Eminência, o sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, como o mais alto dignitário da Igreja em Portugal".
Sobre o agravo a N. S. de Fátima sugere (o presidente) que, além do que propôs o Sr. Peixoto Braga, se faça um protesto e se vá comunicar ao sr. bispo do Porto. "Ambas as propostas foram aprovadas de pé, por unanimidade".
E, se bem o prometeram, melhor o cumpriram, como, a 27, informa o mesmo diário portuense: "De acordo com o que havia sido deliberado na sua última reunião, a vereação portuense, acompanhada pelo respectivo presidente, visitou, ontem, no paço episcopal, o prelado da diocese do Porto a fim de pessoalmente lhe manifestar um público testemunho de desagravo pelas referências feitas à Igreja Católica e à Virgem de Fátima - conforme noticiámos no relato daquela reunião camarária". (fim de nota)

(2) Uma passagem para amostra: "Hoje, em face do perigo que ameaça a nossa Pátria e a nossa religião, quem não

ambas longas e compactas, que o seu confrade "A Guarda" logo acudiu, alvoroçado, fazendo seu o alarido do vizinho.
Uma simples amostra do clarim dominical, extraída do artigo "A Nossa Posição", inserto na 1ª página, à largura de duas colunas: "Quando se procura aluir o alicerce da família e a base da própria ordem social; quando correm perigo os mais sagrados direitos, como o da educação dos filhos, o de propriedade e até o próprio direito à vida, não se pode ficar neutro. Gritam por nós, a pedir socorro, as crianças e a juventude de Portugal. Um bando de abutres famintos de almas e de sangue humano esvoaçam no horizonte. A família, a sociedade civil, a Igreja, a Civilização, exigem a nossa presença, a nossa propaganda", etc, etc.
Também, à largura de duas colunas e com a título "Uma desafronta", o segundo clarim vociferou, procurando estraçalhar o autor das cartas com eleivosias e impropérios de toda a natureza. Pelo atroar dessas foribundas gazetas, paladinas dos milagres de Fátima, vim a saber que Barcelos, não querendo ficar atrás, organizara também uma parada à Santa (‘).

(continuação da nota da página anterior)
terá vibrado com indignada repulsa pelas blasfémias hediondas dirigidas a nossa senhora de Fátima? Perante tal infâmia, do fundo das nossas almas generosas, porque são cristãs, só pode sair este brado clamoroso: Nossa Senhora de Fátima, refúgio dos pecadores, rogai por eles! Em face do perigo que ameaça a nossa Pátria e a nossa religião, eu tenha de vir dizer, em nome das mulheres de Lamego, elo.

Mas da Guarda continuaram clamando: "Esse nobre exemplo de Barcelos deve ser a abertura de uma cruzada de reparações, o começo de um movimento nacional de desagravo... A cruzada de desagravo vai abrindo caminho, País fora. É preciso que chegue a todas as freguesias, a todas as aldeias. Que nem uma só deixe de responder a este apelo da consciência católica, ferida no que tem de mais querido, de mais afectuoso, de mais sagrado pela pena venenosa de um energúmeno, que prometeu que Fátima será "o túmulo do culto de Maria em Portugal"! ().
E, realmente, o apelo foi ouvido, porque desde esse dia não houve semanário de província que me não insultasse e apontasse à intolerância dos católicos, como inimigo número 1 da "religião do nosso país" (‘).
A 27 de Janeiro, a "Voz de Lamego" não se limitou a solicitar o desagravo. Foi mais longe, porquanto anunciou que, se a campanha eleitoral que eu defendia triunfasse, "a Igreja católica seria horrivelmente perseguida, as igrejas e capelas queimadas, as sagradas alfaias roubadas, os altares e imagens profanados, os padres assassinados, os seminários fechados, proibido o ensino da religião e da doutrina, não só nas escolas mas até nas próprias famílias, proibidas as festas,

(1) "Barcelos deu a primeira resposta, com uma manifestação grandiosa em que a alma da cidade se abriu em gritos e preces de reparação, em louvor da Augusta Padroeira" A "Guarda", 22-1-49).
"A Guarda", 21-1-49.
(2) Informou um dos meus correspondentes: "Outro jornal da Guarda "O Correio da Beira" também lhe tem dado coice bravio".

a pregação e administração dos sacramentos".
Outra folha de província acusava o General Norton de Matos de não ter impedido a publicação das minhas cartas, permitindo assim que "no seu órgão oficial um conhecido energúmeno

insulte e achincalhe com banalidades o culto a Nossa S.a de Fátima”. E terminava: “Portugueses, alertai Católicos, guardai Democratas, cuidado com o lume!”

Este parece ter grandes esperanças no restabelecimento da Inquisição, de saudosa memória para os católicos de hoje!
E volto ao Porto, visto que nos chamam ali para assistirmos à grande manifestação de desagravo, que no dia 3 de Fevereiro a Câmara Municipal tinha anunciado, prometera e realmente cumpriu, como todos puderam verificar, no dia seguinte, pelo relato dos jornais. ().

(1) No mesmo jornal liam-se pequenas passagens como esta: “Se Norton vencesse... mas não vence porque nós não queremos... que o não quer Deus, não o quer a Virgem Santíssima... (“Voz de Lamego” 27-1-49).
(2) “Folha de Tondela”, 30-1-49-Noutro local repete o estribilho da imprensa minhota:
“torpe e miserável”. “Porto, -
A manifestação de desagravo à Virgem de Fátima, decidida pela vereação do Município em sua última reunião, efectuou-se hoje, ao meio dia, na Sé Catedral. Pouco antes daquela hora, o sr. bispo do Porto e os membros de Cabido da Sé eram recebidos nos Paços do Concelho pelo presidente do Município, vereadores e directores de serviços. O prelado da diocese quis ir ao gabinete da Presidência apresentar cumprimentos e felicitar a Câmara pelo acto solene que deliberara promover. Salientou a religiosidade da cerimónia a que se ia proceder, e na pessoa do presidente do Município agradeceu à cidade do Porto mais esta demonstração do seu amor à Virgem de Fátima. Após a retribuição de cumprimentos, o sr. bispo

Tormenta rija e desabrida! Todavia, o maior vendaval que tive de enfrentar foi o desencadeado pelo sexo devoto. Muitas mulheres subiram ao tablado dos comícios para me lançarem maldições, sendo raras as que não manifestaram um ódio impróprio do denominado sexo frágil. Apenas uma, asr. D. Maria de Lourdes de Andrade Pina, que no dia 1, após dissertar longamente sobre “as nossas crenças”, o “respeito de Deus”, os “sentimentos devotos das mulheres portuguesas” para que não consintam ofensas a N. Mãe Santíssima, “Luz dos nossos olhos”, terminou docemente: “Perdoai, Senhora, as ofensas dos que estão fora da Vossa Graça e convertei-os à Fé, *Refugiam pecatorum”* (1).
Esta, sim, Em que se não despenhou nem desbocou, pois se manteve firme na observância dos preceitos evangélicos, que mandam ensinar

(continuação da nota da página anterior)
do Porto e numerosa comitiva constituída pelos representantes de organismos e associações católicas e muitas senhoras dirigiram-se para a Sé Catedral, passando por entre alas formadas por deputações de crianças das escolas e internatos. A cerimónia realizou-se então na Capela de São Vicente, onde se encontra a imagem da Virgem de Vandoma. O presidente da Câmara depôs junto ao altar um açafate de flores colhidas nos jardins municipais, após o que mons. Pereira Lopes pronunciou a solene oração de desagravo que todos os presentes acompanharam. No final foram rezadas três Avé-Marias e invocada a protecção de N. Sr. de Fátima para Portugal inteiro, tendo a assistência acompanhado a “Schola Cantorum” do Seminário do Porto num cântico em louvor da Virgem. O altar ficou coberto de flores depostas por senhoras e crianças que ali compareceram em representação de todas as freguesias”. (“Diário de Notícias”, Lisboa”, 5-2-49).
(1) “Comércio do Porto”, “Diário de Notícias”, etc.

perdoar e rogar pelos seus inimigos. Não a conheço, nunca ouvira falar dela, mas das seis que nesse dia escalaram a tribuna foi a única que se mostrou à altura da missão que o seu Divino Mestre lhe incumbira. Por isso é justo .que lhe envie as saudações e votos de felicidade que se devem a todo o espírito gentil.
Mas a réstea de sol, que um momento brilhou e acalentou as nossas almas, foi em breve apagada por nuvens carregadas que, vindas dos quatro pontos cardiais, escureceram o céu e a terra, lançando nos “corações um grande medo”, como outrora, no Cabo, o Adamastor. A revista “Flama”, apesar do feminino aspecto que revela, foi das primeiras a sair à estacada, e com que desusado ímpeto! Encimando o seu desagravo com a vistosa figuração da Peregrina, desatou impropérios de tal ordem, que dir-se-ia estar vasando recheios latrinários, como vimos atrás. E, se não... Tape V.a Em.a o nariz outra vez, e oiça a continuação da linguagem dessa piedosa gente: “Um chorrilho de inépcias... alma negra e rancorosa... energúmeno... a conspurcar...” (1).
Pieproduzindo, a seguir, o alarme solto pelas “Novidades”, faz entrar na berra três rapazes que se dizem operários católicos... Estes, ao menos, foram delicados, chegando mesmo a pedir-me, com modos de pessoas educadas, que imitasse “dois jovens que vieram de bicicleta desde a Holanda” ou “outro holandês que vem a pé”. Se todos assim houvessem procedido, talvez

(1) A Flama, 6 de Fevereiro de 1949.

eu acabasse por aceitar-lhe assim o conselho, e ir também, por aí fora. a pedalar com eles, ao encontro dos romeiros de Fátima... Mas, não: de toda a parte, onde há católicos só me choveram insultos e ameaças- E se não vieram ao meu encontro, murro feito ou bengala no ar, foi certamente por ouvirem dizer que eu quando lançava mão a qualquer gola e afirmava "está seguro" é porque estava mesmo.

Para os lados de Braga, sobretudo, o cariz do horizonte mostrava-se cerrado e temeroso (1). Efectivamente o trovão rugiu fundo, e o céu rompeu-se, despejando caudais que inundaram vales e montanhas. Pelo órgão oficial do santuário- "Ecos do Sameiro" - sabemos que o temporal desencadeado a 20 de Fevereiro foi de tal ressonância que, durante semanas, senão meses, constituiu assunto obrigatório em todas as aldeias e casais desse Norte alvoroçado.

"Antes que raiasse o dia era indescritível o movimento nas ruas da cidade: chegaram os primeiros peregrinos, em grupos, cantando populares composições" (2).

Depois... Depois foi o dilúvio: uns a pé, "milhares e milhares de peregrinos, e não só de perto, mas de longínquas paragens"; outros em automóveis de todas as marcas, e até em camiões

(1) "Como dissemos, é amanhã que, da esplanada do Bom Jesus, sai, às 10 horas, a grandiosa peregrinação, que milhares de devotos fazem à Montanha Santa, como desagravo a N.* S.* do Sameiro... Com a imagem da Padroeira este cortejo deve revestir-se de invulgar imponência". (O Primeiro de Janeiro, Porto, 19-2-49).

(2) "Ecos do Sameiro", ano 21, n." 274.

de carga, transformados em transportes colectivos. (1).

Mas o que maior brilho deu a tudo aquilo foram, primeiro "os rapazes e meninas dos vários estabelecimentos de ensino" ; em seguida as Filhas de Maria, com as suas insignas... Quando o desfile começou é que melhor se pôde avaliar a grandiosidade que ia tomar aquele protesto e desagravo à Mãe de Deus, com sede na sua Cova em Fátima. A frente, o Corpo Nacional dos Escutas, logo seguido pelos Centros do Apostolado, Congregações Marianas, numerosas confrarias, secções variadíssimas da Acção Católica, associações de toda a natureza, não só da diocese como de muitas outras terras.

Até do Algarve ali caíram peregrinos! Davam na vista, pelo fulgor das suas indumentárias, os deputados da Nação, os governadores civis de três distritos, os presidentes de todas as câmaras municipais, "desde Melgaço à Póvoa do Varzim,. e, sobretudo, o senhor Arcebispo, ladeado pelo seu cabido, todos eles envergando hábitos talares de grande brilho" (2).

Senhor Cardeal: eu bem disse a V. Em.a que a coisa era de vulto. E só a vimos através dum. pequeno canudo, que não chegou a dar verdadeiro relevo ao que do Céu tinham pedido. Cega

(1) "Perfilhamos o cálculo do "Diário do Minho": 300.000 pessoas... De Ribeirão vieram 13 camionetas e 18 automóveis; só da freguesia de Carvalhide (Porto), 8 camionetas, da Póvoa, 38 camionetas. E o mesmo sucedeu por todo o norte do País. Além deste meio de transporte, organizaram-se dois comboios especiais... etc." (Ecos do Sameiro),

(2) "Ecos do Sameiro".

como toupeira e tapadinho como parede argamassada! Olhe agora, porém, através dum órgão de grande projecção, mais sério e grave, e sobretudo mais atento ao desfilar das legiões de Deus: "Aparte o Corpo Nacional de Escutas e a Mocidade Portuguesa-a Confraria do Sameiro, de cruz alçada, seguida pelas confrarias do Santíssimo, do Apostolado, da Oração, Pias Uniões, Associações Marianas, Cruzada Eucarística, Juventudes Operária e Agrária Católicas, etc." (1).

Havia ainda mais, que os repórteres não conseguiram também discriminar, como a seguir confessam: "Impossível referenciar as representações, tantas eram... Memorável peregrinação, que fechava com os seminários, colégios tere-zianos, de Dublin, de D. Pedro V, Oficinas de S. José, Colégio dos órfãos, Institutos Missionários, Ordens religiosas, seminaristas, clero regular e secular, uma massa enorme de estudantes do Liceu, da Escola Carlos Amarante, da Escola do Magistério Primário e o andor da Virgem, guardado também por estudantes, que lhe faziam a guarda de honra" *()*.

Outro órgão da imprensa viu ainda os Amigos de Santo António, cuja bandeira há 50 anos ali concorre; associações de piedade de Braga, tais como congregações dos Sacerdotes Seculares,

Organismos de Acção Católica, alunos do Colégio de S. Geraldo, de N.* S.* da Torre, Escola João de Deus e diversas cruzadas, que ,outros não distinguiram. Viu, além disso: "No couce,
(1) "Comércio do Porto", 21-2-1949. O "Comércio do Porto", n." citado.

em brilhante representação, os deputados drs. Alberto Cruz e José Maria Braga da Cruz" e, no couce destes, "a Junta de Província do Minho". Viu também, como os outros, grande número de câmaras municipais; mas viu estas melhor, porque marchavam "com todos os seus presidentes e vereadores" (1). Depois destes, é que apareceram outros deputados da Nação, os governadores civis (que o "Eco" também vira), misturados com altas patentes do exército, igualmente presentes para escoltar e defender a Senhora agravada.
Em seguida, houve missa campal, visto que sem ela o desagravo de pouco valeria. Ao Evangelho, teve a palavra um dos clérigos, que escolheu para tema um texto de Isaías, interpretado assim pelo referido "Eco": "Não há quem te defenda? Aqui estamos, porque nós somos o teu povo". Mas no dizer do conceituado órgão católico o que o profeta havia escrito e o orador reproduzira, em palavras candentes, como se as soprasse, ao ouvido de todos, a terrível, sonorosa trombeta que no dia final fará erguer todos os "mortos vivos", tinha alcance diferente. Bradara ele, na direcção da imagem santa: "Não há quem invoque o teu nome? Quem se levante e por ti combata? Não te irrites. Senhora. Olha para nós! O teu povo somos nós"!
Espanto e comoção em toda a massa, pois ninguém dera por semelhante irritação, numa face tão calma e tão composta! Mas a comoção subiu ainda, quando o orador lhes garantiu que
(1) **"Jornal de Notícias", Porto, 21-2-49.**

a Virgem Maria "será sempre Rainha dos portugueses". Grande satisfação, agora, no rosto de todos aqueles 300.000 ouvintes. Mas o maior contentamento foi quando o orador invocou o Apocalipse, para lhes demonstrar que o Anti-Cristo apareceu e ia ser esmagado! Não houve palmas nem vivório, por estarem à missa, porque se assim não fosse, que apoteose ao orador e que ruidosos clamores contra o tal Anti-Cristo, que a todos obrigara a vir lá de tão longe, e ainda em cima calcurriar as ruas da cidade e em seguida escalar, sempre a pé, os escarpados e tortuosos caminhos daquele monte!
E deixo para o fim a chave de oiro com que o Sr. Arcebispo se dignou fechar a imponente jornada. Dizem os "Ecos": "Sua Ex.a Reverendíssima recitou o seguinte acto do desagravo, que para aquele momento compôs..." V. Em.a vai ficar, como eu, de boca aberta, ao verificar como em nossos dias os obreiros do Senhor cultivam a vinha de que se encarregaram. E senão, ouça algumas passagens desse "acto de desagravo" que reproduzimos dos "Ecos":
"Somos multidão incontável", mas "vimos magoados, porque alguns de nossos irmãos desvairados ousaram negar-vos e publicamente ultrajar-vos; magoados ainda porque em terras cristãs, onde tínheis outrora um trono em cada coração, é agora vilipendiado e repudiado... o vosso divino filho. Queremos, ó excelsa Mãe de Deus, levantar bem alto... o nosso sentido e veemente brado de protesto contra essas ímpias negações sacrílegas e infames perseguições. Somos a voz dos pacíficos Soldados da Acção Católica... Vimos junto de vós. Senhora, a saudar-vos e desagravar-vos,

magoados sim, mas não abatidos, porque pensamos na glória que vos tributa a Santíssima Trindade. Nós vos prometemos, Senhora e Mãe, ... que sairemos de junto de vós decididos a defender o vosso nome, a zelar a vossa honra".

Permita-me V. Em.a um desabafo: ao que a Igreja chegou - ter de chamar 300.000 católicos para defender a honra da Mãe de Deus! Não faço comentários porque não são precisos, pois sei bem que V. Em.a ao ouvir este prelado expectorar incongruências de tal vulto, todos os cabelos que nessa altura tínheis ainda na cabeça se puseram em pé! Desagravar a honra da Rainha da Terra e Imperatriz do Céu I Não foi ela concebida sem mancha de pecado, como o filho? Imaculada e Mãe de Deus! Como poderá ser maculada e desonrada por um simples mortal? Voltaremos ainda a esse Arcebispo, se ele servir para alguma coisa que não seja, como agora, abrir novos rasgões no manto da Senhora e alargar mais os rombos à barca de S. Pedro.

Outro pobre homem - António Correia de Oliveira - resolvera comparecer também, de viola e cantiga apropriada à função piedosa. Composição dialogada, como são, em geral, as que os cegos arranham a cada porta a que pedem esmola:
Porque tão alto subiste, Ó Senhora do Sameiro?
Ao que a Senhora invocada prontamente responde, como era de prever em pessoa de tal delicadeza:
Para ver um mar de gente. Vindo a mim, outeiro a outeiro.

Satisfeito com a resposta, acrescentou logo o cantador, lembrando à Senhora do Sameiro a sua concorrente:
Nossa Senhora de Fátima Fez igual a Jesus Cristo: Sofreu escárneos e afrontas, Para agora se ver isto.
Senhor Cardeal: abri também a vossa bolsa, e coloquemos a moeda na mão que nos estendem: é um ceguinho que canta uma velha toada...(1). Coitadinho! Agora compreendo a irritação que o orador descortinara no rosto da visitante. Foi a versalhada em que o cego da viola embrulhara e confundira as duas, a Velha e a Nova, quando nenhuma delas deseja a menor confusão nos títulos, nas confrarias e mormente nos cofres. A Senhora da Iria irritara-se, de facto, devido não só à cantilena do homenzinho, mas também ao espanto que lia na face dos lapuzes, que não sabiam a qual das duas preferir, e em qual dos sacos despejar a bolsa.
Entretanto, a irritação passara, o que deu lugar ao já citado acto de desagravo, lido pelo Sr. Arcebispo, ao revoar das pombas e à manifestação dos lenços, "agitados freneticamente no espaço, lágrimas e vivas", o que levou o jornalista, a cuja luz marchamos, a fechar deste modo a sua reportagem: "Tudo quanto as palavras possam traduzir, tudo quanto a eloquência possa

(1) O autor só mais tarde soube que o poeta estava realmente cego.

significar, tudo quanto a signis hipérboles possam dizer em linguagem altissonante... ficará sem atingir a expressão conveniente, sem dar a impressão real do que foi hoje, no Sameiro, a mais impressionante, mais emotiva... afirmação de fé de todos quantos...", etc.
Se V. Em.a pode esperar um pouco mais, dir-lhe-ei ainda que um dos agentes ou fâmulos da província teve a solicitude de me enviar um atado de jornais com a descrição, passo a passo, do desagravo a que, em resumo, acabamos de assistir, e, dentro, uma carta chocarreira, com exortações pouco evangélicas e um aviso precioso: "A resposta ser-te-á dada em 13 de Maio na Cova da Iria.
O que seria. Deus clemente? Estávamos quase a vencer o Fevereiro, que nem bissexto era. Faltavam menos de três meses. O bastante para qualquer mortal perder o sono, noite e dia a pensar no aviso ameaçador, que envolvia sanções terrenas ou castigos do Céu, a que, de certo, não sobreviveria! Andava eu meditando nestas coisas sinistras, eis senão quando me chega outra mensagem, assinada agora por "Um padre que regeita a tua protecção". Padre combativo, mas ignorante a pontos de confundir alhos com bogalhos. E raivoso em tal medida, que, na precipitação da repulsa que me destinara, se esqueceu de apagar os traços que deixou pelo caminho - da casa dele à minha. Combativo sim, mas que impiedoso coração! Que bárbaro

(1) Fechava assim: "Converte-te ao Senhor teu Deus, porque já deves estar muito velho e com os pés para a cova"!

ministro do "meigo Nazareno", como lhe chamam aqueles que do Evangelho só conhecem a fala junto ao poço, dirigida à mulher de Samaria 1 "Deus não quer nada contigo... Hás-de ser pasto das chamas do Inferno... -anatematizava. Combativo, sim, mas tão cruel que me condena sem me ouvir... Atitude que nem o Supremo Juiz ousaria tomar...
Além destas, quantas e quantas me chegaram ainda, insultantes (1), coléricas (2), imundas *(* e uma ou outra, bem raras, com expressões de piedade como estas: "Rezarei pela sua conversão. .." "A Providência deixa na tua alma escurecida um cantinho para a conversão". "Vê se te convertes à graça de Deus!
Depois de tais e tantas manifestações de desagravo para a Santa e de agressão ao publicista da "República", natural seria que ele, por este modo acutilado, cilindrado e sepultado vivo no Inferno, fosse deixado em paz. Tal porém não sucedeu. A reportagem largamente feita pela

grande imprensa, em vez de pacificar os ânimos exaltados, mais os acirrou, acordando para a luta todos os diários, semanários, quinzenários e mensários da província, numa tal unanimidade de clamores, que por fim passaram além fronteiras. Já antes disso, como vimos atrás, o diário madrileno ABC tinha tocado a rebate, alarmando também toda a Espanha católica.

(1) "Nojenta prosa, nojenta criatura".

(2) "Hás-de ser pasto dos vermes!... Abrenúncio"!

(3) "A tua alma cheira **a** excrementos, latrinário insulta-**dor das** coisas santas"!

74

Agora, porém, tanto no continente ibérico, como nas terras de além mar, o incêndio alastrara e prosseguia cada vez com maior intensidade.

O documentário que possuo, relativo à tormenta que se fez desabar sobre a minha cabeça, apesar de muito incompleto, é bastante para com ele se erguer um monumento ao bom-senso e piedade cristã da Igreja Portuguesa - hoje em pleno triunfo e domínio da Nação. No entanto, um facto basta para ofuscar parte desse domínio e glória: não ter permitido que alguém pudesse esclarecer um episódio bem simples, que sem demora reduziria o caso ingente a proporções de mui pequeno vulto. Para tanto, bastaria ordenar aos agentes do Santo Ofício que abrandassem a corda com que nos estrangulam. Não abrandaram. Pelo contrário - deram mais um apertão. Se a Censura negra, ou eclesiástica, alguma vez revelou ferocidade, foi então, só permitindo as vozes concordantes - que nesse passo era o vozear desenfreado do clero e seus acólitos, no púlpito, na imprensa, na tribuna e na cátedra. *QUE*

Um raio de luz houve, todavia, que, momentâneo embora, iluminou o panorama bélico. Conhecendo pormenorizadamente a nova ofensiva que contra o publicista se estava preparando na tal Cova e no tal dia de Maio, um sacerdote.

(1) Das gazetas de província, além das já citadas, mencionaremos apenas as que mais se distinguiram pela sua audácia e zelo apostólico: "Gazeta de Coimbra", "Correio de Coimbra", "Alcôa", "Almonda" (Torres Novas), "Mensageiro" (Leiria, 20-1-49), "Reconquista" (Castelo Branco).

75

que aliava ao seu zelo apostólico o facto de paroquiar um meio culto (1) e orientar no espiritual uma instituição que conquistara o apoio do episcopado, a solidariedade da finança e a protecção das instituições vigentes (2), dirigiu-lhe, a 16 de Abril, uma carta que, pelo dizer da mesma, V. Em.a não deve conhecer. Por se tratar de um documento que até certo ponto esclarece alguns aspectos da questão religiosa, com que pretendiam não apenas desorientar o espírito das massas, mas ainda afastar da Presidência um velho colonial e prestigioso estadista com larga folha de serviços à Pátria - nestas páginas se regista, e com ele a resposta que obteve, para edificação de alguns e exemplos de muitos. Leia: "Meu caro Zé Tomás - Não vá indignar-se ao tropeçar com o meu nome aqui no alto desta lauda, nem ainda ao sofrer a sacudidela do tratamento com que mais uma vez - venho ter consigo (3). Tenha um pouquinho de paciência! De aqui a oito dias (na próxima 5.*-feira, dia 21), vão juntar-se em Aveiro, em casa do seu velho professor - hoje prelado daquela diocese - os antigos alunos do Doutor Vidal, por ele convidados para matar saudades. Hão-de necessariamente aparecer - ao lado de alguns pobres velhotes que vêm vindo a deixar a vida em farrapos pelos silvados do mundo, a servir as almas no

(1) Freguesia da Sé Velha, em Coimbra.

(2) Centro Académico da Democracia Cristã, com sede na mesma cidade, de que era assistente eclesiástico.

(3) Fomos condiscípulos no 1. e *2.* anos teológicos, do. Seminário de Coimbra. Eu era o Zé Tomás, ele o Melinho

76

desempenho do sagrado sacerdócio a que foram promovidos - hão-de vir tantos que, não menos laboriosamente, têm vindo também pela vida fora a servir, a servir as almas a seu modo, embora por vezes em campos diferentes e até opostos. E eu penso em si, meu caro Zé Tomás, que há quase 46 anos deixou de frequentar as aulas de Dogmática que o bom cónego Vidal regia, para - pouco depois de pregado o seu *1.o* e último sermão em que invocava Maria (1) - se lançar pela vida fora ao serviço de outros dogmas e de outros conceitos de verdade e de justiça. Quarenta e seis anos, meu caro, já são mais do que uma vida nestes tempos em que se vive a correr. E, durante eles, quantas tempestades, quantas borrascas! Ai de mim! Não posso fur-tar-me à recordação de uma hora relativamente recente em que - contra a minha vontade e até com o meu protesto, pois tanto me indignei, tenha a certeza disso - em que dei ocasião em que as suas rebeldias fossem tão pouco cristãmente tratadas que... mais rebeldes se vincaram
na sua alma torturada. Mas, olhe! Vê? Sou um incorrigível sonhador e não posso sossegar se

lhe não mandar estas duas mal notadas regras, a dizer-lhe: O Zé Tomás - venha até Aveiro no próximo dia 21. Entre pela porta dentro do bom arcebispo, e venha juntar-se à malta dos seus velhos condiscípulos, que saberão respeitar a

(1) Apresentado ao mestre o 1.o original, não foi aceite, por falar pouco de Maria e muito de problemas sociais. Remodelado em dois dias, saiu um pastelão sem gosto, como era de esperar.

sua dignidade. Anda-lhe a brincar na farta messe romântica com que emoldurou a sua face - uma poeira dos anos que é já também - nos *restos mortais* das nossas antigas cabeleiras de moços - poeira da neve que abranda os excessos e íêmpera de reflexões e de sangue os esquentados ardores do temperamento. Venha daí! Você foi um antigo aluno do Doutor Vidal, e por isso é também um de nós. E estou certo que a sua sinceridade não fará sombra à sinceridade com que todos iremos comer o caldo do nosso Mestre. Essa fica apenas entre nós. Por minha mão ninguém a há-de ler, pois só quis levar-lhe a certeza de que não é esquecido naquele dia. Estará a lembrá-lo, meu caro Zé Tomás, o velho condiscípulo que o lembra todos os dias ao Senhor de Quem é pobre e devotado servidor. Coimbra, Sé Velha -em Quinta-feira Santa de 1949, Luís Lopes de Melo”.

Eis a minha resposta:

“Mortágua, 19-4-1949
- Sr. P. Luís Lopes de Melo: Agradeço a atenciosa com que me surpreendeu, a fim de tomar parte na romagem a casa do nosso antigo professor Dr. Lima Vidal, hoje à frente de uma das dioceses portuguesas. Realmente, entre nós, nunca houve motivo que nos levasse a actos de menos cortesia e lealdade, tanto considerei sempre esse membro da Igreja Católica fora dos enredos e misérias políticas.

(1) Escrita a 15 e recebida **a 16 de Abril. Portanto, três** meses depois do início da perseguição que me moveram e 14 dias antes do projectado desagravo. O padre Lopes de Melo morreu em **1951.**

Isso, porém, não basta para que eu possa tomar parte na romagem e sentar-me também à mesa do arcebispo. E senão repare: Sobre a pessoa que convida - apesar de estar quase no fim da ladeira da vida - acabam de cair as maldições da Igreja, fulminadas sob o aspecto de ultrajes e ameaças que, até hoje, só um espectador parece ter achado excessivos - o pároco da Sé Velha de Coimbra. Maldições, ultrajes e ameaças que,
partindo do órgão do Patriarcado a 11 de Janeiro, logo foram repetidos e ampliados por todos os da opinião católica, daquém e dalém-mar, incluindo os diários de grande informação, que levaram o visado publicista a não poder aparecer em público, sem risco de ser vaiado e agredido. De facto, para alguns milhões talvez de portugueses, esse “blasfemo desvairado” não só atacara a Mãe de Deus, segundo uns, como ainda, segundo outros, fizera o jogo de um governo que o conhece apenas... para o encarcerar! Ouvindo, pois, o lamento de muitos, casado ao clamor de multidões indignadas com o decedido apoio do episcopado, fez a vontade a todos, recolhendo-se ao seu lar e aos seus livros, cujos ensinamentos continuarão orientando os poucos anos que lhe restem de vida. Lançado assim às feras, e sem imprensa livre onde analise e aclare os seus cometimentos e delitos, só lhe resta um caminho: preparar-se para bem morrer. E creia que o fará com lealdade e sem ódio, mas também sem desonra para o nome que deseja legar o seu antigo condiscípulo, José Tomás da Fonseca”.
Pergunto agora a quem possa ouvir-me e saiba responder: Seriam o convite e as exortações

do Padre Luís Lopes de Melo passo combinado com altos poderes eclesiásticos para deter o temporal desfeito? Ou simples tentativa para abalar a consciência do hereje, fazendo seguidamente a sua conversão, era pleno santuário e aos pés da Santa Peregrina? Se foi manobra, V. Em.a viu como falhou. Se foi acto isolado, filho de tardio arrependimento ou protesto de condiscípulo contra o cerco, dia a dia apertado, para esmagar a fera, sozinha e sem defesa - aqui deixo também o meu perdão, pelos agravos e injustiças que da sua boca e pena recebi, na luta que travámos em volta de Nun'Álvares, que a Igreja se preparava para levar ao culto público (1).

Outro cireneu veio ainda ao meu encontro, para ajudar-me no transporte da cruz que arrastaria até ao Monte, sobre o qual me crucificariam, dariam a beber fel e vinagre e por fim me rasgariam o lado, para verificarem se algum sangue corria. Este não era sacerdote, mas poeta *{).*
Embora: aquele dum lado, este de outro, não calcula o jeito que me deram, amparando o madeiro, ao longo da minha rua da Amargura!
Por estes documentos, alinhados na sequência dos que atrás compulsámos, pode medir-se não só a largueza e profundidade do incêndio que as "Novidades" atearam (não é de mais repeti-lo), como ainda a repulsa de algumas almas bem formadas, e entre elas as dos que neste momento invoco. Deveria eu, portanto, fazer alto. Mas

(1) Ver o meu livro "A Igreja e o Condestável", pag. 19, curiosa peça literária, que circulou em vários centros do País, figurará na parte final deste livro

não o faço ainda, porque esta, apesar de já bastante longa, ficaria incompleta sem o relato, mesmo abreviada, da parada tão cedo anunciada pelo agente nortenho que me enviou os tais papéis e exortações, sem elegância nem caridade cristã, como V. Ex.a viu há pouco.
Esse relato do desagravo feito à Peregrina •em 12 de Maio encontrei-o num dos órgãos semi-oficiais da Reacção. Por ele viera a saber que já em Lisboa tivera "Grande imponência a procissão das velas", que foi "das maiores" que naquela cidade se tem visto. Comparada, porém, à da Cova da Iria, era um simples punhado de almas, como se pode avaliar por este passo da reportagem duma das principais gazetas do País: "Estão no santuário de Fátima cerca de 400.000 peregrinos, vindos de todos os pontos do País... De Beja chegaram cerca de mil camionetas, com o respectivo prelado. De Évora veio também uma grande peregrinação com o prelado, e da Guarda outra, sobre a presidência do bispo auxiliar. Os peregrinos dos Açores chegaram ao meio-dia, assim como os de Macau. A peregrinação brasileira chegou pouco depois... Há representações do Exército, da Marinha, de várias escolas... A peregrinação americana, com dois bispos, chegou ontem, ao princípio da tarde. Chegaram também dois bispos canadianos, "com alguns sacerdotes da Ordem dominicana... Durante a tarde, chegaram os irlandeses, em número de 105; um grupo de 22 ingleses e outro belga, com o bispo de Namur" (1)

(1) "Diário de Notícias", Lisboa, 13-5-49.

Razões em demasia tinha o outro para me lançar no coração "um grande medo", como do Adamastor cantou o épico. Continua o repórter: "As crianças austríacas, que se encontram no nosso País, vieram também, a convite da "Caritas", para levarem terra e pedras do local das aparições, que se destinam à edificação de duas igrejas em honra de N.a Sr.a de Fátima, na Áustria. O primeiro acto foi a procissão das velas... Os peregrinos encheram por completo o recinto <io Santuário.., Todos cantavam e rezavam. Era a hora da reparação nacional. Durante a noite, vão-se sucedendo os turnos de adoração por várias peregrinações noelistas, oficiais do Exército e marinheiros. Assistem às cerimónias religiosas os prelados de Leiria, Évora, Beja, e Limira; o sr. ministro das Obras Públicas, alguns oficiais generais do Exército, D. Filipa de Bragança, a embaixatriz do Brasil e muitas outras individualidades"

Suspendemos a transcrição para inquirir das razões que haveria para acrescentar esta passagem destoante e dolorosa: "Em volta da capelinha arrastavam-se peregrinos por entre a lama, pois uma forte trovoada fizera desabar sobre o recinto uma grande bátega. Os fiéis, porém, cumpriram as suas promessas" (').
Efectivamente, seria de boa hermenêutica não trazer para ali a trovoada, nem juntar essa lama

(1) "Diário de Notícias", de Lisboa, número citado.
(2) O "Primeiro de Janeiro" confirma o desastre: "Durante a tarde, pairou sobre aquele Santuário uma violenta trovoada, acompanhada de demorados aguaceiros. Os peregrinos mantiveram-se resignadamente sob o temporal". É fácil de avaliar o espanto e abandono de 400.000 devotos, com abrigos apenas para dois ou três mil, quanto muito

que tão mal deve ter impressionado os que a viram e mais ainda os que a sofreram. Esperavam-se numerosos milagres, mas aquele temporal estragou tudo. O temporal e o lamaceiro. E a tão vivamente aguardada romagem nacional do desagravo findou em lamentosas queixas daqueles desgraçadinhos que de tão longe tinham vindo para serem acolhidos com bênçãos e graças da

Senhora, de quem nem sequer se despediram, e de quem apenas receberam chuva e frio e lama, regressando, encharcados e enlameados, a suas casas! O desastre foi grande e a desilusão ainda maior, porque o tal correspondente nunca mais deu sinal de si, tanto ele deve ter, também, batido o dente e praguejado na volta ao "ninho seu paterno". E eu a julgar ser aquele, para mim, o Juízo final!
Essa tormenta, com aguaceiro e lama, e, a seguir, o abandono a que a Senhora votara os seus melhores devotos, chocou e arrefeceu profundamente a crença pública. Depois desta, naquele ano, houve ainda romagens, fizeram-se ainda desagravos, mas tudo à pressa e, dir-se-ia, sem ponta de fé na Peregrina. Os próprios devotos torrejanos, sempre de pé no ar para correr aos santuários, só com muitos pedidos e viagens pagas conseguiram encher algumas carripanas, mas ansiosos por acharem motivos que *o* fizessem arrepiar caminho. O órgão local, tão entusiasta em matéria de fé, apenas emitiu uns leves sons, que denotavam, claramente, o quebramento que lhes ia nas almas. (1).

(1) "Agora é Torres Novas que em piedosa romagem vai a Fátima, agradecer à boa Mãe do Céu e Rainha de Portugal

Desagravos pataqueiros, sem elevação e sem beleza, E, senão, comparemo-los com este que voou das Américas: "A bordo de um avião chegado a Lisboa, de madrugada, vieram 600 rosas americanas, oferecidas a Nossa Senhora de Fátima, pelos 48 Estados da América, por intermédio da Associação de Desagravo ao Imaculado Coração de Maria, de Baltimor; duas outras dúzias de rosas são oferecidas ainda, uma pelo distrito de Colúmbia e outra por intenção da conversão da Rússia. As rosas seguiram, pouco depois de chegarem, para a Cova da Iria" (2).
Esta, ao menos. Eminência, encheu de aroma e de beleza a esplanada e a basílica!
Agora sim, que faço alto, aproveitando a aragem pura que estas rosas nos mandam (3)

e sobre tudo desagravá-la dos insultos com que, em momentos de infelicidade, alguém pensou poder atingi-la"
(1) Almonda", 25 de Junho de 1949).
(2) "Primeiro de Janeiro", Porto, 15-5-49.
(3) Um dos leitores da edição brasileira deste livro, deixou nesta passagem o seguinte comentário: A Rússia é fêmea. Com rosas é capaz de ir.

TERCEIRA PARTE
PETIÇÃO DE RECURSO

3.a - Carta
Das lutas que o autor vem gravando, de bem. longe, com a Igreja de Roma, desejosa de arredá-lo dos caminhos da Vida.

Eminência:
Quantos meses há já que aguardava este dia calmo e luminoso, (escrevo a 12 de Maio de 1950, ouvindo rodar numerosos veículos a caminho de Fátima) para redigir as considerações que prometi aos meus confrades, e que devo também ao baixo clero, aos bispos em geral e a V. Em.a em particular. Dívidas são dívidas, e, mesmo velhas é honroso pagá-las - o que vou fazer hoje, procurando saldar tudo quanto deva.
Os longos meses que passei ponderando e medindo os prós e contras de atitudes violentas ou linguagem desabrida, a que poderia ter descido se me desafrontasse no calor da refrega a que fui chamado, dão-me a certeza de que não irei além do que devo a mim próprio, nas alegações que possam cair na minha pena. Para isso muito contribuirão, decerto, as circunstâncias em que o faço: gabinete com sol, cabeça fresca, pés quentes, coração calmo e certo, e a caneta riscando firme - sinal de que também os nervos se equilibram - garantindo assim, que na exposição de factos a que vou proceder, nenhuma irritação a há-de perturbar, nem qualquer sombra de ódio a denegrir.

Historiemos: De longe vem o propósito, que a Igreja Católica nunca disfarçou, de arredar dos

caminhos da Vida o publicista que, há mais de meio século, traçou a linha de conduta que deseja manter enquanto a luz o for alumiando. Por ela denunciado aos tribunais em 1909, como autor dum livro que atacava a religião do Estado (1), nunca mais esqueceu o insucesso dessa primeira tentativa. A segunda denúncia não lhe correu melhor, visto ser igualmente relegada aos arquivos como improcedente (2*),* Se assim não fosse, onde iria parar a indesejável criatura? A pena era bem conhecida: penitenciária, seguida de águas-fora, a família sem pão e a morte no degredo, como a outros vinha sucedendo. E mais vezes o teriam arrastado ao pretório se não fosse a derrocada da Monarquia, que em 1910 tornou possível a existência de novas instituições, e com elas o clarão dessa bela manhã que tão intensamente iluminou a terra portuguesa.
Pena foi que, passados apenas quatro anos deflagrasse a primeira Grande Guerra, em que Portugal tomou parte, não só pelo dever que lhe impunha uma velha aliança, como ainda para evitar novos concertos internacionais à custa do seu império colonial. A voz dum chefe que reclamava a conciliação da família lusitana, todos

(1) "Sermões da Montanha", editado em Lisboa pela Associação de Registo Civil, que lhe deu larga expansão* A denúncia respondeu o autor com o artigo "E Deus?" publicado no jornal "O Mundo", a 19 de Julho do mesmo ano. (V. o meu livro *Bancarrota* p. 151, onde vem reproduzido", e comentado a p. 271).
(2) Ob. citada, pp. 123, 133 e 270.

os democratas - postos de lado os problemas suscitados entre a razão e a fé, para só procurarem defender o direito dos fracos contra os fortes, ou, melhor, dos agredidos contra os agressores - todos os portugueses abateram bandeiras e esqueceram agravos, convencidos de que também o Clero se recolheria aos templos implorando o Céu a favor da paz geral. Não sabemos se implorou. Mas se o fez foi apenas para lançar poeira aos olhos da Nação, porquanto alguns anos volvidos, o encontrámos novamente instalado nos antigos sectores, a que logo ocorreram todos os seus agentes e donde nunca mais seriam desapossados ou sequer inquiridos. Era o assalto. Roma assestava as suas baterias...
Ora, enquanto ela se afadigava em assestá-las, a iniciativa particular, cooperando lealmente com as novas instituições, organizava núcleos de cultura popular, principalmente bibliotecas e escolas, em que se destacaram as Universidades Livres de Lisboa e Coimbra. Fazendo parte, durante anos, do corpo directivo da segunda, pude verificar a sua actuação sobre o espírito público, graças à colaboração que lhe prestaram alguns dos mais altos valores da mentalidade portuguesa ().
Vivendo do esforço de modestos obreiros, auxiliados por uma cotização ao alcance de todos,

(1) Entre eles registaremos os seguintes: Abel Salazar, Rodrigues Lapa, Geraldino Brites, Correia Monteiro, Antero de Seabra, Brito Camacho, Manuel dos Reis, Martins de Carvalho, Leonardo Coimbra, Neves Rodrigues, Aurélio Quintanilha, Belisário Pimenta, Viana de Lemos, Eduardo Moreira, Aragão e Melo, José Tavares, etc.

sem casa própria, sem auxílio do Estado, mesmo assim essas duas instituições conseguiram marcar época, recordada com saudade por quantos quiseram acompanhar esse movimento de cultura.
Foi, pois, na altura em que mais vivamente se empenhava nessa obra social de tão humanitários intuitos, que a Igreja procurou anular, duma vez para sempre, o modesto professor que ali mantinha cursos e realizava conferências que chamavam numerosa assistência. Servira de pretexto a conferência sobre o Condestável Nuno Alvares Pereira, a quem a Igreja suscitava ambiente para poder erguê-lo nos altares. O relato desse passo dramático, prudente e cautelosamente preparado pelas forças da Reacção, está feito e corre mundo
(1), Por ele pode verificar-se a dureza do embate, de que resultou ficar a figura do condestável, quanto a santidade, em tal estado, que não foi mais possível expô-la ao culto público, apesar dos emplastros que a Igreja lhe tem aplicado. De tão mau aspecto foram as mazelas que o Cardeal Diabo lhe notara e continua notando, tanto no corpo como na palma!

Ora, como nessa jornada a palma coube ao perseguido hereje, a Reacção procurou meios que mais eficazmente o anulassem, ou, pelo menos, arredassem do campo onde ela tão desajeitadamente aparecera a terçar armas. E acharam. Era ele então professor na Escola

(1) “O Santo Condestável” e “A Igreja, e o Condestável”, publicados pelo Instituto de Estudos Livres - Coimbra - 1933.

Normal de Coimbra, onde já lhe haviam suprimido a cadeira que regia e com ela o compêndio organizado a pedido do antigo Ministro Dr. Augusto Nobre
(1), Faltava apenas demiti-lo. Optaram, afinal, pela reforma compulsória. Com ela veio também a supressão do Conselho de Arte e Arqueologia, a que presidira durante nove anos, e, a seguir, o encerramento da Universidade Livre de Coimbra. Roma pois triunfara.

Mas, Em.a os nossos destinos são de tal modo divergentes e contrários, que, cedo ou tarde, um novo embate devia ser fatal. E realmente foi.

Conseguimos ter à mão, como já se viu, todas as peças do processo movido contra o réu pelo tribunal do Santo Ofício, que logo o julgou e condenou sem que, até hoje, lhe fosse permitida a mais pequena alegação, quanto mais demonstrar a injustiça da excomunhão que o fulminava, no intuito manifesto de o arrumar de vez - para o necrotério ou para aqueles presídios ou campos de concentração donde ninguém regressa, e se regressa é para vestir o colete de forças ou agonizar em sanatórios de altitude. Estávamos, pois, em presença de uma nova e cruel agressão, destinada, certamente, a ser a última: não podia falhar!

Vejamos, no entanto, como as partes se houveram nesse campo e nessa luta destinada a ser de vida ou morte. Sentado no banco dos réus,

(1) História da Civilização relacionada com a História de Portugal.

ouvi em silêncio, durante audiências que demoraram anos, tudo quanto os meus acusadores houveram por bem lançar-me em rosto, sem que ninguém se erguesse a interrompê-los. Justo é, pois, que também agora me permitam produzir a defesa, sem a qual em nenhum país culto é permitido condenar seja quem for, por mais hediondo que se apresente o crime que lhe assaquem.

Eminência: Pelos órgãos da imprensa, que em dura sanha sobre mim desabaram, pude deduzir que a matéria delituosa estaria principalmente na minha segunda carta, a começar no período relativo às congregações religiosas, responsáveis pela miséria, opressão e atrazo mental em que o país viveu durante séculos.
(1), Ora, este lugar comum anda tanto na alma portuguesa, que julguei não ser possível o mais leve reparo. Pois enganei-me: apareceram, e de vários quilates. O que, porém, não houve foi plumitivo, entre os muitos que vieram à estacada, que honestamente avançasse de compêndio aberto, a confirmar o texto incriminado. O mesmo aconteceu àquela passagem em que me referi à legião dos que, de terra em terra, de porta em porta, apregoam maravilhas celestes, à sombra de cuja fé vão mercadejando bons lugares neste mundo, e no outro a eterna bemaventurança. Malsinaram, caluniaram, agrediram. Também aqui nenhum deles ousou demonstrar a insubsistência da passagem em causa, pois bem sabiam não ser possível

(1) V. p. 19

desmentir factos, que em qualquer lugar e a qualquer hora podem verificar-se.

Este, o intróito. Passemos agora aos argumentos com que me apresentei a justificar o meu ponto de vista. Foram eles: 1.o) O Clero português não está com a actual situação política; 2.o) O Clero sofre com o Povo; 3.o) O Clero anseia por melhores dias, e acrescentei, “sem miséria, sem ódio e sem tiranos”.

Quanto ao primeiro ponto, seja-me permitido confessar que, se generalizei, não foi baseado em qualquer documentação, mas somente por não compreender que fosse possível o contrário, visto a grande maioria da Nação trabalhar, noite e dia, para derrubar uma ditadura que a desacreditava e aviltava. De raciocínio em raciocínio, concluía assim: “O Povo está pela República, não obstante os vários reis e rainhas que lhe têm proposto, incluindo os do Céu. Ora, se está pela

República, é porque não aceitou ainda a actual situação política, chefiada inteiramente por monárquicos. E, sendo assim, o que ninguém pode negar, o Clero, que vive com o Povo e do Povo, deve estar a seu lado, não apenas no desagravo, que há tanto tempo vem mostrando, mas na oposição, firme e decidida, que ultimamente não cessa de proclamar aos quatro ventos, Se me enganei na dedução das premissas em cque pretendi fundamentar o meu juízo, é porque já não há lógica nos acontecimentos. E, sendo assim, a conclusão a tirar do erro em que caí, é uma destas: ou o Clero se divorciou do Povo, ou este continua a ter aquele no mesmo conceito em que o teve sempre, desde a fundação da nacionalidade, o que é extremamente grave,
94
tanto em relação ao actual momento, como em vista ao futuro e às instituições religiosas que invadiram e proliferam em terras lusitanas.
Outro ponto, que este fica arrumado: "O Clero sofre com o Povo". Quando formulei esta proposição, hesitei em mantê-la, com receio de que me acarretasse as gerais simpatias da Igreja portuguesa, o que me criaria um ambiente carregado em relação aos meus habituais leitores. Os confrades, sobretudo, ficariam não só aborrecidos, mas também descoroçoados, quanto à sinceridade dos princípios e pureza da fé que sempre tenho defendido. Ainda bem que não foi necessário esperar muitas horas para que o tal ambiente se aclarasse e dissipasse. Como há pouco, também agora as premissas falharam, desta vez, felizmente.

Ultimo articulado: agora é que nem um momento duvidei, quanto à plena concordância dos católicos, por ter ouvido os incessantes apelos que V. Em.a tem lançado em pastorais e falas que a telefonia leva a todos os pontos do Império, a favor do clero nacional, tão diminuído, tão mal compreendido e, sobretudo, tão abandonado pelo elemento popular, a quem, primeiro a dúvida, em seguida a descrença, levaram ao retraimento ou à indiferença.
Preparava-me já para tirar conclusões, quando fui obrigado a meter de permeio a Lei da Separação, cuja benignidade acentuei, em relação à severidade, senão à crueldade, com que se vem tratando o baixo clero - o antigo sobretudo.
Em que ferida fui tocar, almas benditas! Como acima já vimos, tenho à mão, por ordem cronológica, catalogados e emaçados, centenas, senão
95
milhares de documentos em que largamente se historia a mais viva e mais vasta manifestação de intolerância, de feição puramente católica que em Portugal se viu, desde que a Inquisição deu a alma ao Criador. Deixemo-los dormir acordando apenas aqueles que a denominada "boa imprensa" nos faculta, a começar pelos que viram a luz no órgão do Patriarcado, de que V. Em.a é luz e guia.
Como há pouco mostrei, foi meu intento amenizar e humanizar a campanha eleitoral em que a Nação ia lançar-se. Para isso comecei por enviar saudações ao baixo clero, que nas aldeias labuta com ardor na divina seara, e com elas os mais sinceros votos para que a paz voltasse ao seio da família desavinda, bastando para tanto não misturar os bens que são de César com os que a Deus pertencem. Donde se vê que também aqui estava laborando de acordo com as mais sãs e veneráveis tradições do Cristianismo.
É certo que, nesses desejos de pacificação, cheguei a ir longe de mais, num tal impulso de piedade e tolerância, que alguns confrades realmente apontaram como de abdicação. Pois bem, a prevenção feita ao episcopado sobre a inadequada missão de catequista imposta ao professor primário, devia ser o bastante para me cobrirem de rosas e louvores... Pois não. Senhor Patriarca; pelo contrário: invectivaram-me, insultaram-me, difamaram-me! E, se não me lapidaram, como a Santo Estevão, nem queimaram, como a João Huss, foi porque me refugiei na montanha natal, alta demais para que a funda dos modernos atiradores conseguisse alcançar-me. E como a Inquisição não veio ainda...
96
Peço licença para citar outra passagem:
"A doutrina (ensinada pelos professores primários), com que o escolar aparece na igreja, leva tudo menos o sentido cristão que lhe não souberam ou não quiseram transmitir". Onde encontra aqui V, Em.a conceito ou palavra que destoe dos preceitos canónicos?

Mas a cooperação que ofereci aos piedosos curas das aldeias foi ainda mais longe, como se verifica pela passagem que àquela se encadeia: “Um tal espectáculo deprime, diminui e desalenta o Clero, pois vê que a indiferença pelas coisas -de Deus começou pela escola. Ora, é sabido que o espírito, abalado pela indiferença, passa rapidamente à dúvida, caminho logo aberto para a negação de toda a fé religiosa”. Se isto não é ortodoxia pura, não sei então que nome dar-lhe! Se, em lugar de fazer minhas tais palavras, as houvesse atribuído a São Crisóstomo, ou a Sto. Ambrósio, V. Eminência nem de leve teria suposto a possibilidade duma fraude. E com razão. Se até eu, quando vi que a Censura permitira a livre circulação dessa passagem, tive a veleidade de supor que ela seria registada com os maiores encómios para o signatário! Mais ainda, pois não me espantaria se a Igreja, orientadora da nossa Academia, me Inculcasse para membro da mesma, que deve ter uma secção de ciências morais e teológicas. Pois em lugar de me propor e defender perante a veneranda instituição, de que sem dúvida *é* um dos grandes ornamentos pátrios, o que fez foi incitar a garotada, que logo promoveu arruaças, provocações e correrias, de que V. Em.a teve conhecimento, se é que as não presenciou

tamb*ém.* Não assobiou V. Em.a de certo, em coro com o seleccionado rapazio, mas também não o mandou calar, podendo tê-lo feito, de harmonia com a piedade cristã e os altos cargos que vem desempenhando.
Vamos a outro ponto: aquele em que me ocupei da entronização do Cristo-Rei, largamente anunciada, para dentro em pouco o abandonarem, amarrado novamente à coluna, sem a coroa de ouro, sem o manto de púrpura e cada vez mais longe do trono português, tão levianamente prometido. Escrevi eu, forte na minha razão: “Soberano sem domínios, sem corte, sem vassalos e, pior que tudo, sem orçamento nem crédito nos bancos...”.
Antes de confiar ao prelo as graves afirmações que de novo recordo, ouvi pessoas de vida limpa e bom conselho. Todos foram de acordo: “O Cristo, realmente, vai sendo relegado para um posto bem obscuro e ínfimo. Diminuido, a ponto de só o utilizarem a valer na tragédia dos Passos, na Semana Santa, para atrair a multidão, que o flagela também com irreverentes comentários”.
V. Em.a, melhor do que ninguém, conhece quão exactas e precisas são as palavras que aí ficam. Sabe, portanto, como o divino candidato *a* rei de Portugal foi preferido por um tal Duarte Nuno, que também não tomou posse, visto que continua por aí, à procura de quem lhe ofereça condigna moradia, onde aguarde a última resolução da Igreja.
Ora, perguntava eu, que razões teve esta para tão insólito procedimento? A resposta que dei ia fundamentada em factos que ninguém contestou.

De tal modo evidentes que desonesto seria opor-lhe o mais ligeiro desmentido. Se os não chamo de novo para aqui, é com receio de que torne a desencadear-se o vendaval com que pretenderam envolver-me e submergir-me.
O que, porém, mais “vivamente alarmou a consciência católica” não foi a ridícula exibição do divino Rei sem erário e sem trono, mas o facto de haver tocado levemente naquela Santa Peregrina, que - essa sim - recebeu não só o título de Rainha de Portugal, mas ainda a coroa de ouro, que lhe cinge a cabeça, e desde logo empossada no trono que negacearam ao Filho. Os protestos que esse ligeiro toque provocou foram tão clamorosos, que decerto muita gente admitiu que eu atentara contra a sua vida. E, então, sim, era crime de lesa majestade. Mas não, senhor, não atentei. Raspei apenas com a unha. A mesma unha com que sempre raspei imagens de santos e de santas, quando desconfiava de camadas de tinta sobrepostas, lançadas para actualizar as que passaram de moda, ou “alindar” as que a patina do tempo envelhecera ou denegrira.
Disse ainda: “Vestida de seda e ouro... Quando ela passa... Pombas que lhe amarraram no andor... Peregrinos... Doloroso espectáculo... Cova da Iria: túmulo do culto de Maria em Portugal...” Também isto era tão pouco e tão de leve... O bastante, contudo, para que Tróia fosse pasto das chamas! Tamanho e tão aceso ia o archote que V. Em.a atirou ou mandou atirar para dentro dos muros da minha cidadela, a essa hora sem defesa! Efectivamente, ardera Troia mas o troiano que pretendiam incinerar conse**guiu**

subtrair-se às labaredas, e aqui está, são e salvo, pronto ao ajuste de contas que é preciso saldar antes que a morte venha, porquanto, diz o Povo, há viver e morrer.
Antes, porém, de irmos mais longe, desejo invocar a sombra dum grande morto, cujo testemunho os portugueses ouviram e ouvirão sempre, com admiração e acatamento.
Quando Alexandre Herculano, em Julho de 1876 - portanto a pouco mais de um ano da sua morte - trocou algumas cartas com o futuro lazarista
B. de Barros Gomes, foi levado a considerar a nova orientação que vinham dando ao catolicismo, mormente na parte referente ao culto das imagens. Perguntava ele: “Pois a consciência não lhe diz nada acerca desse chuveiro de milagres que começam na madona de Acosinon, tornam célebre a virgem de La Salette e vêm cair em catadupas nos frascos da água da Senhora de Lourdes?” (1). E acrescenta, em comentário: “Cristo, que tinha de provar pela majestade dos milagres, na frase de Sto. Agostinho, a sua missão divina, quase que nenhum fez em vinte e cinco anos de vida pública, se os compararmos com os de um só semestre de qualquer das diversas mães do Salvador. O milagre invade tudo, entra por toda a parte, menos pelas portas das Academias, das escolas superiores e das Universidades” (2).
Mas a sombra que acabamos de acordar continua a deter-nos e a bradar do Panteon Nacional: “Quando se atribuem maravilhas a tal ou tal

(1) Cartas, tomo 1, p. 51. (3) Ob. cit., p. 52.

imagem, com exclusão de outras do mesmo santo, cai-se na mais brutal idolatria. Ignoram esses prelados que dirigem préstitos pagãos das suas ovelhas a uma imagem da Virgem, semelhante a centenares delas que tem na própria diocese, e, sabendo perfeitamente que todas tem igual valor, o que estatue a este respeito... o mais recente dos concílios? A resposta encontra-se na sessão XXV do Concilio de Trento, que assim nos edifica: “As imagens de Cristo, a da mãe de Deus e a dos outros santos, cumpre que se tenham e conservem principalmente nos templos e se lhes tributem honra e veneração, não porque se deva crer que nelas haja nada de divindade, ou tenham virtude alguma, pela qual se lhes renda culto, ou se lhes façam súplicas, ou se ponha confiança nelas, como outrora faziam os gentios, que colocavam as suas esperanças nos ídolos...” (1).
Bem sei, senhor Cardeal, que estou abusando da sua paciência e caridade com semelhantes vozes, que se julgavam extintas. Todavia, é só mais um momento para a simples pergunta e breve comentário do grande historiador: “Respeitam esta doutrina os bispos? Inculcam-na aos fiéis quando atribuem ao madeiro ou barro de Lourdes o exclusivo da milagraria que fustiga como granizo a amplidão do Velho e do Novo Mundo?” (2).
Mas... É bom que o não ouçamos mais, não venha a suceder que o removam da Igreja
(1) “Concilio Tridentino”, trad. port., vol. 2.o, p. 851. O Obr. cit., p. 53.

dos Jerónimos para os alpendres onde se empilha a lenha.
Apoiados, assim, ao braço de tão firme e leal batalhador, podemos avançar agora, de coração ao alto, visto que já passámos um dos pontos de mais perigosa travessia. O resto é mar sem vendavais e sem escolhos, como terá ocasião de observar.
Eminência: preparemos o barco porque, realmente, a maré é boa agora e o vento sopra de feição.
Antes, porém, de iniciarmos nova rota, convém ouvir de novo certos depoimentos que ficaram atrás, incompletamente esclarecidos, a fim de melhor serem analisados.
Como teve ocasião de ouvir, um dos que primeiro ergueram vozes contra o autor dos escritos heréticos, afirmou convictamente ter ele feito “odiosas referências a Nossa Senhora”, no que foi secundado por outro defensor da alvejada Santa, agora nas colunas do órgão do Patriarcado a que presidis e orientais. Dessa piedosa boca sairam expressões e conceitos que muito me surpreenderam. Relembrarei apenas um e chega bem:
“Há baixesas... Passando além de Judas... este escrito inconcebível é feito contra a própria Virgem Nossa Senhora”.
(Vá registando para no fim, com elementos certos, podermos ajustar as peças da pendência e o júri votar, ciente e consciente).

Este escriba tem fígados de bicho bravo, porque logo acrescentou: . “É preciso que por esse Portugal fora... se
102
levante, bem alto, um brado de presença. De joelhos em terra... atiremos ao Céu nosso clamor vivo de desagravo e amor a Maria - Nossa Mãe. Bem alto, a preço de tudo, do nosso trabalho e do nosso sangue, da nossa vida e da nossa morte”.
Tem ou não tem ímpetos de leão, mesmo de joelhos?
Navegando nas mesmas águas, aquele Grupo de Católicos do Porto, de que também lhe deram conhecimento, não quis ficar atrás dos seus confrades e vá de me chamar nomes feios, acentuando a seguir os ultrajes que dirigi a N.a S.a de Fátima.
A Câmara do Porto, ardendo no mesmo santo zelo, registou nos seus anais que “uma pessoa que não é do Porto... agravou a dignidade de Nossa Senhora”.
Atrás destes chegou outro, trazendo de Lamego o seu grito piedoso contra as “blasfémeas hediondas dirigidas a N.a S.a de Fátima”.
Outros clamores se fizeram ouvir ainda - em Barcelos, Guarda, Tondela e em muitas outras cidades, vilas e aldeias do Norte, Centro e Sul do País contra o “energúmeno” e “latrinário” insultador da Mãe de Cristo.
(Continue registando, certo de que não perderá o seu tempo, como verá no fim, quando verificar que tudo soou no vácuo, o que, sem dúvida, está prevendo já).
Em certa altura da cruzada apostólica os desagravos já não iam para a Santa da Cova mas para as de Vandoma, no Porto, e do Sameiro, em Braga.
Não sei porque foi um tal desvio, visto que
103
nunca me referi a tais Senhoras, que nem sequer conheço e de quem nunca tive, que me lembre, o mais pequeno agravo.
Volte atrás, Eminência, e torne a ouvir o clérigo que do alto do Sameiro invocou o *Apocalipse* para “mostrar ao mundo o verdadeiro Anti-Cristo que aparecera finalmente, mas que em breve ia ser esmagado”, como a divina ultrajada fizera à cabeça de serpente.
De todos, porém, o que mais fez subir e mais longe levou o desagravo à excelsa Mãe de Deus foi o Arcebispo Primaz, que no mesmo dia e alto Monte me agrediu, chegando a sua coragem a considerar-se zelador da honra da Senhora, como deve lembrar-se, visto que acompanhou pela telefonia e boa imprensa, todos os passos dos 300.000 devotos que o ouviram e aclamaram (pgs. 69 e 70),
E paro aqui, pois mais não precisamos para podermos formular um juizo seguro do que foram semelhantes desagravos.
Quanto ao apuro final dessas jornadas, vê-lo-emos na altura própria, ou seja quando lavarmos os cestos das escórias e impurezas com que estamos a enchê-los.

QUARTA PARTE

COMO SE FUNDAM RELIGIÕES E NASCEM DEUSES

ORIGENS DO CRISTIANISMO

Como e onde começou a ser elaborado - Dissolução do Império - Actuação dos Filósofos - Concurso que lhes prestaram os escravos.

Eminência:
Como foi prometido na primeira parte deste ajuste de contas entre os poderosos elementos da Igreja e o simples mortal que chamaram à barra onde, já agora, terá de ser julgado pelo único juiz que não receia - o tempo - ei-lo que novamente solicita a palavra afim de prosseguir e concluir o seu depoimento, sem o que não podereis julgá-lo.

De um ao outro extremo do País as trombetas católicas proclamaram que eu não só ofendera a divina pessoa do Filho, como também me erguera e soltara expressões insultuosas contra a Mãe, igualmente divina.
Seria assim?
Comecemos de longe, e em climas que nos permitam encontrar fontes de linfa pura, a fim de saciarmos esta sede cruel que nos abrasa - sede de fé para V. Em.a, e para mim de fé, mas também de justiça, sem a qual a primeira não passa de ilusão, muitas vezes pavorosa, como a que estamos vendo em torno dessa terrível Cova e do seu ídolo, amaldiçoados por quantos

viram já - e são milhões! - o que há de nocivo e de ridículo na sua exibição e andanças.
Como em tempos que ainda não vão longe, V. Em.a teve ensejo de averiguar e ensinar - porque também foi professor e duma cadeira que o obrigou a demorar-se no exame dos grandes movimentos sociais e humanos () - que a transformação do Império Romano, sob o ponto de vista moral, religioso e económico, não foi obra dum indivíduo nem dum povo, como tanta vez se tem escrito. Efectivamente, quem ignora hoje que para ela contribuiram, não apenas a Grécia renascente, mas a Ásia Menor, a Sicília, a Síria, o Egipto e a própria Itália? Se não incluimos a Judeia, é porque, no conjunto dos países do Oriente, era há muito um ponto negro e morto, "afogado na luz universal", como justamente observava um escritor moderno (2).
Vale a pena traçarmos um breve esquema desse estado moral, mental e económico do mundo na altura em que se inicia a sua transformação geral, que varreria da crença popular os velhos deuses, para lhe dar em troca a divindade salvadora, tão ansiosamente desejada. Com o domínio do mundo, a aristocracia romana atingira a última degradação. Os privilégios que alcançara tinham dado lugar a que dispusesse das riquezas do Império e daí a humilhante e miserável situação das classes produtoras.

(1) O actual Cardeal-Patriarca de Lisboa, Dr. Manuel Gonçalves Cerejeira, foi professor de História da Civilização na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
O Vítor Arnauld, in "Revue Philosophique", 1880.

Dessa degradação resultou que, "por três veses num século, sob o domínio de Calígula, Nero e Domiciano, o maior poder que jamais existiu no mundo caisse nas mãos de homens execráveis ou estravagantes" (1). Dion Cassius filia esse abaixamento moral e tirania na invasão de elementos estranhos, provenientes sobretudo da Síria e do Egípto - este o país mais corrompido do Lniverso, no dizer de Tácito *(2).*
É certo que nem todos se deixaram contaminar pela riqueza, luxo, moleza e lisonja dos aduladores. Em muitos lares continuava a observar-se a velha simplicidade romana e os exemplos morais e cívicos que preparavam cidadãos para continuadores dos Gracos. A filosofia, que não desertara de grande número de famílias aristocráticas, mantinha a resistência contra a onda corruptora que invadira as principais cidades. Os cultores das letras não sofriam perseguições como na Grécia, desde que se não envolvessem na política. "Em vão procuraremos, na legislação romana anterior a Constantino, um texto contra a liberdade de pensamento... Nem um único sábio foi inquietado. Homens que a Idade Média queimaria, tais como Galiano, Luciano, Plotino, viveram tranquilamente, protegidos pela lei" (3). Infelizmente, a dominadora do mundo "não soube fazer da ciência a base duma educação popular". E daí, apesar dos altos valores que tanto a nobilitaram, como Cícero, Lucrécio,
(1) Rénan, "Les Apôtres", 303.
(2) Anais, 4.o, 50.
(3) Rénan, obr. cit., p, 315.

Horácio, etc, terem caído "na fé do maravilhoso". Quando lemos os escritores daquela época - Tácito, Suetónio, Virgílio - uma coisa nos surpreende: a série de profecias e prodígios, de que estão cheias as suas obras. Isso explica, sem dúvida, a súbita decadência da cultura romana após o governo de Augusto. Do cepticismo de Cícero e do ateísmo de Lucrécio "desceu-se a uma tal credulidade, que acabou em verdadeira doença". Os velhos cultos, admitidos no Império, tinham um traço comum: "igual impossibilidade de chegar a um ensino teológico, a uma moral aplicada, a uma pregação edificante, a um ministério pastoral verdadeiramente frutuoso para o povo" *(1).* O templo deixara de ser a "casa comum, a escola e o hospício que o pobre procurava

como asilo, passando a ser apenas a *cela* fria onde se não ia, ou onde, quando se ia, não se aprendia coisa alguma. Pelo contrário, desenvolvia-se a superstição - a mesma que chegou até nós, pois que, no dizer de Rénan, quase todas as superstições são restos duma religião anterior ao cristianismo, que as não conseguiu extirpar" (2).
Agora, as classes, dominadas pela inquietação religiosa, voltavam-se para os cultos vindos do Oriente, especialmente do Egipto, onde Isis e Serapis continuavam sendo grandes divindades. Menos castigado por conflitos de ordem social, o egípcio, como o romano e o grego, via com inquietação o abaixamento moral que o invadia. O exemplo da corte, onde se não apagaria mais

(1) Rénan, p. 335.
(2) Idem, obr. cit., p. 336.

a dissoluta memória de Cleópatra, amante de César, de António e de Augusto, contagiara também o clero, a nobreza e o próprio felá, sempre adstrito à gleba. Mais austera na observância dos preceitos morais, que recebera de Moisés e dos Profetas, a Palestina nem por isso conseguia atenuar os sofrimentos que a mantinham vigilante, desde que Pompeu interviera com as suas legiões, que nunca mais de lá saíram. As instituições políticas desapareceriam sob o peso de leis, impostas pelos vencedores, e da organização centralista do Império. Por outro lado, as instituições religiosas eram continuamente ameaçadas pelo culto pagão, imposto por agentes severos ou apóstatas ambiciosos. "A resistência dos judeus aumentava com as suas desgraças, porque defendiam ao mesmo tempo a sua pátria e o seu Deus. Mas sentiu, com desespero, que, apesar da sua tenacidade, tarde ou cedo sucumbiriam sob a força irresistível do império dos Césares" (1). Os nomes de Aristóbulo, Antígono, Hircano, Antipater e, sobretudo, Herodes (2) bastam para justificar a onda de sangue com que foi regada a Palestina.
Em semelhantes circunstâncias, qualquer que fosse o libertador que se anunciasse, seria acolhido com entusiasmo. Efectivamente, a hora era de tal modo propícia, que grande número de impostores e ambiciosos vulgares resolveram
(1) J. Cohen, Les Deicides - p. 2- Paris, 1863.
(2) Herodes mandou decapitar a irmã Salomé, a esposa Mariamne, a cunhada Alexandra, e estrangulou os dois filhos Aristóbulo e Alexandre, e, na véspera de morrer, outro filho - Antipater.

aproveitá-la, como testemunha Flávio Josefo. Uns e outros, porém, justificavam a sua actuação: a luta contra o mal que ameaçava destruir as fontes a virtude, do dever e da justiça social. Quando intrigantes desta natureza arrastavam as massas populares, que sucederia se realmente aparecesse o Messias há tanto tempo anunciado e tão ansiosamente aguardado?
Esboçado assim o quadro das necessidades materiais e das aspirações religiosas do Império Romano, vejamos agora onde se encontram os centros populacionais e de cultura que mais contribuiram para a formação do ambiente espiritual de que sairia a religião cristã.
Em todos os países que citámos, havia cidades florescentes e pacíficas, sendo Alexandria a que mais luz estava dando ao mundo. Luz e recursos ao Império pois que, segundo informa Flávio Josefo, só num mês pagava mais tributos que a Judeia num ano. Antioquia é outro centro de actividade e de cultura, que não receia medir-se com a Roma dos Césares. É nestas duas grandes cidades que pulsa agora o coração da velha Grécia, arruinada politicamente pelas legiões romanas. Com menos intensidade, mas também com certo brilho, enfileiram muitas outras, banhadas pelo Mediterrâneo, onde continua florescendo o espírito gentil que fez da Hélade o país da graça e da beleza. Vivendo em plena luz e navegando ao longo dum mar interior, esses povos, ao mesmo tempo que animavam as artes, as ciências e as riquezas, observavam religiões que, longe de os aterrarem com suplícios eternos, *post mortem*, os atraíam para ideais de pureza e alegria, que também constituíam o fundo de

outros cultos, praticados na Síria e no Egipto.
É certo que Roma conquistara, primeiro o Mediterrâneo, que denominava *Maré Nostrum*, e, em seguida, o Oriente, mas este acabou por seduzi-la. É que as populações asiáticas, acordadas e helenizadas após as viagens e conquistas <de Alexandre, constituíam agora formidáveis interpostos, que atraiam e expediam, além de produtos de toda a natureza, "um verdadeiro caudal de homens, ideias, aspirações religiosas e sociais", fazendo da capital do Império um

centro único na Terra. Por seu lado, os Ptolo-íneus, graças ao que lhes restava ainda da civilização que tão alto subira em todo o Vale do Nilo, e do intercâmbio que mantinham com os principais centros de cultura, conseguiram fazer “da Alexandria a capital intelectual do mundo, como bem claramente o atestaram o grande Museu, a Biblioteca de 700.000 volumes e os nomes de Eratóstenes, Euclides, Arquimedes, Hiparco...

O fenómeno mais característico, porém, é o que se observa na transmissão dessas manifestações de cultura. Porque não só os chefes, mas ainda os próprios escravos e libertos são vias pelas quais chegam a Roma a filosofia, as letras, as artes e com elas os princípios humanitários que acalentavam o coração de muitos. Como é sabido, o romano confiara ao escravo todos os trabalhos manuais, desde a confecção de artefatos, edificações urbanas, transportes e cultura da terra. Agora até lhe confiavam a cultura do espírito, considerada igualmente profissão desonrosa. Senhores, **portanto, do trabalho manual e mental, fácil é** de **prever a** quem pertenceria o

futuro de Roma e do mundo. Com esse alargamento de funções, o primeiro a sentir-se é o trabalho do campo, que dá alma ao artífice. Mas, faltando o agricultor e o artífice, “falta a medula da República”, como observa o autor citado há pouco. Efectivamente, a riqueza era constituida agora por escravos, móveis, alfaias e pelo ouro que das províncias longínquas os fiscais do Império vão canalizando para a foz do Tibre. Em vão o poeta de Mântua compusera hinos e poemas, celebrando as belezas da Natureza e as riquezas que o arado e o boi tiram da leiva. A fuga do campo para a urbe continuou, como também continuou chegando o ouro das províncias. Mas como só elas o produzem, é sempre a elas que esse ouro há-de regressar, em remuneração de trabalhos, sem os quais nenhum filão continuaria. Quer dizer: Roma só gasta; o Oriente produz e economiza. Acontece mesmo que, entre os libertos, acostumados a trabalhos duros, alguns conseguem acumular riquezas, como De-métrios, liberto de Pompeu, que classificava os seus escravos como o antigo dono os soldados das legiões.

Dependendo assim da riqueza e do trabalho de diversas nações, não admira que Roma inicie a sua decadência. Os próprios chefes que a dominam admitem a superioridade dos povos vencidos. A tal ponto que, quando Cícero resolve completar a sua bagagem literária e filosófica, pensa logo em Atenas, onde vai residir e ouvir as lições de grandes mestres. Mário não dispensa a companhia duma mulher da Síria, Marta, que ele consulta com frequência. O mesmo fazia o seu rival, Sila, ouvindo os magos da Caldeia.

E António não venerava Serápis, a pontos de querer levar o seu culto a todas as províncias do Império? Caio Graco propôs a reconstrução de Tarento e Cartago, por se encontrarem mais no centro da Civilização, e o próprio César fala em transportar a capital para Alexandria, que tanto o deslumbrara quando ali fora na intenção de abater o orgulho de Cleópatra, mas de cujos braços teve de fugir... “Havia já dois séculos, continua o autor que vou seguindo, que Serápis reinava tanto como Júpiter”. E Valério Máximo afirma que um pretor, alarmado com esta absorção de Roma, ordenara a demolição dum templo egípcio. Inútil tentativa, visto não encontrar um único operário que se prestasse a tão sacrílego empreendimento. Pelo contrário, as mulheres romanas esquecem os deuses de seu país, indo agora prestar culto a Serápis, a Isis, ao boi Ápis, que Agripa reunira no vasto Panteon que o tempo não demoliu ainda. Se a própria soberania militar começa a limitar-se a funções de fiscalização! O que importa é que as províncias paguem o imposto. E todas pagam.

Volvendo os olhos para a Grécia, verifica-se idêntico fenómeno. Os mercadores de toda a bacia do Mediterrâneo e Mar Negro demandam o Porto Pireu, e, invadindo a cidade de Atenas, em breve a dominarão. Eles e os estrangeiros domiciliados actuam de tal modo, que conseguem alterar as instituições antigas. A riqueza abunda, mas com ela vem a corrupção dos caracteres e os males que dessa corrupção derivam. Porque o “oiro é uma espada de dois fios que edifica e destrói; resolve e agrava os problemas da política anfictiónica e as questões sociais internas

da cidade” *(}).* Os navios que visitavam todos os portos, desde as Colunas de Hércules às escarpas do Cáucaso, não cessavam de canalizar para a cidade tudo o que “torna a vida fácil e agradável”. Assim enriquecidos, os atenienses “já não podem com o peso das armas e contratam

marcenários”. No meio rural, pelo contrário, a vida era cada vez mais angustiosa, pelo abandono a que votavam o servo da gleba. O velho helenismo, que espalhou pelo mundo a vaga intelectual e artística, de onde sairia a verdadeira Idade de Oiro, fora substituído pela falta de fé no esforço dos homens, acabando por aceitar também a vinda do Salvador, “Messias divino, protector do Céu, Messias humano, protector da Terra”.
Tocando a verdadeira face dos sentimentos e ideias que agitavam o mundo. Oliveira Martins, que tão clara e vigorosamente sabia ressuscitar homens e épocas, escreve ainda: “Este romper com a tradição, a fidelidade aos preceitos de humildade, depois chamada evangélica, a caridade e o amor pregados pelos estóicos, eis aí, com o messianismo, o sistema de doutrinas e de sentimentos que fazem dos terapeutas os primeiros cristãos, embora tivessem precedido Jesus e os Apóstolos... Fermentação religiosa que teve Alexandre por imediato herói e Alexandria por teatro. As especulações dos filósofos e a piedade das plebes, paralelamente encaminhadas pela história no sentido da transcendência e do misticismo, tinham chegado a determinar

(1) **Oliveira Martins,** “Helenismo **e** Civilização Cristã”,

as linhas gerais e os traços particulares mais ou menos definidos do sistema das ideias cristãs... Estava formado o Cristianismo, embora o nome com que a história o há-de baptizar não se houvesse definido ainda... Alexandria é já cristã, os elementos essenciais da nova religião estão formados... Só lhes falta o aparecimento das raças nórdicas no teatro da história, o que só mais tarde se efectua-a contar do século 4.
Quer dizer: um grande movimento de ideias e de necessidades se preparava no mundo. Só faltava, realmente, que no seio daquela “apagada e vil tristeza” rebentasse a “loucura do profetismo”, sem a qual a alma popular o não abraçaria.
E essa loucura surgirá. Mas em que pontos da Terra? Pelo que acima fica dito, nenhuma dúvida nos resta: será no Vale do Nilo e na Síria, onde a luta das ideias e dos interesses é mais ftremente e viva. Quanto ao seu condutor, é já ugar comum: “não brotará da cabeça ou do coração de um só homem, que o haja elaborado, em segredo, no fundo de qualquer aldeia ignorada” (2). Movimento religioso e social de grande projecção, tem de ser fomentado pelos que aspiram a um futuro melhor - mais livre e humano - e esses são os escravos, deserdados de tudo, até do amor.
Há quem não admita que um tal renascimento pudesse ter origem em cérebros de escravos, de libertos, ou outros provenientes de raças inferiores. Mas quê, se em todo o Império

G) **Obr. cit., p. 237.**
(2) V. **Arnauld, obr. cit.**

O elemento vivo e actuante é constituido por essas legiões de miseráveis, onde, no entanto, há corações que amam e cérebros que pensam. Deles, portanto, e só deles pode nascer a vida nora, que a todos congrega e une em defesa de pensamentos e necessidades comuns, desde as colunas de Hércules ao Mar Negro e Eufrates. Todavia pergunta-se: como foi que os detentores do mando e da fortuna deram margem a que se preparasse a derrocada em que viram subverter-se leis, instituições e divindades? Pela simples razão de que, sob os ouropéis com que se engalanavam, uma chaga se formara, mas de cariz tão suspeito que não foi possível evitar que da epiderme se alargasse e afundasse até contaminar a medula, destruindo assim as raízes desse roble, que longos séculos resistira a todos os vendavais. Agora, sim: é duma simplicidade primitiva! As barreiras ultrapassaram-se, facilitando a fusão de nacionalidades, de religiões, de castas, de classes. Milhões de seres humanos se defrontam - uns possuindo tudo, outros nada, nem sequer o próprio corpo. Porquê esta “demarcação entre miseráveis sem direitos e estes senhores, a cujo capricho foram entregues? A raça, a origem, a instrução, muita vez são as mesmas. E tudo em grande proporção. Um aventureiro pode dispor de 100, de 1.000 escravos. Aquele vive no luxo e na dissipação, estes na privação de tudo. Como poderão tais massas humanas deixar-se espesinhar?”

Terríveis sintomas se começaram revelando, sendo o mais grave a sublevação dos escravos, cuja repressão o Senado já por seis vezes ordenara. A sétima, porém, sob o comando de Eunus, escravo de origem asiática, tomou, desde o início, aspectos de extrema gravidade. Sublevando 400 companheiros, em breve se encontrou com um exército de 70.000 soldados, o que provocou

novas sublevações, até reunir 200.000. Os quatro pretores e um cônsul, que sucessivamente o Senado enviara ao seu encontro, na Sicília, todos foram batidos. Felizmente para Roma, Eunus não conseguiu atravessar o estreito de Messina, a fim de ir sublevar os seus irmãos do continente. A revolta acabou pelo massacre ordenado pelo general Rupilius, depois de haver tomado, por traição, a cidade de Pena, onde se havia entrincheirado. Ao massacre desses infelizes sucederam-se leis atrozes, aplicadas aos escravos de todo o mundo romano, julgando o Senado que assim garantiria uma paz duradoira. Não eram, porém, decorridos trinta anos e eis que nova guerra surge, agora entre Salvius e o grego Ateneon, ambos sacerdotes dos mistérios sagrados, que durante cinco anos se bateram sem tréguas nem quartel. Nova derrota dos escravos, seguida de massacres que, segundo Ateneu, eliminou, em poucos dias, cerca de um milhão deles.
Apesar de tão espantosa hecatombe, no ano 72 antes da era cristã, outro escravo, Espartaco, chama os seus companheiros de martírio e organiza, em poucos dias, um exército que toma as serras do Vesúvio, atravessa a Campânia, voa ao Sâmnio, desce à Tucânia, sobe ao Tácio e

acampa junto às portas de Roma. O Senado envia as suas legiões, que Espartaco dispersa ou destrói, recolhendo assombrosos despojos. O pânico do Senado é extremo. Em presença de 60.000 escravos, que lançaram o terror por toda a Itália, chama os exércitos de Luculo, que se batem na Trácia, e os de Pompeu, que fazem a guerra nas Espanhas. A situação era realmente apavorante, porque aos escravos íinham-se juntado camponeses e proletários, cuja vida se tornara igualmente dura e tormentosa. Muitos generais tinham sido vencidos, apesar da superioridade numérica. A vitória, porém, não podia caber aos insurrectos. E não coube. Todavia, quando Crasso os enfrentou, com legiões bem adestradas e armadas, com espanto verificou que nenhum dos legionários de Espartaco abandonara o campo. E, caso único na guerra, apenas dois, entre mais de 12.000, foram atingidos pelas costas. Todos os outros morreram enfrentando o inimigo.
Uma vez mais foram votadas leis que ordenavam massacres e supressão das garantias que restassem ainda aos deserdados da fortuna. É fácil de prever o profundo desânimo, a imensa tristeza que a todos invadiu. Que lhes importavam agora a sociedade romana, as instituições republicanas, o mundo, enfim, se nem a grande alma de Espartaco fora poupada? Diminuídos e humilhados, aceitaram, sem espírito de vingança, a sua derrota neste mundo. Era o sinal de resignação, que em breve tocaria o coração da maior parle dos vencidos.
Entretanto a classe burguesa, penetrada pelo misticismo sensual das religiões do Oriente, se

por um lado esquecia os seus direitos, nem por isso amolecia na resignação dos vencidos de há pouco. Aceitando a vida nova, deixou de considerar desonrosas muitas profissões que até aí se confiavam aos escravos. Apesar disso, entre a classe burguesa e a legião dos miseráveis, a separação é tão profunda como continuava sendo a económica. Mas agora já se não trata apenas dos escravos, mas também do povo obscuro, para os quais tudo é bom, contanto que lhes traga o esquecimento. O esquecimento de tudo Este alheiamente e resignação começaram a definir-se quando, em diversos pontos do Oriente, apareceram certas figuras que impressionavam as multidões, já peia simplicidade do seu porte e rigidez de costumes, já pela eloquência comunicativa de suas falas, que tanto relevo transmitiram ao pensamento novo. Apresentavam-se, em geral, de longas barbas, manto de pregas ondeantes, aspecto grave, olhar austero ou doce, conforme as circunstâncias e o meio, a fim de ganharem a confiança pública.

II
NA PALESTINA

Profetas e t*aumaturgos, dos quais havia de sair - esboçado primeiro e a pouco e pouco melhorado* - o *futuro Jesus dos Evangelhos.*

Eminência:
Essas figuras surgem principalmente nos países onde a repressão é mais violenta, como na Palestina. Quando se lê Flávio Josefo, uma das coisas que mais impressiona é o contínuo

aparecimento de magos, profetas e apóstolos, uns prometendo a salvação das almas, outros a libertação da pátria escravizada. É certo que não menciona qualquer dos doze apóstolos, se bem que registe diversas personagens com os nomes e atitudes que nos interessam. Vale a pena demorarmos a vista nalguns deles.
O primeiro que traz ao nosso encontro chama-se Bano. Vivia no deserto, vestindo-se com a casca das árvores e alimentando-se com os produtos espontâneos da terra. Para conservar a castidade, banhava-se frequentemente em água fria, mesmo durante a noite. "Comecei a imitar este modo de vida e com ele vivi três anos" (1). Josefo tinha então 19. Regressou à cidade e pouco depois empreendeu a viagem a Roma.

(1) Vida de Flávio Josefo, por ele próprio, em língua grega.

Quando voltou à Palestina, verificou que entre o povo judeu "crescia o desejo de novidades e que muitos preparavam rebeliões contra o povo romano", ao que ele chamava "loucura daqueles desesperados". É nessa altura que aparece o primeiro Jesus duma série que daria material bastante para aquele que os evangelistas depois confeccionaram e as igrejas impuseram à credulidade pública. Era filho de Safias e capitaniou "um bando de marinheiros e homens pobres". A estes se juntaram muitos galileus, que acabaram por "deitar fogo ao palácio, julgando encontrar ali grandes despojos". Por seu lado, os partidários de Jesus "mataram todos os gregos que moravam na cidade e com eles muitos outros, que tinham como inimigos". Este Jesus, apesar de ter alcançado um alto cargo na magistratura, não evita que Josefo lhe chame "homem perverso, dado a provocar desordens e desassossegado o mais que pode ser".
Dos lados de Ptolomaída aparece outro Jesus, este agora "capitão de ladrões" declarado. Josefo enviou-lhe um convite para virem à fala, ao que logo acedeu. "Então, os que vinham com ele ficaram à porta, mas mal notaram que o seu capitão estava preso, cada qual fugiu por onde pôde. Então eu, tomando Jesus à parte, o aconselhei..." E o ladrão desandou para outras paragens.
Há também um Jesus, pontífice, filho de Gamala, que aparece em negociações com João, filho de Levi, e um Simão, filho de Gamaliel. São nomes evangélicos, mas não julgue V. Em.a que se trata daquele que baptizava no Jordão, nem do ricaço de que fala Mateus, ou do Simão

que pretendeu comprar o dom de fazer milagres-São outros, que, associados a Jónatas, tomam do tesouro 40.000 dinheiros de prata", e porque "nesse tempo chegara a Jerusalém um Jesus, galileu, com uma companhia de 600 soldados, chamaram-no e tomaram-no a soldo, pagando-lhe três meses adeantadamente, ordenando-lhe em seguida que partisse com Jónatas e seus companheiros e fizesse o que estes lhe ordenassem..."
Como se vê, não é este ainda o Jesus que procuramos, nesta Judeia revoltada. A linguagem de Josefo é que lembra certas passagens bíblicas, que ficariam bem na boca dum Divino Mestre: "Eu vos conjuro, varões da Galileia, a que não oculteis a verdade", respondia ele aos seus acusadores.
Mais longe, aparece outro João, que a princípio julgaríamos ser aquele que pregou no deserto, baptizou no Jordão e foi morrer, degolado, nos
Eresídios de Herodes. "Era profeta, e falava com Deus de tal maneira que nada ignorava do que estava para acontecer". Mas era também pontífice e "príncipe dos Judeus, que governou durante trinta e três anos". Não é, pois, o precursor de Cristo.
Agora aparecem Pilatos, Antipas, Herodiades, Salomé, Tibério. Vai surgir, finalmente, o Homem-Deus? Ainda não: entram aqui apenas devido à relutância que os Judeus tinham em adorar as estátuas do Imperador. "Então Pilatos disse que a todos despedaçaria se não recebessem. as imagens e estátuas de César, e impôs aos soldados que tirassem a espada da bainha" (1).
(1) **História da Guerra dos Judeus, liv. 1-p. 87, da trad. espanhola.**

Não despedaçou ninguém, porque esses fanáticos se estenderam no chão, preparando as gargantas para serem cortadas, de preferência a violarem a Lei. Pilatos, então, ordenou que os soldados metessem de novo a espada na bainha...

O cap. 11. da história que vamos folheando é consagrado ainda a muitas e diversas revoltas que estalaram na Judeia e em Samaria. Uma delas ocorreu quando os Judeus se concentraram em Jerusalém para a celebração da Páscoa. Tudo estava correndo bem, senão quando um dos soldados romanos, que nos claustros do templo se encontravam, como de costume, para manter a ordem... (Vai na própria língua de Cervantes, em que foi traduzida a obra de Josefo: "Desatacándo se, mostro a todos los judios, que alli estaban, las verguenzas de atrás, achando una voz no diferente de la obra que bacia". Esta singular má-criação, a que os eleitos do Senhor não estavam ainda habituados, redundou num conflito de tal ordem, que só na fuga precipitada do templo, ao passarem pela soldadesca, morreram mais de 10.000 pessoas, de que resultou ser essa festa motivo de "muitas lágrimas para todos, pois que em todas as casas só se ouviam lamentos" (1).

Volvendo a página, Josefo apresenta novos aspectos de tragédia judaica, ao apontar aqueles que, devido aos maus conselhos que davam, corrompiam a cidade tanto como as quadrilhas que a assaltavam: "Porque aqueles homens, enganadores do povo, pretendendo, à sombra e

(1) Obra cit., p. 269.

com o nome de religião, exibir muitas novidades, conseguiram enlouquecer o vulgo, porque saíam para os desertos e pontos solitários, prometendo-lhes e fazendo-lhes crer que Deus os favorecia, mostrando-lhes ao mesmo tempo sinais da liberdade que haviam de alcançar". Dentre esses, o que maior agitação provocou entre os judeus foi o egípcio que, intitulando-se profeta, conseguiu reunir cerca de 30.000 homens, que conduziu ao Monte das Oliveiras, dali partindo para Jerusalém, afim de rechaçarem a guarnição romana (1). Esta, porém, saiu-lhes ao encontro e travaram batalha. O profeta fugiu com alguns companheiros, mas dos outros, uns foram encarcerados e os restantes regressaram às terras da sua naturalidade.

Apesar destes fracassos, o espírito popular continuava aguardando que outros profetas surgissem, a fim de libertar o povo. E esses não se faziam demorar. O que o arrasta agora é um tal Nigro, homem de nobres qualidades, em que predominavam o heroísmo e a grandeza de alma (2*).* Outros, porém, não o compreenderam, tratando-o de tal modo, que chegaram a paseá-lo, através da cidade, com o corpo coberto de

(1) Deve ser a este que se refere Celso no cap. 1.o do seu *Discurso Verdadeiro.*

(2) Entrincheirado num castelo, junto a Bezedel, foi este incendiado pelos romanos, julgando liquidar assim um poderoso inimigo. Tal não sucedeu, porém, visto Nigro ter saltado da torre para um grande fosso do castelo. Decorridos três dias, os companheiros foram procurá-lo, a fim de o sepultarem, "mas a divina providência tinha-o poupado á morte para mais altos destinos".

chagas, a suplicar que, pelo menos, lhe dessem sepultura. A princípio negaram-lha, mas depois de o matarem, lá o foram enterrar.

O que a este sucedeu chama-se também Jesus, •e fala ao povo do alto duma torre. O discurso que Josefo põe na sua boca, se não é tão belo -como o do outro, na montanha, é mais longo e com passagens que recordam aquele. "Tenho a paz em maior preço do que a morte; mas estando-se em guerra e dado o sinal de batalha, antes quero morrer gloriosamente, do que viver cativo e na miséria..." "Estes tiranos, que aboliram todos os nossos direitos..." Assim falava Jesus, quando um tal João, filho de Catla, subindo a um lugar alto, começou arengando em sentido contrário, no que foi aplaudido com vigor por todos os Idomeus. "E Jesus partiu, cheio de tristeza, por ver que eles o não acompanhavam, nem aceitavam coisa alguma moderada e de razão" (1). Ora sucedeu haver naquela noite um frio intensíssimo, acompanhado de rija ventania, com nuvens carregadas, "muitos raios e horríveis trovões". Em seguida, tremeu a terra tão violentamente que todos se convenceram haver chegado o último dia do mundo, pensando os Idumeus "ser isso devido a estar Deus aborrecido com eles". Parece uma passagem dos Evangelhos, mas não é, visto que eles só daí a muitos anos seriam redigidos. Este Jesus, portanto, não é ainda aquele filho de Deus que andamos procurando.

Continuaremos, pois, folheando o famoso historiador judaico, tão minucioso e exacto que nada

(1) Obra cit., TOL 2.", p. 87.

lhe escapava de tudo o que na Judeia acontecia (1). Agora nos informa ele que havia em Jericó uma fonte com que regavam todos os campos em redor, a qual nascia junto à velha cidade que Jesus, filho de Nava, conquistara aos Cananeus. Mas também não é este, embora a fonte fosse

muito mais afamada que todos os poços que Jacob mandara abrir" De tal prestígio e poder miraculoso, que bastava ir lá beber qualquer mulher estéril, para voltar a casa grávida. Assim no-lo garante Josefo no livro 5.o cap. 4.o da sua "Guerra dos Judeus". Como igualmente afirma (cap. 12.o livro 7.o) que, em certo dia de Maio, "antes do sol posto, apareceram nas regiões do ar muitos carros que corriam em todas as direcções, com esquadrões armados, atravessando as nuvens que pairavam sobre toda a cidade". Mas o caso prodigioso não fica ainda por aqui, porquanto, no dia da festa a que chamam de Pentecostes, havendo os sacerdotes entrado de noite no templo, para os exercícios do culto, conforme era costume, "a princípio sentiam certo movimento e ruído, e, atentando no que seria,

(1) No seu tratado Contra Apião - um dos mais preciosos documentos da antiguidade, pelos dados que fornece - uma vez mais acentua que não é hábito seu fantasiar como os seus contemporâneos, incluindo Jesus de Teberíades. Escreve ele: "Segundo se afirma, eles (os historiadores) reuniam um pequeno número de factos, decorando-os com o nome de história, com uma impudência de bêbados. Eu, pelo contrário, escrevi uma relação verídica, por haver assistido em pessoa a todos os acontecimentos". E acrescenta: "Durante este tempo (Guerra dos Judeus), nem um só facto escapou ao meu conhecimento". (Obra cit., trad. de Leon Blum, p. 11).

ouviram de repente, uma voz que dizia: *vamos daqui!*"

Mais horrendo e espantoso que tudo isso, porém, foi o aparecimento dum plebeu chamado Jesus, que tendo vindo à festa, celebrada então com a cidade em paz, começou repentinamente em grande clamor, dizendo: - "Voz pelo Oriente, voz pelo Ocidente, voz pelas quatro partes dos ventos, voz contra Jerusalém e contra o templo, voz contra os recém-casados e recém-casadas, voz contra todo este povo!" E com tais vozes percorria todas as praças e ruas da cidade. Alguns homens de representação, receando novas complicações, prenderam o desvairado e aplicaram-lhe duros açoites, para que se calasse" A gritaria, porém, continuou sempre no mesmo tom.

Então os governadores da cidade, informados do que se passava ("movimento e voz divinamente enviada", dizia-se), levaram-no ao presidente romano, ante o qual foi desancado com açoites, até se lhe verem os ossos. E tudo isso sem derramar uma lágrima! Apenas, a cada açoite que recebia, baixava um pouco a voz, dizendo: "Ai! ai de ti, Jerusalém!"

Como um certo Albino, que então era juiz, lhe perguntasse quem era, donde viera e por que razão soltava tais clamores, não respondeu. Mas continuou lamentando as desditas de Jerusalém, até que o juiz, convencido de que se tratava dum pobre louco, mandou-o em liberdade. E até ao fim da guerra, ninguém mais o ouviu clamar. Passava os dias a rezar, e só de vez em quando, como num gemido, repetia: "Ai! ai de ti, Jerusalém". Não maltratava os que o açoitavam, como também não agradecia aos que lhe forneciam

alimentos. E assim viveu sete anos e cinco meses, sem nunca enrouquecer nem sentir a fadiga. Entretanto, os romanos cercaram a cidade. Vendo isso, abandonou o retiro e recomeçou a pregação do alto das muralhas: "Ai de ti, cidade! Ai de vós, povo e templo!" Pressentindo que a sua vida não iria longe, dirigiu a si próprio esta lamentação: "Ai de mim também!" E com ela encerrou o ciclo das suas pregações, porque uma pedra, lançada do exterior, deu-lhe morte instantânea.

Josefo conheceu ainda outro Jesus, mas esse era sacerdote do templo. O mesmo que entregou ao imperador Tito dois candelabros, muitas mesas, pratas, gomis e taças, tudo em oiro massiço e de grande peso, a que juntou ainda véus e ornamentos dos pontífices, cravejados de pérolas finíssimas, e com eles muitos vasos e outras alfaias preciosas, para usos litúrgicos" (1).

Antes de prosseguirmos em cata de Jesus, o Cristo, outros profetas nos detêm, sendo o primeiro Simão de Samaria, conhecido também por Simão Mago, tão ligado à história do Cristianismo primitivo. Pelos sortilégios que fazia e doutrinas que espalhava, conseguiu que os seus compatriotas o considerassem enviado de Deus. Todos o ouviam e seguiam, "desde o mais pequeno ao maior" (2). Todavia, essas doutrinas nem sempre se enquadravam na dos compatriotas e muito menos nas que outros inovadores pretendiam impor, e daí o ser considerado o "pai

(1) Ob. cit., cap. 15.".
(2) Actos dos Apóstolos, 8-10.

de todas as heresias", ou o primeiro anti-cristão. Mas o facto de proclamar-se a "Grande Potência de Deus" significa que se apresentava como verdadeiro Messias - aquele que fora anunciado e os Judeus esperavam para orientar e libertar o povo eleito. Todavia, e apesar do epíteto de heresiarca, Simão Mago é um dos percursores das ideias cristãs. Gnóstico e sincretista, os seus discursos revelavam grandes conhecimentos da cosmologia e ontologia estóicas, a que aliavam conhecimentosteológicos, inspirados em mitos de que mais tarde Filon usaria largamente. A fama de herético deve filiar-se na existência dum centro gnóstico, que em Samaria reunira numerosos adeptos, de que Simão era a luz principal. As divergências manifestavam-se sobretudo em relação ao judaismo. Junto com ele trabalhava também Dositeu, que por fim se tornou seu rival, procurando igualmente impor-se como enviado de Deus. Que a sua doutrina ascética foi ouvida e se espalhou é evidente, visto que ainda em pleno século 12 tinha adeptos. Outro discípulo de Simão foi Menandro, que alcançou certo prestígio na altura em que as novas ideias davam entrada na cidade, onde mais tarde S. Paulo, num ambiente propício, fundaria uma das suas igrejas. Efectivamente, é hoje admitido que desse centro intelectual devem ter partido as correntes doutrinárias que na Palestina e na Síria prepararam os espíritos para a aceitação do pensamento cristão (1). Nesse tempo, como ainda hoje,

(1) Gogfuel, "Jesus de Nazareth, Mythe ou histoire?" (l925); Aifaric, "Cristianisme et gnosticisme", (1924).

viajar era a maneira mais segura de conhecer os povos e as suas instituições. Heródoto, para escrever a sua História, viajou longamente. O mesmo fizeram Pitágoras, Zenão, Aristóteles, Platão e tantos, tantos outros, uns por simples distracção, outros para cultivar o espírito e confrontar instituições, a fim de melhorarem a das respectivas pátrias. Simão Mago também empreendeu viagens, não para fazer confrontos ou recolher elementos para melhorar instituições, mas apenas com o fim de explicar e fazer aceitar suas doutrinas, Sabe-se que foi em Tiro que conheceu Helena - a sua musa inspiradora - e que enviou o já referido Menandro à grande cidade de Antioquia, onde estivera já. É possível também que tenha ido a Roma, como dá a entender o historiador Justino (1). Acerca do seu poder taumatúrgico, diz-nos o jesuíta Hernando Castrilo que "hacía cosas tan prodigiosas em Samaria, que lo tenían por varón divino, como se cuenta en los *Actos Apostólicos:* (8) *Haec est virtus Dei, quae vocatur magna...* Como pareció la elevación verdadera por el aire de Simón Mago, que cuenta San Clemente Romano, companero de S. Pedro, como consta de las *Constituciones Apostólicas,* y Glica y Tertuliano dicen que hacía andar las estatuas de los hombres, como se fuesen vivas, y que serviesen en todos los ministérios, en que suelen los vivos; detenia las corrientes de los rios, bacia manar fuentes de la tierra, y por todo eso se le puso una estatua pública con esta letra: *Simoni Deo*

(1) Apol., 26-2 e 3.

(dedicase el Dios Simón) *(1).* Todavia, o mérito principal de Simão está no facto de haver fundado escola, deixando certo número de discípulos, que o continuaram durante muitas gerações. De todos os taumaturgos e profetas que então se revelaram, o que, porém, melhor define o espírito da época é Apolónio de Tiana, de quem Filostrato escreveu, representando-o como tipo acabado desses estranhos condutores de multidões, que encheram de lendas o Oriente.

Que fosse mágico, como afirmava o povo inculto, ou filósofo, como pretendiam os pitagóricos, o certo é que a sua fama voou longe. Antes de se lançar na pregação das doutrinas com que tentaria modificar leis, costumes e sentimentos, resolveu visitar um certo número de países que pudessem melhorar as suas convicções pelo estudo das respectivas instituições sociais e religiosas. Nesse sentido, segundo informa S. Jerónimo, "entrou na Pérsia, atravessou o Cáucaso, penetrou na Albânia, na Citia, no país dos Massagetas e nos reinos opulentos da Índia. Passando além do grande rio do Fison (2), visitou os Brácmanes para ouvir Hiarcas, o qual, sentado sobre um trono de ouro e bebendo água da fonte de Tântalo, ensinava a um pequeno número de discípulos os segredos da Natureza, o movimento dos astros e o curso diário do Sol. Daí passou aos Elamitas, Caldeus, Medos, Assírios,

(1) Historia y Magia Natural - Madrid, 1728. Quanto à estátua, há quem se incline a que não fosse a Simão, mas a uma divindade ou herói pagão.

(2) Talvez o Indus.

Partos e Sírios; visitou os Fenícios, os Árabes, os povos da Palestina e, regressando a Alexandria, subiu à Etiópia para ver os Gimno-sofistas e a famosa mesa do Sol, que está no meio das areias. Por toda a parte observou coisas de que se aproveitou, aperfeiçoando-se incessantemente" (1). Dessas longas e demoradas viagens, trouxe doutrinas que ensinou e praticou na Grécia durante muitos anos.

Sob o nome de escola pitagórica, fundou em Efeso um centro - ou igreja, como Paulo de Tarso, mais tarde, o denominaria - um centro de taumaturgia e de simbolismo, cuja influência foi considerável. A sua vida era perfeita, pela austeridade e virtudes que praticava, a fim de servir de modelo aos homens. Os sacrifícios a que se dava, os trabalhos e prodígios que realizava, tudo contribuía para que o apontassem como um perfeito modelo de virtudes. O seu aspecto impunha-o à primeira vista: a gravidade do rosto a todos revelava a meditação interior. Caminhava impassível e indiferente aos apupos da canalha e ao desprezo dos ignorantes, mas, em frente dos poderosos do mundo, era duma coragem e eloquência que a todos subjugava, levando-os à prática da virtude e ao cumprimento dos deveres para com o semelhante. Enfrentou situações difíceis, como nas entrevistas com os imperadores Nero e Domiciano. Nada, porém, conseguia abalá-lo. Quando aquele imperador publicou um decreto banindo a Filosofia, limitou-se a invocar o verso de Sófocles: "Quanto a mim, não foi Zeus que tal ordenou".

(1) Epístola a Paulino, presbítero.

DESCRÉDITO DO PAGANISMO

Eminência:

O paganismo, agora em plena decadência,, enveredou também pela taumaturgia, exercendo-a todos quantos pretenderam orientar consciências,, conduzir povos, fundar seitas ou escolas. O olirapismo - actuação dos santuários - não se verificava só nos Asclépios, mas em relação a todas as divindades. Apolónio aproveitou o ambiente geral para realizar prodígios, que suplantaram os de todas as pitonizas. Daí o ser considerado também personagem divino.

Os abusos cometidos por uns e outros foram tais que um dos grandes escritores do tempo. Clemente de Alexandria, iniciou a refutação do paganismo por ataques violentos aos oráculos e mistérios, que eram geralmente acreditados" Como acreditados seriam também, mais tarde, os que os evangelistas inseriam nos seus escritos. Não se foge ao destino... Os sacerdotes de muitos santuários não garantiam já uma vida feliz num outro mundo? Todos esses mistérios se ligavam por traços comuns: representação da alma humana, atrofiada pelo corpo e incapaz de encontrar, por si própria, a vida salutar, que só pela iniciação nos mistérios se pode conhecer; iniciação em sucessivos graus, que levam da

estado da infância ao da perfeição. Excetuava-se o Orfeismo, por não ser história mas doutrina de salvação. Além disso, esses mistérios não envolviam ensino metafísico, visto procurarem, sobretudo, revelar a eficácia das fórmulas litúrgicas. No facto da iniciação residia, inteiro, o privilégio salutar.

Ora, estes mistérios mantinham toda a sua influência na altura em que se inicia a nova revolução religiosa, mormente os de Eleusis e de Claro. É possível que o Orfeismo já tivesse deixado de ser igreja independente, mas, pelo menos, "subsistia em estado de combinações", na expressão de Guignebert, podendo admitir-se que os elementos que lhe eram estranhos proviessem dos mistérios eleusianos, influenciados pela escola de Pitágoras, ou pelo desenvolvimento e interpretações dos mitos dionisíacos (1*).* A sombra do nome do filósofo de Crotona formara-se um conjunto de doutrinas secretas *(domata),* de práticas mágicas, que muito se avizinhavam do orfeismo e das religiões orientais, a que se agregaram velhos formalismos de ritos etruscos e elementos especulativos, vindos dos Estóicos e interpretados pelo simbolismo. O que neste conjunto parecia próprio do Pitagorismo era a "orientação de tudo para a vida futura, com tendências para o ascetismo e o misticismo" (2). O que faltava a estes mistérios - elucida o Mestre da Sorbonne que nos está guiando - não era tanto a emoção, vivíssima, como a

(1) Guignebert, "Le Christe", p. 181.

(2) **Ob. cit., p. 132.**

139

realização prática, em ascetismo, da ideia de compensação e ainda o rigor nas modalidades da salvação. A iniciação era o traço comum que aproximava os mistérios dos cultos ocidentais dos orientais, que nesta altura invadiam o mundo greco-romano: Isis, Osíris e Serápis, no Egipto; Adónis, Tamouz Baalim, na Síria; Cibele, Atis e Sabásíos, na Frigia; Mitra, Istar e os astrólogos, na Mesopotâmia e no Irão. Toda a Ásia Anterior, "penetrada pelas mesmas ideias gerais e levada pelas mesmas aspirações, se enchia de cultos e iniciações, melhor ou pior organizadas, mas todas tendentes à exaltação mística e à salvação" (1). Um dos seus postulados é o das possibilidades sem o auxílio da divina graça: os que a recebem são os eleitos; aqueles a quem é recusada, os réprobos.

Desde recuadas eras que os orientais consideravam os seus soberanos como divindades terrestres e salvadoras. O ser divino vivera, sofrera, morrera e, depois, ressuscitara. A questão agora estava em descobrir as fórmulas e operações místicas eficazes, que assimilassem o iniciado ao seu salvador. A ideia nascera da necessidade duma vida santa, purificada pelo constrangimento dos desejos da carne, a fim de merecer a graça da iniciação perfeita. A esperança duma vida melhor era fortificada pela miséria e pelas decepções contínuas. Compreende-se, por isso, quão viva devia ser, nos calamitosos tempos que precederam a revolução cristã, a espectativa duma vida feliz ou dum libertador que aliviasse os

(1) Guignebert, ob, cit.

140

oprimidos. É sabido que nunca as velhas religiões deram satisfação a essas aspirações, tão justas e humanas. As fantasias de que as revestiram foram tantas e tais que poucos filósofos e até poetas deixaram de as satirizar, afirmando que nem as crianças acreditavam nelas (1)•

Este ceticismo era quase geral nos meios cultos. Os discípulos de Epicuro nada crêem, nada esperam; desprezam tudo quanto as teogonias anunciam, os poetas cantam e as sibilas prometem, como se vê pelas inscrições tumulares: *Non fui, non sum, non curo* O- "Alguns filósofos, afirma Cícero, admitem que os deuses se não preocupam com o que nos diz respeito". E Zenão acrescenta que os deuses, tais como Júpiter, Juno, Vesta, etc, são simplesmente nomes que, sob pretexto de qualquer alusão, foram dados a seres inanimados e mudos. A pergunta "Como vivem e de que se ocupam os deuses?" respondem os discípulos de Epicuro: "A sua vida é a mais feliz e deliciosa que se possa imaginar. Um deus não faz nada, não se embaraça com negócio algum, não empreende nada. O primeiro ponto a discutir é se há ou não deuses". "É difícil negar que os não haja" - esclarece o Mestre. Isto em público, porque, em particular, discorrendo como agora fazemos, nada mais fácil ().

Igual ceticismo se verificava em Protágoras, Straton, Clianto e tantos outros. Ceticismo que, se por um lado precipita a queda do paganismo,

(1) Juvenal, "Sat." 11 - v. 149: Nec pueri credunt. (2) "Não fui, não sou, não me importo". O Cícero, De natura deorum.

141

por outro dá poderoso alento aos fautores da revolução religiosa que nenhuma força humana poderia retardar, quanto mais aniquilar, tanto ela se alargara já em número e intensidade.

Cabe aqui salientar que um dos aspectos mais interessantes do movimento religioso, que estamos acompanhando, era a nenhuma hostilidade entre as organizações que se iam formando, embora diferentes ou contrárias. Nunca a convicção, que todos tinham, de possuírem a verdade, as levava a mútuas excomunhões, como se veria mais tarde na formação das igrejas cristãs. Compreende-se agora o sucesso que os helenlstas de Alexandria e de Jerusalém alcançaram no mundo greco-romano, ao proclamarem os princípios da nova religião. Pois se, de antemão, os caminhos estavam em grande parte desbravados!

Outros elementos poderíamos aduzir para melhor explicarmos a formação e evolução das divindades salvadoras, mas o que aí fica é bastante para ver-se a que fontes recorreram os evangelistas e seus continuadores para, à vontade, confeccionarem o seu Cristo, filho de Deus e Salvador do mundo. O pior é se, entretanto, aparecem vozes discordantes. É o que vamos ver nas páginas seguintes.

IV

O NOVO TESTAMENTO E SEU VALOR COMPARATIVO

Cursos de história do cristianismo, professados na Sorbonne e Colégio de França. Rénan, Loisi/, Guigneberl, Couchoud e outros abalam os fundamentos da Igreja de Roma,

Eminência:

Antes de abordarmos o problema de Maria, vejo-me obrigado a demorá-lo ainda, no balanço que precisamos concluir das coisas atinentes ao meio e sucessos que de longe e de largo vêm preparando o Deus *Salvador hominum.*

Comecemos pelas Epístolas de Paulo, que são, como sabeis, o mais sólido alicerce da Igreja Cristã. Mas logo aqui surgem objecções graves, porquanto os estudos a que ultimamente as submeteram, principalmente em França e na Alemanha, tornam muito suspeito e frágil semelhante alicerce. Especializo os cursos de História do Cristianismo, que desde 1862 funcionam em Paris. Primeiro, Rénan, professor de hebreu no Colégio de França. Preparava então a sua *Vida de Jesus,* de que extraiu elementos para a lição de abertura. Mas bastou que chamasse a Jesus "homem incomparável", para que os *bien pensanis o* apupassem, sendo a seguir destituído e o curso encerrado. Em 1870, porém, restituíram-lhe

a cadeira, que ocupou com singular eficiência e brilho até à morte, ocorrida em 1892.

Os governos de acentuada feição católica não quiseram dar continuador ao grande Mestre. Mas em 1906, com a separação do Estado das igrejas, foi restabelecido o curso, agora na Sor-bonne, e entregue ao autor duma tese sobre Tertuliano: Charles Guignebert, que o regeu até 1937. Na cadeira do Colégio de França foi colocado Alfredo Loisy, que, apesar de ver os seus trabalhos interditados pela Santa Sé, ali se mantivera desde 1909 a 1934.

A par destes, muitos outros, de entre os quais destacaremos Couchoud, que, além de orientar uma série de trabalhos sobre o Cristianismo, forneceu à Cristologia elementos de grande valor comprovativo, os quais muito têm contribuído para aclarar e completar a obra dos seus antecessores (1).

Pois bem, Em.a, bastaram estes para abalar fortemente a autenticidade da maior parte dos escritos denominados opostólicos, e, consequentemente, o seu valor testemunhal. Acerca das Epístolas de S. Paulo, admite Guignebert não só numerosas interpolações, como ainda intervenções de vários redatores (2). Interpolações admite-as igualmente Loisy, fundando-se, para isso, nas grandes dessemelhanças que nelas verificou.

(1) Le Mistère de Jesus* (1926); *L'Apocalipse* (1930); *Prémiers Écrits du Christianisme* (1980) ; *Jesus, le Die fait Homme* (1937); *Le Dieu Jesus 1911).
(2) *Le Christ,* p. 143.

Por seu lado, outro investigador, Turmel, encontrou dados que o levaram a afirmar que as Epístolas atribuídas a Paulo foram, no início, obra do heresiarca Marcion, e só mais tarde retomadas, retocadas, interpoladas, e adaptadas à Igreja Cristã (1). "Temos de confessar - conclui o mestre da Sorbonne - que, tanto em relação aos *Actos*, como às *Epístolas* de S. Paulo, permanecemos, em grande número de pontos referentes às origens cristãs, numa incerteza inquietante" (2).

De todos, porém, o que melhor denunciou as interpolações feitas nos escritos atribuídos a Paulo foi Henri Delafosse, nos trabalhos que publicou, em 1926, sobre as duas epístolas - *Aos Romanos* e *Aos Coríntios.* Os estudos preambulares e as notas que iluminam os textos são realmente inquietantes, visto que nem um décimo cabe ao Apóstolo de Tarso! Assim: la *Epístola aos Romanos* a maior parte é de redacção marcionista (3*)* ; vários capítulos, uns mais antigos, outros menos, levam a chancela católica (4), ficando a Paulo simplesmente pequenos trechos, distribuídos por alguns capítulos

(1) Citado por Guignebert, p. 140,
(2) Obr. cit., p. 150.
(3) Pertencem-lhe, no cap. 3.. os versículos 21 a 26 ; os cap. 5, e 6. ; o início do cap. 7., até ao vr. 7."; quase todos os cap. 8. e 12." e, do cap. 16., os vers. 17, 18 e 25 a 27.

(4) São de redacção católica: mais antigos - no 1. cap., os vers. 18 a 31; quase todo o cap. 2.; no 3. os vers. 1 a 20, o 7., 03 vers. 7 a 25; no 8., os vers. 14 a 17, 26 e 27 e 36 o cap. 9., os vers. 14 a 29; todo o cap. 11.; os vers. 1 a 8 do 13. e metade do 14. Mais modernos: todo o cap. ** e 15 e metade do 14.". 2.; os vers.

146

(1). Podemos, pois, concluir que tanto as *Epis tolas* de Paulo, como a grande maioria de escritos apostólicos, não são documentos a que possamos dar completo assentimento. Mas admitamos que o fossem. Mesmo assim, que dizem eles, em relação ao tema que nos propomos demonstrar?

Sabemos que V. Em.a os tem lido, meditado e citado com frequência, mormente as *Epístolas* de Paulo. Ora, dessas leituras e meditações, uma coisa lhe deve ter saltado logo à vista: a facilidade com que ele fundava igrejas, e as multidões que corriam a ouvi-lo. Que significam essas facilidades e interesse do público, senão que este já se encontrava preparado para aceitar a ideia nova? Nem de outra maneira pode compreender-se que, em três anos apenas de pregações, conseguisse que cidades e regiões abraçassem, confusamente embora, a orientação religiosa que tão vivamente começara agitando as almas.

A função principal do Apóstolo consistiu em definir melhor o que se encontrava já no pensamento e aspirações de cada um. Nas viagens que empreendeu, à maneira de Simão e Apolonio de Tiana, o papel que desempenha é de tal natureza que, observa um historiador contemporâneo,

(1) Contribuição de Paulo: no 1. cap., os vers. 1 a 17 ; no 3., os vers. 27 a 31, quase todo o 4., donde salta ao 9.", até ao V. 14, e os três finais. Pertence-lhe todo o cap. 10.o, mas só voltamos a encontrá-lo no 15., a partir do v. 8 ao 33. No 16.; pertencem-lhe os vers. 1 a 16 e, finalmente, o 19 a 24.

Muito mais pobre é ainda a contribuição de Paulo na *Epístola* a *Coríntios*, pois só tem a palavra no 1.o cap., um v. no 4- três no 5., cinco no 11.o e vinte no 16..

147

"se o Cristianismo devesse ter um fundador, só a ele caberia tal glória". (Melhor teria dito: "Se a Igreja Cristã, etc. ...") Efectivamente, ninguém como ele soube aproveitar as circunstâncias de momento, como igualmente ninguém compreendeu e soube propagar melhor a nova fé. Tinha, é certo, sobre todos os outros, a vantagem de ser cidadão romano e possuir cultura helénica fora do vulgar. Aliando essa cultura à subtileza e elevação do seu espírito, ter-se-ia feito compreender por cultos e incultos, mas sem jamais esquecer que em todos eles o sentimento dominante era o ódio à civilização e o desejo imperioso de se subtraírem a todos as necessidades materiais da vida.

Observando que a nova religião tem o seu fundamento na escravatura em que mergulham legiões de almas, como tais as considera, tendo sempre bem presente as suas necessidades verdadeiras, sem esquecer também a sua ignorância e preconceitos. "Conhece poetas e filósofos gregos, mas exclui-os dos seus discursos e das suas epístolas. Conhece a organização social e as correntes políticas, porque foi, ele próprio, agente administrativo, mas finge desprezá-las, como réplica ao desprezo dos senhores e letrados" (1). A salvação da pobre gente só a encontrará num idealismo exaltado, que lhe abra, pela imaginação e pela fé, a vida nova a que todos aspiram. O nome do novo Cristo, que aparece nos seus discursos, "sempre com parcimónia, é uma espécie de manjar misterioso". No fundo,

(1) Ob. cit.

148

"que lhe importam a Bíblia, os profetas e o próprio Cristo, se rejeita quase tudo o que é lei escrita, texto invariável, autoridade reconhecida?" Ora, é precisamente essa atitude o que lhe atrai simpatias, lhe cria adesões.

Não lisongeia nem promete facilidades em assuntos de ordem material; o que pretende é conseguir o renascimento interior da criatura. Quanto ao Deus que vai anunciar, o que é ele senão o Acaso - esse Acaso que é sempre a derradeira esperança dos infelizes? Conhecendo isso, Paulo organiza a "sua loteria", ou antes, a "loteria universal da graça divina, que em cada um alimenta a esperança de vir a ser um dos eleitos" (1*).* A fé que o arrebata, leva-o a empreender as frequentes viagens, que há pouco referimos, durante as quais encontrará, como também acentuámos já, o ambiente que lhe facilita a fundação de igrejas, que serão, no dizer dos futuros Evangelhos, a pedra sobre a qual os bispos edificarão a Igreja Cristã. Os judeus hostilizam-no, caluniam-no, ameaçam-no, mas ele consegue que os confrades o escondam em lugares onde possa escrever é recrutar novos adeptos. Por fim, convencido de que não é na

Palestina que o Cristianismo há-de lançar raízes, mas nos grandes centros populacionais, onde a escravidão e a miséria continuam aguardando o seu libertador, dirige-se a Antioquia, Efeso, Atenas, Corinto e Tessalónica. Durante os três meses que reside em Corinto, escreve a *Epístola aos tiomanos.* É o seu escrito de maior alcance e

(1) Ob. cit.

projecção. Verdadeira "declaração de guerra da teologia à filosofia, peça capital que levou grande número de espíritos rudes a perfilharem o Cristianismo, única maneira de anafar a Razão, proclamando a sublimidade da crença no absurdo"().

Enquanto Paulo alvoroçava o mundo grego com a sua presença e os seus discursos, e enviava epístolas aonde não podia ir, em Jerusalém esses escritos e pregações eram motivo de escândalo e de permanentes conflitos, visto que a lei mosaica e o Talmude continuavam sendo os orientadores da consciência religiosa das massas. Os raros evangelizadores que apareciam eram tidos, não como reformadores indígenas do culto, mas como traidores, imbuidos de ideias estrangeiras, que poderiam destruir a religião nacional. Essa revolta contra as ideias que chegavam de fora nunca abrandou. Era tal o apego a Javé, encontrado por Moisés no caminho do Egipto para Canaã e transportado na Arca da Aliança, que preferiam a destruição das cidades, sofrer a escravidão e a morte, a trocarem o seu pelos deuses de fora.

A destruição de Jerusalém e do templo, por Vespasiano e Tito, não teve por objectivo atingir o Cristianismo, que prosperava livremente no Egipto, mas aniquilar uma nacionalidade antipática, que a si própria se denominava "povo eleito de Deus", quando afinal não era mais que uma nação inimiga do género humano, visto excluir da salvação eterna os demais povos.

Tanto na Palestina como nas províncias mais próximas de Roma não se verificava a tolerância

(1) Rénan, "S. Paulo", p. 374.

concedida no Vale do Nilo, segundo se depreende da narração de Tácito, referente ao ano 18 da era vulgar: "Ocuparam-se também na depuração de superstições egípcias e judaicas que invadiam a Itália. Quatro mil homens, da classe dos libertos, imbuídos destas ideias estrangeiras e em idade de poderem ser aplicados em trabalhos públicos, foram enviados por um decreto do Senado para a Sardenha, a fim de serem empregados contra os salteadores da ilha... Aos outros fíxou-se-lhes um prazo para deixarem a Itália ou os seus ritos profanos".

Na fé, portanto, do grande historiador romano, quando faltavam ainda doze anos para Jesus Iniciar a sua pregação, já o Império, a própria Itália, estavam infestados com ideias orientais, de tendências anarquistas, a tal ponto que o Senado se vê na contingência de banir, duma só vez, 4.000 homens válidos. Por saber o perigo que corria o paganismo, com a introdução de novos deuses, é que Mecenas escrevera ao imperador Augusto: "Deveis aborrecer e punir os fautores de religiões estrangeiras, não só por causa dos deuses, mas porque os introdutores de deuses novos incitam toda a gente a seguir leis estrangeiras, e porque daí nascem alianças por juramento, ligas, associações, coisas perigosas numa monarquia" (1)•

Efectivamente, a monarquia defendeu os seus deuses quanto pôde. Infelizmente estavam veltios. E por mais que os sacerdotes proclamassem a sua omnipotência, o povo acabou por lhes recusar

(1) Dion Cassius, l., 3." - C. 86, p. 689.

a fé e os auxílios. E não só o povo: a mesma burguesia e grande número de gente culta, como vimos já noutro lugar. Os próprios que se "ocupam dos deuses não crêem na sua existência", escreve Cícero (1). Eminius era também um céptico: "Creio que há deuses no Céu e eu sustentálos-ia sempre, mas afirmo que eles não se ocupam do género humano. Se tivessem esse cuidado, os bons seriam felizes e os maus desgraçados. Ora, o contrário é que sucede". Estas afirmações epicuristas, que atingiam em cheio a religião romana, eram acolhidas nos teatros com aplausos unânimes (2). Assim, não admira que o ambiente do Império facilitasse a pregação e a expansão de ideias novas, que logo atrairam numerosos confrades.

Mas, onde está, que o não vimos ainda, o Messias anunciado nos profetas? Por mais que procurássemos, não conseguimos, até aqui, encontrar qualquer vestígio ou marca pessoal de Jesus, o nazareno. Todavia, o mundo vai tratar de tecer, com as suas próprias fibras, o verdadeiro Cristo - o Cristo divino que jamais existiu, a não ser no coração e na fantasia dos povos, sendo as Epístolas de Paulo os documentos que primeiro invocam a sua imagem com

vigor. A medida que o cristianismo se define e avassala cidades e províncias, também o Cristo se esboça e toma forma, dia a dia, mês a mês, ano a ano.

(1) De invent, 1-29.

(2) Ob. cit 11-50.

Mais dum século tinha decorrido já, e Jesus, filho de Deus, era ainda um nome vago, uma figura indecisa, envolta nos fumos dos mistérios orientais, a que os profetas bíblicos também se associaram (1*).* Tão nebuloso, que *o* imperador Adriano, estando em Alexandria, pôde escrever a Serviano, com data de 122: "Acho o egípcio inconstante e ligeiro, correndo a todos os caprichos da fama. Os que adoram Serápis são cristãos, e os que se dizem bispos de Cristo são devotos de Serápis".

A confusão dos crentes provinha dessa nebulosidade em que andava ainda envolvido o novo Deus. As nuvens, porém, foram-se dissipando, e os sacerdotes das igrejas, à medida das suas necessidades e das exigências do sentimento

(1) "O Senhor julgará as extremidades da Terra e dará o império ao seu rei e sublimará a glória do seu Cristo" - I Reis 2-10.

"O teu sangue caia sobre a tua cabeça, porque a tua própria boca falou contra ti, dizendo: Eu matarei o ungida lo Senhor". *Christum domini* - II Reis 1-16.

"Os príncipes se coligaram contra o Senhor e contra *o* Cristo... Agora tenho conhecido que o Senhor salvou o seu Cristo" - Salmo II, 2-2 e XI-7; XIX-7.

"E deu testemunho *(proebuit)* na presença do Senhor do Cristo" - Eclesiastes 46-22.

"Eis o que diz o Senhor a Ciro, meu Cristo" - Isa. 45-1)"

"O Cristo Senhor foi preso (Jeremias - Trenos - 4-20) por nossos pecados".

"Tu saíste para a salvação do teu povo, para o salvar com o teu Cristo" - Habacuc 3-13.

"Desde a saída da palavra para Jerusalém ser segunda vez edificada até ao Cristo Capitão... E depois de sessenta e duas semanas será morto Cristo e o povo que o há-de negar não será mais seu Cristo?" - Daniel 25 e 26,

popular, continuaram definindo e modelando o seu deus Salvador, que só completariam quando S. Tomás de Aquino concluisse a *Summa Theológica* - esse "monte de palha", como nos últimos dias da sua existência a classificara o próprio autor.

Deste modo - comenta o espírito sagaz que tão claramente viu e analisou as origens cristãs - a figura de Cristo pôde tornar-se uma realidade objectiva e um motivo de estudos, porque a Igreja, dizendo-nos o que nela se vê, não faz mais do que dizer-nos o que ela precisa de ver nele" (1).

(1) *Autard*, ob cit.

REACÇÃO DA FILOSOFIA CONTRA O SOBRENATURAL

Celso, Luciano, Porfírio, Ario e outros filósofos negam as profecias, a divindade, o messianismo e a ressurreição de Cristo, a eternidade das penas e outras doutrinas da Igreja.

Eminência:

Vimos já como a Igreja, a partir do 2.o século, começou a organizar os seus prosélitos e a medir as suas possibilidades na luta contra a religião do Império. Luta de vida ou morte, pois tanto dum como do outro lado, havia hostes aguerridas, dispostas a não ceder, fosse o que fosse, no campo onde terçavam armas. Os cristãos, porém, tinham lançado mão de uma arma que repugnava ao helenismo, mas que actuou fortemente, sobretudo nos meios de pouca ou nenhuma cultura: a bem-aventurança/josf mor*tem.*

Efectivamente, a promessa duma vida futura, cheia de glória, foi o factor decisivo na expansão do cristianismo. E mais rápida seria esta, se ao encontro dos mensageiros, portadores de promessas tão consoladoras, muito embora falazes, não surgissem numerosos espíritos, um dos quais Celso, autor do famoso *Discurso Verdadeiro,*

de que nos restam apenas as transcrições feitas por Orígenes numa das suas obras.

Celso era cidadão romano de grande autoridade, como testemunha Luciano de Samosata no admirável relatório que escreveu a seu pedido, acerca do afamado charlatão Alexandre de

Abonotéquia: “Homem a quem mais que todos admiro, assim pela sabedoria como pelo amor à verdade, mansidão de costumes, moderação, tranquilidade e afabilidade para os que vivem contigo”.
Ora, foi o amor da verdade que levou Celso a promover diligências e solicitar inquéritos acerca de personagens ou movimentos colectivos, religiosos ou sociais, que pudessem empanar a verdade e embaraçar o progresso do mundo, e ao mesmo tempo a corrente filosófica de que era um dos mais categorizados elementos (1).
Sabemos já que pediu informações a Luciano sobre aquele embusteiro. O que não teria ele feito em relação ao que se estava passando no Egipto, mas sobretudo na perturbadíssima, irrequieta Palestina? Ele próprio foi investigar? -Deve ter, portanto, recolhido bem seguros dados antes de tornar público o *Discurso Verdadeiro*, monumento digno de um ateniense, mas escrito em Roma, sob governos que procuravam restabelecer

(1) Celso especializara-se em procurar os erros a que a humanidade está sujeita. Tinha grande antipatia pelos poetas e introdutores de deuses falsos. (Rénan, Marco Aurélio? cap. 20, p. 235, ed. portug.).
(2) “Sobre matéria de história religiosa, esclareceu-se-me o espírito com as viagens à Palestina, à Fenícia, ao Egipto” (Rénan, obr. cit. p. 239).

a paz em todas as províncias do Império. A impressão que provocou nos meios cultos foi de tal natureza que as igrejas já constituídas nos fins do século II reconheceram, desde logo, a necessidade de apreender e destruir todos os exemplares de que tivessem conhecimento. E assim se fez, iniciando-se, desse modo, o extermínio de numerosas obras clássicas, de incontestável mérito, e documentos, oficiais ou não, de grande valor comprovativo. Entre estes, muitos deviam referir-se a Jesus, à mãe e à seita que em nome daquele as igrejas da Ásia e da Europa procuravam impor à multidão dos crentes, em grande parte desiludida com a bem comprovada indiferença dos velhos deuses, pagãos e não pagãos.
Pelo texto do *Discurso* podemos concluir que as informações que recolheu acerca de Jesus, o Cristo, só a um poderiam referir-se: àquele que voltara do Egipto, filho duma camponesa de Belém. Escreve Celso: “Nestes últimos tempos, os cristãos encontraram, entre os judeus, um novo Moisés que os seduziu completamente. Passa, entre eles, por ser filho de Deus e é autor de uma nova doutrina. Reuniu em volta de si e sem escolha um bando de gente simples, de maus costumes e grosseiros, que constituem a clientela ordinária dos charlatães e impostores, de modo que, pelas pessoas que se entregaram a esta doutrina, se pode julgar o crédito em que devem ser tidos. A justiça, contudo, obriga a reconhecer que entre eles existe quem tenha bons costumes, não seja completamente destituído de luzes nem falho de engenho, por meio de alegorias. A eles se dirige, propriamente, este

livro, porque se forem honestos, sinceros e esclarecidos, saberão ouvir a voz da razão e da verdade” (1).
Seguidamente põe em cena um judeu que contesta a Jesus a sua origem divina: “Começaste por fabricar para ti próprio uma filiação mítica, pretendendo que devias o teu nascimento a uma virgem. Na verdade, tu és originário duma pequena aldeia da Judeia, filho duma pobre camponesa que vivia do seu trabalho. Esta, convencida de adultério com um soldado, Pantero, foi expulsa pelo marido, carpinteiro de profissão. Repelida deste modo e errante por aqui e por ali, ignominiosamente, deu-te à luz, em segredo. Mais tarde, constrangido pela miséria a expatriares-te, foste para o Egipto, onde alugaste os braços, e ali, tendo aprendido alguma das artes mágicas de que se vangloriam os egípcios, voltaste ao teu país, e, inchado dos maravilhosos efeitos que sabias produzir, proclamaste-te Deus” (2).
A exposição prossegue, em refutações sucessivas, acentuando, a certa altura, o grande número de “fanáticos e impostores que se apresentam como enviados do Alto, na qualidade de filhos de Deus”. O cap. 10. é uma série de argumentos admiravelmente conduzidos no sentido de provar a falsidade de todas as coisas de ordem sobrenatural que lhe vinham sendo atribuídas. - Mais longe, aludindo à ressurreição, perguntava aos cristãos: “Quantos e quantos outros impostores

(1) *Discurso Verdadeiro*, prefácio 6.
(2) Obr. cit., livro 1, cap. 7.

se têm servido de igual artifício para enganar os simples? A mesma fábula corre entre as seitas acerca de Zolmolxis, escravo de Pitágoras e na Tessália sobre Protesilas e tantos outros. Mas a questão não é saber se há ou não histórias de ressurreição, mas se realmente já alguém ressuscitou corporalmente. Ora, vós, que chamais contos a tudo o que outros referem, como podeis considerar verdadeira a fábula da ressurreição de Jesus? Porque ele antes de morrer soltou um grito? Porque a terra tremeu e as trevas a cobriram? Tudo fantasia pura!"
Todas as vezes que discutia estas questões com os cristãos, reduzia-os ao silêncio. Mas, apesar de refutados, a pontos de não poderem replicar, nem por isso deixavam de perguntar como se não tivessem entendido: "Se o nosso corpo não ressuscita, como poderemos ver Deus? Como poderemos ir a ele? E insistiam na necessidade da ressurreição corporal de Jesus, por ser ela a garantia da sua própria ressurreição". E seguem os conselhos: "Se, para entrardes na senda do espírito, procurais um guia novo, evitai, em primeiro lugar, os charlatães e impostores que vos enleiam com ilusões e loucuras. De contrário, parecereis grotescos, qualificando de deuses de madeira e de pedra os deuses antigos, quando adorais qualquer coisa mais miserável que os ídolos: um corpo em putrefação, um morto. A este morto dais Deus por pai, e este pai mostrai-lo não só indiferente aos sofrimentos de seu filho, mas entregando-o ao suplício. Onde houve jamais um pai tão desnaturado?".
A voz de Celso era o grito da razão *é* do bom-senso. "Não viu, porém - comenta um escritor

contemporâneo - que a turba-multa a quem se dirigia era constituída por gente rude, bárbara "desgraçada". Efectivamente, a grande maioria ou eram escravos, ou exerciam funções consideradas aviltantes - uma das quais a cultura da terra. Em meio de tanta miséria e sofrimento, precisavam de crer em alguma coisa diversa do existente. Sobretudo na ressurreição, que os mensageiros da Boa-Nova prometiam aos que nesta vida arrastavam também a sua cruz, como o Filho de Deus: ressurreição e a bem-aven-turança eterna.
Mas tais mensageiros continuavam a ser detidos por numerosos obstáculos, sendo um dos maiores o que lhes opunha agora o sucessor de Plotino na chefia da escola neo-platónica: Porfírio. A sua tática era diferente da dos antecessores na luta contra o cristianismo, em que se manteve até à morte, ocorrida em 304. Dispondo de poderosos recursos e dotado de grande sagacidade, conseguiu perturbar grandemente os seus adversários, a quem por vezes cobria de ridículo. Os seus ataques começam pelo mistério do Homem-Deus, principal fundamento da doutrina cristã. Para isso negou a autenticidade das profecias, sobretudo as de Daniel, às quais dedicara o livro 12. do *Discurso contra os cristãos,* lendo antes apontado numerosas contradições de diversas passagens do Velho Testamento. Ao ocupar-se da vida de Jesus, destrói tudo quanto nela existe de sobrenatural. Quanto aos discursos que lhe são atribuídos, em nada *po*diam comparar-se aos de alguns sábios da antiguidade, como Pitágoras, ou, modernamente, seu mestre Platino, sem que, todavia, se deixassem

de lhes atribuir honras divinas. De resto, que eram tais discursos senão reflexos das doutrinas dos filósofos gregos, mas adulteradas pela ignorância dos cristãos?
Outro dos seus ataques: o que dirigiu ao messianismo de Jesus, na sua ressurreição e eternidade das penas do Inferno. A luta de Porfírio foi tão viva e atingia o Cristianismo tão em cheio, que um dos decretos de Constantino não só execrava a sua memória, como ainda ordenava a destruição dos seus escritos. Estes, porém, continuaram circulando, devido à fama que deixara o continuador de Plotino, o que levou Teodósio *2.o* a novas perseguições e extermínios, continuados ainda em tempos de Justiniano. As ordens imperiais foram tão zelosamente observadas, que até nós só chegaram as transcrições que em suas obras fizeram, entre outros, Eusébio de Cesareia, Teodoreto, Sto. Agostinho, S. João Crisóstomo e S. Jerónimo. Tal era o ódio que os cristãos votavam à memória e escritos de Porfírio. Apesar disso, quando Ario, sacerdote cristão de Alexandria, iniciou a sua pregação, fê-lo, em grande parte, à luz dos princípios que Porfírio conseguira espalhar por todo o Império, ferindo de morte, para sempre, a divindade de Cristo (1).
(1) É digno de registo o seguinte decreto de Constantino: "Porque Ario imitou Porfírio, compondo livros ímpios contra a religião, digno se torna de ser considerado infame como ele. E como Porfírio chegou a ser o opróbio da

posterioridade e os seus escritos suprimidos, assim queremos também que Ario e seus sequazes sejam estigmatizados com o epíteto de *porfirianos".*

VI

o CONCÍLIO DE NICEIA

Verdadeira pedra sobre a qual o Cristianismo assentou a sua Igreja, originando ao mesmo tempo o mito da Virgem Maria.

Eminência:
Quem ler com atenção a história do primeiro Concílio de Niceia, celebrado em 325, verificará que: 1.) Não existem as actas de tão memorável assembleia convocada a pedido de Constantino, que assistiu às sessões, sendo até um dos oradores. 2/) O denominado símbolo de Niceia teve duas redacções: a primeira, apresentada por Eusébio, bispo de Ceraseia, que foi quase totalmente aceite; a segunda por Osius, bispo de Córdoba, que com pequenas variantes propôs a fórmula "consubstancial ao Pai", com a qual
provocou largos comentários, a começar pelo Imperador e a findar em Ario, que proclamou: "A verdade é que este Salvador é Deus apenas por participação, donde resulta não ser mais que pura e simples criatura como nós" (1)

(1) Afirmou Constantino, instruído pelos arianos: "É impossível que uma natureza que nada tem de material nem corpora, pois é toda espiritual, tenha qualquer propriedade corporal". *(Le Prémier Concite de Nicée,* Paris, 1691, com aprovação dos doutores da Sorbonne).

164

3.) Tanto no projecto de Eusébio, como na redacção definitiva, aprovada por grande maioria, não se encontra uma única palavra referente a Maria. Porquê?
Nenhum membro das Igrejas, tanto do Oriente como do Ocidente, desconhece o que se passou nesse concílio, o mais célebre que a primitiva Igreja realizou, por ser nele que se elaboraram e votaram as doutrinas sobre que assentaria o seu futuro, ao contrário do que pretende o evangelista quando afirma que Jesus dissera a um dos seus: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja". Mais uma profecia que haveria de falhar, pois que a verdadeira pedra sobre a qual se edificou a Igreja foi o Concílio de Niceia. À custa de abdicações e de tumultos, mas por fim... Por fim, a assembleia dividiu-se em dois grupos, um dos quais, vendo-se em maioria, expulsou os contrários, chefiados por Ario, o mais alto valor da assembleia. Resolução bem infeliz, como depois se via pelo sangue que durante séculos não cessou de correr em todos os países onde houvesse cristãos.
A maioria venceu, é certo, mas o símbolo que votou não era o que tinha na mente. Mesmo expulsos, os excomungados continuaram triunfantes, visto o símbolo votado ser quase todo de redacção ariana. Acrescentaram-lhe a "consubstancialidade", mas persistiram defendendo a doutrina do irradiado: *Ckristum filium Dei, ex patre natum, id est- ex substancial patris; natum, non factum.*
Se não expulsassem e desterrassem o grande reformador, que pretendia - e até certo ponto conseguiu - uma base racional e humana para

166

o cristianismo, teriam acabado por votar igualmente outras doutrinas salutares, como a que atrás se registou. Se essa fórmula tivesse vingado, que imensos benefícios não haveria prestado à verdade, ao bom-senso e à civilização, isto é, ao bem-estar da humanidade. Mas a Igreja, que de militante ia agora passar a triunfante, sob a égide imperial, recusou seguir esse caminho.
Entretanto, que espectáculo os cristãos ofereciam ao mundo! Dum lado, um imperador cruel e cético; do outro, facções cristãs sempre desavindas, em permanentes discussões em torno dum conceito, ou fosse do Deus absoluto, vazio como o próprio nada (1). "Os que tinham um pensamento e um coração, esses, pelo menos, tentaram fazer entrar alguma coisa nesse vazio absoluto: o seu Cristo. Mas, desgraçados! tornaram-no idêntico e consubstancial ao próprio vazio absoluto! E foi assim que o mundo se encontrou dividido entre dois nadas - os Con-substancialistas e os Arianos" (2). Esta querela só findaria quatro séculos depois, quando as

doutrinas de Maomé iniciaram a expansão que pôs em risco todo o mundo cristão. Mas não nos antecipemos!
Outra coisa que só mais tarde, em plena Idade Média, ousariam fazer: incluir a fórmula *et incarnatus est de Spiritu sancto ex Maria*

(1) "Quem **se funda sobre o absoluto, nie se funda em coisa alguma" (Berthelot).**
(2) V. Arnould, obr. cit., tom. 26, p. 127.

166

virgine (1). E porquê, Em.a? Porque lhe faltou coragem para tanto? Sabem-no todos os que lidam de perto com documentos referentes às origens cristãs, que atrás levemente esboçamos. É que a tal Virgem, mãe de Cristo, como ave apontada por dextro caçador, não fora apenas atingida na asa, mas alvejada em cheio. E, assim ferida, não servia a ninguém.
Efectivamente, há muito que circulavam, além de evangelhos, apocalipses e cartas apostólicas, um avultado número de escritos pagãos, que não cessavam de flagelar ou meter a ridículo a seita dos cristãos. E não só as doutrinas, pois também corrigiam factos, apontavam infantilidades e ainda certos personagens e milagres, à sombra dos quais pretendiam impor a nova crença. Os próprios cristãos lhes forneceram armas para esse combate, a começar pelo mais prestigioso, esse Paulo de Tarso, considerado por muitos o verdadeiro fundador da Igreja Católica. De facto, nunca a mãe de Jesus teve lugar nas suas fundações, como também nunca aparece em qualquer das epístolas (2). É que, para ele, Jesus não teve mãe, pois cairá do Céu, como o primeiro

(1) Totalidade das palavras acrescentadas ao Credo. *factorem coeli et terrae... ; arte omnia saecula.*- "5 *coelis... de Spiritu Saneio in Maria Virgine. cruet-fixus eliam pro nobis sub Ponsio Pilato... el sepulte est... Secundo scripturas... sedei ad dexiram Pam El iterum... est cum gloria. cujus regni non erit fin" Dominam et viuificantem, qui ex Paire Filioque pio cedit...*
(2) De todos os acrescentos o mais grave, pelos debates que provocou e sangue que fez derramar, foi o *Filioque*

A passagem em Gálatas, 4-4, foi uma das que mais tarde intercalaram.

167

Hércules, que ele também adorara quando era pagão (1).
Seguindo a mesma orientação, alguns dos evangelhos que chegaram até nós e outros que com intolerância religiosa destruiu a seguir ao Concílio de Niceia deram a Jesus filiação puramente divina. Os que, porém, repetiram as legendas pagãs, dando-lhe filiação humana, arquitetaram-na tão mal, que acabou por cair no ridículo. Dos denominados Evangelhos Sinóticos, ou sejam os atribuidos a Mateus, Marcos e Lucas, só o primeiro e o segundo admitem a fecundação de Maria por intervenção do Espírito Santo.
Vamos já ver a ingenuidade de tal expediente, que a ninguém convenceu, antes contribuiu para que os pagãos, cultos e incultos, associados aos judeus, satirizassem esse tardio e já gasto processo de criar divindades, ou, melhor, encobrir adultérios. Quanto melhor não seria terem ficado na solução do arguto e precavido Paulo! De resto, que sabemos nós dessa mulher, além do que nos transmitiram os evangelistas. Celso e o Talmude de Jerusalém, que afinal bem pouco é?
Escreve Guignebert, o velho professor da Sorbonne: "O que os Sinóticos nos dizem acerca

(1) Com o tempo os deuses humanizaram-se, acabando todos por terem filiação terrena. A mãe de Hércules foi Alcmena, que o teve de Júpiter. Pela tragédia de Séneca *Hércules sobre Ela,* conhecemos o suplício a que foi sujeito antes de regressar ao Céu. A ele assistiu sua mãe, a quem o filho, do meio das chamas que o devoraram, não cessou de consolar. O braseiro consome-o, a alma sobe para junto do Pai, enquanto a "desolada mãe" recolhe os "despojos e cinza do grande Hércules". (Acto 5. - cenas 1 e 4).

168

de Maria nada significa, e as contraditórias extravagâncias dos Apocalipses não podem servir-nos de qualquer utilidade, a não ser para nos persuadirem de que a tradição primitiva, não tendo razão alguma para se interessar pela mãe de Jesus, *pour elle-même,* nada sobre ela tinha recolhido digno de fé. O mesmo quanto à sua ascendência, que nos é totalmente desconhecida... Como também nada sabemos do que lhe sucedeu após a morte de Jesus" (1).
O que não pode ignorar-se é a fonte ou fontes a que foram beber os redactores das legendas cristãs, quando fizeram nascer Cristo duma virgem. Além do Salmo de David, a mitologia forneceu-nos numerosos exemplos, um dos quais agora mesmo foi lembrado: o filho de Alcmena. Temos, porém, melhor: o de Perseu, nascido da virgem Danaé, fecundada por uma

chuva de ouro. Adaptação tão inabilmente feita, que os cristãos do II século, “para se desembaraçarem desta comprometedora analogia, que os judeus exploravam contra eles, foram constrangidos a afirmar ter sido invenção do Diabo, para afastar os homens da verdade” (2).
Mas a tese da concepção virginal acarretou gracejos e calúnias ainda mais vexatórios e irritantes. No apócrifo intitulado *História da Natividade de Maria e da infância do Salvador* que escapou ao varejo organizado pela Igreja mesmo após o Concílio de Trento, o esposo de

(1) Jesui, p. 115.
(2) Justino, 1 Apol. 54, Dial. 70, citado por Guignebert, 154-

Maria, ao regressar duma viagem, responde às virgens que tentam confortá-lo, narrando-lhe a Anunciação: “Para que quereis iludir-me, fazendo-me crer que um anjo do Senhor a engravidou? Certamente que alguém, fingindo de anjo-do Senhor, a enganou”.
Segundo Paulus, investigador alemão, teria sido a ambiciosa, ou, melhor, astuciosa Isabel,, mulher do sacerdote Zacarias, que enviara um *desconhecido a desempenhar,* junto à Cândida Maria, o papel de anjo Gabriel. Os judeus e os-pagãos é que não aceitaram semelhante candidez,, pois não só a apresentaram como adúltera, como ainda profissional de galantaria, segundo informa Tertuliano, quando escreve: *hic est ille fabri aut quasestuariae filios* (1).
Os próprios Samaritanos contribuiram para esse descrédito. Lê-se na *Crónica Samaritana,* publicada por Neubaner, em 1869, no *Jornal Asiatique:* “No tempo de Jehonathan foi morto Jesus, filho de Myriam, filho de José, o carpinteiro, ben Hanaphet, em Jerusalém, sob o reinado de Tibério, pelo arconte Pilatah”. O professor da Sorbonne, que fornece estes dados, acrescentar “Ciermont-Ganneau, autorizado por uma tradução árabe, interpreta este *ben Hanapheth* por o *filho da cortesã.*
Quando a acusação se precisou - continua o mesmo professor, com a autoridade que lhe dá a mais prestigiosa cátedra do mundo - e resolveram indicar o verdadeiro pai de Jesus, o

(1) De Spectaculis, 30.

soldado romano Panther, não foi fácil aos cristãos conseguir a prova material da sua falsidade (1*).* Vê-se, pois, que os epítetos com que procuraram deprimir o nome de Maria foram tão habilmente conduzidos até meados do século 4.o que poucos escritores se abalançaram a mencionar-lhe o nome em trabalhos apostólicos.
S. Cipriano, bispo de Cartago, convertido em "249, é um dos maiores valores da Igreja, como dão testemunho os seus tratados apologéticos e sobretudo as 81 cartas que chegaram até nós, todas edificantes e em defesa do ideal cristão. Pois bem: tanto naqueles como nestas, o nome de Maria raramente aparece. Uma vez só nas cartas. É quando pergunta a Jubiano se Marcion “conhece o Cristo *de virgine Maria natum”* (2). Nos tratados, o que mais se prestava a glorificar a mãe, deveria ser o *De Nativitate.* Pois nem aí. Leves referências à virgem que o deu à luz num estábulo *(mater in feno, filius in prae-epio),* ela parteira de si própria *(genitrix et obstetrix)* e, sem a mais leve queixa *(nullu dolor)* desliga da placenta o cordão umbilical” liga o menino, beija-o *(jangil oscula),* dá-lhe de mamar *(porrigit mamam),* correndo tudo na melhor ordem *(totam negollum pleno gáudio).* Admira a mãe e a virgem *(erat simul mater virgo),* mas muito mais um Deus no útero mi*ror Deum in útero virginis) (3).*
E é este santo varão que pergunta ao Marcion se conheceu o Cristo! Mas por onde

(1) Obr. cit. p. 143.
***(2)* Correspondance, carta 73, p.265.**
(3) Opera, p. 450.

teria ele andado que não viu esse extraordinário continuador de Paulo, nem leu os seus trabalhos apostólicos, decisivos para o futuro do Cristianismo? (1). Pois não foi ele o autor de *Apostolicon,* em que divulga, sustenta e melhor define as doutrinas do Mestre? Ignorava também que foi Marcion o autor do primeiro *Evangelho,* nome que depois se generalizou? E que esse estranho documento abre por estas palavras, que a Igreja procurou apagar e hoje finge desconhecer: “No ano 15 do reinado de Tibério César, sendo governador Pôncio Pilatos, desceu do Céu Jesus Cristo, filho de Deus, aparecendo em *Cafarnaum”.*

Um Deus recolhido num útero I Como se fosse possível a um grego da Patagónia, demais a mais culto, viajado, austero, casto e de alma cândida, aceitar embustes como os que desacreditaram o paganismo! O seu Cristo era filho de Deus, mas só ele, sem mistura de qualquer pessoa humana. Tal deve ter sido a resposta de Jubiano que decerto acrescentou ainda a passagem que Tertuliano encontrou em um evangelho: "Que mãe ou que irmãos tenho eu a não ser os que escutam as minhas palavras e que as praticam?" Quer dizer, não nasceu. *Ipse contestatur se non esse natum... (2).* Pode lá conceber-se um deus em gestação! Um deus que

(1) "Marcion é um dos grandes génios religiosos da humanidade. O seu verdadeiro lugar é entre S. Paulo e S. Francisco de Assis... Asceta, amigo dos miseráveis, revoltado Contra a ordem do mundo..." (Couchou, "Jesus, le Dieu fait "omme", p. 147).
(2) Tertuliano, "Adv. Marc", 4., 19.

anda num ventre nove mesesI Que deprimente coisa! - *Turpissimum dei nativitas...* Como se vê, as coisas continuavam muito embrulhadas: igrejas em conflito, doutores em discordância... Apesar disso, o Cristianismo, imposto pela força das armas imperiais, preparava-se para subir ao Capitólio, e de lá proclamar e impor ao mundo os dogmas da sua fé. Mas Constantino não teve continuadores. Dois dos filhos foram mortos, e o terceiro, Constâncio, era um afeminado, sem qualidades de governo. Ao regressar do Oriente, ao encontro de Juliano, que o exército proclamara César, morreu junto de Tarso, com 45 anos apenas.
Quando Juliano assumiu o poder, a situação do Império, se não era grave, era pelo menos complicada. Sobretudo no domínio espiritual. A Igreja estava sendo duramente flagelada pelo arianismo, o que levou os partidários do antigo culto a cerrar fileiras, a fim de manterem, no culto público, os velhos deuses. Vendo a luta que entre si travavam os partidários da nova religião e a fé renascente dos pagãos. Juliano foi ao encontro destes. Não para manter o *statusquo,* mas para insuflar no paganismo novas directrizes e preceitos que o tornassem aceitável pelos próprios filósofos. As doutrinas neoplatónicas, misto de subtilezas metafísicas e quimeras religiosas, seduziram o novo imperador, que desde logo resolveu reunir os sistemas

anteriores numa vasta síntese, que actuaria eficazmente, dando ao mundo a religião de que realmente carecia para a geral pacificação. Essas doutrinas, que não rompiam com o passado, antes salvavam, por explicações morais e até certo ponto racionais, os deuses do Olimpo, tantos séculos protetores do povo romano e do Império que fundaram, contribuíram a despertar finalmente os sofistas e com eles numerosos espíritos, descontentes com a feição que a Igreja começava a tomar. Mandando reabrir os templos, ele próprio deu o exemplo, praticando publicamente o antigo culto.
É conhecida a espantosa actividade que desenvolveu durante os vinte meses do seu governo, visitando cidades e províncias e escrevendo ao mesmo tempo numerosas cartas a governadores, intendentes, sacerdotes e amigos espalhados por todo o Império. Algumas dessas cartas são verdadeiras pastorais, como as que dirigiu a Arsácio, soberano pontífice da Galácia (1) e a Teodoro, também soberano pontífice, a quem põe de sobreaviso contra os "ímpios Galileus, lepra da
(1) "O helenismo não progride como nós desejamos, por culpa dos mesmos que o professam... Ameaça e persuade para os tornares virtuosos, ou então destitui-os de seu ministério sagrado, se eles, com suas mulheres, filhos e serros, não/dão o exemplo do respeito para com os deuses. Seguidamente, não permitas que padre algum frequente o teatro, beba em tabernas ou exerça misteres vergonhosos e baixos. Honra os que obedecerem e expulsa os que desobedecerem". (Oeuvres, carta 49, p. 413).

sociedade humana" (1). Podem considerar-se também obras teológicas as que escreveu *Sobre o Rei Sol, Sobre a Mãe dos Deuses* e a *Caria a um Pontífice,* que os copistas cristãos mutilaram, suprimindo grande parte dela.
Dos escritos de Juliano o que, porém, mais retumbância teve foi o denominado *Contra os Cristãos ou Refutação dos Evangelhos.* Para bem se avaliar a profunda impressão causada por tão certeiro quão eloquente libelo, basta considerar o desespero que S. Jerónimo revela numa das suas cartas. Diz ele: "Quando Juliano Augusto partiu para a sua última expedição, vomitou contra o Cristo sete livros injuriosos, que não pretendo refutar, para não ter de esmagar este cão raivoso sob a clava de Hércules".

V. Em.a, que tanta vez tem lido e admirado os escritos deste doutor da Igreja, a quem Deus" em sonhos, acusara de ciceroniano, pela admiração que sentia pelo grande orador e escritor romano, deve ter estranhado, como eu e como toda a gente, semelhante imodéstia e destempero. Mas o solitário da Tebaida disse mais: "Além de que não é necessário combater um inimigo a quem o Nazareno, que tanto escarneceu, fez

(1) "Qual a comissão de que vou encarregar-te? É a intendência geral de tudo o que diz respeito à religião na Ásia, autoridade sobre os padres do campo e das cidades e o direito de julgares os actos de cada um. Nestas funções, , a primeira qualidade é doçura; a seguir, a bondade e huinanidade para os que dela forem dignos. Quem for injusto com os homens, falta às leis para com os deuses. *(Idem* carta 63, p. 438.

sentir no flanco, em punição da sua linguagem despejada, a ponta aguda duma lança" (1). Senhor! que pequenez e que miséria num homem daquela envergadura! Bem diferentemente procedeu S. Cirilo, filho espiritual de Alexandria,, que, um século depois, à vista dos estragos que o famoso libelo continuava fazendo entre os cristãos, decidiu vir à estacada e responder, não como brigão de viela, mas como homem culto e sociável. E bom foi que assim procedesse, pois sem tal refutação não teríamos hoje esses excertos, verdadeiro modelo de polémica teológica. Nessa refutação abrangeu apenas três dos sete livros em que se dividia a obra. Porque morreu antes de concluir o seu trabalho?

Na opinião de Talbot, tê-los-iam destruído, em virtude duma constituição de Teodósio, o Moço, determinando que em toda a parte onde se encontrassem obras de Porfírio ou quaisquer outros escritos contra o culto cristão, fossem apreendidos e queimados. E os de Juliano foram os mais avidamente procurados e odiosamente destruídos, a julgar por S. Jerónimo. Mas para quê, se tal perseguição apenas redundava em prejuízo das instituições que a ordenavam? Já nesse tempo o helenismo poderia afirmar que a violência éo argumento dos que não têm razão. Ou, como o próprio Juliano aconselhou numa das suas cartas: "É pela razão e não pela violência que poderemos convencer. Precisamos ter mais piedade que ódio para com gente bastante desgraçada

(1) Recorremos às citações de Talbot, o erudito anotador das *Obras* de Juliano, p. 1 e 2.

por se deixarem enganar em coisas da mais alta importância" (1).

Vale a pena demorarmos a vista sobre esta figura singular - o mais austero, culto e caluniado imperador de Roma. Apóstata lhe chamaram os cristãos. Nada menos exacto, pois foi sempre um devoto coerente, cuja fé o acompanhou até à morte, como as suas obras testemunham. Que fora educado cristãmente. Mas que fé poderia ele ter numa religião que tanto louvara e engrandecera o assassino de quase toda -a sua família? A razão maior da sua antipatia foi, porém, o terem abusado da sua infância e das horríveis desgraças que sofreu, para o levarem à força para a Igreja. Se ao menos essa religião harmonizasse a divindade com a filosofia, a fé com a verdade... Mas se Paulo e os seus continuadores a incompatibilizaram com a civilização! Colocam-no também entre os perseguidores dos cristãos. Outra injustiça, visto que sempre recomendou e praticou a tolerância para com todos. Segundo Araiano Marcelino, "não houve exemplo de que a religião dos partidos tivesse qualquer influência nos seus decretos ou sentenças" (2). O que o historiador Libânio confirma, dizendo que felicitava os que o seguiam no -culto aos deuses e convidava os outros a imitá-los, mas sem constranger fosse quem fosse. E foi este espírito de tolerância que o levou a chamar os exilados pelos seus antecessores:

(1) ***Obr. cit.*** **carta 22, p. 420.**

(2) ***Obras*****, 22-10,**

ortodoxos, arianos, novacianos, donatistas, sem destituir os que ocupavam as sés dos bispos banidos. Restituiu os bens confiscados e proibiu que se perseguissem os cristãos. "Esta gente é piedosa à sua maneira, porque o Deus que eles adoram é o Ser realmente poderoso e bom, a quem nós próprios dirigimos orações sob outros nomes" (1).

Outro aspecto da sua individualidade: Convidou para o seu palácio bispos e doutores de seitas diferentes, fornecendo passaportes que lhes davam direito a viajarem na posta imperial,

dizendo-lhes cortezmente: “De futuro, cada um pode, sem receio, professar o culto que prefira; ninguém lho impedirá, mas acabem com as vossas disputas; vivam em paz”. Isto dizia ele, em presença da fornalha religiosa que abrasava o oriente cristão. E acrescentava: “Não permitimos que nenhum galileu seja levado à força para os nossos altares. Pelo contrário, exigimos daqueles que desejam vir aos nossos sacrifícios, que comecem por se purificar; concedemos aos Nazarenos o direito de se reunir, sempre que queiram, com a condição de não provocarem sedições... E vós, adoradores dos deuses, evitai despojar as casas dos galileus e cometer violências contra “les” (2). Era, como se vê, um pagão diferente dos outros, pois o seu paganismo divergia do de Roma e da Grécia, tanto como do do Egipto e da Síria. O seu tratado sobre o Rei Sol “foi o Evangelho do novo culto oficial” (3).

(1) *Carias.* 7 e 63
(2) Carta 52.
(3) V. Duruy, Hist. Rom.
178
Não entraremos na apreciação do seu sistema teológico, porque nos levaria longe. Digamos, no entanto, que este teólogo era um homem de alta probidade, moral e política. Diz ele, numa das suas pastorais: “Como a vida do padre é mais augusta que a do político, convém traçar-lhe preceitos e favorecer as vocações. Antes de tudo, é preciso praticar a beneficência e socorrer os pobres. Há entre eles alguns de costumes irrepreensíveis; desprezá-los seria desprezar os deuses. Faz-se obra piedosa dando, mesmo aos inimigos, alimento e vestido. A nossa solicitude deve estender-se mesmo aos malfeitores encerrados nas prisões; porque esses homens são nossos irmãos e é ao homem que se dá e não aos seus costumes. Três virtudes são necessárias: a bondade para com os homens, a castidade para com o corpo e o cumprimento dos deveres de piedade”.
Um sacerdote que feriu um colega é suspenso por três meses com esta exortação: “Somos ministros para orar... Associo-me a ti para suplicar aos Deuses o perdão da tua culpa” (1*).* Onde encontrar devoto mais fiel, místico de fé mais pura? Um dos seus hinos de piedade tem o seguinte fecho: “Suplico ao Sol, rei de todos os seres, que responda à minha dedicação por sua "graça e me conceda uma existência pura, a ciência das coisas divinas e, quando soar a hora derradeira, um doce fim, seguido de fácil vôo para ele, e, se for possível, a permanência eterna no seu seio”.
(1) Carta 62.
179
Mas - perguntar-nos-ão os que só leram as diatribes de S, Jerónimo - como conciliar tanta bondade e tolerância com os escritos em que afastou do ensino público o clero cristão? As razões deu-as ele, com a clareza e precisão que lhe eram próprias: “É que ao dissertarem sobre as obras-primas da Grécia, em que os deuses surgem constantemente, não convinha que homens inimigos dos imortais desvirtuassem as histórias divinas ou mentissem à sua consciência, apresentando-as com o sentido próprio”. Além dessa absurda regalia, tirou aos bispos a jurisdição voluntária e à Igreja o direito de receber legados.
A propósito, escreve Juliano: “Os clérigos lamentam não poderem ministrar justiça, redigir testamentos, apropriar-se de heranças e recolher tudo para eles”. Mas se eram adversários do regime, se hostilizavam as leis, como poderiam mantê-los em funções daquela natureza? Daí o ter imposto à Igreja numerosas restrições. E com razão. Sabe-se, por diversos testemunhos, que entre os destruidores de imagens, sinceros na sua boa-fé, introduziram-se criaturas sem escrúpulos, que lançavam mão de tudo. Ora, com a mudança do governo surgiram as reclamações. Cidades houve que se queixaram de lhes terem roubado os tesouros dos templos, destruído os santuários, confiscado os terrenos onde se erguiam e arrancado aos deuses as jóias e estofos preciosos, com que em seguida iam ornamentar as igrejas cristãs. Juliano, proibindo as violências contra as pessoas, ordenou que se restituissem a essas cidades os bens de que tinham sido esbulhadas por Constantino e seu filho. Despojar
180
as igrejas é, dizem os católicos, autorizar sacrilégios. Mas quem nos deu o exemplo? Aos olhos das populações pagãs, despojar os templos não era também uma sacrílega iniquidade, um ultraje para aqueles que os tinham enriquecido com seus votos e oferendas?

V. Em.a não ignora as disposições tomadas no Concílio que Atanázio reuniu no Egipto em 362. Sabe, pois, que nele se renovou o símbolo de Niceia, resolvendo-se ao mesmo tempo intensificar a luta contra o paganismo. Por exemplo, não prestar nos tribunais o juramento exigido pela lei romana e excomungar todos os que servissem na administração ou no exército. Foi, além disso, proibido que os cristãos comunicassem com soldados, governadores, etc. Era um desafio em forma. Juliano não podia ficar indiferente! E não ficou, como de todos é sabido. Pois que Atanázio lhe arremessou a luva, a réplica foi o que era de esperar. Não quis, todavia, que aumentasse o número de mártires. Sabendo que tinham condenado à morte um clérigo, irritou-se contra o juiz, apesar de seu tio: "Que fizeste? Pois ignoras que não quero execuções? Que dirão contra mim, agora que lhes demos um mártir?"
Da mesma opinião eram os seus amigos. Libânio escreve ao governador da Fenícia: "Liberta Orion, antes que faças dele um santo". O príncipe decretava, enquanto o sábio discutia. A sua grande obra contra os cristãos é colocada por Libânio acima da de Porfírio, e os seus argumentos tão solidamente deduzidos, que a crítica moderna deles lança mão com frequência. No dizer de São Cirilo, essa obra de Juliano teria
181
abalado a fé de quantos a leram e meditaram. A sua análise principia no Génesis, donde recolhe contradições e absurdos sem conta: "Deus, vendo o homem só, criou a mulher. Para quê? Para a perder". "Que pensar da serpente que fala? E em que língua?" "E são os judeus, criadores dessas fábulas, quem ridiculariza as da Grécia!" "Deus escolheu os judeus como seu povo eleito. Que bondade e que justiça as desse Deus que abandona todos os outros povos!" Descendo agora aos Evangelhos, observa: "Esse Jesus que comandava espíritos, que marchava sobre o mar, que expulsava demónios e que, segundo pretendeis, fez o Céu e a Terra, esse Jesus não conseguiu mudar, para a sua própria salvação, as opiniões dos seus amigos e parentes" I "Vós não observais os preceitos que nos legaram os apóstolos; e isto sucede pela perversidade e impiedade dos seus sucessores, porque nem Paulo, nem Mateus, nem Lucas, nem Marcos ousaram dizer que Jesus fosse Deus. Mas o excelente João, havendo notado que grande número de cidades gregas e italianas tinham sido atingidas dessa doença e sabendo sem dúvida que os túmulos de Pedro e Paulo eram honrados em segredo, foi o primeiro que ousou sustentar esta doutrina. Diz ele: o *verbo fez-se carne e habitou entre nós.* Como? Teve receio de o dizer. E então procurou enganar-vos docemente, lançando o caso à conta de João Baptista: *Ele* (Jesus) *é o Verbo de Deus.* Outra pergunta que dirige aos Judeus: "Quem é esse Jesus, subornador dos mais desprezíveis judeus, e que só agora, três séculos depois, é conhecido? Este Jesus, que nada fez no percurso da sua vida,
182
a não ser curar alguns coxos e endemoninhados? - Quão superior é Esculápio! Acrescentemos que todos os charlatães e todos os impostores que tem havido foram ultrapassados por Paulo". Do trabalho de Juliano o que mais nos interessa agora é a parte que se refere à mãe de Cristo. "Diz Isaías: "Uma virgem trará no ventre e dará à luz um filho" (1). Suponhamos que isto é dito a respeito de Deus, embora tal não seja, porque esta mulher não era virgem, visto ser casada e, antes de ser mãe, ter dormido com seu marido. Mas enfim: concedamos que assim fosse. Onde, porém, é que Isaías diz que a virgem parirá um deus? Mas se Deus ou aquele a que chamais Verbo vem de Deus, e se é produzido da substância do Pai, porque chamais à Virgem *mãe de Deus,* sendo criatura humana como nós? Além disso: como é que, tendo Deus dito expressamente "Eu sou, e não há outro salvador além de mim", ousais chamar Salvador ao filho de Maria?"
E, sobre a mãe de Cristo, nada mais. E não foi pouco: o bastante para ajudar Celso, Porfírio, Ario e tantos outros a enterrar a criatura. Não incluo entre os coveiros Paulo e Pedro, pretensos fundadores da Igreja Católica, porque não é preciso. Apesar disso, sempre ouso perguntar: porque não falaram eles dessa Virgem Maria? Sobretudo o primeiro, que tanta epístola escreveu e tanto sermão pregou durante as suas dilatadas viagens? Responderá por nós um grande poeta:
(1) Cap. 7. V. 14.
183
"Nesse ponto, Senhor, a história é muda" (1). Duas palavras ainda sobre esse grande espírito tão caluniado pela Igreja. Ia ele já a caminho da guerra em que havia de morrer, e ainda a sua tolerância o não deixara, como nos dizem as disposições que tomara em Antioquia acerca dos

cristãos que o odiavam e da mocidade viciosa e fútil que o achincalhava pela simplicidade dos seus hábitos. Há pouco disse-nos S. Jerónimo que fora Jesus quem o matara, com a ponta aguda duma lança, "em punição da sua linguagem". V. Em.a porém, não faz de Cristo esse juizo, visto que os Evangelhos o apresentam oferecendo a face esquerda aos que lhe esbofeteavam a direita. Além de que também perfeitamente sabe, desde que estudou e ensinou os grandes factos da história romana, que a morte de Juliano foi devida à sua imprudente coragem. Avançando, sem couraça, na guerra contra os Partos, um dardo dos inimigos atin-giu-o. Arrancando-o por suas próprias mãos, procurou ocultar a gravidade do golpe, na intenção de evitar o pânico entre os soldados. Vendo, porém, que a ferida continuava sangrando, chamou os íntimos, a quem ditou disposições. Como Sócrates, sabendo que pouco viveria, procurou também consolar os seus amigos, falando sobre a imortalidade da alma. Continuando a respirar com dificuldade, pediu água, bebeu e expirou sem agonia. Era a morte dum sábio, que não completara ainda 32 anos de

(1) *G. Junqueiro,* "Pátria", p. 63.

idade. Apesar de tão moço, Roma perdia um dos seus maiores imperadores.

E agora que findamos esta longa jornada, seja-me lícito formular-lhe uma ou duas perguntas:

- É também dos que admitem que as coisas que nunca tiveram nem podem ter realidade podem ser ofendidas?

Admite igualmente que possam malsinar-se os filósofos gregos que negaram existência real às divindades pagãs? Lucrécio, Cicero, Luciano de Samosata e outros não só negaram como também achincalharam os deuses, tanto na Grécia como em Roma, apesar de terem contribuido, durante séculos, para a glória das respectivas pátrias. Acha que foram ímpios desprezíveis?

Admite ainda que negar ou ridicularizar um mito seja desonrá-lo?

Isto posto, vamos retroceder até reatarmos o fio da meada em que pretenderam enredar-me, fio quebrado no fim da terceira parte deste livro (página 103).

Mas antes de o atarmos, preciso dirigir-lhe ainda uma última pergunta que, de resto, as anteriores me estão autorizando.

Aceita os ultrajes dirigidos ao autor deste livro, agora que ele acabou de demonstrar que não lhe era possível ter insultado e muito menos desonrado tanto esse Cristo como essa Virgem-Mãe?

Bem sei que não pode, nem lhe é permitido responder, mas o seu silêncio é mais eloquente que a palavra.

E sendo assim, reatemos o fio.

QUINTA PARTE

O NÚMERO DOS TOLOS E DOS CEGOS CONTINUA SENDO INFINITO, COMO NOS TEMPOS BÍBLICOS

I - A NOVA PADROEIRA E O CLERO EM CAMISA DE ONZE VARAS

Eminência:

O rodeio que fizemos foi longo, mas creio não termos empregado mal o nosso tempo. E cá estamos prontos a visitar essa tal Cova da Iria, onde a Igreja Católica, inspirada pela Companhia de Jesus, quis que, uma vez mais, depois de tantas, a Virgem Maria aparecesse aos pastorinhos. Esse embuste grosseiro, de que o clero com frequência lança mão, para mais eficazmente explorar e embrutecer o povo, se é realmente velho entre nós, aumentou assustadoramente com a vinda dos discípulos de Inácio de Loiola. Efectivamente, em menos de meio século de domínio, não havia em Portugal paróquia, por mais pobre e obscura, onde eles não obrigassem a Senhora a descer do Céu e dar audiência a pastorinhos ou procurar locais próprios para edificação de santuários, onde previamente escondiam imagens dela e do menino. Essas aparições miraculosas verificaram-se, umas vezes em tocas de castanheiros; outras, debaixo de

uma penha; aqui, junto duma nascente; além, no alto duma montanha ; mais longe, num rodeio de mato ou **num**
188
campo de ortigas (1); no Sul, sob azinheiras; no Norte, entre carvalhos, etc.
Quando folheamos as crónicas monásticas - *Agiológio Lusitano, Jardim de Portugal, Santuário Mariano* e os numerosos *Fios Sanctorum* que a paciência e a boa-fé dos seus autores redigiu e espalhou com uma profusão e grandeza próprias de quem dispunha de avultados recursos - uma coisa nos assombra e entristece: como foi possível encontrar ambiente para escrever o que ali se contém? Mais ainda: como houve quem os tomasse a sério? Onde estômagos que digerissem tanta palha, de mais a mais misturada com quanto cisco, poeiras e detritos a estupidez foi acumulando? Que ideias fariam esses frades da mentalidade dos leitores e ouvintes dessas épocas? É certo que alguns deles acreditavam tanto nas aparições que descreviam, como nós. Porque V. Em.a, sendo inteligente e culto, também não pode admiti-las. Pois quê: anular raciocínios, experiências e certezas, a ponto de aceitar, por exemplo, que a prioresa dum dos nossos mosteiros mandasse parar o Sol até que a comunidade concluisse as orações do coro *()*, e que outra, todas as noites, jogasse as cartas
(1) **Alusão à Senhora da Ortiga, em Fátima, que não vingou precisamente porque abundavam as ortigas, mas faltavam nascentes.**
“Viram o que a venerável Madre lhes prognosticara? admirando todas que por mais de uma hora esteve o Sol parado, renovando-se neste prodígio as memórias de Josué”. (Fr. José de Santo António-*Fios Sanclorum Augusliniano*, primeira parte, p. 31. Em 1721, com todas as licenças-do Provincial, do Santo Ofício e do Paço).
189
com o Menino Jesus? (1) Todavia as crónicas monásticas e os agiológios estão cheios de maravilhas dessa natureza, maravilhas que hoje ninguém tem coragem de aceitar, quando mais não seja pela baixa mentalidade que revelam.
Ora, não admitindo as mil e uma aparições de Santas Mães, com que os antigos mentores da Igreja portuguesa inundaram o País - Santas que ou já morreram ou dormem nos seus nichos, cobertas de poeira e de teias de aranha - como
pôde estranhar que eu medisse a Senhora da ria pela mesma bitola? Pois não a consideram, como as outras, esposa do Espírito Santo? Não deu à luz também o Filho do Altíssimo? Apesar de não trazer o tal menino ao colo já alguém lhe negou o título de Mãe? Sendo assim, porque motivo lhe dedicam tão diferente tratamento? Porque razão é que só ela tem direito a percorrer o mundo? Porque não vão também as Senhoras da Penha, da Rocha, da Nazaré - essas e outras, todas de grande crédito e muito mais antigas? Porque as abandonam, a ponto de muitas delas servirem apenas para esconder as ratazanas que ali criam os filhos, em ninhos feitos com os mantos de seda ou de damasco, que os antigos devotos lhes ofertaram?
As perguntas que aí ficam podia tê-las formulado nos escritos a que V. Em.a lançou a excomunhão maior. Não o fíz. Como tampouco desmenti aparições de Santas, nem denunciei as

(1) Vida de Maria da Purificação, escrita pelo “eu cos feMor, Fr. Caetano do Nasciment”.
190
contínuas e numerosas fraudes de que o clero lança mão para esbulhar a pobre gente que tudo aceita e tudo paga. Que razões me levaram a não carregar em demasia as tintas dum quadro de si tão escuro? Muitas, sendo a principal não querer, naquela altura, ferir ao vivo a crença popular, ontem, como hoje, rebaixada por superstições de toda a ordem. Ora, as razões que então me impediram de o fazer não subsistem hoje, e por isso vamos agora dizer tudo, com precisão e clareza.
Efectivamente, eu podia ter dito e demonstrado, à luz de numerosos testemunhos, que não sendo Jesus pessoa humana mas apenas um Deus como tantos com que a imaginação dos crentes povoou os velhos panteões egípcios, caldaicos, gregos e romanos, não podia ter mãe, a não ser nas mesmas condições em que esses as tiveram. Se até Júpiter, pai dos deuses, deu à luz pela cabeça e pela coxa! A Igreja, porém não obstante as nuvens, disfarces e mistérios com que, na sucessão dos tempos, cercou os berços de Jesus e Maria, persiste em afirmar que esta foi mãe daquele, segundo a carne. Mas, se queria dar-lhe uma base consistente, uma origem aceitável, porque deixou circular os Evangelhos? Porque não fez aos quatro o mesmo que a tantos outros?

Porque os não eliminou e com eles os numerosos documentos que demonstram à fraude com que pretenderam dar realidade a sonhos?
Melhor do que ninguém conhece V. Em.a os textos bíblicos, e por isso bem sabe como neles vem narrada a concepção e nascimento desses
191
primos que se chamaram João, filho de Isabel, e Jesus, filho de Maria. Aquela, esposa dum velho sacerdote, cuja idade lhe levara toda a força genética, e esta de outro velho em igual posição de virilidade. Mas conceberam, primeiro aquela e depois esta, graças à intervenção do Espírito Santo, anunciado a ambas por um mensageiro do Altíssimo.
Veja V. Em.a a meada, tão mal tecida, em que envolveram aqueles meninos. Como se alguém, já nesse tempo, desse fé a casos desta natureza, tão vivamente achincalhados na religião pagã, em que os deuses e as deusas desciam igualmente do Céu, a misturar-se carnalmente com as filhas dos homens. Efectivamente, essas concepções por agentes divinos ensaiaram-se no Egipto, em Roma, no Irão, mas o tempo e a crítica dos filósofos fizeram-nas cair em tal descrédito, que ninguém supunha poderem repetir-se. Pois repetiram, como os Evangelhos testemunham. Repetiram-se então, mas para nunca mais, tão desacreditados estavam já esses expedientes e aviltados os charlatães que os promoviam. Nenhum Deus, que me conste, voltou a fecundar filhas dos homens. Outro tanto, porém, não sucedeu às mães que os deram à luz, uma das quais V. Em.a apadrinhou e agora passeia pelo mundo, não avivando a fé ou distribuindo graças, mas em função de recolha de fundos.
E pois que ela tanto subiu na escala do maravilhoso cristão, dominou tão completamente os velhos santuários, chamando assim o exclusivo do milagre e tributação correspondente (porque na Igreja tudo agora se paga, mormente
192
a salvação das almas); e porque é hoje uma figura portuguesa de projeção universal, bom é que apareça agiógrafo que lhe ilumine o berço e célebre, não as suas andanças pelo mundo, que já todos conhecem, mas as graças que houve por bem distribuir sobre o País que a viu nascer e crescer até passar além das outras.
Porque esta não é das tais que antigamente “desciam lá do alto, aureoladas por estrelas, entre os coros dos anjos. Como a de La Salette e a de Lourdes, também nasceu em sítio ermo, -entre crianças que guardavam rebanhos, além, na tal Cova da Iria. E, como para muitos é desconhecida ainda a sua crónica, justo é que ninguém ignore a “maravilha fatal da nossa idade”, que é realmente edificante. Comecemos a eito.
O Dr. Luís Cebola, especializado em doenças mentais, e, nessa altura, director da Casa de Saúde do Telhal, sabendo que eu andava coligindo elementos para a história do embuste de Fátima, garantiu-me o seguinte: O seu amigo, Padre Fernando Eduardo da Silva, capelão militar já falecido, procurara-o, um dia, para " -dizer-lhe que não desejava ir desta vida sem lhe confidenciar um facto que supunha da maior gravidade para a Igreja Católica, de que era ministro. E narrou o diálogo havido em Torres Novas, entre três sacerdotes: o pároco de Fátima, o fanático Benevenuto de Sousa e outro, cujo nome lhe esquecera *().* Perguntado o primeiro
(1) Manuel Marques Ferreira.
(2) Padre Abel Ventura do Céu Faria, prior de Setça.
193
sobre como lhe corria a vida na paróquia, respondera: “Aquilo não dá nada. Região pouco produtiva, gente miserável, sem iniciativa...” Então, o que perguntara lembrou-lhe: “Tens uma maneira de enriquecer depressa: provoca uma aparição como a de La Salette ou a de Lourdes e cai-te lá o poder do mundo!”. O de Fátima ouviu, pensou um bocado e replicou: “Pensas bem. O meio presta-se para coisas dessas!” E logo ali combinaram promover, sem perda de tempo, a aparição, entrando os três no negócio. Como, porém, rebentasse a grande guerra de 1914, os trabalhos da empresa foram suspensos até 1917.
Redigida esta nota, mostrei-a ao ilustre psiquiatra, que a declarou exacta.
Continuando na pesquisa de elementos, tempos depois encontrei-me com o velho democrata Manuel Duarte, que me informou doutro caso não menos valioso: a conversa que o bispo de Leiria mantivera com o Dr. Egas Moniz, meses após a farsa das aparições de Fátima. Esse eminente cientista, meu antigo colega nas Constituintes da República, em 1911, foi por mim

imediatamente procurado no seu consultório, onde confirmou inteiramente o que havia contado ao proprietário lisbonense:
Regressando da sua aldeia, encontrara no comboio o referido bispo, D. José Alves Correia da Silva, seu condiscípulo e amigo de muitos anos. Voltava este duma estância termal, onde fora em busca de alívios para o mal que o flagelava. O professor falou do seu artritismo, alvitrou drogas, deu conselhos, até que veio à baila o problema religioso, que tanto se modificara

após a guerra de 1914. O bispo emitiu a sua opinião, relatou os trabalhos apostólicos do episcopado português, especialmente os respeitantes à sua Diocese. Uma coisa, porém, o andava confrangendo: era o caso de Fátima, em que estavam envolvidos alguns párocos, um dos quais excessivamente falador. (É possível que falasse também no velho e astuto Benevenuto, grande empresário de santuários).
"Compreendes - continuou o bispo - a minha
preocupação e receio de que tudo redunde num fracasso, ou, melhor, num desaire para a Igreja de que sou representante". (Deve ter-lhe recordado o escândalo de La Salette, que acabou nos tribunais, com grave desprestígio para a religião. Estava também na memória de todos o desfecho que tivera o caso do santuário da Senhora de Lourdes, que o referido Benevenuto mandara construir em Torres Novas - totalmente arrasado pelo povo, irritado com os abusos que à sombra dele se cometiam) (1).

(1) Tenho à vista um dos apelos feitos pelo referido Benevenuto ao povo da sua região, em Maio de 1910. Dele transcrevo apenas a seguinte passagem: "As ofertas podem consistir em uvas, figos, legumes, trigo, milho, mosto, vinho, etc, etc, ou em dinheiro". E fecha: "Gratidão à Virgem Imaculada! Ofertemos-lhe, dos frutos das nossas propriedades, o melhor!" A monarquia, para manter as instituições que vigoravam então, permitia, aconselhava e tomava parte nestas manifestações de fé. A República, dispensando a protecção do Céu, transferiu para o Povo o direito de regular o seu destino. E Torres Novas começou por derribar o santuário e entregar à polícia o charlatão. Quando se viu preso no Governo Civil de Santarém, o impostor Benevenuto chorava como uma criança. (V. meu artigo em *República Portuguesa,* Outubro de 1910).

O professor procurou sossegar o espírito inquieto do bispo. "Dize-me: isso está limitado à acção do clero local? O povo não colabora?" O bispo esclareceu que a concorrência ao santuário era já muito grande e que aumentava dia a dia. E o cientista, que é também hábil psicólogo: "Uma vez que o povo tomou conta do caso, sossega, porque só ele poderá desfazer o que está feito. E sabes bem que o não fará na tua diocese, uma das mais devotas da nação. Pelo que me dizes, o povo já proclamou a aparição, já lhe ergueu santuário e corre em chusma para ele. Tu preveniste o clero numa pastoral para que não tome partido pró ou contra. Fizeste bem. Salvaguardaste o prestígio da Igreja para a hipótese de qualquer fracasso. E agora, caro amigo, lá vai a minha profecia: Dentro de pouco tempo terás de sancionar a voz do povo, e tu próprio acabarás por presidir e orientar os negócios de Fátima".
Confirmada a narração de Manuel Duarte, pedi-lhe que me autorizasse a inseri-la num trabalho que andava preparando. "Com o meu nome? De maneira nenhuma! Não me envolva em tal coisa! Entre outros motivos, porque sou velho amigo do bispo, a quem devo atenções, algumas até de ordem sentimental... Não, caro amigo, ponha-me fora disso!".
Pouco tempo depois (28 de Fevereiro do ano corrente) encontrei no Chiado, observando a montra dum livreiro, o professor Bissaia Barreto, que V. Em.a bem conhece, desde as lides universitárias de Coimbra. Não encontrando novidades que nos interessassem, começámos descendo a rua e, conversando, a certa altura.

consegui meter o problema que tanto preocupava o meu espírito. O catedrático emitiu o seu ponto de vista e eu defendi o meu com o calor que ponho sempre nas coisas a que me devoto. Ele então deteve os passos e preveniu-me, como amigo que é de há muitos anos: "Toma cuidado! Essa atitude pode acarretar-te graves dissabores, como já tem acarretado a outros!" E exemplificou: "Há tempo, um professor duma universidade católica alemã veio a Portugal estudar o caso de Fátima. Foi à Cova da Iria, assistiu a peregrinações, passeou pelas aldeias e, depois de muito ver, ouvir e comparar, remeteu para o seu país as impressões colhidas. Tanto bastou para ser expulso de Portugal!"
Reparo agora que este é o terceiro médico a fornecer-me elementos para a história do maior embuste deste século. Deste e do anterior. Mau agoiro para a sua Peregrina! Em França, a

machadada que mais fundo atingiu a colega de Lourdes foi-lhe vibrada por um médico, o célebre Charcot, director da Salpétrier. Médicos foram também os que desmascararam a embusteira de Alfândega da Fé - perigosa concorrente da de Fátima. Mau agoiro! - repito.
Mas não divaguemos, pois temos ainda "muito que contar", como diz o poeta ao celebrar o regresso da nau em que vira o Diabo em figura de gente.
Assente, como vimos, o aparecimento da Santa, faltava o plano dos trabalhos que deviam traçar com o maior cuidado e segurança, não fosse acontecer-lhe como ao pároco de Cops, no caso de La Salette. Este manobrara com tal pressa que, em lugar duma Virgem Santa, que

viria do Céu, apareceu uma ex-religiosa, a menina Merlière, que nos dias das aparições vinha de trem que a largava em certo ponto, donde subia ao monte, por veredas ocultas ao olhar dos profanos. O pior foi ter falado de mais, e tão pouco a propósito, que acabou por ser chamada a prestar contas à Justiça e condenada como embusteira. Ela e o pároco, organizador do embuste (1).
Em Portugal, país onde o laicismo se arraigara profundamente na alma popular, as coisas tinham que ser vistas a uma luz em que a prudência ocupasse o primeiro lugar. Assim o impunha a vastidão da empresa projectada. Começariam por visitar a região, a fim de escolherem o local mais adequado ao intento. Isso fizeram, assentando que a Senhora apareceria junto duma azinheira ou outro arbusto, para não copiarem La Salette nem Lourdes. E a azinheira surgiu, frondozíssima, no Chão das Maias, arredores de Junceira, concelho de Tomar.
Tudo parecia correr bem. Sítio aprazível, possibilidade de comunicações, o Nabão perto...
Quanto à Santa, o nome também estava achado: denominar-se-ia Senhora dos Catorze, por ser esse o dia escolhido para a sua primeira aparição. E realmente ela teria aparecido se não fosse ter surgido também o proprietário da herdade, que não só lhes proibiu a invasão da mesma como ainda resolveu cortar a frondosa azinheira, que

(1) Um dos escritores que mais contribuiu para desvendar o embuste foi Alphonse Karr, nos seus livros *Le Credo da Jardinier* e *Dieu et le Diable.*

uma junta de bois arrastou para junto de um forno, onde se converteu em cinzas *(}).*
À vista de semelhante fracasso os empresários procuraram outro local e outra azinheira, escolhendo por fim a da Cova da Iria junto a Fátima, mas depois de terem verificado se por ali existiam ortigas, não lhes sucedesse como à outra Virgem Mãe que descera igualmente do Céu e ali poisara num rodeio dessa planta, donde lhe veio o nome (2). Não havia, talvez porque a outra, vendo que a não tomaram a sério, e antes de voltar para o Céu, tivesse amaldiçoado tal lugar e tal erva.)
Uma coisa os deve ter embaraçado: a falta duma boa nascente.
Embora: mesmo sem a linfa miraculosa, a empresa iria avante, porque outra coisa havia

(1) Informação fornecida pelo sr. António Curado Glória, sobrinho e herdeiro do professor Bernardo, que até morrer protestou sempre contra o embuste das aparições.
(2) V. *Santuário Mariano* (edição de 1707), 3." vol. p. 349, onde Frei Agostinho de Santa Maria inicia o cap. 22 com a seguinte legenda: "Da imagem de N. S. da Ortiga, em o lugar da Fátima, termo de Ourém". A seguir, narra o frade: "Referem por tradição os moradores que, andando naquele sítio do Casal de Santa Maria uma menina muda, apascentando umas ovelhinhas... lhe aparecera a Mãe do Divino Pastor, Maria Santíssima, e que lhe dissera: "Queres dar-me uma das cordeirinhas que guardas?" O resto é como em todas ás aparições de santas: a língua desprendeu-se, os ouvidos destaparam-se e aí vai ela a correr, gritando o seu milagre, pedindo ao mesmo tempo que levantem a igreja que a Senhora reclama. E começam os milagres, que afinal, pouco duraram, devido às tais ortigas, que tanto picaram e tanta comichão fizeram nos devotos, que em torno ao santuário, durante a noite, por ali se abaixavam. Comichões e brotoejas, que muito irritaram a Senhora, a ponto desta nunca mais lá voltar.

de muito maior valor - a fé do povo, que acabaria por trazer para ali as fontes que fossem necessárias.
Outro problema a resolver, e este bastante melindroso: o número e qualidade dos restantes comparsas. Neste ponto é que não viram meio *de* evitar os pastorinhos - única maneira, até hoje, de obrigar a Senhora a dizer coisas, visto que nunca se entendera com pessoas letradas. Dessa função, como era natural, encarregar-se-ia o pároco local, Manuel Marques Ferreira, que logo se rodeou de dois ou três rapazinhos, filhos de gente pobre e inculta, todos eles analfabetos, mas treinados na cartilha e no rosário. A fé vê tudo, mesmo o que não existe. Não é como a cultura, que só faz fé pelo que realmente vê, toca e analisa. Além disso, todos eles, pais e filhos, bem

ligados aos párocos pelas missas, catequeses, sacramentos e, sobretudo, pelo confessionário. É a mola real e chave de tudo em negócios de igreja - quaisquer que sejam. E este era dos de costa arriba. Estudaram juntos todos os pormenores e hepóteses, pró e contra. Um deles - <: não dos menos delicados - dizia respeito às palavras que era necessário pôr na boca dos garotos. Na deles e na da Santa, não fosse ela tagarelar como a de La Salette, ou empregar expressões idiotas, como a de Lourdes (1*).*

Os ensaios devem ter sido demorados e com bastantes arrelias para o ensaiador. Mas urgia

(1) "Eu sou a Imaculada Conceição". Nenhum francês, mesmo de mediana cultura, usaria semelhantes expressões. Não era uma criatura, mas sim o acto pelo qual é possível **a** geração. (V. a nota 3, pág. 43)

prosseguir e apressar, visto que o fim da guerra vinha perto, e um dos pontos basilares do programa era que a Santa aparecesse antes que as nações depusessem as armas e firmassem o tratado de paz. Tratado que deveria ser anunciado, dois ou três meses antes, pela mensagem que a Senhora transmitiria aos pastorinhos.

Outro passo arriscado, mas que os empresários saberiam vencer. Uma das mães era letrada. Aproveitaram a circunstância, passando-lhe a *Missão Abreviada* para ler em família (1). Golpe de mestre! Dentro em pouco, os três miúdos não só conheciam a história de La Salette, como tinham visões durante o sono. Quase todas as noites lhe aparecia a Santa, coroada de estrelas, mãos em súplica e rosário pendente. Os últimos ensaios versaram sobre as palavras que ouviriam à Santa. Poucas e acessíveis à mentalidade dos comparsas: "Eu sou Nossa Senhora do Rosário"! Apesar de tão cautelosamente ponderadas, quem não vê logo serem impróprias da pessoa a quem vão ser atribuidas? Fosse ela mais modesta e melhor conhecedora da língua portuguesa, e não teria empregado aquela fórmula, mas esta outra: "Sou a vossa Senhora *ào* Rosário", Ou, mais simplesmente: "Sou a Mãe de Jesus". Era ainda mais simples, mais

(1) "Sei que recebeu um livro com o título de *Missa" Abreviada* e que algumas vezes o lê aos filhos. É verdade?" - "É verdade!" - "Leu a história da aparição de La Salette diante de Lúcia e de seus filhos?" - "Li-a somente na presença de Lúcia e de meus filhos". *(Visconde de Monieto* - "As grandes maravilhas de Fátima", p. 71).

eufónico, mais cristão, mais tocante, e por isso de muito maior efeito. Mas o ensaiador não pensou nisso. E, se pensou, não corrigiu, firme nas palavras-de Tertuliano: *Credo quia absurdum!* (1)

Absurda foi a lenga-lenga da menina Merlière em La Salette. Apesar disso, o próprio clero admitiu-a e correu mundo, levada pela boa fé dos que nela acreditaram. Absurda foi a fala *à* colega de Lourdes, e ela aí anda na boca da inconsciência universal. Absurda foi também a da futura Peregrina, e por isso mesmo os seus devotos lhe dão crédito e a repetem aquém e além-mar. Os empresários ensinaram assim, os meninos repetiram assim, os vizinhos da Cova acharam bem, e como nem o pároco da terra nem o bispo da diocese dissentiram, eis a inconcebível fórmula transformada em dogma de fé!

Mas deixemos estes pormenores e vamos ao que mais importa.

Nos passos que se deram e falas que se trocaram na preparação da piedosa fraude, nunca o pároco foi visto. Assim era para que, fracassando o negócio, a Igreja não fosse posta em causa, como em La Salette. Outra razão havia ainda - a repulsa do cardeal Mendes Belo.

(1) O que Tertuliano realmente escreveu foi: *Mortus est Dei Filias: prorsus credibile, quia ineptum est. El Sepul lus ressurrexit: certum est, quia impossibile est. (De carne Christi, cap. 5.).* Com o tempo resumiram-lhe o conceito nessa fórmula, que Sto. Agostinho perfilhou, como se lê no *Tratado* 40 sobre o Evangelho: *Quia est fides, nist credere quod non videre? Fides ergo est; quod non vides credere.*

Homem sensato e culto, lia pela mesma cartilha daquele arcebispo de Bordéus, Mr. Guibert, que, procurado um dia por certa religiosa, portadora duma mensagem da Mãe de Deus, respondera: *{* -"Está bem. O vosso discurso interessou-me.

Portanto, a primeira vez que virdes a Santa Virgem, dir-lhe-eis da minha parte, que lhe peço para que se digne vir dizer-me essas coisas, a mim próprio. Porque eu tenho muita confiança nela e nenhuma em vós, a quem não creio capaz de entender o que ela possa comunicar-vos".

Como na diocese de Bordéus, também na de Lisboa, enquanto vivo fosse, o patriarca Mendes

Belo não permitiria aparições de santas nem de santos. Tão convencido estava de que tudo aquilo era obra de charlatães, destituídos de qualquer sentimento de piedade cristã, que desde o início proibiu a comparticipação do clero da sua diocese, no que foi realmente obedecido. E a melhor prova desse convencimento está no facto de ter
morrido em 1929 sem nunca honrar, com a sua presença, a "Lourdes Portuguesa", como desde logo lhe chamaram (1). (O cónego Formigão foi ainda mais longe, denominando-a "Paraíso na Terra"),
Mas não percamos de vista a obra clandestina do pároco de Fátima, ou sejam, as trevas do seu confessionário. Para que devia ele expor-se às

(1) "Fátima, Lourdes de Portugal... Episódios maravilhosos da Lourdes portuguesa". (Visconde de Montelo - *Fátima, Paraíso na Terra,* (Subsídios para a história da Lourdes Portuguesa), p. 123 ; *"Fátima, a Lourdes Portuguesa"*, Dr. L. Fischer; *Aparições da Santíssima Virgem,* Pe. Castro del Rio, p. 23; etc.

censuras do seu prelado, e, pior ainda, expor a Igreja a um possível rompimento da rede que se andava tecendo, se tinha à mão aquela arma, imensamente mais segura que todas as visitas e andanças que fizesse? Fortaleza invencívelI Trincheira inultrapassável! Pela confissão tudo se sabe e tudo se manobra. Dela nada transpira sem autorização do confessor, que fecha a boca ao penitente com a ameaça da excomunhão maior. Se nem a irmã a pode abrir para o irmão, a filha para os pais e - *horribile dictu!*-a esposa para o seu marido. Entre estes, sobretudo, não deve haver segredos. Pois não lhes disse a Igreja que, uma vez ligados pelo matrimónio, guardariam fidelidade mútua, visto passarem a ser duas almas num só corpo? A confissão auricular! Conspiração sinistra, mas legal para o mundo católico! Pois aí a temos actuando, noite e dia, na paróquia de Fátima, para levar à cena a tragicomédia das aparições!
Feito o ensaio geral, verificou-se que os comparsas interpretavam bem os seus papeis. Para o pano subir, faltava apenas que o demónio da guerra desse sinais de acabar. Sinais que só começaram a notar-se no início de 1917. V. Em.a deve lembrar-se bem, porque, se não estou em erro, já era de maior idade. Apesar disso, convém avivarmos as datas e os factos, porque são preciosos para a sequência desta narração.
Havia já cerca de um ano que os aliados tinham ganho a batalha do Marne - primeiro grande golpe vibrado na máquina de guerra com que o imperialismo alemão decidira subjugar o

mundo. O segundo sofreu-o na gigantesca batalha do Izer, onde amontoara grandes massas humanas e incalculável soma de munições, a fim de atravessar o Estreito e invadir a Inglaterra - o que teria conseguido se o general Foch lhe não impedisse a passagem. Em todas as frentes as tropas alemãs recuavam ou abriam trincheiras para passar o resto do inverno. E destas não sairiam tão cedo, se em Março de 1917 os aliados não promovessem a célebre conferência de Doutens em que se encontraram, frente a frente, o presidente da República, Poincaré, Clemenceau, Loucher, os generais Foch e Pétain, o marechal Douglas e lord Mimer. Feito o balanço das forças aliadas e estudado o valor das suas posições, determinaram que Foch tomasse o comando supremo. Organizado o seu quartel-general, imediatamente se traçou o vasto plano que entraria a executar-se no mais curto espaço de tempo.
Efectivamente, a 3 de Abril de 1918, as forças aliadas, agora sob o comando único, de tal modo cumprem as ordens recebidas, que em breve os alemães são empurrados sobre o Aime e o Vesle (0. Ganha esta batalha, automaticamente ficam desafogadas Paris, Chateau-Tierry, Soissons e duzentas cidades, donde resultou ficarem prisioneiros 35.000 soldados e apreendidos 700 canhões, além de outro material, onde avultavam as munições. Seguiu-se a segunda batalha e vitória do Mame. Vendo o adversário aturdido e desmora-

(1) Foi nesta altura que Foch garantiu a Pétain: "Le boche est arrete. Maintenant nous allons tachar de faire mienx. *(Illustration,* 13-4-918).

lizado, os aliados tentam e conseguem desorganizá-lo completamente, vibrando-lhe ataques incessantes. Em quinze dias de ofensiva, não se registou um único recuo. Foi nesta altura que também em Fátima se preparou a ofensiva contra o bom senso do povo português. Os alemães, confrades e aliados do episcopado português - na primeira, como na segunda guerra - deram o

que tinham a dar. Via-se bem que o novo *delenda Cartago* ia soar. Mais alguns meses, ou talvez poucas semanas, e a grande tragédia findaria, com plena vitória para os aliados, entre os quais se contava Portugal, um dos mais sacrificados nessa guerra (1).

Os depoimentos feitos e há muito divulgados pela imprensa e pelo livro habilitam-nos a reconstituir toda a mistificação, sem esquecer particularidades nem minúcias - exceptuando, é claro, as que atrás deixamos registadas. Outras há, todavia, que também não foram reveladas, apesar de igualmente valiosas. A essas nos vamos dedicar, certos de que muita luz projectarão, tanto sobre a misteriosa actuação dos fundadores da grande empresa, como ainda sobre a vida oculta e pública da vossa Peregrina.

(1) Basta lembrar o 9 de Abril, de que foram culpados os germanófilos portugueses, chefiados por Sidónio Pais, que teve sempre o apoio incondicional do clero, ajudando-o a encher as cadeias e avolumar deportações e exílios. Por isso O conservam ainda nos Jerónimos. E a canonização do ateu, quando virá?

II
AINDA A CAMISA DE ONZE VARAS

Senhor Patriarca de Lisboa:

Bem sei que tenho vindo a ensinar o Pai Nosso ao vigário, que neste caso é V. Em. Mas se tudo sabeis, e melhor do que ninguém, não o sabe a grande maioria do povo português, especialmente os desgraçados que, à voz do clero, suspendem as sachas e as ceifas, abandonam o boi e a charrua, e aí vão todos em corda, como os carneiros de Panúrgio, ou as lagartas dos pinheiros, na convicção de que quanto lhes dizem, do altar e do púlpito, é palavra de Deus, que não engana. Vamos, portanto, ao seu encontro, e digamos-lhes tudo, a fim de os libertarmos da sua cruz e do que lhes falta percorrer na via dolorosa a que a ignorância e a miséria os condenaram. Se não pudermos aliviá-los, nem fazê-los arripiar caminho, ao menos tenhamos piedade!

Eminência: Os cegos viram e os surdos ouviram. Mas, cegos e surdos que eram, desde o berço, só conseguiram ver e ouvir coisas que nunca aconteceram nem poderão acontecer. Outro tanto não sucedeu aos que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, pois que só vêm e ouvem

O que realmente pode ver-se e ouvir-se. E que "viram, e que ouviram estes? Pequenas aldeias assentes num planalto calcário e pedregoso, lamacento no inverno, poeirento na estação calmosa, e onde a miséria é secular, devido não só à constituição do solo, mas ainda ao atraso mental em que o povo se mantém. Viram por toda a região, além de igrejas paroquiais, muitos cruzeiros, “alminhas”, capelas, santuários... “Terra de fé” lhe chamam uns (1); de “nostalgia e de miséria”, dizem outros (2); “de superstições e incultura”, afirmam todos.

Os padrões, que testemunham a fé da pobre gente - tão pobre, que até uma das anarecidas quis vestir-se também humildemente (3) - esses

(1) O Melo e Alvim, autor da narração “Fátima - Terra de ré”, 1943. O mesmo afirma Leopoldo Nunes: “A população, laboriosa e simples, é profundamente religiosa, como de resto sucede em todo o distrito de Leiria. Os sacerdotes não têm que conquistar ali novas almas para o serviço de Deus. Impressionam pelo recolhimento com que rezam, entoando louvores a Deus e à Virgem”. (Fátima, p. 17).

(2) A serra é cinzenta, escalvada, seca e árida... Não há uma árvore. Crescem os chaparros, as urzes e as ervas selvagens... A Cova lembra um braseiro apagado, em que se consumiram, ao calor do sol, milhões de ervinhas, que a custo rompiam a crosta endurecida... A região é pobríssima; a terra pouco fecunda... Aljustrel, onde nasceram e viveram os três pastorinhos..., é um pequeno aglomerado de casas térreas, humildes e escuras. As paredes lembram corpos descarnados, com os ossos rompendo os tecidos brandos e a pele. A vida custa, porque a terra é dura”. *(L. Nunes*, obr. cit., 9-10-54).

(3) “A Senhora (como quem tanto amou a pobreza) não quer ser rica entre vizinhos tão pobres”. *(Santuário mariano,* p. 337).

padrões, ninguém os conhece melhor que V, Em.a por ter lido e relido Fr. Agostinho de Santa Maria, que, no seu abundoso *Santuário Mariano,* faz perfilar, em série, as santas virgens que desceram do Céu para edificação e glória da diocese de Leiria, desde a que D. Afonso Henriques adorou no seu castelo até que apareceu aos pastorinhos na tal Cova. Tais e tantas, que só no concelho de Ourém avistou dez - as que lhe ficavam no caminho, pois havia outras,

escondidas na serra e no fundo dos vales. São elas: Senhora do Fetal, de Seiça, da Olaia, de Ridecouros, da Ribeira do Olival, da Purificação das Freixiandas; do Amparo, em Melroeira; da Ortiga, junto a Fátima; das Mercês, era Alqueidão da Mouta, e do Festinho, em Ribeira do Olival. Por intervenção de todas elas, o Céu obrara maravilhas sem conta, mas como nem o espaço nem o tempo nos permitem acompanhar o agiógrafo a todos esses lugares eleitos do Senhor, iimitar-nos-emos a pequenas paragens nos santuários do Fetal e da Ortiga, por serem os parentes mais próximos do da Cova, onde fez moradia a nossa Peregrina.
Vamos primeiro àquele, em homenagem a Santa Iria, que viera ao mundo, ali bem perto, mas para ser martirizada e dar o nome à capital do Ribatejo. E quem sabe se foi por sua intervenção que desceu lá do alto a Senhora do Fetal, assim chamada por cair dentro duma feteira? Fosse por ela ou por Deus-Pai, o certo é que a Santa veio à Terra e ali foi assentar arraiais. Era no estio. Havia falta de água, mas de pão muito mais. Uma pastorinha, apascentando o seu minguado rebanho, soluçava, soluçava num

cerro, torturada pela fome. Compadecida de semelhante miséria, a Santa apareceu-lhe. E as falas, entre, ambas, começaram na forma do costume: “Porque choras?” - Tenho fome! - “Vai a casa e pede a tua mãe que te dê pão!” - Não tem lá migalhinha! - “Vai, que te mando eu!” A pastorinha foi, contou à mãe, e esta, correndo à arca, verificou que realmente estava “cheia de excelente pão, e tão formoso que logo parecia não ser pão amassado na terra” (1*)*. O resto é como sempre que aparece uma santa. A pequena voltou, agora de “barriguinha cheia”, e logo o recadinho habitual: “Vai aos moradores do teu lugar e dize-lhes que eu sou a Mãe de Deus, e quero que neste fetal me levantem uma ermida, na qual devo ser louvada!”
Os papalvos correram imediatamente para ver e ouvir, mas nada viram nem ouviram, como sempre. Apesar disso abriram as bolsas e os celeiros, e tanto deram, que lá conseguiram edificar o santuário, para o qual entrou logo, como tesoureiro, o sacerdote que industriara a “Santa”, mandara pôr na arca o pão, fresquinho ainda, e preparara a fonte milagrosa, donde começou, desde o primeiro dia, a vender água ao copo, ao quartilho, ao almude e, possivelmente, às pipas (2), Neste particular, o empresário do Fetal foi mais esperto que os da Cova da Iria, pois, dando em seco, tiveram estes de puxar à nora uns poucos de anos, enquanto não escavaram a cisterna, onde armazenam dezenas e dezenas de pipas,

(1) *Santuário Mariano* vol. 3. p. 294
(2) *Obr. cit.* p. 293

que as beiras e as valetas para lá canalizavam todo o ano.
Agora outra, que para confidente preferiu uma pastorinha surda e muda. Surgindo num rodeio de ortigas, pediu à guardadora do rebanho uma cordeira branca. O espanto da garota foi tão grande que “bastou para desimpedir os órgãos da voz e do ouvir à pastorinha”. O resto foi igual ao da outra, ou melhor, ao de todas: ergueu-se, “naquele lugar, uma ermida em que fosse louvada” (1). Quando os simplórios do lugar correram, como os outros, para verem a “Santa”, apenas encontraram, no meio das ortigas, uma imagem de pedra, mas de tão perfeito acabamento que, diz o autor do *Santuário,* “bem poderá ser que os anjos fossem os artífices desta soberana fábrica” (2).
Faço aqui alto, não para dar fim a esta, que vai ainda no começo, mas para estranhar que haja passado tanto tempo entre essas mães de Deus e a da Cova da Iria - quinhentos anos, pelo menos - sem que do Céu baixasse nova Santa! Realmente, foi demais. E por ter demorado esse rôr de anos, quis Deus agora indemnizar aquela gente que, de geração em geração, passava o melhor de sua vida a olhar para o Céu. Efectivamente, aí a temos, mas desta vez elegante de formas, vestidinha a primor, coroa de ouro na cabeça, colar de pérolas ao pescoço, argolas nas orelhas e com asas nos pés, como Mercúrio. Embora não use o caduceu, não lhe
(1) I*dem.* p. 254. V. a nota 2, pág. 198.
(2) *Idem,* p. 354.

faltam as bolsas, que também ele usava para recolha de moedas e jóias com que as enchia, para em seguida despejar, como ela, em cofres-fortes, que mantinha nos santuários da sua invocação. Contos largos, que virão a seu tempo!

Outro aspecto da vida regional:
Na altura das "aparições", as vias de comunicação entre as aldeias não passavam de caminhos estreitos, irregulares e de mau piso. A estrada que ligava a paróquia à sede do concelho era igualmente má, pelo que poucas vezes ali apareciam turistas, nacionais ou estrangeiros, a demonstrar-lhes que o mundo era maior e melhor do que eles julgavam. Raros os que dispunham de recursos para poderem viajar, mesmo no seu país. Alguns conheciam cidades, por terem sido incorporados em regimentos nelas existentes. Se a escola funcionava, a sua acção era bem limitada, como dão testemunho os "videntes", todos três analfabetos. Em compensação, todas as igrejas e capelas da região possuíam e continuam possuindo altares dedicados à Senhora do Rosário, sendo igualmente rara a moradia onde não haja um oratório, que à noite se ilumina, para que a família junto dele se reúna e reze o terço em coro. Poucos sabiam ler, mas o que ninguém ignorava eram as orações, que aprendiam no lar ou na igreja, onde o cura lhes explicava os pontos principais da doutrina cristã, sem esquecer a maneira de ajudarem à missa *(1).*

(1) Escreve Lúcia: "Gostávamos também de entoar cânticos sagrados... A Jacinta preferia o "Salve, Nobre Padroeira", "Virgem Pura", "O' anjos, cantai comigo". *(Re. Castro del Rio,* obr. cit., pág. 35).

213

Vimos já que a mãe de Lúcia lia aos filhos, além das histórias de La Salette e de Lourdes, a *Missão Abreviada* - o mais estranho devocionário que a estupidez humana compendiou e a Igreja aprovou para embrutecer e aferrar almas crédulas e simples, como são, em geral, os pastores da montanha, especialmente os que habitam a serra de Aires, onde a superstição e a ignorância são multissculares. As descrições do Inferno e da eternidade das penas aparecem nesse livro com tais cores, que não devemos hesitar em ver ali a causa principal das visões e das rezas a que os pastores se consagravam, dia e noite. Francisco era dos três o mais rezador... "Rezava só, com a irmã, com a prima... Rezava no campo e em casa. Para rezar o terço, estava sempre pronto" (1). Ele e a irmã, mesmo antes das visões, "eram os mais solícitos, os mais prontos para essa reza". Viam-no, "muitas vezes, percorrer a igreja de joelhos. Deixavam sair primeiro o povo, e depois começavam. Aquilo é que era correr a igreja à roda!"
O autor que nos vem esclarecendo reveste-se de grande autoridade pelo *Imprimatur* de V. Em.a e o *Nihil obstat* da Ordem Franciscana, em que milita, e a carta-prefácio do Bispo de Leiria. Continuemos, pois, a ouvi-lo. Falando ainda de Francisco: "Por vezes, quando as ovelhinhas andavam pastando perto da igreja, dizia à prima e à irmãzita: "Vocês olhem agora pelas ovelhas, enquanto eu vou fazer um bocadinho companhia a Jesus escondido?.. • Queria tanto

(1) *Pe. Rolim,* "Francisco - Florinhas de Fátima", D. 176.

214

consolá-lo"... -"Pois sim, vai" - respondiam eles. Indo ele já a caminho, a Jacinta gritava-lhe: "E não te esqueças dos pecadores. Não tens pena deles?"

- "Tenho. Mas tenho mais pena aimda de Nosso Senhor!"
- Francisco não podia ver o Senhor triste: queria consolá-lo".

V. Em.a embora o não confesse, também acha que o frade é ridículo. Tanto, pelo menos, como aquele pobre Jaime Zé, que durante anos divertiu o público lisbonense com as Pachouchices que apregoava e citava como tem feito o nosso franciscano. E, se não o confessa, é por ter-lhe concedido o *Imprimatur...* sem o ler. Pois agora tem que "ofrer-me as
consequências, que são um livro inconcebível, revelador de tão baixa mentalidade que talvez nunca fosse excedida, nem pelo tal publicista de hilariante "amor a.
E volto aos prodígios de Fátima. um dia Lúcia disse ao Francisco: "A condição que a Senhora te impõe para que a vejas, e rezares o terço". Mal isto ouviu, "cruzou as mãozinhas sobre o peito, e, depois, como que electrizado pôs-se a dar saltos de contente e a dizer ao mesmo tempo que já tirava o terço do bolso do colete: "O' minha rica Nossa Senhora! terços... Terços rezo quantos quiserdes". E desde então ficou sequioso e faminto deles... Rezava só, rezava com Lúcia e com Jacinta, no campo, e, à noite, em casa com a família".
- Uma pessoa, ao vê-los, disse: "Estas crianças nunca acabam as promessas" (1).

(1) *Pe. Rolim.* obr. cit., p. 170. (2) *Os videntes de Fátima.* p. 29.

215

Além das rezas, praticavam sacrifícios bem duros, impróprios daquela idade. A mãe de Lúcia tinha-lhes lido, na *Missão Abreviada*, os espantosos sofrimentos do Senhor, desde a casa de

Pilatos, rua da Amargura fora, até ao Monte Calvário. Devem ter ficado não só horrorizados, mas também profundamente comovidos, tantos os pontapés, bofetadas, punhadas, golpes, arrepelões, açoites, cuspidelas no rosto, empurrões, quando arrastava a cruz, donde resultou derramar imenso sangue, como no fim se soube, pelo número de gotas que contaram (1). Pois também eles se flagelariam com abstinências e cilícios.
Depõe Lúcia: "Passados alguns dias, íamos com as nossas ovelhas por um caminho, encontrei um bocado de corda de carro, A brincar, atei-a a um braço. Não tardei a notar que a corda me maguava, e disse a meus primos: "Olhem! Isto faz doer... Podíamos atá-la à cintura e oferecer a Deus este sacrifício". As pobres crianças aceitaram logo a minha ideia e tratámos, em seguida, de a dividir entre os três... Ou pela grossura e aspereza da corda, ou porque a apertámos demais, este instrumento fazia-nos,

(1) Pontapés - 144 ; punhadas - 150; bofetadas - 102; •golpes no peito e no corpo - 202; arrastões com a corda - 27; açoites - passaram de 5.000; angústias no coração-72; -cuspidelas no rosto - 72; golpes de martelo, ao cravar os pregos - 72; suspiros-109; feridas pelo corpo - 6.475; lágrimas que chorou 600.200 ; gotas de sangue - 230.000; ("Aditamento", pág. 242). Cálculo que fez um curioso, dado a estatísticas: 1.500 gotas - um decilitro - o que soma - 20 litros para o sangue e mais de 40 para as lágrimas, ou fossem três almudes bem medidos. Sendo assim, era realmente sanguíneo e aquoso!

por vezes, sofrer horrivelmente" (1). Quando Jacinta, depois de adoecer, entregou a Lúcia a corda que lhe servia de cilício, fê-lo com estas palavras: "Guarda-ma, que tenho medo que minha mãe veja". Assim fez também, um dia, o Francisquinho... E rematava: "Agora já não sou capaz de a ter à cinta" (2). Falando da corda de Jacinta, escreve Lúcia: "Tinha três nós e estava algo manchada de sangue. Conservei-a escondida até sair definitivamente de casa de minha mãe; depois, não sabendo o que lhe fazer, queimei-a com a de seu irmãozinho" (3). Não menos severos se mostravam no ramo das abstinências, que faziam lembrar as dos padres do deserto. Um dia, em pleno estio, o sol "parecia querer abrasar tudo". E os três pastores sem uma gota de água! A princípio ofereceram o sacrifício pela conversão dos pecadores. Mas o calor subiu ainda, e a sede cada vez mais intensa. Quando o sol atingiu o zénite, era impossível resistir! Lúcia correu então ao lugar mais próximo, donde voltou correndo com uma infusa cheia de água, que apresentou ao Francisco"

- "Não quero beber" - respondeu este.
- - "Porquê?"
- - Quero sofrer pela conversão dos pecadores!"
- - "Bebe tu, Jacinta!"
- - "Também quero oferecer o sacrifício pelos pecadores!" Deitei então a água na cavidade duma pedra, para que a bebessem as ovelhas (4).

(1) *Revista Salesianus"*, obr. cit., pág. 25 e 164.
(2) Revista Salesianusa, pág. cit.
(3) *Idem*, p. 168.
(4) *Rolim*, obr. cit., p. 162.

Outra espécie de tortura, descoberta agora por Francisco: "Demos a nossa merenda às ovelhas e fizemos o sacrifício de não merendar. Em poucos minutos, estava o nosso farnel distribuído-pelo rebanho, e assim passámos um dia de jejum, que nem a do mais austero cartucho" (1). Deste ascetismo e obcecante abstinência alimentar, resultou, como era natural, a morte de Francisco e da irmã - arrebatados pela tuberculose, a que veio pôr termo a pneumónica. *estfama* (2),
Mas, voltemos à *Missão Abreviada,* com que a mãe de Lúcia tanta vez entretinha os menores por serem analfabetos. Lê-se num dos capítulos: "É um artigo de fé que nem os enganadores,, nem os orgulhosos, nem os murmuradores, nem os vingativos, nem os ladrões, nem os avarentos,, nem os desonestos jamais entrarão no Reino dos Céus; logo, quem se salvará? Quem haverá que não esteja manchado em algum destes vícios em matéria grave?... Mais: ninguém se salva sem ser inocente ou penitente; aqui não há meio termo... Ora, a inocência perde-se ordinariamente quando chega o uso da razão: mas onde estão os verdadeiros penitentes? Se os pecados continuam sempre, ora contra um, ora contra outro mandamento, que provas se dão de verdadeira penitência? Nenhumas!" (3).

(1) *Jacinta* (Santuário de Fátima), p. 94.
(2) "Como estás, Francisco? Sofres muito? - perguntava-lhe a Lúcia, por vezes". Respondia: "Estou muito mal! Mas sofro tudo para consolar Nosso Senhor... Doi-me tanto a cabeça..." *(fiolim,* p. 180) - "E sabe-se que a Jacinta falecera tuberculosa..." (obr. cit., p. 286).
(3) Pág. 366.

Outra passagem edificante: "O pai do Céu jurou que não admitiria no seu reino senão aquele que achar conforme à imagem do seu filho. Por isso, custe ou não custe, o decreto está dado; faltarão os céus e a terra, mas há-de cumprir-se" (1).
O que mais, certamente, impressionou esses infelizes, tão pobres de bens, de raciocínios e cultura, devem ter sido os capítulos referentes ao Inferno e à Eternidade, pois são de tal modo apavorantes, que só pessoas bem constituídas no físico e bem firmes no intelecto resistirão ao abalo que produz essa leitura, abalo que pode levar à loucura ou à imbecilidade, como a estes desventurados sucedeu. Ouçamos também, um pouco do que lhes amargurou os poucos anos que viveram: "O Inferno é um lugar no centro da Terra; é uma caverna profundíssima, cheia de escuridão, de tristeza e Horror; caverna cheia de lavaredas, de fogo e de nuvens de espesso fumo (2). Lá são atormentados os pecadores, na companhia dos demónios; lá, estão bramindo e uivando como cães danados, proferindo terríveis blasfémias contra Deus. Os demónios, que são os executores da justiça divina, lançarão suas garras aos pecadores reprovados, e atirarão com eles a esse poço de incêndios devoradores, onde ficarão sepultados em camas de fogo por toda a eternidade, não respirando senão fogo, não

(1) *Aditamento à Missão,* p. 22.
(2) A mãe de Jacinta dizia-lhe: "O Inferno é uma cova de bichos e uma fogueira muito grande e vai para lá quem faz pecados e não se confessa e fica lá sempre a arder". *(Jacinta,* p. 94).

tocando senão fogo, não sentindo senão fogo, não comendo nem bebendo senão fogo. De todo ficarão convertidos em fogo, nos olhos, nos ouvidos, na língua, na garganta, no peito, no coração, nas entranhas, nos pés, nas mãos; finalmente, em tudo, fogo; e então um fogo, não como este que na Terra vemos, mas sim um fogo escuro, fétido e abrasador; ainda mais horroroso que o do metal derretido... E tudo isto é uma fraca pintura, uma ligeira sombra, um sonho, nada em comparação da verdade" (1). Só uma coisa esse fogo poupava: era a alma. Mas esse privilégio acabaria dentro em breves anos, quando um prelado de Sua Santidade e professor de Filosofia Tomista no Seminário de Coimbra afirmasse - com a autoridade que lhe vinha de seus cargos - que o fogo do Inferno também queimava a alma! (2) A essa visão terrífica escaparam os videntes de Fátima, coitadinhos! Ao que não escaparam foi à da eternidade, em que os dois autores parece terem-se concertado.
Mas deixemos o Prelado de Sua Santidade, e vejamos apenas o quadro que a mãe de Lúcia mostrava aos pequenitos: "A eternidade, considerada em toda a sua extensão, é um abismo sem fundo, um caminho sem fim... Hão-de passar-se tantos milhões de anos quantos o Céu tem de estrelas, e o pecador ainda estará gritando
(1) *Missão,* p. 74.
(2) "Penetrará em todos os pontos do organismo, e arderá a alma!... Sim, arderá a alma, pois aquele fogo, ainda que material, receberá de Deus a força e a virtude de queimar o espírito..." (*Tiago Tunibaldi.* "A Alma aos pés de Jesus", 5." ed., p. 70).

lá no fogo do Inferno!... Hão-de passar-se ainda mais tantos milhões de anos, quantos os campos têm de flores, as árvores de folhas, os animais de cabelos, e esse pecador, que for reprovado por Deus, ainda estará gritando no fogo do Inferno!... Hão-de passar-se ainda mais tantos milhões de milhões de anos quantos grãos de areia levará este grande espaço ou vazio, que vai desde a Terra até às estrelas, e o pecador lá no fogo abrasador do Inferno!... Passar-se-ão ainda mais tantos milhões de milhões de séculos quantas gotas de água tem o mar, e o pecador ainda estará no Inferno e estará por toda a eternidade" (1).
Respiremos um ou dois segundos, porque este quadro, realmente, apavora os corações mais duros, quanto mais o de criancinhas crédulas e simples. Assisti, uma vez, à descrição do Inferno, feita pelo cónego Santos Abranches (2), então professor de teologia no Seminário de Coimbra. Os pormenores que forneceu, as cores com que pintou os suplícios dos condenados ao fogo eterno, e a voz dolente que caracterizava as suas falas impressionaram de tal modo os

assistentes, quase todos de maior idade, que dois deles caíram em pleno templo, com síncopes, sendo levados em braços por companheiros mais animosos, a quem o padre não conseguira meter medo.

(1) Obr. cit. p. 84,

() Joaquim dos Santos Abranches, bacharel em Teologia e doutor em Direito Canónico pela Escola de Santo Apolinário do Seminário Romano. Deixou o Seminário para ingressar na Companhia de Jesus, que o bispo Bastos Pina viu sempre com maus olhos.

221

Passaram-se os dois segundos, e por isso vamos ouvir o resto: "Finalmente, se este grande espaço que vai da Terra até ao Céu empíreo fora todo cheio de bronze, uma formiga passeando sobre este bronze de uma para outra parte, quanto tempo lhe levaria para dar com este bronze consumido e acabado?" (Acode aqui, Jaime Zé!). "Pois todo esse tempo se há-de passar, e o pecador que for reprovado por Deus ainda há-de estar gritando e dando brados de desesperação lá no fogo abrasador do Inferno!... Todo esse tempo se há-de passar e a eternidade ainda estará inteira, sem lhe faltar coisa alguma" (1).

Por este pano de amostra podemos avaliar o terror que avassalou o espírito débil das três crianças e a razão por que só pensavam em rezar e ganhar indulgências, pois lá diz a *Missão* "Quem lucrar uma indulgência plenária em toda a sua plenitude e morrer no mesmo instante, vai logo ao Céu sem alguma demora; nem pelo Purgatório passa" (2). Assim se explica a contínua ansiedade para subirem ao Céu. Viver num mundo assim, com tais misérias e pecados, para quê? Antes morrer e o mais breve possível!

"Que queres tu ser?" - perguntaram a Francisco - "Não quero ser nada. Quero morrer e ir para o Céu" ('). Tinha carradas de razão.

Informa ainda um valioso documento sobre Fátima, autorizado e prefaciado pelo sr. bispo de Leiria: "Fizemos então, pela primeira vez, a

(1) Obr. cit, p. 85. *Aditamento,* p. 41. O *Rolim,* p. 183.

222

meditação do Inferno e da eternidade. O que mais impressionou Jacinta foi a eternidade. Até a brincar, de vez em quando, perguntava: "Mas olha: então depois de muitos, muitos anos, o Inferno não acaba?" Outras vezes: "E aquela gente que lá está a arder não morre? E não se faz em cinza?" (1) O mesmo pensamento alanciava o irmão. Quando ele caiu de cama, a uma pergunta de Lúcia respondeu: "Já me falta pouco para ir para o Céu!" Na altura em que Jacinta estava a ser interrogada pelo agente do governo, Francisco segredou à Lúcia: "Se nos matarem, daqui a nada estamos no Céu" (2). E a Jacinta, antes que a tuberculose a surpreendesse: "Entraria de boa vontade no convento, mas preferia ir para o Céu, omais depressa possível" ().

Com esta obceção do Céu, pavores do Inferno e a doença vergando-os e chupando-os, inexoravelmente, como poderiam eles deixar de ver e ouvir tudo quanto Lúcia pretendesse para os fins que tinha em vista, como primeiro agente dos empresários?! Um destes era o vigário do Olival, que por suas maneiras e conselhos muito deve ter contribuído para que os dois irmãos rapidamente se sumissem no túmulo. Era bem mais seguro que o convento, onde seria preciso escondê-los, se antes não fossem para o Céu... (Jacinta, como vimos, preferiu este caminho... ou lho fizeram preferir, segundo muita vez se tem dito).

(1) *Jacinta,* p. 94.

O *Rolim,* p. 169 e 181.

(2) *Os videntes de Fátima,* p. 89.

223

Escreve Lúcia, aludindo ao referido padre: "Foi ele que nos ensinou a guardar o nosso segredo. Deu-nos ainda algumas instruções sobre a vida espiritual; sobretudo ensinou-nos o modo de dar gosto a Nosso Senhor em tudo e a maneira de se lhe oferecer um sem-número de pequenos sacrifícios". Aconselhava: "Se vos apetecer comer uma coisa, meus filhinhos, deixai-a e, em seu lugar, comei outra e oferecereis a Deus um sacrifício; se vos apetecer brincar, não brinqueis e oferecei a Deus outro sacrifício" (1)• Quando Lúcia viu o efeito de todos esses sacrifícios e que a pobre Jacinta "já não era capaz de se inclinar até ao chão para rezar", ordenou-lhe, em nome daquele padre, que rezasse

deitada. “E Nosso Senhor ficará contente?” - perguntou a infeliz. - “Ficará - lhe respondi. “Nosso Senhor quer que a gente faça o que o senhor Vigário nos manda *(-).* Esta Lúcia, como desde o início facilmente se adivinha, era a confidente do pároco e, como tal, o agente que actuava eficazmente junto dos primos, duma crendice e ingenuidade só compreensíveis naquele meio. Sempre atenta, com receio de que alguém os esclarecesse e desviasse, não os largava de vista. “Procurava distraí-los... dando-lhes lições sobre a história da Paixão de Nosso Senhor, que ela tinha aprendido de cor, pelas narrativas de sua mãe, nas longas noites de inverno. De tal maneira a pequena mestra se imiscuiu no ânimo de seus discípulos, que em

(1) *Jacinta,* p. 139.
(2) I*dem,* 140,

pouco tempo lhes conquistou docemente o coração” (1)
Ora, foi numa região assim, habitada por famílias supersticiosas, incultas e miseráveis, que os empresários resolveram pôr a máquina em andamento. A princípio, lentamente e olhando para todos os lados. Mas nem eram precisas tais cautelas, porque o terreno era firme, a via estava desimpedida e, em todas as cancelas guardas de confiança, e sempre vigilantes, noite e dia, pois não dissera o pároco: “O meio presta-se”? De resto, a farsa fora bem ensaiada, principalmente quanto aos papéis de Lúcia, a “mestra” que os desempenhou até final, embora nem sempre com aquela firmeza e lucidez que eram para desejar. Algumas vezes hesitara ou guardara silêncio, procurando saídas que a não comprometessem. E, realmente, a princípio foi hábil. “Poucas palavras. .. Muito recato...”, impunham as instruções que recebera. E conseguiu manter-se a pontos de nem aos pais confiar o primeiro sucesso. Mas os comparsas visíveis eram três, e dois deles de menor capacidade. Principalmente o rapaz, que por bem pouco não enredou toda a meada, o que Lúcia evitou, impondo-lhe o mais rigoroso silêncio (2). Mas eram muito crianças

(1) P.e *J. Castro del Rio,* “Aparições da Santíssima Virgem de Fátima”, 32.
(2) “Lúcia recomendou que nada dissessem para os não tomarem por mentirosos, não fosse caso que lhes ralhassem ou batessem. Mas os dois pequenos não puderam conter-se e contaram tudo. (*Fátima em 65 vistas - Album ao Santuário,* com autorização eclesiástica, laáb).

para manter um segredo daqueles. E, de facto, assim foi, sendo Jacinta a primeira a badalar o caso (1). O rapaz fez o mesmo, de maneira que Lúcia, apesar do seu feitio, naturalmente frio e concentrado, teve também de explicar-se (2).
Mas mau foi que principiassem badalando. De vizinho em vizinho, uns acreditando, outros não, o caso é que dentro em pouco não havia novo nem velho que não trouxesse o caso à fala. Receando que as coisas tomassem aspectos contrários à intenção dos empresários de Fátima, estes resolveram então intervir, antes que os meninos fossem longe de mais. Foi então que apareceu um novo agente, o cónego Formigão, professor do Liceu de Santarém, com o encargo de bem definir e fixar no papel, a fim de correr mundo, a “única”, a “verdadeira” história das aparições. Francisco foi o primeiro a ser interrogado. Vira Nossa Senhora. E “vem sempre depressa”. - “Ouves o que ela diz à Lúcia?” - “Não ouço!” - “Falaste alguma vez com a Senhora?”-”Não. Fala só com a Lúcia!”
A “Santa”, como se vê, não queria nada com ele, nem com a irmã, apesar de ambos

(1) “A atitude deles, diante de pessoas que fizessem qualquer pergunta, era sempre a mesma: baixavam a cabeça e calavam-se”. *(Os videntes de Fátima,* “Salesianus”, 25).
(2) Diagnosticou o prof. dr. Prosper Alfaric, na sua conferência de Paris, em 1951:
“Pelo exame feito à vista das numerosas fotografias do grupo tomadas no tempo das visões, verifica-se, quanto a Lúcia: máscara impassível, olhar frio, um pouco obliquo, queixo alongado, aspecto rígido, tudo anunciando um temperamento mais rude que terno, uma alma mais voluntariosa que afectiva, mais fechada que comunicativa”, (*Comment se crée in lieu saint,* p. 8)

inocentinhos. Mas, porquê, Mãe de Misericórdia? Ponto misterioso, que só se compreende pensando na tal menina estimada (adiante a veremos melhor), que decerto exigira essa

limitação. Perguntado acerca do que via nas orelhas da Santa (que singular pergunta!), respondeu que "não se vêem porque estão cobertas com o manto" (1).
O interrogatório de Jacinta pouco tem de interessante, a não ser a concordância quanto às orelhas, que ela também não vira. Mas viu-as Lúcia, e, por isso, à pergunta: "usa brincos nas orelhas?" (pergunta, realmente estranha, tratan-do-se da Mãe de Deus, que chegava do Céu!), responde com a maior firmeza: "Usa umas argolas pequenas!"
Suspendo de novo a narração, porque estas argolas, que Lúcia viu do ângulo onde se encontrava, merecem um pouco de atenção. Porque ou eu estou em erro, e desde já o repudio, ou é a primeira vez que a Mãe de Deus pôs nas orelhas tal enfeite. Temo-la visto - V. Em.a mais do que eu - em numerosas telas e imagens, e em nenhuma delas notei que na polpa da orelha fulgisse o mais pequeno enfeite. Temos visitado museus de renome universal - eu muitíssimo menos que V, Em.a que, além de Patriarca, é assistente ao Sólio Pontifício. Não obstante, percorri os principais da França, da Bélgica e de Londres, depois de ter observado a pobreza dos nossos. Pois em nenhum deles encontrei a Di-

(1) Visconde de Montelo (cónego Formigão), "Episódios Maravilhosos de Fátima", p. 14.

vi na Senhora com semelhantes ornamentos. Se ela usasse arrecadas não deixaria de as pôr quando subiu ao Céu, levada pelos anjos. O que não sucedeu, porque, se assim fosse, Ticciano ter-lhas-ia visto. Mas não viu, e, por isso, lá está com as orelhas limpas. De maior solenidade foi ainda a sua coroação pelo Eterno Pai, em presença de toda a corte celeste. Pois nem ali as tinha, como se verifica na famosa tela que o pincel de Fra Angélico traçou para glória infinda do modelo e admiração de quantos têm conseguido contemplá-la. Rafael viu-a sentada na cadeira, conseguindo o seu pincel reproduzir todas as suas perfeições. Mas a gente repara nas orelhas e só vê cartilagens. A que Andrea del Sart surpreendeu, reclinada no cochim, a estender o seio túrgido ao seu adorado bambino, era duma beleza estonteante, mas tampouco usava arrecadas. Lembro ainda a que visitou Santo Inácio de Loiola na Cova de Manresa, onde aquele estava redigindo os famosos *Exercícios Espirituais,* que tenho na minha frente. Ela chegou do Céu, cercada de anjos e de meninos ao colo. É realmente encantadora, mesmo sem as argolas. Como encantadora era a que também desceu do alto, transportando uma casula para ofertar a Santo Ildefonso, que tão zelosamente andava cá na Terra a espalhar o seu culto. V. Em.a lem-bra-se dessa pintura de Velasquez? E decerto reparou, como eu acabo de fazer, que naquelas orelhas não brilhavam argolas nem pingentes.
Que mais posso eu aduzir para tornar bem patente a miserável fraude com que diminuíram a Senhora, a quem muitos, decerto, hão-de chamar "santa de contrabando"?!

Mas, Em.a, voltemos ao cónego e à sua inquirição sobre as aparições da santa, que Jacinta e Francisco viam chegar de fora e Lúcia sempre na azinheira. Na indumentária é que não houve discordância, pois todos três a viram de manto branco. E o diálogo prossegue: -"O vestido não tem enfeites?" - "Vêem-se nele, na frente, dois cordões doirados que descem do pescoço!" -"A Senhora mandou-te aprender a ler?"-"Mandou, sim, da segunda vez que apareceu!" (Falta aqui a seguinte pergunta que o padre tinha obrigação de fazer: - "E por que te não ensinou ela, visto realizar tantos milagres?" Mas não a fez. Porquê? A razão disso sabe-a ele melhor do que ninguém). Das últimas perguntas salientaremos esta, por ser de categoria: -"No dia 13 de Outubro, Nossa Senhora virá só?" - "Vem também S. José com o Menino, e pouco depois será concedida a paz ao mundo!" (1).
Se este publicista, que acumula funções sacerdotais com as de professor liceal, pudesse, alguns meses depois transformar em cinza todos os exemplares dos seus infelizes *Episódios,* com que satisfação e alívio realizaria esse auto-de-fé! Mas não o fez, e por isso hoje correm mundo tantas simplicidades, contradições e inverossimilhanças, que os numerosos autores, apologistas da Senhora, foram colher nessa fonte, a primeira a jorrar as *Maravilhas* de que se fez cronista. Efectivamente, essa precipitação deu lugar a deslizes que em nenhum homem de igreja podem

(1) V. *Montelo.* obr. cit. *v.* 19.

ser desculpáveis. E o resultado viu-se logo: não ser tomada a sério uma Nossa Senhora que vem dos altos céus (1), luxuosamente posta, cordões doirados no manto e brincos nas orelhas, como qualquer dama galante *(2).* Só não vinha calçada. Ora, se resolveram apresentá-la com um

vestido rico, de mangas largas, e aquele manto de precioso estofo que a envolvia desde a cabeça aos pés, à semelhança da capucha usada pelas cara-muleiras, porque lhe não calçaram também uns sapatinhos de verniz? Se pensassem melhor, não iriam assim contra os preceitos da elegância e regras da higiene.
Bem sei que V. Em.a, quando tomou conta dela, encontrou-a já descalça e rica. Não tem, portanto, culpa das incongruências e dislates que tanta galhofa provocaram e seguem provocando entre pessoas de bom-senso. Culpado apenas por ter autorizado novos trabalhos apologéticos, com a repetição, correcta e aumentada, de todas as pachouchadas das primeiras publicações. E não ter também recomendado às olarias que moldassem santas menos ricas, não só para serem mais cristãs, como ainda menos dispendiosas.

(1) "Vem do Céu, do lado do Sol!" - declarou Jacinta, *{obr. cii.*, pág. 15). "A Virgem nesse dia não baixou do Céu". *(Videntes de Fátima,* p. 54). "Nossa Senhora baixava em branca nuvem". *(Idem,* p. 55). - "Donde é vocemecê?" - "Sou do Céu". *(P. dei Rio,* 39).
(2) "O vestido tem enfeites? -Vêem-se nele, na frente, dois cordões doirados, que descem do pescoço e se reúnem por uma borla, também dourada, à altura do meio corpo!" (T. *Montelo,* obr. cit., p. 17).

Mas voltemos atrás, onde deixámos o cónego Formigão a pensar na maneira de recolher e reduzir a cinzas todos os exemplares da imprudente e impensada brochura. E com razão! Pois é lá crível que se escrevam, imprimam e façam circular, aqui e em outros países, enormidades como as que apontámos já, e o mais de que vem cheio o panfleto? Chamo a atenção de V. Em.a, especialmente para as últimas linhas da página 10: "Enquanto aguardamos..., rezemos com fervor o terço do Rosário, essa devoção tão querida de todos os portugueses, para que Nossa Senhora do Rosário, se ela efectivamente apareceu em Fátima, se digne dissipar todas as dúvidas e tornar esse facto superior a toda a contestação de boa-fé".
Não comentaria se não fora a estranheza de tal afirmação, que o autor certamente ponderou, porque a redigiu, fez imprimir e seguidamente correr mundo. A não ser que o fizesse para despistar os rectos de juizo e bons de coração. Porque ele bem sabe que as santas do Céu nunca deixam de aparecer quando e onde a gente quer. Para que veio, pois, envenenar a boa-fé dos simples, lançando tal dúvida na balança onde se pesam os destinos de Fátima? Bem sabia ele que não era precisa naquele meio onde o povo acredita, de olhos fechados, tudo quanto os padres afirmem, por mais absurdo que seja. Direi antes, quanto mais absurdo, mais adesões conquista.
Mas, insisto: se duvidava, para que dar um tal relevo às maravilhas que nos veio contar? De que lhe serviu então o testemunho dos videntes, que tanto engrandeceu desde a primeira hora? Não se compreende que um padre tão hábil...

<direi mesmo habilíssimo, pelo que ouvimos durante os interrogatórios dos garotos a quem levou a dizer tudo o que lhe convinha, para correr de boca em boca, naquele ambiente medieval. ..) que um padre tão astuto desse margem a leviandades que, no futuro, muito haveriam de pesar. Dirá ele que pecar é próprio dos homens. Todavia, *esi modus in rebus.* Pecador sou eu, pecador é V. Em.a e, todavia, nenhum de nós seria capaz de deixar-se enredar numa camisa "que passou muito além das onze varas.
Mas as desventuras do agiógrafo não acabaram. Veja V. Em.a a que podem levar precipitações ou excessos de zelo. A página 33, repete-se a dúvida já mencionada acima: "Nossa Senhora apareceu realmente em Fátima?" E acrescenta: "A esta pergunta não pode dar-se já uma resposta concreta". O padre-mestre, dizem, e realmente esperto. Veja, porém, como ele se desnorteia, a pontos de, na mesma página, cair nesta contraditória exortação: "Devemos fazer " penitência que a Senhora recomendou". Outra dúvida que foi necessário corrigir, antes que outros céticos dela tomassem conta: "Ambas trajam rigoroso luto por motivo do falecimento de Francisco Marto, irmão de Jacinta, que também teria sido favorecido com a visão da Virgem" (.)• Mas então põe dúvidas no que uma criança tão sincera e tão santa lhe afirmara no interrogatório a que a sujeitou? (2). "Tenho visto a Senhora!"

(1) *Obr. cil.,* 45.
(2) Os seus ossos já foram recolhidos num vistoso mausoléu. Já fornece relíquias e faz milagres, estando a preparar-se o processo da canonização.

- garantira o inocente. Apesar disso, o cónego põe o verbo no condicional. Para que tal fizesse e numa obra destinada a ser o Evangelho da nova aparecida, razões de grande peso o devem ter movido.
Os agiógrafos que a este sucederam ou as não conheceram ou as desprezaram, principalmente Rolim. Este, falando do Anjo e da Senhora" afirma categoricamente: "Vê-os e contempla-os, absorto, estático. Poisou, cravou os seus olhitos-encantados na Visão Celeste, e ela focou-o, envolveu-o todo em seus raios luminosos, penetrou-o, esteriotipou-se nele, transfigurando-o" (1). Não sei que possa haver certeza mais incontestada, nem visão de maior transcendência, pois que até se esteriotipou - coisa que jamais acontecera, desde que o mundo é mundo! Volvidas quatro folhas, lê-se ainda: - "Francisco, a Senhora olhou para ti?" - "Olhou... Esteve um bocadinho séria" (2).
Meses depois, quando ele era apenas osso e alma, devido à tísica provocada pelos jejuns e flagelações corporais, começou a agonia, que foi longa e cruel. "Esteve os primeiros 15 dias muito mal... O fastio não o deixava, por isso a enfermidade progredia. Era tal a doença que lhe tolhia todo o movimento... Foi então que a Branca Senhora o visitou e lhe disse meigamente: "Ânimo Francisco! Dentro em pouco te virei buscar!" (3). E veio, garante-nos o frade ().
(1) *Francisco,* 147 e 148.
(2) *Idem,* 156.
(3) *Obr. cit.,* 198-199. (O I*dem,* 212.

Ora, a notícia da celeste visão circulou no mesmo dia em Aljustrel, porque a Jacinta, igualmente de cama, não se conteve que a não revelasse. Como se compreende, pois, que o frade menor a conhecesse, nos seus mínimos detalhes, e o cónego ficasse alheio a todos eles? Eu desculpo-lhe a falta, por ele, em troca, nos dar informações que o frade não soube ou não quis fornecer aos admiradores da sua prosa. Falando de Jacinta: "A pequena está esquelética. Os braços são de uma magreza assombrosa. Desde que saiu do hospital de Vila Nova de Ourém, onde, durante dois meses, se esteve tratando sem resultado, anda sempre a arder em febre. O seu aspecto inspira compaixão... Pobre criança! Ainda o ano passado cheia de vida e saúde, e já hoje, como uma flor murcha, pendendo à beira do sepulcro! A tuberculose, depois de um ataque de bronco-pneumonia e duma pleurisia purulenta,, mina-lhe desapiedadamente o organismo" ().
Esta lamentação do cónego isenta-o de grande parte das culpas que haja tido na preparação do criminoso embuste, que já liquidou um dos videntes, vai liquidar o segundo e esconder o terceiro, para não mais ser inquirido, não queira o Diabo que se afunde uma empresa que tanto custou a organizar e tanto rende.
O pároco do Olival, que atrás ouvimos pregando abstinência a quem vivia já tão pobremente, soube cumprir bem o seu dever de empresário ou auxiliar da empresa. O povo diz e
(1) *V. Montelo,* p. 45.

"a começo a dar-lhe crédito: há criaturas com pêlos no coração! Efectivamente, aí as temos actuando...
Deixemos, porém, os preceitos que matam e voltemos ao cónego, que desta vez mostrou ter coração sensível, e portanto sem pêlos. Mas a virtude que acabo de louvar não será empanada pelas afirmações feitas a seguir à lágrima que lhe tremeu nos olhos? "Só um tratamento apropriado, num bom sanatório, poderia talvez salvá-la" (1).
Agora sim, Em.a, que saltam à vista, claramente, as razões por que a Mitra de Leiria foi poisar noutra cabeça. Compreende-se que ele tenha duvidado do aparecimento da Senhora, como outros sacerdotes duvidaram e continuam duvidando, mesmo em torno de Fátima. Mas pôr em dúvida a eficaz intervenção dos agentes divinos, na simples cura de uma criança, demais a mais "vidente, uma criança que, há pouco ainda, realizara o milagre da ubiquidade (2), que Deus só concedera ao Filho e a poucos mais?!... É de estranhar não só a falta de memória deste publi-cista, como ainda a incoerência que já revelou e continua revelando, pois lembra aqui, para a cura da criança, os hospitais civis, enquanto que, adiante, regista, desvanecido, curas miraculosas por intervenção da "aparecida de Fátima", que já por duas vezes pusera em dúvida! De uma
(1) *Obr. cit.,* 45.

(2) “Jacinta teve o dom da bitocação, isto é: presente em dois lugares ao mesmo tempo. Afirmação baseada num facto relatado no fim desta obra” (*Videntes de Fátima,* p. 90 e 178).

dessas curas milagrosas beneficiou Maria do Carmo, de 47 anos, do lugar do Arnal, concelho de Leiria. Era esta igualmente flagelada pela tísica. Ouviu médicos, recorreu a curandeiros, e cada vez pior, até que se lembrou da Senhora de Fátima, que, após duas ou três visitas, lhe restituiu a saúde! (1). E mais não a viu nem ouviu na azinheira, como a pobre Jacinta, que morreu desgraçadinha, sem alívios da Terra nem do Céu.

V. Em.a não vai, decerto, suspender este cónego pelas heresias cometidas, porque ele, a estas horas, já largamente as reparou pela soma de milagres que vem atribuindo à Peregrina e cujos relatos envia mensalmente ao respectivo Santuário, para que os divulgue a todo o mundo.

Ouvimos um cónego. Ouçamos agora o padre Payrière, cuja autoridade V. Em. tanto nos encarece no cartão que antecede as considerações do reverendo, pelos modos frade salesiano (2). *Fátima* se chama a sua obra. “Livrinho de poucas páginas, mas de conteúdo rico, maravilhoso”, previne V. Eminência. Nele se repete o “essencial” das maravilhas, que fizeram da Cova da iria o novo Paraíso. Afirma-se também um por-

(1) *Obr. cit.,* p. 32.

(2) Diz o cartão: “O Cardeal Patriarca -agradece ao seu distinto autor a oferta do exemplar “Les Prodiges du Apocalypse de La Vièrge de Fátima”, e felicita-o vivamente por ele. Este livrinho contém todo o essencial da história de Fátima. Pobre de páginas, é rico de conteúdo, um conteúdo maravilhoso, que Deus vem há vinte e cinco anos confirmando”. *(Fátima,* edições salesianas, Porto).

menor, que atrás não registámos, mas que ainda vem a tempo. Falando da primeira aparição, garante-nos o frade que a santa aparentava 15 a 18 anos. O vestido descia até os pés, “apertado Com cordão de oiro que lhe cai até meio do corpo, mmanto, véu branco bordado a oiro, cobre-lhe a cabeça e desce até aos pés. Da mão direita tem pendente um terço de pérolas brilhantes com cruz de prata”.

Como estamos vendo, a santa aparece-nos aqui mais rica e mais vistosa. E, em vez do longo rosário, que as videntes do P. Formigão lhe apontaram há pouco, ostenta agora um simples terço. Mas, em compensação, é de pérolas brilhantes, terminando por uma cruz de prata.

Lúcia pergunta-lhe: - “Donde é vocemecê?”

- “Sou do Céu!” - responde a visão. - “E que vem fazer aqui?” - “Venho pedir que venhais aqui seis meses seguidos...”

Lúcia prossegue:-”Vem do Céu?... E eu irei para o Céu?” - “Irás!” - “E a Jacinta?” -”Também!”-”E o Francisco?” A aparição fixou a criança e, com ar de maternal reprimenta:

- “Ele também, mas precisa primeiro de rezar muitos terços!” - “E as duas pequenas que morreram o ano passado?” - “Uma já está no Céu e a outra no Purgatório!”

Com acerto afirmou V. Em.a que o conteúdo do livrinho era maravilhoso, e mais vamos ainda no princípio. Porque o melhor vem a seguir. Como, porém, o tempo urge, deixemos as aparições, tantas vezes ditas, escritas, pregadas, choradas e contadas em todos os tons da escala musical, e passemos à página 13, onde o autor nos informa que o administrador de Vila Nova

de Ourém, - o famoso carrasco da Senhora e dos videntes - além de exercer, já as deselegantes funções de latoeiro, acumulava-as agora com outra, “mais degradante ainda - a de ferrador!” Calcule V. Em.a que lhe dava também para ser rapa-tábuas, como o pai putativo de Jesus! Com que vilipendiosos epípetos não flagelariam o pobre artista que, na sua oficina de Ourém, como o outro na de Nazaré, procurava ganhar honradamente o pão de cada dia!

III

COMÉDIAS NA TERRA E BAILADOS NO CÉU

Eminência:

Mas deixemos também os dois nas suas “aviltantes profissões”, e continuemos folheando o precioso documento a que V. Em.a deu tamanha autoridade. Lê-se a páginas 20: “O grande milagre”. Escusado dizer que milagre seja porquanto, verdadeiramente grande, em nossos

tempos, só há um - o do Sol que brilhou e bailou à vista de todo o mundo, sobre a Cova da Iria. Podia resumi-lo de qualquer autor, dos muitos que longamente o descreveram, mas esta narração tem a vantagem, sobre todas, de vir autenticada pelo mais categorizado representante da Igreja portuguesa, assistente ao Sólio Pontifício e, como tal, uma das luzes que tanto vêm contribuindo para dar infalibilidade ao Santo Padre. E, porque é preciosa, vai transcrita na íntegra.
Ei-la: “Despedindo-se dos pequenitos, a Santíssima Virgem apontou-lhes o Céu. Imediatamente, Lúcia gritou: “Olhem para o Sol!” Então, aquela multidão imensa de 70.000 pessoas (imensa com 70.000!... E V. Em.a a perfilhar estes dislates...) pôde contemplar, durante doze minutos, um espectáculo grandioso, assombroso
240
nunca visto. A chuva parou de repente, as nuvens dissiparam-se, e o Sol apareceu, branco como um globo de prata, que se pôde fixar sem ferir a vista. Depois, subitamente, o Sol rodou vertiginosamente sobre ele próprio; como uma roda de fogo, lançou em todas as direcções, qual projector gigantesco, enormes faíscas luminosas, verdes, vermelhas, violetas, colorindo as nuvens, a terra, a multidão, das mais fantásticas cores, e, de repente, ao fim de quatro minutos, o Sol parou para retomar segunda vez, e depois terceira, ainda a mesma dança vertiginosa, num deslumbramento de luz.
“Durante o tempo em que a multidão, suspensa, contemplava este espectáculo surpreendente, as três crianças, e só elas, viam aparecer, ao lado do Sol, quatro quadros vivos sucessivos, já prometidos na aparição dos Valinhos: (1) A Sagrada Família - Nossa Senhora do Rosário e S, José, trazendo o Menino Jesus. (Mistérios gozosos); 2.") Nosso Senhor adulto, abençoando amorosamente a multidão; 3.) Nossa Senhora das Dores (Mistérios dolorosos); 4.) Nossa Senhora do Carmo com o escapulário na mão. (Mistérios gloriosos)”.
Se V. Em.a mo permite, paro aqui dois instantes para um ligeiro comentário. Que as crianças vissem também isso, mesmo o que os visionários seus antepassados jamais viram, nada me surpreenderia, porque tinham de ver tudo quanto os empresários exigissem, incluindo as três Virgens Marias, a par umas das outras, acompanhadas pelos filhos, o pequeno e o grande.
241
Sim, nada me espantaria, uma vez que já tinham visto a santa na azinheira, com argolas nas orelhas, um monstro vomitando chamas (1*)* e o próprio Inferno *().* Isto habilitou-os, realmente, a verem tudo, mesmo o que ninguém ainda vira nem sonhara. O que, porém, me espanta, é que haja um sacerdote, regular ou secular, que ousasse escrever coisas desta natureza, e V. Em.a sancionasse tudo!
Mas o frade prossegue: Depois desta mágica de fogo e de cores, o Sol parou no seu decurso, e, de repente, como uma roda gigantesca, que à força de rodar se tivesse desprendido, eis que se destaca do firmamento. Pareceu precipitar-se sobre a multidão aterrada, dando a todos a impressão nítida de que era o fim do mundo, anunciado nos Santos Evangelhos. Daquela multidão, subitamente ajoelhada e aterrorizada, ergueu-se a súplica mas ardente, o mais fervoroso acto de contrição. Então, o Sol parou na sua

(1) “Francisco afastou-se para rezar... De improviso, levantou a voz a chamar Lúcia para que lhe acudisse. Foram ambas e acharam-no a tremer, de joelhos, sem forças para se levantar. - Que acontecera? - perguntaram, alarmadas. - Havia aqui um grande monstro, daqueles que estão no Inferno, e que mandava fogo pela boca”. (Os *Videntes de Fátima,* 79).
(2) Escreve Lúcia: “A Virgem de Fátima mostrou-nos um mar de fogo, que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados nesse fogo, os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes... Os demónios distinguiam-se por formas horríveis e asquerosas... Esta visão causou profundo abalo na pequena Jacinta... Quando a viam meditabunda, perguntavam-lhe no que pensava. Respondia sempre: - “No Inferno e nos pecadores!” *(Os Videntes de Fátima,* 155).
242
corrida vertiginosa e retomou o seu brilho normal”.
E volto ao meu espanto. Que o frade aceite coisas destas, compreende-se pelo que já lhe ouvimos e ainda porque aceitou, como oiro de lei, a moeda falsa que passaram ao cónego, e este, por sua vez, transmitiu a quantos a receberam, sem verificarem o peso nem analisarem a marca (1). O que, porém, não compreendemos, é que V. Em.a, por sua própria letra, afirmasse que o livrinho diz o essencial, num conteúdo maravilhoso, que Deus vem, há 25 anos,

confirmando". Isso, sim, que realmente assombra grande parte do público e magoa os que o consideram pessoa culta e sensata, portanto incapaz, de sancionar afirmações contrárias à razão, à experiência multi-secular e ao mesmo Criador,
que assim se negaria na sua obra. "O próprio Deus não poderia fazê-lo". - observa Anatole France, "Seria reconhecer que, de tempos a tempos, precisa retocar a sua obra, deixando escapar esta humilhante confissão - que a pesada máquina que ele montou necessita, a cada hora.

(1) O principal documento sobre que se basearam nacionais e estrangeiros, ao relatarem os bailados do Sol, foi o que o dr. Proença de Almeida Garrett escreveu, a pedido do autor dos *Episódios Maravilhosos* - primeira fonte a que, como já vimos, recorreram os sequiosos de maravilhoso. Relatou esse senhor: "O Sol, conservando a celeridade da sua rotação, destaca-se do firmamento e, sanguíneo, avança sobre a Terra, ameaçando esmagar-nos com o peso da sua igria e ingente mó. São segundos de impressão terrífica". (obr. *cit.*, 23).

para marchar, e com dificuldade, duma ajuda do fabricante" (1).
Quando V. Em.a estudou física, aprendeu e viu demonstrar as leis da gravidade, segundo as quais nenhum corpo pesado pode elevar-se nas regiões do ar, provando assim que as propriedades dos corpos não permitem suspensões temporárias. Passando depois à mecânica celeste, aprendeu também e de igual modo demonstrou, que jamais, nos espaços intercósmicos, a Terra se deteve na sua revolução, nem o Sol recuou para o Levante. Bem sabemos que os fundadores ou defensores de religiões, seitas ou simples instituições de carácter religioso, são coagidos a anunciar fenómenos sobrenaturais, para que a ideia vingue. E têm-se anunciado tantos, em todas as épocas e lugares!... Pois bem: nenhum deles, em nenhuma época ou lugar, registou que a Providência Divina conseguisse, por exemplo, anular um eclipse. Apesar de calculado com grande antecedência, muitas vezes até por astrónomos descrentes, jamais deixou de verificar-se, testemunhando assim a inalterável relação entre os planetas, em especial do nosso sistema solar, por ser o que melhor conhecemos.
Além deste, V. Em.a deu pleno assentimento a outro pecado, agora de pura inteligência lógica, quando deixou passar que foi o Sol, e não a Terra, que parou. Não por ele, criatura abaixo do vulgar, como todos os que têm visto maravilhas em Fátima, mas por V. Em.a, que, sendo uma pessoa de probidade intelectual, como nos

(1) *Le Jardin d'Epicure*, 162.

dizem alguns trabalhos a que ligou o nome, quando catedrático, se compromete agora, louvando publicações sem categoria de qualquer natureza. Com a agravante de afirmar erros de facto, como este que aqui temos à mão (1*).*
Nesta altura da ofensiva geral contra o embuste de Fátima, a que adiante voltaremos, já V. Em.a conhece, decerto, a sensacional conferência realizada em Paris pelo professor Alfaric, sob o título *Comment se crée um lieu saint.* Não ignora, portanto, o ridículo que, nessa assembleia, atingiu em cheio todos os que viram ou simplesmente afirmaram as tais danças e contradanças astrais. Ridículo que atingiu também não apenas a comédia ensaiada na Cova da Iria, e de que V. Em.a resolveu ser um dos comparsas, mas a própria dignidade da Igreja, que o seu antecessor tão zelosamente defendeu, lutando durante dois anos, para evitar essa vergonha.
E, já agora, não fechemos esta sem recordar também o infeliz passo a que obrigaram o próprio Santo Padre. Esquecidos de que, sendo ele infalível e de que portanto nunca poderia errar, põem-no, em pleno jardim do Vaticano, a contemplar o Sol parado e a dançar, como qualquer dos rapazes de Fátima. E quem, Em.a quem o

(1) Escreve ainda Anatole Franca: "O milagre nada empreende, por exemplo, contra a mecânica celeste. Não exerce influência alguma sobre o curso dos astros, porquanto jamais fez avançar ou retardar um eclipse calculado". (*Obr. cit.*, pág. 162).

fez estar olhando o astro dançarino, sujeito a contrair uma das piores doenças oftalmológicas? O próprio Legado Pontifício, cardeal Tedeschini, enviado a Portugal, a fim de presidir às comemorações do Ano Santo. Proclamou ele, *urbi et orbi*, no dia 12 de Outubro de 1951, em plena Cova da Iria e na presença de 800.000 peregrinos, segundo a imprensa católica divulgou: "Tudo isto é grandioso, tudo digno da Rainha dos Céus, tudo maravilha jamais vista. Todavia, e só a título pessoal, direi aos meus novos e velhos amigos portugueses, e aos peregrinos a eles unidos, uma coisa ainda mais maravilhosa. Dir-vos-ei que outra pessoa viu este milagre; viu-o

fora de Fátima; viu-o a anos de distância; viu-o em Roma. E foi o Papa, o próprio Pontífice, Pio XII. Constituiu um prémio esta graça? Foi um sinal do divino e soberano agrado pela definição do Dogma da Assunção? Foi um testemunho celeste a autenticar a conexão das maravilhas de Fátima com o centro, com o chefe da Verdade e do Magistério católicos? As três coisas, ao mesmo tempo. Eram as quatro da tarde dos dias 30 e 31 de Outubro e 1 de Novembro do ano passado, 1950. Era a mesma hora da oitava do primeiro de Novembro - isto é: do dia da definição dogmática da Assunção de Maria. Nos jardins do Vaticano, o Santo Padre volveu para o Sol um olhar, e então renovou-se aos seus olhos o prodígio de que fora testemunha, anos antes, este mesmo vale, neste mesmo dia. O disco solar, circundado por um halo, quem o pode fitar? Pôde-o Ele, durante aqueles quatro dias; sob a Mão de Maria, pôde assistir à vinda do Sol, agitado, convulso, palpitante de vida, a

246

transmitir, num espectáculo de celestes movimentos, silenciosas mas eloquentes mensagens ao Vigário de Cristo. Não é isto Fátima trasladada para o Vaticano? Não é isto o Vaticano transformado em Fátima?...” (1)

O quê?! Pois também a Virgem de Fátima fora visitar o Santo Padre?I Tanto a grande como a pequena imprensa, nacional e estrangeira, registou a fala, que tão grande relevo veio dar às comemorações do Ano Santo. Que prestígio para a Cova da Iria! Nada menos que - Fátima trasladada para o Vaticano! O Vaticano transformado em Fátima! Um dos órgãos da imprensa portuguesa (-) fez mais: publicou uma gravura espectacular, em que o Santo Padre, de braços abertos e face voltada para o Sol, contempla a grande maravilha!

Mau foi, porém, que entre os mitrados aparecesse outra Eminência, pequena de estatura, mas de olhar penetrante - o Cardial Gerlier, arcebispo do Leão e primaz das Gálias, antigo advogado, que parece manter ainda o decoro da sua profissão inicial. Ouvira a desconcertante fala, que não podia comentar e muito menos desmentir em Portugal, porquanto nem os empresários de Fátima lho consentiriam, nem a Censura à imprensa deixaria passar uma linha em contrário.

(1) Da reportagem do *Diário de Lisboa,* de 13-10-51, feita por um grande jornalista - Norberto de Araújo - que sabia ver, ouvir e transmitir, como talvez nenhum dos que em Fátima assistiram às festas do Ano Santo.

(1) *Vida Mundial,* semanário de Lisboa, em 13-11-51, visado, como toda a Imprensa pela Comissão de Censura.

247

Mas, enfardelada a púrpura e tomado o expresso para França, mal chegou à sua diocese, fez logo publicar num dos jornais católicos de maior circulação a seguinte nota: *Jamais le Cardinal Tedeschini n'a dit que le Pape avait vu la Sainte Vièrge. Il a seulement dit que le Pape avait va à trois reprises cette sort de rotation du Soleil, que les pèterins de Fátima avaient tous pu contempler en Octobre 1917 (‘).*

Escuso de chamar a atenção de V. Em.a para comunicado tão estranho, pois é bem visível o seu significado. Notou portanto V. Em.a que na fala do Legado o que mais vivamente impressionou o perspicaz arcebispo leonês foi a sensacional comunicação relativa ao aparecimento da Virgem ao Vigário de Cristo, e daí o seu imediato protesto. Efectivamente, semelhante afirmação, a confirmar-se, colocaria mal o Pontífice, não só perante a própria consciência, como ainda, e sobretudo, perante os duzentos e tantos que o antecederam na cadeira de S. Pedro, visto que nunca a Mãe de Deus se dignara honrá-los com a sua presença, apesar de, entre eles, avultarem numerosos santos, mártires, confessores e teólogos de grande envergadura.

De facto, a Virgem nunca apareceu a papas, nem a bispos, nem a sacerdotes inteligentes e honestos. Melhor do que ninguém o sabe V. Em.a, para que eu insista neste particular. Ora, o seu -colega leonês também conhecia isso, e daí a irritação contra a chocante blague, que apenas

(1) *La Croix de Paris,* 18-10-51.

248

serviria para achincalhar pessoa tão respeitável... E desfê-la com o comunicado transcrito. Deitado este remendo com que julgou tapar o rombo que o imprevidente Legado fizera na Barca de S, Pedro, não reparou, contudo, que deixava a descoberto outro maior - o que a professor Alfaric havia de apontar-lhe na sua conferência de Paris: “Mas, Eminência, o facto é ainda mais grave. Ver a Santa Virgem nada tem de chocante, É um espectáculo doce, repousante e atraente quando se apresente sob a forma duma Madona de Rafael. Ver, porém, o “Sol convulsionado” fazer sobre ele próprio a rotação de que falais, é coisa grave e inquietante. Ora foi isso o que viu Pio XII. Ele e o seu legado que afirmou em Fátima, agora por sua conta e risco: “Vimos a

omnipotência manifestada através do milagre do Sol... E tu, ó Cova da Iria, que viste o prodígio do Sol... E tu, ó Gruta de Belém, recorda a Maria... e diz-lhe que nós, admirando o prodígio do Sol em Fátima...” (1)..

Portanto, viram ambos. E por isso ordenaram que se espalhasse aos quatro ventos, como consta do despacho seguinte, chancelado pela Santa Sé. “*Vaticano,* 17 - O “Observatore Romano” confirma hoje as revelações feitas no Santuário de Fátima pelo cardeal Tedeschini, legado pontifício, a respeito do prodígio a que o papa assistiu, o ano passado, nos jardins do Vaticano, prodígio análogo ao que se deu em 13 de Outubro de 1917, na Cova da Iria, perante os peregrinos. O jornal publica duas fotografias tiradas em 1917, mostrando

(1) “Diário de Lisboa”, N.o citado.

uma mancha negra no Sol, provando o movimento de rotação deste e uma posição anormal do astro no Céu, dada a hora (12,30). O mesmo jornal noticia que outro prodígio análogo se produziu aos olhos do papa nos dias 30 e 31 de Outubro e 1 de Novembro de 1951, e transcreve as palavras pronunciadas a este respeito por Tedeschini em Fátima” (1*).*

O professor Alfaric leu a confirmação na imprensa do seu país, e por isso a divulgou em França: “O repórter oficioso do Vaticano, Jean d'Hospital, confirma e precisa, em *Le Monde,* de 23 de Outubro de 1951, em tom confidencial, respeitoso e untuoso, que o caracteriza, as declarações do Cardeal Tedeschini: O Papa - diz ele - deu conhecimento das suas visões a muitos dos seus íntimos. Durante os passeios solitários que nos seus jardins realiza todas as tardes, teria visto *(il aurail vu),* por três vezes, o Sol, já no seu declínio, transformar-se em disco de prata, girar como uma roda a grande velocidade e projectar, em todas as direcções, feixes de luzes coloridas, fulgurantes. Repetição exacta do fenómeno visual de Fátima” (2).

“Visto que se trata duma “repetição exacta do fenómeno visual de Fátima” - continua o conferente - acabemos com estes circunlóquios tímidos, que ficam a meio do caminho, e digamos claramente que Pio XII viu, por três vezes, o Sol executar no Céu uma dança fantástica, depois de precipitar-se bruscamente para a Terra

(1) “Diário de Notícias”, Lisboa, 18-11-51.

(2) “Le Monde”, Paris, 23-10-51.

e bruscamente deter-se na sua queda e regressar ao ponto de partida. Que pensar de tudo isto? Em primeiro lugar, é evidente que as coisas não se passaram como o Papa as viu. Porque se o Sol tivesse feito o menor desvio fora da sua via normal; se se pusesse a executar uma sarabanda no Céu, a Terra, cujos movimentos se regulam todos pelos seus, ver-se-ia atacada do mesmo frenezim, e nós projectados no vácuo, não podendo, por isso, discorrer sobre o facto, como estamos fazendo. Teria o Papa sido vítima duma fantasmagoria halucinante de projecções luminosas, que um ensaiador transcendente dispusesse no Céu para lhe dar a ilusão duma revolução solar? Certamente que não. Seria julgarmos Deus *un maítre d'erreur* - o que repugna à própria ideia que toda a gente faz da sua infinita perfeição. Resta uma terceira e última hipótese, muito simples e inteiramente natural. E vem a ser: que, sob a caixa craniana de Sua Santidade, se haja desenrolado a cena halucinante. Foram as células cerebrais de Pio XII que executaram a sarabanda prestigiosa com que se comoveu todo o mundo cristão” (1).

Nem V. Em.a nem eu tivemos a honra de assistir à conferência de Paris, onde foi posto a toda a luz o embuste de Fátima. Apesar disso, duma coisa temos a certeza: a de que nenhum dos assistentes deixou de tomar parte no coro hilariante que estes desconcertantes comentários

(1) *Alfaric,* obr. cit., p. 84.

devem ter provocado. Mas, por culpa de quem? Da direcção do instituto de cultura, a que têm ascendido as maiores cerebrações do mundo culto? De modo nenhum. É tribuna livre, e, como tal, aberta a quantos saibam e possam levar ali alguma novidade, quer seja um tema de elevado conceito, uma descoberta científica, ou simplesmente um princípio moral de que a humanidade possa aproveitar-se. O dr. Alfaric foi lá explicar um fenómeno e desvendar um embuste perigoso que - julga ele, e muito bem - não se justificou em tempo algum e muito menos em nossos dias. (É preciso ter a lealdade de o reconhecer e a coragem de o dizer!” E acrescentou, finalizando: “Foi para alumiar o caminho e aplainá-lo, que julguei dever opor, aos devaneios da mocidade

visionária, aliciada pelo Vaticano, este estudo objectivo e crítico, que não tem outro fim que não seja servir a causa da verdade histórica e do progresso humano" (1).
Que o Dr. Alfaric é valor que se impõe, está patente no facto de presidir, com Juliot-Curie, à *UnionRationaliste,* de que fazem parte outras figuras eminentes, como sejam, entre muitos: Einstein, Langevin, Bertrand Russell, da Universidade de Cambridge, e Edouard Herriot, político e homem de letras, todos eles mundialmente conhecidos e admirados. A Santa Sé também assim o considerou, porque à vista da sua irrespondível exposição sobre Fátima, e em especial do *fenómeno solar,* resolveu estender a mão à palmatória, dando público testemunho do
(1) Obr. cit., 36.

seu erro. Na revista mensal da União Racionalista (número 123, de Fevereiro de 1952), o conferente da Sorbonne fez inscrever o seguinte comunicado: "O *Observatore Romano* publicou, na primeira página do seu número de 18 de Novembro de 1951, dois clichés qualificados de "rigorosamente autênticos", em que se via o Sol executando, a 13 de Outubro de 1917, por cima do lugar santo de Fátima, a famosa valsa, de que teriam sido testemunhas milhares de espectadores, e que se teria renovado em Outubro de 1950, à vista do Pio XII". Pouco depois, diversos jornais anunciaram que o cliché fora tirado de um desenho fantasista, feito por um amador que não assistira à cena e que, fazendo-se conhecer, muito se tinha divertido com o sucesso da sua obra. *O Observatore* de 13 de Março de 1952 já se não mostra tão afirmativo. Diz que os clichés lhe haviam sido fornecidos por um alto funcionário português, garantindo a sua autenticidade. Mas reconhece que devem ter abusado da sua boa-fé. Não temos o direito de duvidar. A propósito, recordaremos outro incidente igualmente aborrecido, divulgado pelo *Figaro,* de 10-11-1951: "Caiu, ontem, um raio sobre a basílica de Fátima, danificando a torre e destruindo juntamente o púlpito, expressamente construido para as cerimónias do encerramento do Ano Santo, às quais presidira, no último ano, o Cardeal Tedeschini"

(1). O incidente relatado pelo jornal francês foi muito mais grave, como pode ver-se pela comunicação telegráfica remetida ao *Diário de Notícias*, que a publicou na página.

E volto ainda, Em.a à pergunta de há pouco: A quem atribuir a responsabilidade pelo desastre sofrido pela Santa Sé, na pessoa do seu vigário infalível? Unicamente à leviandade, ou, se V. Em.a quiser, à ligeireza com que os empresários de Fátima procederam. Julgando-se suficientemente poderosos para arrostar com toda a espécie de obstáculos, por mais solidamente erguidos, alargaram a rede varredoura de tal modo que envolveram também nas suas malhas o pobre velho, que começava já, é certo, a julgar-se Deus-Pai, como é costume após o *Si/labus.* Feita em pedaços a rede tecida com fios de tal fragilidade, arrumemos também esses retraços, bastando, para isso, o testemunho insuspeito do Dr. Pinto Coelho, que à sua qualidade de católico praticante alia a de jurisconsulto abalisado: "O Sol, até então encoberto, mostrou-se entre nuvens, que corriam com certa velocidade. E como era variável a sensibilidade destas, mais ou menos diáfano era o véu que elas punham sobre o astro-rei. Como toda aquela multidão, olhámos então para o Sol com atenção sustentada e, através das nuvens, vimo-lo em aspectos novos: novos para nós, note-se bem". E descreve esses aspectos em termos mais ou menos semelhantes ao de outros observadores: "Uma dúvida nos restava, porém. O que víramos no Sol era coisa excepcional? Ou reproduzir-se-ia em circunstâncias análogas? Ora, precisamente esta

(continuação da nota anterior)
à largura de duas colunas, no dia 9 de Novembro de 1951. A esse incompreensível desastre nos referiremos adiante no capítulo *Ofensiva Geral.*

analogia de circunstâncias proporcionou-se-nos ontem. Pudemos ver o Sol meio toldado de nuvens, como no sábado. E, sinceramente: vimos as mesmas sucessões de cores, o mesmo movimento rotativo, etc. Eliminado, pois, o único facto extraordinário, que fica? Por ora, as afirmações de três crianças e mais nada. É muito pouco!" (1).

à vassoura do ilustre advogado juntaremos ainda a do escritor e ex-ministro da Educação Dr. António Sérgio, que também fora à Cova da Iria acompanhar a esposa. Comunicou ele ao autor destas linhas que, ao fitar o Sol, quando irrompeu das nuvens, verificara terem ficado ainda, a embaciá-lo, leves flocos (2) que, tocados pela aragem, se tinham enovelado, provocando movimentos giratórios que nada tinham de maravilhoso. Viu, porém, outra coisa muito mais digna de registo, pela significação que revestiu. A multidão devota, sugestionada pelo grito de Lúcia, cairá de joelhos. Quando se levantou, embarriada, o autor dos *Ensaios* viu passar, mesmo na sua frente, uma dama de alto porte, que exclamou, em tom de voz que muita gente ouviu: "Agora, que venha para cá o Afonso Costa!"
Admirável fecho dessa grande parada, que pretendia responder, por aquele modo, às leis republicanas, principalmente às de carácter religioso: expulsão das ordens monásticas, registo
(1) Jornal "À. Ordem", 16-10-1917. --
(2) O Dr. "Vieira Guimarães viu "nuvens diáfanas" *LeOpoldo Nunes*, obr. cit., 80). Outros viram "cirros" e "flocos".

civil, separação do Estado das igrejas, etc. I Aproveitemo-lo, também, para fecharmos esta, que decerto passou a narração compendiosa de coisas memoráveis, como as de Xenofonte.

SEXTA PARTE COMO SE EXPLORA UM SANTUÁRIO

A MÁQUINA EM ACÇÃO

Eminência:
A propósito de Fátima, tenho visto citar, com frequência, a sacerdotes e a leigos, estas palavras de Leão XIII: "A primeira lei da história é nunca dizer falsidades; a segunda é nunca recear dizer a verdade". Não sei se realmente são desse ilustre pontífice e se lhe interpretaram bem o pensamento. Sejam ou não, o que na verdade nos surpreende é que sejam os mistificadores da Cova da Iria a invocá-las! Eles, que inventaram tudo (aparições, falas com a santa, água nativa, sarabanda do Sol e uma torrente de milagres que só brilham no seu órgão oficial, "A Voz de Fátima"), também invocam as palavras do referido pontífice. Havemos de concordar que são audaciosos! Ou cegos, pois se julgam ainda no tempo em que os chefes dos bárbaros do Norte chancelavam os documentos com os dedos tintos em sangue! Ignoram, portanto, que a tirania, nossa contemporânea, por mais esforços que tenha feito, não conseguiu ainda fazer-nos regressar aos tempos medievais. E agora já é tarde!
Partiram-se cadeias que não voltaram a soldar-se e ruiram Bastilhas que ninguém mais logrou reerguer. Pior ainda: é que acendemos

luzes que nunca mais se apagarão! "É inútil - dizia Leão Tolstoi - procurar iludir as massas, porque elas deixaram de ignorar muitas das coisas que as trouxeram acorrentadas aos sacerdotes de todas as religiões (1*)*.
Isto posto, continuemos o caminho empreendido. Vimos já como os três empresários se houveram no perigoso lance de trazerem do Céu a Mãe de Deus, e dos riscos por que a fizeram passar, alguns tão a descoberto que só os cegos de nascença os não enxergaram. Mas, prevenções daqui, cautelas de acolá e audácias todas as vezes que a caranguejola ameaçava derrocada, o certo é que os devotos ouviram e ,correram. Primeiro, em grupos; depois, em cordas; por fim em chusma. Aos mais sensatos, o panorama apresentou-se logo com todos os caracteres dos antigos embustes, que naquela, como em outras regiões de Portugal, foram impostos à credulidade pública, proliferando como o tortulho às águas novas. Porque hoje, apesar dos tolos serem menos que no tempo de Salomão, o seu número, em certos meios, é ainda avultado, como V. Em.a bem conhece, pelo rol que os confessores vos comunicam. Efectivamente, nada os conteve, nem mesmo a prudente e pertinaz oposição do velho Patriarca, vosso antecessor. É certo que essa chusma era tocada por mãos e vozes misteriosas, que actuavam, dia e noite, nos confessionários, nos salões e nas alcovas, anunciando coisas prodigiosas, que trariam a Portugal e ao Mundo a "felicidade universal".

(1) “Rayons de l’Aube”, p. 205.

261

há tanto anunciada pelos profetas da Lei Santa. Para manter a fé nesses prodígios, os empresários a nada se pouparam. Conseguido ambiente local, mais ou menos favorável à causa (1), houve que o estender às freguesias em torno. Alguns párocos recalcitraram, mas outros transigiram, embora muito veladamente, pelo respeito que tinham ao patriarca Mendes Belo (2). Infeccionados os simples do concelho de Ourém, passou-se aos dos concelhos vizinhos, que, por sua vez, foram contagiando outros. Veremos como a autoridade civil e a imprensa livre receberam a mistificação. Por agora, limitarnos-emos a recordar o papel desempenhado por certos elementos, que, mal viram o negócio em marcha, entraram nele com a maior convicção e ardor, destacan-do-se, entre todos, um comerciante de secos e molhados, de nome Gilberto Fernandes dos Santos, por alcunha o “Bicâncara”. Leigo, sim convicções religiosas, atacando mesmo a crença

(1) Na minha segunda visita à região de Fátima, tive ocasião de verificar a existência de numerosas pessoas, de ambos os sexos, incluindo pastores, que não acreditavam na sinceridade dos “videntes”, e menos na Senhora que viera do Céu.

(2) Um dos meus correspondentes informa: “Em tempos, falou-se muito no padre António de Oliveira, como sendo um dos organizadores das aparições, o que me não repugna acreditar, por ser natural da serra de Aire, e muito hábil para coisas dessa natureza. Mas, se entrou no negócio, soube proceder de maneira que nenhum leigo deu por isso. Paroquiou a frequesia das Lapas, sendo depois colocado na sede do concelho (Torres Novas), donde transitou para uma das melhores freguesias de Lisboa. Era uma figura insinuante, contando-se dele histórias bastante espirituosas”.

262

popular, nas suas horas de livre-pensador, mas atilado e previdente, lendo o padre Benevenuto envolvido em nova exploração, também de carácter mariano, como da outra vez, no Outeiro Grande (1), arranchou logo, sendo dos que mais contribuíram para atrair o populacho. Enquanto a Igreja, sabidamente, se mostrava ou fingia indiferente, era ele quem, a descoberto e afanosamente, alimentava o fogo.

A descrença, que antes proclamara, transformou-se, em poucos dias, naquela fé ardente que aumentava com os recursos auferidos de seus expedientes, variados segundo as circunstâncias e os lugares. Foi mesmo na pessoa dele que a santa realizou o primeiro milagre, após a construção da capela das aparições. Algumas vezes lhe ouviram afirmar que fora certo dia a Fátima, disposto a destruir essa primeira construção. Ao meter, porém, a mão no bolso, para sacar a bomba destruidora, em lugar dela encontrara... um rosário!

Por conversas que tive com um agricultor de Argea, terra da esposa de Gilberto, fiquei sabendo alguns dos processos que este usava para a recolha de proventos. O primeiro consistia em adquirir a imagem duma santa que lhe parecera apropriada. Seguidamente, combinado com um fotógrafo de Torres Novas, de nome António Campos, vivo ainda, conseguiram contratar uns garotos e levá-los, com algumas ovelhas, ao local das “aparições”, onde os dispuseram de maneira a dar o que Gilberto pretendia: Três

(1) Santuário da Senhora de Fátima, a que já aludimos.

263

pastorinhos ajoelhados em frente da Santa, e as ovelhas pastando junto deles. Revelados os clichés, escolheram o melhor, de que Gilberto se muniu para correr ao Porto, onde mandou reproduzir alguns milhares, que vendeu em poucos dias aos romeiros da Cova (1).

Perante semelhante êxito, o “antigo” descrente lança-se em grande actividade comercial, mandando confeccionar medalhas, rosários, estampas, bentinhos... Todavia, o mais rendoso do negócio foram as latas para a água, marcadas exteriormente com a litografia dos pastorinhos. Não havia fontes nem poços que saciassem a sede dos romeiros. Nem latoeiros que dessem cumprimento aos pedidos do novo empresário. Infelizmente para este, dois desses fabricantes resolveram também lançar-se no negócio, em concorrência. Gilberto exaspera-se, mas, pensando melhor, resolve negociar a desistência dos dois concorrentes, o que realmente consegue, mediante avultadas espórtulas, ficando novamente o exclusivo das latas e das águas em mãos do antigo merceeiro, que por completo abandonara a loja, onde deixara a esposa, que lá ia pesando secos e vasando molhados (2).

Ora, foi em plena azáfama comercial e industrial que morreu o Cardeal Patriarca Mendes Belo, (Agosto de 1929), do que resultou completa alteração nos negócios de Fátima. O bispo de

(1) Informou o fotógrafo que o **barrete, jaqueta e** os **lenços** com que fotografou os garotos, eram dos pais destes. Um dos que desistiu - informa **o** homem de **Árgea**;- **vive ainda.** Chama-se José Grego.

264

Leiria, mal o colega de Lisboa fecha os olhos
põe de lado os antigos receios, iniciando desde logo uma série de disposições, que em pouco tempo o levam a proclamar a autenticidade das aparições e, sobre tudo, a tomar conta daquele "grande negócio", como lhe profetizara o ilustre professor lisbonense, nessa manhã em que ambos viajavam para o Sul.

A primeira medida, como era de prever, foi chamar o Gilberto e fechar-lhe não só as torneiras da linfa miraculosa, mas tudo quanto representasse tráfico de coisas santas, que só à Igreja de Cristo é permitido. Vendo-se defraudado numa empresa daquele vulto, e a que deitara ombros com o mais vivo entusiasmo, o merceeiro resolve reagir, com a montagem, em Lisboa, duma nova quitanda, junto à Igreja de Fátima. E em tal maré, que desde logo o beatério correu, negociando imagens, latas, escapulários, terços, livros de missa, e tudo mais que a fértil imaginação do nosso homem concebera e ali amontoara. De geito e modo que, em breve, também ele - dizem- passou a construir e comprar moradias, como novo rico que se preza de ser, e tão honrado como os outros.

Outra grande medida seria afastar os "videntes" do campo de operações, agora desimpedido e em plena colheita de fundos. Medida urgente, sem dúvida, porquanto os inconsiderados garotos havia meses já que ou falavam de mais, ou guardavam silêncio quando a fala era necessária. Os empresários viram isso, mas como afastá-los ou simplesmente evitar que os visitassem, interrogassem e eles tagarelassem, na medida por que o estavam fazendo? Julgando atenuar-lhes

265"

a inconveniente loquela, ou, pelo menos, fixar pela gazeta e pelo livro, declarações prudentes,, que apagassem as loucas, como diz a parábola,. o cónego Formigão deitou pés ao caminho e foi ouvi-los. Uma vez sozinho, outras, acompanhado por senhoras das suas relações e confiança.

V. Em.a de certo, tem à mão a brochura do cónego, e por isso é-lhe fácil avaliar as desafinações que tão cedo apareciam nos favorecidos da Senhora. A recomendação inicial, que os mantivera no prudente silêncio que Jacinta quebrara, acabou afinal naquele contínuo entrevistar de quantos desejavam colher informações na verdadeira fonte (1). Veja, pois, os esforços que o autor das *Maravilhas fez* para os harmonizar nas suas falas, de que dependeria o futuro da Cova.

Interrogatório de Lúcia, a 13 de Outubro de 1917: "O menino Jesus estava em pé ou ao colo de S. José?" - "Estava ao colo de S. José!" (p.96). - "Perguntaste à Senhora o que queria?" - "Perguntei... Disse que Nosso Senhor estava

(1) Constantemente procurados por sacerdotes e leigos que chegavam de vários pontos do país, um dia resolveram tomar um expediente, natural em pastores daquela idade,. mas impróprio de quem fora miraculado. Depõe Jacinta: "...Ao chegarem junto de nós, as senhoras perguntam se-conhecíamos uns pastorinhos a quem aparecera N.a Senhora.. Respondemos que sim. Se sabíamos onde moravam. Demos-lhes todas as indicações precisas, para irem lá ter, e corremos a ocultar-nos nuns campos, atrás dum silvado". *(Jacinta,* edição do Santuário de Fátima, p. 72). Ver também P.e Rolim, p. 103.

266

muito ofendido.., (1*)*, que a guerra acabaria hoje e que esperássemos os nossos soldados muito breve". - "Até onde lhe descia o vestido?" - "Até mais baixo que o meio da perna!" (101). A página 73, Lúcia diz que da primeira vez o vestido lhe descia quase aos pés...) No mesmo -dia ouviu Jacinta, que confirmou Lúcia: "A guerra acabaria hoje" (102). - "Ouviste-lhe dizer quando vinham os nossos soldados?" - "Não ouvi!" Seguiu-se o interrogatório de Francisco: - "O Menino estava ao colo de S. José ou ao lado "dele?" - "Estava ao lado dele!" - Ouviste *o* que a Senhora disse?" - "Não ouvi nada!" - "Quem te disse o segredo? Foi a Senhora?" - "Não: foi a Lúcia!" (105), - "O povo ficava triste se soubesse o segredo?" - "Ficava!"

Nestas entrevistas, como acabamos de ouvir, o cónego nada acrescentou à glória da Cova. Pelo contrário: diminuiu-a, com as divergências que tão cedo notou, o que muito seriamente o -deve ter preocupado. De tal sorte que, logo a 19, volta à carga, mas desta vez com testemunhas, que julgou necessárias, para ver se harmonizava os desconcertos que surpreendera a 13 (2). Como de costume, lá encontrou outros inquiridores a

(1) Repetição da fala da Merlière aos pastores de La Salette, atrás registada.

(2) “Com autorização prévia dos pais de Jacinta, em cuja casa tinha dormido a última noite Lúcia, sua sobrinha, interroguei separadamente as três crianças na presença da sra. D. Maria Cândida de Avelar e Silva e de suas filhas D. Laura, D. Maria de Avelar e D. Leonor Avelar Constâncio, da quinta da Comenda, Alcanhões (Santarém)”. *Montelo,* “Grandes Maravilhas de Fátima”, pág. 108),

267

flagelar os míseros videntes, sendo um deles o padre José Ferreira de Lacerda, pároco da freguesia dos Milagres e director do semanário católico “Mensageiro” (1). Libertas deste consulente, passou a ouvi-las, confortadas agora pelo carinho e graça das senhoras. Primeiro, Lúcia, e a começar por um ponto melindroso, que estava sendo explorado pelos céticos: “No dia 13 do corrente - inquire o reverendo Formigão - Nossa Senhora disse que a guerra acabava nesse dia? Quais foram as palavras que empregou?” - “Disse assim: A guerra acaba ainda hoje; esperem cá pelos militares muito breve!” - “Ela disse: Esperem cá pelos seus militares, ou Esperai cá pelos vossos soldados?” - “Disse: Esperem cá pelos seus militares!” - “Mas olha que a guerra ainda continua!... Os jornais noticiam que tem havido combates depois do dia 13. Como se explica isto, se N.a Senhora disse que a guerra acabou nesse dia?” - “Não sei. Só sei que lhe ouvi dizer que a guerra acabava no dia 13. Não sei mais nada!”

Precisa e terminante!

O cónego, porém, não se conforma com semelhante teimosia, que lhe baralha as contas: -

(1) Fui bastante amigo deste sacerdote, no tempo em que ambos líamos as obras racionalistas, que nos levavam à mais completa descrença, tanto em milagres, como no próprio Deus. Mas a vida é assim mesmo. Pe. Lacerda tomou ordens, cantou missa, e hoje, apesar de nunca mais poder acreditar no sobrenatural, como a grande maioria do clero, acredita nas “santas”, que baixando do Céu, como a da Cova, enriquecem a Igreja, embora desacreditando a moral e os preceitos cristãos.

268

“Algumas pessoas afirmam que te ouviram dizer nesse dia que N.a Senhora tinha declarado que a guerra acabava brevemente. É verdade? -”Eu disse tal e qual como N.a Senhora tinha dito”!

As quatro senhoras devem ter ficado espantadas com aquela firmeza. O cónego, visivelmente contrariado, olhou, de certo, para elas, como que a dizer-lhes: “E esta? Que vos parece?” As senhoras, compadecidas pelo insucesso, houveram por bem - quero crê-lo - amaciar com doces falas aquela natureza bronca e dura (1) o que permitiria ao sacerdote inquiridor e inquisidor voltar ao caso grave. Tão grave que envolvia a falência da própria mãe de Deus! Nada menos!

Carinhosamente, recomeçou: - “No dia 27 do mês passado fui a tua casa falar contigo, lembras-te?” Ainda de viseira encrespada, responde ela com esta indiferença, bem significativa:

- Lembro-me de o ver cá! - “Pois, nesse dia, disseste-me que N.a Senhora tinha dito que no dia 13 de Outubro vinham também S. José e o Menino Jesus e que, depois disso, brevemente acabaria a guerra, não nesse dia!” A serpente

cravou os olhos na doninha com tal penetração que a pobre teve de render-se:-”Não me recordo já bem como ela disse!” E acrescentou, complacente: “Podia ter dito isso; não sei. Talvez não entendesse bem a Senhora!” (2); O cónego ergue

a fronte radiosa e, encarando as testemunhas,

(1) Um primo dela, ex-empregado da C. de Papel do Prado que a acompanhou quando foi trazida a Lisboa e a Cascais, afirmou-me: Faz uma bem triste figura. É muito estúpida.

(2) Obra cit., p. 109.

269

deve ter exclamado: “Ouviram?! Assim é que está certo! E assim mesmo é que a história vai escrever-se e correr mundo”!

Veja agora V. Em.a as faltas de memória que a esta se seguiram, nessa mesma sessão: “No dia 13 do corrente, mandaste ao povo que olhasse para o sol?” - “Não me lembro de assim fazer!” - “A Senhora disse que o povo seria castigado se não se emendasse dos seus pecados?” - “Não me lembro se ela o disse!” - “No dia 13, não tinhas dúvidas, como agora, acerca do que a Senhora te disse. Como se explicam as tuas dúvidas de hoje?” - “Nesse dia, lembrava-me melhor; tinha sido há menos tempo” (p. 112).- “Que viste acerca dum ano? Tua mãe diz que tu e as outras crianças viram um vulto embrulhado numa espécie de lençol, que não deixava ver o rosto. Porque me disseste o mês passado que não foi nada?” - “!...”.

Esta exclamação e a reticência querem dizer o enleio ou talvez já um certo pânico em frente do juiz eclesiástico que vai sentenciar. - “No dia 11 deste mês não me quiseste dizer que no dia 13 haviam de aparecer Nosso Senhor abençoando o povo e N.a Senhora das Dores?... Olha que a Jacinta disse-me tudo!...”-”!...” (Novo encolher de ombros da vidente). Mas o homem da Igreja,

como verdadeiro inquisidor, não larga a vítima: - “Quando foi que N.a Senhora te disse, etc?” - “Não sei bem!” (p. 113).
A inquirição de Francisco, perante as mesmas testemunhas, não deu coisa que se aproveite. Não assim a de Jacinta, ingénua, mas teimosa como
270
a Lúcia, antes do avejão cravar os olhos nela.
- “Que te disse a Senhora desta última vez?”
- “Disse: Venho aqui para te dizer que não ofendam mais a Nosso Senhor, que está muito ofendido; que se o povo se emendar, acaba a guerra e, se não se emendar, acaba o mundo!” E acrescentou, prudentemente; “A Lúcia ouviu melhor do que eu o que a Senhora disse!” Não lhe soando bem o comentário da criança, o inquisidor prossegue: - “Disse que a guerra acabava nesse dia ou que acabava brevemente?”
- “Nossa Senhora disse que, quando chegasse ao Céu, acabava a guerra!” - “Mas a guerra ainda não acabou!...” - “Acaba, acaba!...” - “Mas, então, quando acaba?” - “Cuido que acaba DO domingo!” (p. 117). A página 121, a pequenita confirma este depoimento: “A Senhora disse que a guerra acabava naquele dia”!
A 2 de Novembro, o cónego reapareceu em Aljustrel, agora sem acompanhamento. É que precisava dar novos retoques no *dossier* miraculoso, onde havia lacunas, impropriedades de linguagem, que ele já tentara corrigir à própria mãe de Deus, e, aqui e ali, alguns borrões, que era necessário apagar. Foi primeiro a casa de Jacinta, antes de Lúcia a prevenir e precaver com recados e sugestões que agravassem mais ainda o panorama das aparições, tão complicado já. “De que cor eram os pés da Senhora que apareceu na carrasqueira?” - “Os pés da Senhora eram brancos; cuido que ela trazia meias!” Mais duas ou três perguntas sobre matéria rapidíssima, e aí vai ele para casa de Lúcia, desfechando-lhe logo a sua dúvida: - “O que a
Senhora trazia nos *pés* eram meias? Tens a certeza
271
disso?” Grande espanto da pequena, que mal pode gaguejar a resposta: - “Cuido que eram meias, mas podiam não ser!” O cónego carrega a sobrancelha, entoa mais a voz e replica, censurando aquela falta de memória: - “Tu disseste, uma vez, que a Senhora tinha meias brancas!” A criança atrapalha-se, e ele aproveita a confusão para formular a dúvida, que é necessário esclarecer, custe o que custar: - “Então, eram meias ou eram os pés?” - “Se eram meias (gagueja novamente a ovelheira), eram brancas, mas eu não sei ao certo se eram meias ou se eram os pés!” Compreende-se a irritação do cónego, que acabou por abandonar as meias e os pés da Senhora e passar a outras peças da sua indumentária: - “A saia era sempre do mesmo comprimento?” - “A saia da última vez,, parecia mais comprida” (p. 122).
Tudo falhas de memória, hesitações, dúvidas...
De todas as entrevistas, a mais concisa e firme foi a do Francisco, ainda em pleno vigor físico:
- “Viste Nosso Senhor abençoando o povo?”
- “Não vi Nosso Senhor!” (1). E o cónego fechou as entrevistas, que só desilusões lhe acarretavam. Apesar de bem espremer, torcer e retorcer os interrogatórios das crianças, delas nada mais havia que esperar. Claramente compreendeu que, daí em diante, aquelas almas, já descontroladas, só serviriam para complicar e apressar a

(1) Comentário escrito à margem deste capítulo por um professor que o reviu: “Este estava vindimado. E, de facto foi o primeiro a ser morto por Nossa Senhora”.
272
derrocada dura edifício tão maduramente arquitetado e sabiamente prosseguido, com a ajuda de tantos. Aquele desconcerto nos videntes era pior que a infiltração de chuvas desde as empenas aos caboucos, donde resultam fendas e desabamentos se não acodem técnicos para escorar -e cimentar de novo, o que efectivamente sucedeu, -como adiante se verá.
Eminência: Acabamos de assistir a cenas realmente edificantes e bem raras, mesmo na Idade Média. Desiludido, o padre inquiridor largou, batendo as portas, possivelmente disposto a não voltar a Aljustrel, e muito menos à humilde casinha dos videntes. Mas volte ou não, nós é que *o* não podemos largar mais, enquanto ele, por sua vez, não der tudo o que dele havemos *mister. Com a sacola cheia de frioleiras e mentiras, tem que a despejar e virar do avesso, não fique alguma nas costuras. Vamos a ele? Já atrás o deixamos a arranhar na cabeça, indeciso quanto

aos novos caminhos a seguir. Mas, por mais que excogitasse e inquirisse, não encontrou melhores e regressou aos mesmos, com nova sacaria para encher, fosse lá onde fosse e como fosse. De milagres até, se nas suas andanças encontrar desventurados que os confessem e médicos que os atestem.
Há pouco ainda, como V. Em.a ouviu, fui encontrá-lo junto das raparigas, a indagar se a menina da carrasqueira trazia ou não meias nos pés. Quando V. Em.a notou o destempero e a resposta que pus na boca das pequenas, julgou, " com razão, que eu estivesse achincalhando um membro categorizado da Igreja Católica. Mas,

pelo que há de mais sagrado, lhe garanto que me limitara a copiar, fielmente, os dizeres das *Grandes Maravilhas.* E elas merecem fé, por terem sido impressas numa casa insuspeita, e com a expressa autorização que o Sr. D. José, Bispo de Leiria, lhe concedeu a 1 de Setembro de 1927. Não duvide, pois, da autenticidade das perguntas, nem da réplica das crianças, que afirmaram, conscientes e convictas, terem visto uma Senhora por detrás da carrasqueira, em posição que lhes permitiu observar pernas, pés, meias, saias, e até brincos nas orelhas (1).
Eu não vi, mas não duvido, e, como eu, muita gente por esse país fora. Sim, não duvido. O que, porém, me faz espécie, é a razão de semelhante inquérito. Dúvidas quanto à carnação e cor dos pés da criatura? Mas com que fundamento? Para quê tais minúcias? E que dedução se procurava tirar? V. Em.a já reparou, como eu e toda a gente que lê e raciocina, no persistente empenho do reverendo em apurar, peça por peça, o que vestiam os diversos personagens que os videntes foram chamados a descriminar? Cor, largura, altura? Tinham bordados? Apertavam na cinta? Chegavam aos pés? A maior insistência incidia sobre a indumentária da Senhora: No dia tal, como vestia? Saia curta? Comprida? Encarnada? Branca? Amarela? O inquiridor e inquisidor, agora, resolveu implicar-lhe com as meias. E para quê, Em.a para quê? Já algum dia se viu um sacerdote, cónego, de mais a mais, a meter o

(1) *Episódios Maravilhosos*, pág. 17, confirmados nas *Grandes Maravilhas*, pág. 73.

nariz nas meias e saias duma personagem respeitável, como era a que os meninos viram e ouviram falar na carrasqueira?
Semelhante coscovilhice - devo confessá-lo - tem-me dado no goto. E por isso pergunto! Que sacerdote é esse? Eu imagino-o alto, forte, de ombros largos, nariz adunco, pescoço curto,, lábios carnudos, olhos esbogalhados, e tufos de pêlo nos ouvidos. Ou, pelo contrário, será magrinho? Terá olhos metidos para o crâneo? Usaráfalinhas doces? Óculos de tartaruga? Nunca olhará de frente? Será celibatário? Se não é um nem outro, então é o Diabo em figura de gente. O que logo se verá, erguendo-lhe a ponta da batina. Há pé rachado? Não resta a menor dúvida: é o Diabo! Esta suposição não é tão descabida, como à primeira vista nos parece. E se não, repare V. Em.a neste pequeno mas significativo pormenor: O que, desde o princípio ao fim da sua obra, mais preocupa este zeloso apóstolo da Cova, não são os princípios morais, as virtudes cristãs, a pureza da fé e dos costumes, para edificação das almas. Disso, pouco ou nada se importa. O que, para ele, a tudo sobreleva, são, primeiro, as falas que a menina da carrasqueira dirigiu aos pastorinhos, por sinal nem sempre construídas segundo a prosódia nacional; depois, a indumentária, a carnação e determinados ornamentos. Donde sou levado, não a fazer suposições, como agora mesmo formulei, mas a tirar conclusões de premissas logicamente postas. Não que eu alguma vez tivesse dúvidas quanto à mistificação planeada pelos empresários de Torres e executada pelas três crianças e a "menina estimada", de que tanto se falou, fala

ainda e continuará falando. Não: disso nunca podia duvidar, por saber, há muitos anos, como se criam deuses, formam religiões, erguem igrejas e fundam santuários que os sustentem. Faltavam-me, porém, elementos precisos, dados certos com que pudesse reforçar a verdade da minha exposição. Mas eles apareceram, como veremos já, fornecidos pelos próprios apologistas

da Senhora. Por fim, só me restava conhecer o Santuário, visitar a região e ouvir o povo, como fizera em relação a Lourdes (1*).*
Fui. Vi a Cova da Iria, passei a região e ouvi pessoas das mais diversas profissões e idades. O que elas me disseram! O que eu observei e senti!
Mas, voltemos à senhora estimada, que, se me não engano, vai fazer um depoimento mais. Puro e completo que nenhum dos comparsas, pergunta-se: Quem era ela? Que nome tinha? Onde morava? Não importa. Basta saber-se que era nova e formosa. Outro indício da sua personalidade: ignorava a prosódia, que padre Formigão procurou corrigir, como ouvimos há pouco. Não viu também a falta de lógica no nome com que se apresentou, porque se visse não diria: "Eu sou N.a Senhora do Rosário!" Além disso - e aqui vai nova característica feminina - vivia alheia aos telegramas das agências de notícias, porque, se os lesse, não poderia afirmar que a guerra acabava nesse dia.
Mas, onde ela se estendeu mais ao comprido, revelando completa ignorância dos problemas
(1) V. obra do autor - *Rescaldo de Lourdes,* 1932.

telúricos e teológicos, foi quando **abordou** o **do Inferno.**
Depõe Lúcia: "Abriu as mãos... e vimos um mar de fogo e nele mergulhados os demónios e as almas" (1). Se realmente viu chamas, diabos e almas ardendo no Inferno, aí temos uma habilidade dos nossos empresários, sugerida, sem dúvida, pelo Benevenuto ou por certo fidalgo, que entrou a fundo no escuro negócio. E aqui a pergunta: "Existirá ainda aquele painel de horrendo aspecto em que várias pessoas me falaram? Esse e outros que a lanterna mágica projectava sobre a azinheira, quando as nuvens ocultavam o Sol?
Mas continuemos. "Assustados - prosseguiu a vidente - levantámos a vista para N.a Senhora, que nos disse com bondade e tristeza: Vistes o Inferno para onde vão as almas dos pobres pecadores. Para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração!" (2). Afirmações saloias, reveladoras também da indesculpável ignorância, por serem inexactas. Inexacta, a do culto ao coração, que, como é sabido, há muito foi imposto a todo o orbe cristão. Falsíssima, a do Inferno, porque, se fosse a Rainha do Céu a falar aos garotos, não viria para ali com semelhante coisa, porquanto havia de saber que, se aquele algum dia funcionou e esteve aceso, há muito se teria apagado e encerrado as portas. E a prova disso está no facto de não haver já ninguém que o tema, a começar pelo clero, como V. Em.a perfeitamente sabe.
(1) Rolim, obr. cit., 53.
(2) Rolim, obr. cit., 54.

Outro argumento irrespondível: Grande parte, não todos os relatores católicos dos fenómenos da Cova registaram a fala que a Senhora, no dia 13 de Julho, dirigiu aos pastores. Cito, de preferência, o livro do padre Payriere, que V. Em.a tanto louva: "A Senhora recomenda às crianças a recitação do Rosário para alcançarem a paz e o fim da guerra". "Só a intercessão da Santíssima Virgem - acrescentou -pode obter essa graça para os homens" (1). Compreende-se a atrapalhação da "aparecida", num lance de tanto risco e de tamanho alcance. Esquecendo o papel que ali representava, reproduziu uma das frases que ouvira ao cura da sua freguesia na última catequese. Aliás, teria dito: "Só a minha intervenção", etc. Mais claro e luminoso só a luz do Sol, ao meio dia!
Outra piedosa fraude, quero dizer - equívoco da tal senhora, estimada mas incauta. É Lúcia ainda que reproduz a sua fala: "Continuem a rezar o terço!... Em Outubro, virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo e S. José com o menino Jesus"... (2). A colega de La Salette, muito mais sabida, não ataria tão mal aquele molho de brócolos. Firme em ambas as pernas e conhecendo melhor a gramática, a Mèrlier teria dito: "Em Outubro, virão comigo meu divino Filho e meu Esposo". Meter o rapazito, para quê? E a das Dores? E a do Carmo? Temos de concordar que a senhora foi muito além do papel que resolveu desempenhar.
(1) Obr. cit., p. 12.
(2) Rolim, obr. cit., p, 67.

Mas era nova e inexperiente naquele ramo de prestidigitação. Apesar disso, quis mostrar que era gente crescida. Por isso embrulhou tudo I

Essa a razão por que naquelas terras ninguém tomou a sério a palhaçada, a começar pelo pai de Lúcia, António dos Santos, por alcunha o *Abóbora.* Alheio a toda a controvérsia, "não cria nem deixava de crer". Todavia, na sua opinião tudo aquilo se resumia em "chistes de comadres ociosas, que passam o tempo à soalheira, a descobrir as mazelas do próximo". E englobava tudo numa única palavra: "Mulherio!" (1). Um dia, alguém propôs-lhe que se fizesse um círculo na Cova para defender a filha e os sobrinhos dos apertos do povo. Respondeu: "Se eles mentiram, que não mentissem; é bom que os apertem!" (2).
- Uma tarde - depõe certo velhote, que interroguei junto a uma fábrica de serração de madeiras - andava o pai de Lúcia charruando uma leira, quando um sujeito pediu licença para lhe falar. Aborrecido por tanta vez o massacrarem sobre as visões da filha, perguntou: "Que deseja você?" - "Ouvi-lo acerca de sua filha Lúcia e das visões que teve!" Resposta do "Abóbora": "Elas são umas estúpidas, e você, se lhe dá crédito, é tão estúpido como elas!" E continuou a charruar, sem lhe dar mais palavra (3).

(1) ***P. Castro del Rio,* obr. cit., p. 46.**

***(2) Videntes de Fátima,* p. 78.**

(3) Esta cena foi-me confirmada por outros vizinhos de Fátima.

Ouçamos agora a opinião das mães. Depõe a da Jacinta: "Sempre consegui que meus filhos dissessem a verdade, e agora hei-de deixar passar uma coisa destas na mais nova? Ainda se fosse uma coisa mais pequena, mas uma mentira destas, que traz aí enganada já tanta gente?!" E, voltando-se para ela, decididamente: "Dá-lhe as voltas que quiseres: ou desenganas essa gente, confessando que mentiste, ou eu te fecho num quarto, onde não possas ver nem a luz do sol" E, daí a poucos dias, mais furiosa ainda: "Não me rales mais. Isto tem lá jeito, toda a gente a correr para a Cova da Iria, a rezar diante duma carrasqueira?!"
A mãe de Lúcia, apesar de mais devota, lia pela mesma cartilha: "Então, tia Maria Rosa, que me diz das visões de sua filha?" - "Não sei, parece-me que não passa duma intrujona, que traz meio mundo enganado!" (2). Encontrando-se um dia, debaixo duma figueira, sozinha com a mãe, esta, "aparentando muita tranquilidade", disparou-lhe à queima-roupa: -"É verdade que viste N.a Senhora na Cova da Iria?" Réplica de Lúcia: "Quem é que lhe disse isso?" - "A mãe de Jacinta, a quem esta o contou". Convencida de que era inútil guardar segredo, por mais tempo, a filha então declarou-lhe: "Eu nunca disse que foi N.a Senhora, mas uma mulherzinha muito bonita. Recomendei muito aos meus primos que não dissessem nada a ninguém, mas bem se vê que tiveram a língua comprida!"-

(1) *Jacinta,* pág. 82 e 88, 2) *Jacinta,* p. 84.

"A Jacinta diz que foi N.a Senhora, tu chamas-lhe mulherzinha. Sempre vocês são grande" embusteiros, que andam por aí a enganar meio mundo e a pôr em sobressalto e a ridículo a família; mas eu te farei dizer a verdade!" Por seu lado, as irmãs, fazendo coro com a mãe, chamavam-lhe a "Santinha de pau carunchoso" *(1).* As observações da sensata mulher pareciam ter conseguido chamar a filha ao bom caminho"
porque, durante alguns dias, pouca ou nenhumligou à "mulherzinha". Para isso contribuiu também o pároco Manuel Marques Ferreira, que, num dos seus interrogatórios, na presença da mãe, declarou a ambas: "Não me parece uma revelação do Céu. Quando se dão estas coisas, de ordinário N. Senhor manda a essas almas, a quem se comunica, dar conta do que se passou a seus confessores ou párocos, e esta, ao contrário, retrai-se quanto pode!" E conclui, "abrindo um pouco a sua alma" - diz o padre Galamba, autor do livro que neste labirinto nos vem alumiando: "Isto também pode ser um engano de Demónio" (2). Esta inesperada observação do eclesiástico, que ela ouvia sempre com o maior respeito e acatamento, "foi uma bomba" - diz o autor citado - porque lhe "revolucionou a alma". Efectivamente, foi sobretudo a partir dessa entrevista, que a rapariga começou a duvidar, como ela própria confessa, "se as manifestações seriam do Demónio, que, por este meio, procurava perder-me". Tinham-lhe ensinado que o

(1) *Padre Del Rio,* obr. cit, p. 47. (") *Jacinta,* p. 86.

Demónio só procurava lançar no mundo inquietações e guerras. E que sentia ela no seu coração- e no seu lar, senão inquietações e guerras? "Comecei a pensar que, na verdade, desde que via

estas coisas não tinha tido mais alegria, nem bem estar em minha casa". Manifestou aos primos a sua dúvida, ao encontro da qual veio a ingenuidade de Jacinta, até ali sua discípula obediente: "Não é o Demónio, não! O Demónio dizem que é muito feio e que está debaixo da terra, no Inferno, e aquela "Senhora" é tão bonita, e nós vimo-la subir ao Céul"

Se ela subira ou não, sabia-o a mestra, bem melhor que os discípulos. Daí o ter perdido o "entusiasmo pela prática do sacrifício e da mortificação". Pior ainda, pois "hesitava sobre se acabaria por dizer que tinha mentido, e assim acabar com tudo". A fé dos primos veio de novo em seu auxílio: "Não faças isso! Não vês que agora é que tu vais mentir?" Auxílio que de pouco valeu, tão "passageiro" fora. As trevas do seu espírito aumentaram ainda após um sonho que a ia enlouquecendo. "Vi o Demónio, que, rindo-se de me ter enganado, fazia esforços para arrastar-me para o Inferno. Ao ver-me em suas garras, comecei a gritar de tal forma, chamando por N.a Senhora, que acordei minha mãe, a qual me chamou aflita!" (1).

No dia 12 de Julho, à tarde, começou afluindo o povo, para assistir "aos acontecimentos do dia seguinte". Lúcia chamou os primos e, informando-os

(1) *Jacinta,* p. 87.

do seu estado de espírito, declarou-lhes que não voltaria à Cova. "Mas aquela senhora mandou-nos lá ir!" - observou Jacinta, consternada e chorosa. - "Não, eu não vou!" - insiste Lúcia. "Olha, se a Senhora te perguntar por mim, diz-lhe que não vou, porque tenho medo que seja o Demónio" (1).

Esta resolução, de certo, correu logo, lançando grande alarme no seio do grupo que tão incobertamente promovia aquela grande concorrência. O que entretanto se passou ninguém o sabe. O facto é que, no dia seguinte, Lúcia foi a casa -dos primos, e com eles partiu para a Cova, onde, nesse dia, os romeiros espezinharam tudo quanto o "Abóbora" e sua mulher lá tinham plantado e "semeado. "O povo, afirma Lúcia, pisava tudo; ;grande parte ia a cavalo e os animais acabavam de comer e estragar tudo". Lamentando semelhante destroço, dizia-lhe a mãe: "Tu agora, quando quiseres comer, vais pedi-lo a essa Senhora!" E as irmãs, fazendo coro: "Agora, só havias de comer o que se cultiva na Cova da Iria" (2).

Esse campo e o rebanho que dali se alimentava no inverno, constituíam a sua principal fortuna. Mas, devastado o campo, foram obrigados

(1) *Jacinta,* p. 88.

(2) "A Cova da Iria - afirma Lúcia - era uma propriedade pertencente a meus pais. No fundo, tinha um pouco de terreno bastante fértil, no qual se cultivava bastante milho, legumes, hortaliças, etc.. Dessa terra funda chegávamos a tirar 50 sacos de batatas, dos de cinco arrobas. Nas encostas havia algumas oliveiras, azinheiras, carvalhos. Ora, desde que o povo aí começou a ir, não mais pudemos cultivar coisa alguma" *(Jacinta,* p. 151).

a vender o rebanho. Do dinheiro caído na Cova, os donos não levantaram "um real sequer" - garante Padre Galamba. As duas famílias eram remediadas. A da Jacinta, que também nada levantou, continuou remediada. "A de Lúcia empobreceu!" (1). Quem pouco despendeu e tudo recolheu foram principalmente o tal fidalgo e o bispo da diocese, como este próprio confessa: "Não aceitam esmolas ou prendas que lhes querem dar. E, quando resolvemos chamar a nós a direcção das obras e do movimento religioso, entregaram-nos honradamente, até na mesma espécie, os dinheiros e os objectos de valor, que o povo, no seu ardor, deixava ficar no local das aparições" (2).

Mas, voltemos ainda a Lúcia e às contínuas preocupações da mãe, que só pensava em libertá-la de tamanha cegueira. Vendo que não bastavam as suas exortações e o achincalhe das irmãs e do pai, vai com ela ao pároco, a quem expõe a sua inquietação, concluindo: "Oh, sr. Prior, só a mim acontecem estas desgraças!" - "Mas que desgraças?" - "Esta rapariga é o escárneo de toda a vizinhança!" - "Pelo contrário, se fosse verdade o que ela diz, seria para vocês uma grande benção do Céu!.." A resposta da corajosa mãe vale por tudo quanto se tem dito, escrito e pregado, relativamente à Peregrina e às aparições na Cova: "Se fosse verdade?!... Mas é que não pode ser!" (3).

(1) *Jacinta,* p. 150.

(2) *Carta pastoral de 1930,* p. 10.

(3) *Padre Del Rio,* obr. cit., p. 49.

, Quando o povoléu devoto começou afluindo à Cova, a desolada mãe, sempre na ânsia de salvar a filha, voltou com ela ao reverendo Marques Ferreira. Dessa vez, sim, que ele se mostrou verdadeiro sacerdote cristão: "Para que vai essa quantidade de gente prostrar-se, em oração, em um descampado, enquanto que o Deus vivo, o Deus dos nossos' altares, sacramentado, permanece solitário, abandonado no tabernáculo? Para quê esse dinheiro que deixam ficar sem fim algum, debaixo dessa carrasqueira, enquanto que a Igreja em obras não há maneira de se acabar, por falta de meios?" (1*).*

Estas palavras dizem claramente que esse padre estava farto de saber que a "santa" da carrasqueira não baixara do Céu. Porque não podia ser, como sensata e corajosamente lhe afirmara a mulher de Aljustrel. Como eles, também nós agora podemos garantir a Portugal e ao Mundo: A pessoa que os pastores viram, junto à Cova da Iria, não era a mãe de Deus, mas uma formosa senhora, esposa dum oficial do exército, ali em serviço do Estado.

Talvez que adiante ela nos volte a aparecer, catequizando os pastorinhos.

Eminência: são duas horas da manhã. Estou cansado e com os pés gelados. Vamos à deita! Boa noite!

(1) *Jacinta,* p. 130.

II

TERCEIRA CAMISA DE ONZE VARAS

Eminência:

Do resumo que fizemos dos depoimentos feitos ao cónego e a outros cronistas das "maravilhas" ocorridas em Fátima, conclui-se que a empresa tão cautelosamente preparada esteve na eminência duma vergonhosa derrocada, que não comprometeria apenas os interesses financeiros da mesma, como ainda acarretaria o descrédito da Igreja, pela falência da sua política e da sua moral. Era este o pavor do bispo de Leiria, confessando-se, como vimos, (p. 194), ao eminente cientista, seu amigo de infância. Efectivamente, a coisa esteve por um fio! Valeu-lhe a decisão da pequena Jacinta, quando, por duas vezes, procurou demover Lúcia das suas hesitações e dúvidas. *((Bizarrerie du* sor//-exclama o conferencista de Paris. *De ces remonirances d'une fillelte de 7 ans à sa cousine qui n'en avait que dix dépendit, dans une large mesure.*

(1) Novo comentário posto à margem da prova tipográfica deste capítulo, pelo professor já referido: "Devia tê-los morto logo. Assim, vejam a camisa de onze varas em. que todos se meteram".

L'avenir du nouveau culte. Si Lucie avait persiste dans son intention de se desávouer, Fátima ne serait aujourd'hui encore qu'un pauvre petit hameau sans histoire, il n'aurait point revolutioné le Portugal nila Chrétienié".

Sim, a mistificação ter-se-ia desde logo desvendado, se Lúcia persistisse na intenção de tudo confessar. Mas o cerco que lhe fizeram foi de tal natureza, que por fim lá conseguiram mantê-la no desempenho do papel a que se comprometera.

Menos clara foi a actuação do pároco de Fátima, que em Torres aceitara o alvitre que em pouco tempo o libertaria da miséria. Vimos já como tentara equilibrar-se entre os deveres de sacerdote cristão e a exploração da santa aparecida. Com o desenrolar dos acontecimentos, a sua atitude inicial deve ter sido algum tanto abalada. Por ter sentido rebates de consciência, como a outros sucedera? Por ver que os sócios iam longe de mais? Por desilusões de outra natureza? A última hipótese é a mais aceitável. Convencido de que seria o principal beneficiado, ele e a sua paróquia, à sombra da qual a empresa se fundara, em poucos meses verificou que o negócio passara a outras mãos. Apesar disso, não deve ter havido corte de relações. Quando muito estranheza, ao verificar que dos rios de dinheiro que ia enchendo tantas bolsas na Cova, muito pouco escorria para a sua.

Que situação os acontecimentos lhe criaram I Como empresário, só por detrás da cortina

(1) *Alfaric, obr. cit. p. 17.*

actuaria. Mas, como pároco, não podia ignorá-los e daí a obrigação de os relatar ao superior hierárquico. O que realmente fez, numa simples comunicação a D. João de Lima Vidal, administrador do Patriarcado, na ausência forçada do Patriarca. A resposta chegou a 3 de Novembro,, quase na volta do correio, ordenando um inquérito, que ele, desde logo, iniciou, ouvindo as três crianças, os pais, diversos paroquianos e alguns peregrinos das povoações vizinhas. Em virtude da urgência reclamada na averiguação dos factos, natural seria que esta se concluísse em poucos dias. Pois tal não sucedeu. Iniciada no princípio de Novembro, só terminou a 6 de Agosto de 1918 (1). Dez meses para inquirir e relatar fenómenos que ele conhecia como a palma das suas mãos! Que escolhos encontraria para semelhante lentidão? E quem lhe seguraria as mãos e tolheria os passos para que, somente no ano seguinte, ele expedisse o relatório, há tanto concluído? Incontestavelmente a Empresa da Cova, que estava ainda nos caboucos. Mas a exposição remetida ao austero Patriarca de Lisboa harmonizaria os preceitos evangélicos com a ambição dos empresários? Deve ter-lha mostrado. Devem ter discutido, apresentado alvitres, posto objecções, nem todas susceptíveis de onesta aprovação. Daí a desarmonia que entre o grupo surgiu e foi crescendo, até que de todo se agravou, tornando-lhe difícil a permanência na paróquia, do

(1) *Cónego Barlas e Padre Lais Fonseca* (S. J.) - "Fátima, maravilha inaudita", p. 90 e 91.

que resultou a sua transferência, vindo substituí-lo um primo, o padre António Marques Ferreira (1*).* Livres do sócio indesejável, ficavam, todavia, os três "videntes", os quais, deixando •de ver o que lhe tinham imposto, só contribuiriam agora para enredar e comprometer a causa que, até ali, bem ou mal, haviam defendido. à eles se devia a concorrência dos devotos e o prestígio do Santuário, que em poucos dias era conhecido e celebrado aquém e àlém-mar. Apesar disso, bastaria que se resolvessem a dizer a verdade, para lançarem por terra os castelos que tinham edificado... nas nuvens. Que havia, portanto, a fazer? Internar as duas num recolhimento de "irmãzinhas", à espera da maioridade, a fim de professarem, como fizeram à vidente de Lourdes? Nada mais fácil! Mas o Francisco? Recolhê-lo também num dos muitos colégios que as ordens religiosas espalharam de norte a Sul de Portugal?

Pensavam nisto os empresários quando a Divina Providência veio ao seu encontro com a melhor das soluções: a morte, que em seguida os esconderia no cemitério. Assim no-lo confirma o Padre Formigão, quando afirma ser "crença geral entre o povo que toda a família dos videntes de Fátima, assim como estes, estão condenados a desaparecer dentro de pouco tempo, e acrescenta-se que isso lhes teria sido anunciado pela Aparição". E pormenoriza, convicto: "O certo é que o pequeno Francisco já faleceu, a

(1) Cónego Borlas e Padre Luís Fonseca (S, J.) -"Fátima, maravilha inaudita", p. 90 e 91.

Jacinta também, assim como uma irmã dela; o pai de Lúcia da mesma forma, e a mãe esteve há pouco tempo à morte" (1). Se Lúcia fosse também com eles, que alívio, Deus clemente! Não foi, mas pouco tempo se demorou em Aljustrel. Procurada a mãe, fizeram-lhe propostas: a Igreja tomá-la-ia à sua conta, garantindo-lhe um futuro brilhante e glorioso. É natural que a camponesa haja posto objecções de certo peso: viuvez, a velhice, a pobreza em que cairá, etc. A diplomacia católica, porém, tudo venceu. E a "vidente" lá foi com a sua mocidade e o segredo que nunca mais poderá desvendar. Desgraçada ovelheira, que assim entrou viva no túmulo! (). Sepultados, portanto, os três videntes, e devolvida ao Pai do Céu a "Santa" da azinheira, qual seria agora o futuro da Cova? O povo da região, como atestam diversos agiógrafos, não acreditou nos "visionários", e portanto não podia alimentar a fé na "Santa aparecida" *{).* Conhecia os garotos, as famílias, as suas qualidades, taras, vícios e virtudes. E como só aqueles tinham visto a tal senhora que descia do Céu e para lá voltava, não inquiriu mais nada, votando logo

(1) Maravilhas, p. 132.

(2) "No dia 3 de Outubro de 1928, na igreja de certo convento do estrangeiro, fez votos solenes, passando a chamar-se, em religião, a Irmã Maria Lúcia das Dores"

Gaia do Peregrino de Fátima, 1919, p. 29).

(3) "A princípio, o povo não queria ir à Cova da Iria. Ninguém acreditava nas crianças. Presentemente (escreve: "anos depois dos acontecimentos) uma grande parte do povo julga que as crianças falam verdade" *(Maravilhas, P.* 81 e 82).

Fl. 19
290
pela mistificação. Donde resultou, como facilmente se avalia, a zombaria duns, o despreza doutros, a oposição de muitos e a indiferença da maioria. Se as próprias famílias se sentiram vexadas por albergarem nos seus lares filhos tão aldrabões! A este achincalhe e desprezo do elemento popular, juntou-se a intervenção da Autoridade civil, que desse modo julgou contribuir para debelar, rapidamente, um novo foco de superstições, tão nocivas ao progresso cultural e moral das massas populares. Se nem a "bendita azinheira" respeitaram! Cortaram-na pelo pé, e, um ramo a este, outro àquele, levaram tudo no meio da assoada geral. A própria capela das aparições não foi poupada, porquanto, no dizer dos empresários, até bombas de dinamite lhe lançaram *(}).*
Para se combater esse indiferentismo e descrença, só um recurso parecia viável: proclamar novas maravilhas. Anunciar milagres. Para isso, contudo, necessário se tornava interessar empresas jornalísticas, aliciar publicistas, dramaturgos, poetas, compositores musicais, actores, pintores, escultores... Convocado o pessoal actuante da empresa, sob a presidência do mais categorizado, e posto à discussão aquele programa, todos acharam bem. E foi assim que para a Cova da Iria, uma vida nova começou. Fizeram o balanço de fundos. Cofre cheio. Havia, pois, com que apagar escrúpulos, desfazer dúvidas, convencer descrentes e calar bocas insofridas. Os jornais, que já tinham aludido ao "fenómeno" de Fátima,
0) *Rolim,* obr. cit., p. 93.
291
sem tomarem partido, resolveram tomá-lo, arranchando junto aos que viram o Sol bailando sobre a Cova. Os escritores oportunistas inscreveram-se logo, prometendo uma *Cova à luz da História;* outro as suas *Maravilhas;* este, poemas; aquele, dramas; não faltando também artistas de cena. Os cronistas e ensaístas falhados, esses não esperaram que os chamassem: correram todos a oferecer serviços, logo aceitos e pagos, a tanto por cabeça, mesmo aos que nunca a tiveram. Quantos e quantos sujaram resmas de papel a celebrar a fé da menina Jacinta e do irmão Francisco. A parte miraculosa foi confiada principalmente ao cónego, que aceitou, fingindo ignorar estas passagens de Herculano: "Falar dos milagres *que fazem os santos,* incluindo a Virgem, entendo que é melhor deixá-los aos curas estúpidos e ignorantes. É propriedade deles..." Aceitou sobretudo, tendo em conta as palavras finais da referida citação: "e constitui a parte mais rendosa da dotação do
clero" (1*).*
O que, porém, até certo ponto o reabilita é o facto de ter atirado com os milagres para longe, a fim de que ninguém daquela região pudesse examiná-los. O único que lhe caiu pelo caminho foi o de Torres Novas, que entregou aos cuidados de Cecília Augusta Gouveia Prestes, "atacada de tuberculose pulmonar e peritonial com arcite". Esta doente tinha pedido com muito fervor a sua cura ao Senhor Jesus dos Lavradores, residente na igreja de S. Tiago, mas ele ou não fez caso
(1) *A. Herculano,* "Cartas", pág. 12.
292
ou a desenganou, razão por que ela resolveu ir à Fátima e beber água da Cova. E ficou boa, segundo atestaram vários clínicos (1). Os restantes espalhou-os por diversas moradias de Lisboa, Porto, Braga... Um foi parar ao Cadaval, outro a Estarreja, atirando com diversos para S. Vicente da Beira, Ponte da Barca, Viana do Castelo, além de alguns mais que não consegui identificar, como o do senhor Armando de Oliveira, por não indicarem moradia, e o de certa menina de dois anos, que, atacada de meningite, se curou em dois dias por ter bebido água da cisterna da Cova.
Falta apenas acrescentar que os milagres descritos pelo cónego foram atestados por médicos diplomados pelas universidades portuguesas, dos quais apenas conheço um - aquele que atestou o seu próprio caso. E em que linguagem! De tal maneira edificante, que bem merecia figurar em devocionários, no género das *Piedosas Meditações,* cujo autor agora não recordo. Quanto aos habitantes da freguesia de Fátima e confinantes, escuso de garantir a V. Em.a o que de todos é conhecido e sentido. E *em* a ser: que, havendo entre eles muitos achacados com doenças graves, a nenhum a Senhora lançou olhos misericordiosos! Nem milagres, nem graças, apesar da fé que nela têm depositado! O próprio bispo da diocese, que tanto se sacrificou para manter bem vivo o culto de Maria, principalmente

(1) *Cónego Formigão*, “Maravilhas”, pág. 307 a 327.

o do seu coração imaculado, só conseguia mover-se em carrinho de rodas, puxado por fâmulos.
Não devia voltar aos apologistas da Senhora, por ter gastado já com eles bastante cera. Um há, porém, que não devemos esquecer: é o poeta que à *Virgem de Fátima* dedicou um poema, com que apareceu nas comemorações do Ano Santo ('). Ouçamos o inspirado vate:
Ó Maria! és também Senhora bizarra e *esquezita e às vezes até pareces insólita para teus filhos mais queridos e até pareces estrambótica,* (p. 77).

Outra manifestação de culto mariano:

Eu te suplico
que com críticas rigorosas, rigorosíssimas, imparcialíssimas,
apontes os meus erros de poeta para os
emendar (p. 158).
A crença que este poeta deposita na Senhora é de tal natureza, que chega, como acaba de ver-se, a incumbi-la da revisão e correcção dos seus poemas.
Ou não fosse ela
(1) *Santos Cravina*, “A Virgem de Fátima”, poema comemorativo do Ano Santo - Lisboa, 1950.

a imagem do progresso mas do progresso verdadeiramente
progressista, a Crítica das críticas a Cantora das cantoras (p. 181) *Modernista das modernistas* (p. 187) *Futurista das futuristas* (p. 188) *Poetisa das poetisas que desceste à Cova da Iria para em poemas futuristas seres a Artista das artistas do Porvir.*
(p. 189).
Pobre Senhora, a que baixo escalão ela desceu na fé dos seus adoradores I
Bom foi que o poeta lhe chamasse também *Mártir das mártires.*
Efectivamente, não conheço, em todo o Martiriológio Cristão, virgem santa que tanto padecesse, coração que esfaqueassem tão prolongadamente e com tanta crueldade. A Igreja representa a sua Virgem-Mãe sob a figura de Senhora das Dores, com sete punhais a trespassar-lhe o peito. Este verdugo, porém, foi muito mais sanguinário, porque a flagelou dias seguidos, semanas inteiras, talvez meses, com 133 cantos, em cada um dos quais iam dezenas de punhaladas, e não somente contra a mãe de Deus, mas também contra a gramática, a poética e o bom-senso. Quando concluí a leitura deste “Poema Comemorativo do Ano Santo”, fechei os olhos e pus a mão no peito. O coração batia alanceadamente,

apesar de não ser nada comigo. Que celerado! E que pena eu tive da Senhora, apesar de saber que ela nunca existiu! Pior, nem o autor da *Polganthea Mariana (1),* que só de títulos e louvores - *nomina el encomia* - com que tem sido celebrada, encheu 840 páginas em grande. Porque este, ao menos, chamou-lhe todos aqueles nomes, mas em boa latinidade, e muitos deles de grande suavidade e encanto, como sejam “Lírio do vale” (2*)*, “Flor do Campo” (3), “Rosa do Paraíso” (4), “Rainha dos Anjos” (5), “Estrela da Manhã” (6), “Torre de Marfim” (7*)*, “Vénus”... Vénus, sim, mas para inflamar os homens no santo amor de Deus (8). Nome que já Alberto Magno e, depois, Voragine, lhe tinham dado, em sermões que pregaram em público.
Em 1950 apareceu novo cronista dos milagres de Fátima, reunindo em 43 páginas tudo quanto a Senhora operou entre as legiões que se arrastaram à Cova, gemendo e chorando, como reza uma oração da Igreja. São dezenas. Mas da paróquia onde poisou e deu audiência aos guardadores de ovelhas, nem a mais leve graça, a não ser que se considere miraculosa a morte da Jacinta, do Francisco, do “Abóbora” e a queda do

(1) Da autoria de *Hipólito Marrado*, cónego regular, Colónia, 1727.
(2) *Lilium couvallium* (p. 336).
(3) *Fios campo* (p. 229).
(4) *Rosa Paradisíaca* (p. 602).
(5) *Regina angelorum* (p. 579).
(6) *Stela matutina* (p. 664).

(7) *Turis ebúrnea* (p. 737).
(8) *Vénus, in quanlum homines inflamai ad Dei amorem* (p. 759).

padre Santos Farinha, o “Anão”, quando lá foi pregar. Queda fatal, pois lhe partiu uma das pernas, de que lhe sobreveio a morte. Era demais e por isso o cronista, folheando a “Voz de Fátima”, lá descortinou um, escondido ao fundo duma página, sucedido a “um tal António Ribeiro, da freguesia de Ceiça, de Ourém”. Achaque: “dores reumáticas”. Foi à Cova, orou com fé, e de “regresso a casa as dores desapareceram-lhe” ('). Mas era pouco, e por isso voltou a folhear a mesma “Voz”, com tanta sorte que encontrou outro na pessoa de Joaquina de Jesus Patrícia, velhota de 70 anos. Mazela: “ferida de carácter herpético”. O esposo, receando que alastrasse, foi à Cova, encheu um bolso de terra e um vidro de água, e mal chegou a casa misturou,, mexeu e aplicou nas partes afetadas. Resultado - cura instantânea, como não podia deixar de ser (2)” O resto tudo longe: Viana, Cascais, Alte, África, Brasil, índia... O que faltava agora é que tais maravilhas fossem conhecidas em todo” os climas e continentes. E assim se fez, com a auxilio de novos e poderosos cooperadores, à frente dos quais se colocou a Companhia de Jesus, com banca assente nos principais centros comerciais e industriais do globo, e representantes em todas as cidades e vilas dos mesmos continentes. à vista de tanta maravilha, o cronista que acabamos de citar foi levado a concluir que se está em presença do “mais extraordinário acontecimento dos anais do mundo
(1) “Milagres de Fátima” (p. 25). (2) *Obr. cit.,* p, 26. *y /*•

católico português”. Acontecimento felizmente divulgado em “inúmeros idiomas”, por intermédia de consagrados escritores, em livros, opúsculos, revistas, peças teatrais, cinema, A própria rádio tem colaborado assiduamente. E o escriba a que nos reportamos conclui, pormenorizando: “E" muito elevado o número de obras a seu respeito (dela, a Senhora da Cova), rubricadas pelos mais inesperados nomes, tanto nacionais como estrangeiros, contando traduções em espanhol, francês, alemão, italiano, inglês, holandês, polaco, flamengo, vasconço, eslavo, árabe, aramila, japonês e não sabemos que mais” (1*).* Só aqui faltam o russo, o chinês e o esperanto. E é pena, porque fariam tiragens de milhões de exemplares! O autor fecha o seu opúsculo com a lista dos autores e respectivas obras, que circulam ou circularam em Portugal e Colónias. Contei-os, e achei 60, só até 9 de Abril de 1950. Até o Gilberto lá aparece com os *Serões de Inverno,* a Maria Feio com a *Romagem,* a Ludovina Matos com os *Milagres,* e o Cordovil com outro poema (2).
Considere agora, Eminência, o conceito que os cultores dos idiomas acima referidos farão de um país que apresenta escritores com semelhante bagagem! Pior ainda será o que farão dos dirigentes da Igreja em Portugal que ordenam apreensões e destruição, pelo fogo, de numerosas obras literárias de escritores de relevo inconfundível, e não só deixam circular, senão que ainda aplaudem espécies como nunca se viram.
(1) *Obr. cit.,* 7 e 8. (2) *Obr. cit.,* 44 a 47.

desde Jaime José e Rosalino Cândido. Creia V. Em.a Senhor Patriarca de Lisboa, que aponto •essa montureira com vergonha, porque sou português. E se à expressão deste sentimento me permite que junte um conselho, dir-lhe-ei: Se os obreiros que acabamos de ver carregando lixo para distribuir à credulidade pública lhe puderem prestar qualquer serviço útil, aproveite-os, mas longe da Vinha do Senhor, pois de contrário não lhe ficará uma cepal

A FALPERRA EM FÁTIMA

Eminência:
Enquanto não surge o novo Hércules para desviar a ribeira que há-de lavar estes currais de Augias, onde tanto animal tem urinado e estravado, vamos nós prosseguir, visto faltarem ainda algumas léguas para atingirmos o último escalão desta jornada, ao fim da qual então descansaremos, como o Senhor na obra dos seis dias.

Comecemos por este papelinho que, “na forma de direito”, foi aprovado e datado em Leiria, a 15 de Janeiro de 1928, com o título mais vulgar deste mundo: “Estatutos da Confraria de N.a Senhora do Rosário de Fátima”. Folheando-o, encontraremos um artigo, o 6., com a seguinte redacção, que não foi do pároco de Fátima, como era natural, por ser da sua jurisdição e competência: “A Confraria terá uma direcção composta de presidente, secretário e tesoureiro, nomeados pelo prelado da Diocese. Esta comissão prestará contas todos os anos, na forma de direito”. Este artigo, redigido pelo atilado bispo, foi a mola real de toda a empresa comercial e industrial de Fátima. Para lhe dar cumprimento foi convidado o tesoureiro da Fazenda Pública de Tomar, José dos Santos Rito, que o Governo demitiu por ter-se “adiantado” com 2.500 contos, a que juntou
300
mais 3.500 contos, que a cegueira do povo tinha levado à capelinha da Senhora, construida na Cova. Seis mil contos! Quantitativo enorme para o tempo, mas de que não deu contas. Pergunta-se: para onde foram esses milhares de contos, arrancados à pobre gente das aldeias, que ali vinha deixar as suas economias, as suas jóias, adquiridas à força de longamente mourejar? Quem os gastou? Em que obras se aplicaram? Para a Cova não voltaram, porque tudo o que ali se tem gasto é à custa de ofertas posteriores e de largas dotações do Estado. Semelhante mistério nunca se desvendou. Como também nunca se soube qual o particular ou entidade que deu guarida ao salteador dos dinheiros públicos e, depois, lhe alcançou passaporte que o levasse à República Argentina.
Outro mistério: Quem, passados poucos anos, o repatriou e pôs a bom recato numa quinta dos arredores de Lisboa, onde, por fim, veio a falecer? Sabe-se apenas que o larápio era tão grande amigo, do seu bispo, que este não hesitou em confiar-lhe o tesouro da Senhora de Fátima. Sabe-se ainda que o báculo episcopal, em prata dourada, fora dádiva do mesmo Rito. Sabe-se também que não foi por uma só boca, por mais larga e voraz, que se escoaram os 6.000 contos. Sabe-se finalmente que, apesar de ter sacrilega-mente desviado as esmolas que a piedade cristã levara aos pés da Mãe de Deus, nunca as censuras da Igreja fulminaram o delapidador, como sempre tem feito, às vezes pelo simples furto dum castiçal, dum cordão ou duma jóia niquelada.
Varrido este incidente para a vasta montureira que, ao lado da Cova, a Igreja vem juntando.

301
para ali sepultar o novo ídolo, voltemos ao artigo 6.o e à chave do cofre que, depois dos desfalques, recolheu à mão do sr. Bispo. Com estas duas alavancas e a solidariedade de todo o episcopado, não foi difícil movimentar, primeiro, o mundo da publicidade, nacional e estrangeira; a seguir, o do funcionalismo, a começar pelas secretarias do Estado, desde a Grande Guerra confiadas, na sua maioria, a pessoas afectas à Igreja Católica. Abordaram, depois, o mundo da Finança, o da Grande Indústria, o das grandes companhias, ao mesmo tempo que iam abalando a massa flutuante, ignara, miserável, sem esquecerem os sem carácter nem escrúpulos a “canalha”, no dizer de José Estêvão, mas que, para obras deste vulto, não é possível dispensar-se. Um dos objectivos mais instantes do episcopado foi a aliança entre a espada e a cruz, pois que esta sem aquela, nos tempos que vão correndo, é símbolo vazio de sentido.
Conquistados assim os postos de comando, nada custa prever o que depois aconteceu. Reorganizaram-se todas as velhas confrarias, preparando-se, ao mesmo tempo, sedes convenientes para serem instaladas todas as ordens religiosas, expulsas do país como organismos perigosos. Fechou-se a maioria dos colégios então existentes, para darem lugar aos que imediatamente se instalaram e abriram ao público, dirigidos por elementos congreganistas. Foi assim que o país se encheu de frades, de freiras, de irmãzinhas, que rapidamente invadiram escolas de todos os graus de ensino, instituições de assistência, asilos de velhos e de novos, patronatos, sanatórios, creches, preventórios, hospitais...
302
Encerradas as Escolas Normais - elemento essencial em todo o mundo culto - não demorou a demissão de professores republicanos e a substituição, em larga escala, de escolas primárias pelos postos-de-ensino, providos em pessoas incultas, mas de inteira confiança dos respectivos párocos, a fim de neles ministrarem o ensino do Catecismo, abolido em todos os estabelecimentos do Estado pela Constituição de 1911 e pelo diploma basilar de um povo livre -

a Lei da Separação. Seguidamente, alcançaram do Estado largas dotações para reparação e fundação de igrejas, conventos, seminários, capelas, santuários, confrarias (1), e, até, para canonizar frades

(1) Das listas oficiais enviadas à imprensa, consta, entre outras: Dias 30-3-47: 3.000$00 para obras em catedrais, igrejas, capelas, mosteiros; 14-4-47: igreja de S. Jorge do Selho (Guimarães) e seminário de Fátima, 200 contos para cada um; 10-6-47: para 7 igrejas, um mosteiro e duas catedrais, 181 contos ; 13-6-47: seis igrejas e uma catedral, 160 contos ; 7-7 do mesmo ano: à Comissão fabriqueira da igreja de Moreira dos Gongos, 200 contos; à ordem de S. Francisco de Guimarães, 264 contos ; igreja de Vilar das Neves, 200 contos; igreja de Alfarela (Vila Pouca de Aguiar), 94.600$00; igreja de Fergim (Amarante), 30.600$00; 30-11-48: Instituto do Bom Pastor (Vila Nova de Gaia), 880 contos; 16-2-49: Corporação do Culto Católico (Vila Nova de Paiva), 90 contos; Comissão fabriqueira da igreja de Azinhal (Castro Marim), 15 contos; 19-2-49: Comissão do Culto Católico de S. Jorge de Selhe, 100 contos; casas de protecção à juventude do Nordeste (católica), 500 contos; Comissão fabriqueira da igreja de Moreira (Guimarães), 100 contos; idem de Penejoia (Lamego), 100 contos; Seminário de Felgueiras, 264 contos; Instituto de Missões de Fátima, 400 contos; Diocese de Aveiro, 500 contos; 20-2-49: Seminário de Santa Teresinha (Felgueiras), 264 contos; 28-8-49: Capela da Senhora de Fátima da Igreja de Santo António, em Roma, 500 contos (orçada

de que Portugal há muito se esquecera - tão apagado foi o seu papel em relação à Pátria onde nasceram, como esse João de Brito, que só agora, à falta de melhor, a Companhia de Jesus resolveu acordar, não para benefício e glória dos portugueses, mas para aumentar o número dos seus, mortos no Oriente, em defesa duma religião que assava os corpos para salvar as almas.

(continuação da nota da página anterior)
em 1.500 contos); 12-7-50: Na Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais, foram recebidas propostas para a execução da 1.a fase das obras de abastecimento da água ao Santuário de Fátima, orçamentada oficialmente em 1.400 contos; 19-12-50: à arquidiocese de Évora, para ampliação do Seminário - 1.a fase, 208 contos; à Comissão de Senhoras de Yiamonte, para reparação da igreja de Santo António, 38 contos; 29-8-50: à fábrica da igreja de Pataias, para construção do novo templo, 400 contos; à Comissão construtora da nova igreja da Senhora da Conceição, das Caldas da Rainha, 659.600$00; 12-8-50: às comissões fabriqueiras das igrejas de Casegas e Oledo (Castelo Branco), 121.000$00 e 26.200$00, respectivamente; à fábrica da igreja matriz de Alcande, à comissão do Culto Católico de Riachos, para construção da igreja, e à comissão fabriqueira de Vila Nova de Ourém, para reparação da igreja, 13.000$00, 47.600$00 e 48.600$00, respectivamente; ao Santuário de N. Senhora do Rosário de Fátima, para abastecimento de águas, 597.500$00; à comissão paroquial da freguesia de Alcafache, para construção duma capela, 65 contos; 16-8-50: para obras na capela da Senhora das Neves (Aveiro), 50 contos; à comissão fabriqueira para obras no santuário da S.a das Necessidades de Barqueiros (Braga), reforço de 23 contos; à confraria da S. da Conceição do Monte Sameiro, para um cruzeiro monumental, 144 contos; às comissões fabriqueiras de Soeima e Failde (Bragança), respectivamente, 66.300$00 e 11.760$00; igreja matriz de Tortozendo, reforço, 29.300$00; igreja da Misericórdia da Covilhã, 59.740$00; comissões do culto católico de Coja, Vila Cova de Alva, Febre e Anobra (distrito de Coimbra), respectivamente, 59.000$, 50.000$, 125.600$ e 130.600$; à igreja paroquial de Pêra (Évora), 39.800$;

Mas a maior conquista do episcopado foi a da Concordata de 1940 e respectivo Acordo Missionário. Diplomas tão novos, tão estranhos, que só lendo-os se podem acreditar, tanto aí Portugal recuou para

(continuação da nota das páginas anteriores)
reparação da capela da Senhora dos Remédios de Alfarazer <Guarda), 18.500$; à Comissão do Culto de Maçãs de D. Maria, para construção da igreja paroquial, reforço de 330 contos; ao patriarcado de Lisboa, para reparação da igreja do Coleginho, 167.200$00; à direcção do Lar do Patrocínio <de S. José, edifício para instalação, 192 contos; à irmandade do Santíssimo da freguesia de Sto. António de Campolide, reforço de 18 contos; construção da igreja de Benavente, 128.800$; construção da igreja do Couço, 18.900$; reparação da igreja de Alhos Vedros (Moita), 85.200$00; reparação da igreja de Candemil (Vila Nova de Cerveira), reforço de 20.000$; capela da S." das Candeias (Régua), reforço de 26 contos; igreja matriz de Nogueira (Viseu), reforço, 6.730$; igreja da S.a dos Anjos (Ponta Delgada), 116 contos, e à junta de freguesia de S. José, para reparação da igreja, reforço, 86.800$00.
(Do "Primeiro de Janeiro" de 13-8-50): para o Santuário de Fátima, 597.500$00; culto católico de Riachos, 47.600$00. (Do "Diário de Notícias" de 18-8-50): Beja: ampliação do Convento de Santa Clara, 52.500$; Braga: restauro da igreja de Santa Maria do Sirão, 49.760$; Bragança: reparação da igreja de Lamalonga, 52.300$; reparação da igreja de Frechas, 88 contos; Castelo Branco: construção duma igreja em Vale de Lobo, 38.300$; reforço de 125 contos para reparação da igreja de Penamacor; *Coimbra:* construção duma igreja em Costa de Lavos, reforço, 34 contos; reparação da igreja de Alfarelos, reforço, 63.600$; *Faro:* reparação da igreja de Vila Real, 38.600$00; *Guarda:* reparação da igreja de Adão, reforço, 15.600$; *Leiria:* restauro da igreja de Alvados, reforço, 8.850$; *Lisboa:* ao Patriarcado, para construção do Corpo Central do Seminário dos Olivais, reforço, 300 contos; reparação da igreja de Vialonga, reforço, 13.600$; *Parlo:* o Instituto do Bom Pastor "Corpus Christi", em Vila Nova de Gaia, reforço, 127 contos; *Santarém:* reparação da igreja matriz de Arneiros de Milhariços, reforço, 16.100$;

os tempos de Gregório 7. e Inocêncio 3.. Razão tinha o Legado Pontifício, cardeal Masela, quando, em Maio de 46, no banquete do Palácio Nacional de Belém, em resposta ao brinde do chefe do Estado, afirmou, com a autoridade

(continuação da nota das páginas anteriores)
reparação da Capela da N. S.a da Piedade, em Tomar, 35.500$00; *Viana do Castelo:* reconstrução do Convento de S. Domingos, reforço, 88 contos; *Vila Real:* à Casa do Povo da Cumieira, para reparação da igreja, reforço, 22.500$00; *Viseu:* reparação da igreja matriz de Santa Comba Dão, reforço 16.100$00; reparação da igreja da Póvoa de Penedono, 100 contos; reparação e ampliação da igreja de V. Chã de Sá, reforço 100 contos; *Horta:* reparação da igreja da Madalena, 24.800$00.
Segundo o mesmo "Diário", foi concedida à confraria dos Santos Portugueses da N.a S.a de Fátima a quantia de 584 contos para a construção duma igreja em Parede.
Por sua vez, o "Diário de Lisboa" registou, na secção *Três linhas*, que "pelo fundo do desemprego, foram concedidos dez mil contos para o Seminário de Aveiro".
Os jornais de 15-9-50 anunciaram também comparticipações para o convento dos frades de Lagoa, no valor de 34.500$, e para o do Menino Jesus, de Lisboa, de 45.450$00.
A esta relação, referente a um pequeno período, convém acrescentar que S. Vicente de Fora e o antigo Seminário de Viseu, enquanto lá estiveram regimentos, apesar -de propriedades do Estado, pagavam renda aos respectivos bispos. Mais espantoso ainda o sucedido com as igrejas da Conceição Nova e do Socorro, ambas monumentos do Estado. A primeira foi vendida à Caixa Geral dos Depósitos por 12.400 contos, importância entregue, depois, ao Patriarcado; pela demolição da igreja do Socorro, embolsou também 10.000 contos!
P. S. - Escrevo a 21 de Dezembro de 1953. Nos jornais vêm publicadas estas comparticipações do Estado: Para a construção da igreja de S. José - Coimbra- 1.217 contos; para obras no Colégio dos Beneditinos Missionários, em Roriz (Negrelos), 9.200$; para O Instituto Missionário dos Filhos do Coração de Jesus, em Viseu (conclusão do edifi-

que lhe dava o seu cargo: "O Augusto Pontífice ama com especial predilecção Portugal" (2).
Efectivamente, não deve existir país algum, além do nosso, que ousasse firmar tais diplomas. Impostos a Portugal, não pelo voto livre do seu povo que não quiseram ouvir, mas pela força das armas, de que dispunham amplamente, só uma coisa falta para a total supressão da liberdade - a Inquisição. Mas se a não puseram em vigor com toda a velha aparelhagem e fogueiras, deram-nos coisa até certo ponto equivalente - *o* Santo Ofício... sem efusão de sangue, que confiam, como outrora, aos agentes do Estado.
Um dos seus grandes auxiliares é a censura prévia à imprensa, cuja actuação é não só humilhante, mas cruel, como V. Em.a perfeitamente sabe, por ter em suas mãos os cordelinhos que movem a secção onde maiores estragos se tem feito. Outra grande conquista, que a Igreja Católica só aqui alcançou: o monopólio da tribuna, da cátedra, da imprensa livre de censura e da liberdade de reunião a qualquer hora, em qualquer lugar, com a consequente supressão de todas essas regalias aos que se não sujeitam à tutela de Roma.
Ora, foi a partir destas conquistas, alcançadas com pequenos intervalos, que se pensou na realização de grandes manifestações de fé, através do país, à imitação das que o povo republicano

(continuação da nota das páginas anteriores)
cio), 500 contos; para a construção da igreja de Alcafache (Mangualde), reforço, 25.500$. Depois daquela data a generosidade do Estado tem continuado sempre.
(2) Brotéria, Dezembro, 1946, p. 664.

e democrata realizara para derrubar as anacrónicas instituições monárquicas. Mas a formação mental do povo não lhe permitia acreditar no sobrenatural. Assim, como poderiam arrastá-lo a manifestações de fé? Havia um único processo, e esse infalível: o medo, espalhado no seio das famílias pela actuação dos confessores, segredando às suas confessadas, mães e filhas, que só alcançariam lugares públicos os que frequentassem os sacramentos, contribuindo ao mesmo tempo para sustentação do clero e maior esplendor do culto. O efeito de tão satânica manobra não se fez esperar, como V. Em.a bem sabe.
Em todas as igrejas começaram aparecendo chefes de família, que nunca tinham dobrado o joelho em frente dos altares, com o seu livro de orações na mão ou debaixo do braço, mas sempre bem visível, a assistir ao "santo sacrifício", na mesma posição e humildade da pobre gente que acredita em tudo o que lhe diz o padre. Este foi, sem dúvida, um dos maiores golpes vibrados no espírito laico do povo lusitano, pagão desde o tempo em que o Direito romano aqui lançou raízes. Ao mesmo tempo que se violentava a consciência popular, preparavam-se, de

longe e de largo, outros processos de obrigar as massas a mostrar que tinham fé. Já concorriam a Fátima milhares e milhares de “convictos”. Mas não era bastante. Reclamavam-se legiões. A estratégia a que, para isso, recorreram, também não podia falhar, desde que os postos de comando fossem bem ocupados e se firmassem bem. Assim sucedeu. E deserções? Tão raras, que nem deram na vista... É que a espada unida à cruz tem esse condão mágico!

Retomemos a marcha dos acontecimentos de Fátima e dos negócios respectivos. A certa altura, os empresários da Cova da Iria, já capitaneados pelo bispo, verificaram que o entusiasmo inicial começava a arrefecer, mormente após o embuste da nascente, que “brotara na Cova, subitamente, por milagre do Céu”.
Desmoralizados com a divulgação da fraude e das doenças que vitimavam os desgraçados que ingeriam as águas inquinadas (1*)*, resolveram tomar medidas de emergência. Uma delas - a mais urgente - foi o lançamento duma folha que mensalmente recordasse as “santas aparições” e avivasse a fé dos que principiavam a dar mostras de dúvida! Foi assim que, em 1922, apareceu a “Voz de Fátima”, gratuitamente distribuída a romeiros e simples visitantes. A princípio, pouco efeito produzia, apesar de autorizada já pelo bispo da diocese. Descrevia as peregrinações, registava os nomes dos peregrinos de maior categoria social, os donativos feitos à Senhora, noticiava os actos do culto, etc, mas o sector miraculoso era tão acanhado, que os devotos, ao

(1) Nos jornais de 4-7-1950, volta a falar-se nas “propostas recebidas na Direcção Geral dos Monumentos Nacionais para a execução da primeira fase das obras de abastecimento de água ao Santuário de Fátima, orçamentada oficialmente em 1.400 contos. Na presente fase, prevê-se o abastecimento exclusivo do santuário, mas criam-se as bases da.futura expansão deste melhoramento nos aglomerados populacionais interessados. Todos os trabalhos deverão ficar concluídos até 30 de Abril do ano próximo”. (Quanto aos devotos atacados pelo tifo e outras doenças provenientes da tal fonte milagrosa, deles nos ocuparemos no capítulo”Ofensiva Geral”).

confrontá-lo com o do Sameiro, em Braga, começaram a ver que por tão pouco não valia a pena continuarem a correr para ali. E muitos deles de tão longe!
A empresa avaliou o perigo e, para animar e acelerar a marcha dos indecisos e dos tíbios, publicou, a 13 de Maio de 1923, a toda a largura da primeira página, o H*ino de Fátima,* de que eram autores, na música o padre Sabino Pereira, e na letra o cónego Formigão. Nada valeu também, porque, se a música falhava na harmonia, os versos falhavam mais ainda, por não haver maneira de os fixarem no ouvido, tão desarticulados eram. Um exemplo, entre muitos: *Todo um povo aqui vem pressuroso...* Os pobres analfabetos, ouvindo um palavrão tão áspero, abriam os olhos e a boca e guardavam silêncio, por não saberem que significado teria aquilo. Alguns que, realmente, desejavam *Ver a Deus, face a face, sem véu,* arrefeciam logo, quando o ensaiador os coagia a repetir: N*ós gememos na terra p'regrinos...* Se ao menos fossem bem timbrados, bem medidos, sem elipses nem termos arrevesados!... Mas nem assim, porque o povo já não vai com cantigas, por mais belas e harmoniosas que sejam,
A concorrência nos anos de 1922 a 1926 começou a falhar de tal modo, que os empresários julgaram que tudo, em breve, cairia na desolação antiga. A revista “Brotéria”, um dos mais bem montados e afinados órgãos portugueses da Companhia de Jesus, regista essa decadência apavorante numa das estampas que publicou em Maio de 1931, a seguir ao artigo apologético com que abre. Diz a legenda respectiva: “Peregrinação,

pouco numerosa, em 13 de Setembro de 1926” (1)♦ Efectivamente, aquilo foi desconcertante: pequenos grupos de curiosos, uns ao sol, outros à sombra das carrasqueiras, observando aquela pelintragem e, em torno da capela, ouvindo a missa, uma, duas centenas, quando muito. Pois não devia ser assim, porque nessa região a percentagem dos analfabetos continuava sendo muito grande, embora inferior à que atingiu em 1931 - a mais alta da Europa, como regista o mesmo órgão (2).
Mas, apesar de inculto, o povo, se não vai com cantigas, também não vai com missas, como V. Em.a tem largamente observado. Quer mais. Quer factos concretos. Coisas que lhe entrem pelos olhos. Objectos que possa examinar, palpar, sentir. Ora, o que ele viu e sentiu durante a longa estiagem que lhe levou a casa fome e lágrimas, foi Deus fechado no sacrário e a tal Santa no altar, calada e fria como os seixos do rio. Ele bem sabe que continuam a iludi-lo com promessas

de bem-aventurança para além desta vida. Que o iludam, embora, mas, ao menos, façam-no habilmente, como os tais do Sameiro, que há um ror de anos enchem a sua folha com milagres de polpa e graças para todos os males,

(1) "Brotéria", vol. 12., Maio de 1931.
(-2 "Dos países da Europa, apresentam mais elevado índice de analfabetismo a Grécia, a Bulgária, a Rússia e Portugal. A Grécia conta 51,42"/% de iletrados, a Bulgária 50%, a Rússia 65.%, e enfim Portugal 67%. (*Brotéria*, mesmo nº p. 317.

que mensalmente espalham, não apenas no torrão pátrio, mas por todos os pontos do globo (). Convencida a Empresa - incluindo o director da "Voz" e os compositores do "Hino" - que urgia arrepiar caminho, imediatamente procuraram o mais seguro e que em menos tempo levasse ao mesmo dos colegas de Braga. E então, sim, que foi uma verdadeira enchente! Tantos milagres, tantas graças, que mal cabiam já nas listas do Santuário! Com o incessante despejar da miraculosa cornucópia, confiada à mão potente e ao olhar penetrante do cónego Formigão, não só os cofres da Cova transbordaram de novo, •como também se prestigiou o referido órgão, que já no mês de Janeiro distribuiu 35.500 exemplares (2). A 13 de Maio de 1932 o n. 115 anuncia a tiragem de 60.000 exemplares, E um mês depois (n. 117) sobe a 93.000, aumentando igualmente os milagres, as graças e os mistérios, que também começavam agora a passar a fronteira, vindos até de países remotos.

Saltando alguns anos à frente, eis-nos em Dezembro de 1946. Tiragem: 224.460. Despesa: Escudos 26.802$73. Esta incessante expansão impressionou de tal maneira o Santo Padre, que logo determinou abençoar a "Voz" na sua edição estrangeira. Porque o órgão dos empresários

(1) "Ecos do Sameiro", órgão oficial do Santuário de Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro, com aprovação e bênção do arcebisto Primaz. Em novembro de 1951 publicou-se o n. 306.
(2) Nesse mesmo *n.* (52) se anuncia: "Este jornalzinho, •que vai sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima, nos dias 13 de cada mês".

da Cova não se limitava, agora, a clamar apenas no seu país de origem e no respectivo idioma, mas ainda nos de outras nacionalidades, como estamos ouvindo (1*).* O último número que me enviou a desconhecida alma que deseja também salvar a minha (373, de 13-11-53) regista uma tiragem de 241.000 e a despesa global de Esc" 36.708$50.

O caso não é para estranhar em presença do campo miraculoso que ali se desfruta. Páginas e páginas de milagres e graças para tudo, até para alcançar empregos em repartições públicas, que remuneram bem - o que, entre nós, talvez seja novidade, mesmo para o "Mensageiro do Coração de Jesus". É certo que este recomenda, e com empenho, mas colocar em lugares altos, como a "Voz" vem fazendo, nunca ele, me parece, tal ousou (2). A Empresa de Fátima, foi, porém, tão longe no emprego do sobrenatural e na complacência da Senhora para com os seus adoradores,

(1) Do Vaticano escreve o Secretário de Sua Santidade: "Rev."" Senhor: Sua Santidade recebeu como filial homenagem os primeiros números da edição anglo-espanhola do jornal "Voz de Fátima". Sua Santidade agradece profundamente a oportuna publicação e formula os melhores votos para que esta publicação se torne uma viva expressão de piedade entre os fiéis... O Augusto Pontífice da melhor vontade dá corpo e expressão a estes votos, enviando a benção apostólica, como penhor das graças de Deus". *{Voz de Fátima,* n. 291 - de 13-12-46).
(2) Sob o título *".Cargo público superior"*, conta o órgão da Cova: "D. Zulmira Alves, de Monção, encontrando-se seu filho Francisco com habilitações literárias precisas, concorrera a diversos exames de habilitação para cargos públicos, mas não conseguia ser admitido, pelo que sua mãe recorreu a N.a S. de Fátima, e não tardou que o seu filho se visse provido dum cargo público superior". (*Voz de Fátima N.o* 351, de 13-12-51, p. 3).

que acabou por acarretar inconvenientes de tal maneira graves, que em breve a dúvida voltou a minar os espíritos. Foi, entre outros, o caso daquela terrível estiagem que durante alguns meses assolou o país. Prevendo a fome que nesse ano iria afligir a parte mais laboriosa do país, constituída pelos que viram a leiva e semeiam o grão, estes instaram com os párocos a fim de que se ordenassem preces públicas. Mas os bispos, junto dos quais foi levado esse clamor, pediram calma, declarando, todavia, que na devida altura ordenariam o que a fé dos campónios reclamava. É que já nenhum bispo ignora que as divindades actuais, em matéria pluviosa, só actuam de acordo com os barómetros, que são de rigor em todas as câmaras eclesiásticas. E foram demorando... Mas a simplicidade e a ignorância do campónio não acredita nos barómetros, obra da mão do homem, mas naquilo em que lhe ensinaram a crer, isto é, na

decisiva intervenção dos santos junto daquele que, por detrás das nuvens, tudo pode e tudo ordena. Por tal motivo objectavam, e com razão: "Se a Senhora de Fátima está acudindo a tanta gente por esse mundo fora, porque não há-de volver também olhos misericordiosos para a terra que escolheu para realizar tantos milagres?" E voltava a insistir junto dos párocos, e estes junto dos bispos. O barómetro, porém, continuava a não dar sinal de humidade. Pelo contrário, visto que o Sol despedia raios cada vez mais ardentes. E as fontes secas, os campos sem verdura, os pomares sem fruto e as hortas definhando a olhos vistos!
Não podendo conter as súplicas veementes do povo, alguns bispos, menos crentes nas razões
314
barométricas, ordenaram preces *ao patendam pluviam*, que em todas as freguesias da diocese de Leiria se revestiram da mais viva função religiosa. E isto durante uma, duas, três, quatro semanas. Passou-se ainda um mês em que nenhum devoto deixou de correr ao templo, ajoelhar em frente do altar da Senhora e entoar em coro as -orações que pedem chuva. Apesar disso, lá do Céu, nem uma gota! A vista de tão prolongada e cruel estiagem, muitos pais de família refugiaram-se nas cidades ou procuraram, lá fora, novos climas. Os que não puderam emigrar, ou desanimaram, ou tentaram outras ocupações. O certo é que as preces foram abandonadas por inúteis. Duro golpe, sem dúvida, nos créditos da Santa, que assim fechara ouvidos ao clamor do povo que lhe erguera o mais afamado santuário da moderna cristandade! Os empresários de Fátima não contaram com tão grave insucesso, o qual logo se fez sentir na concorrência ao santuário, ", consequentemente, no despejar de bolsas nos cofres da Senhora. Por seu lado, os bispos, alarmados também com o descontentamento dos -devotos, entre os quais a hidra da descrença começava de novo rabiando, tomaram a única medida que lhes pareceu integrada nos velhos preceitos e sistemas teológicos, que tudo justificam, mesmo o que não tenha justificação alguma. Explicaram ao povo tratar-se de castigo mandado por Deus ao pobre aldeão pelo esforço do qual vêm até nós o pão e a carne que nos alimentam, o linho e a lã com que nos vestimos, a lenha a que nos aquecemos, sem esquecer o vinho que entra no sacrifício do altar e a todos alegra o "oração.
315
Pois os bispos só encontraram essa infeliz saída, que V. Em.a, à frente deles, foi o primeiro a perfilhar, na longa e redundante Pastoral Colectiva, com que resolveram celebrar as "bodas d*e* prata das aparições de Fátima". Mas tão rigoroso e prolongado castigo porquê? Unicamente pela não comparência do povo à missa dominical! Afirmam vossas reverendíssimas que "trabalhar ou mandar trabalhar, ao domingo, sem necessidade, é pecado, é violação de uma lei sagrada, que traz consigo grandes ameaças de castigo". E acrescentam, sentenciosamente: "Com Deus não se brinca!" Mas o povo não quis brincar com Deus, principalmente o da região mais castigada, sempre pronto, coitado!, a rezar à lareira o seu fio de contas. Não foi à missa todos os domingos por não lhe ser possível, devido aos seus mil e um afazeres. Apesar disso, no dizer de V. Em. e dos restantes mitrados, Deus foi implacável: secou-lhe as nascentes, derreteu-lhe as searas, queimou-lhe os batatais, bichou-lhe os frutos, não deixando sequer que o feijão trepasse pela empa. É assim, pelo menos, que raciocina o alto clero: "Não será bem para recear que a inutilização de certas culturas, a perda de searas que se apresentavam ridentes e prometedoras seja castigo da profanação do domingo? Semeadas ao domingo, em terras lavradas ao domingo, trazem consigo a maldição congénita. Que admira, pois, que os frutos se percam? Não pense ninguém em enriquecer com o trabalho de domingo e trema das riquezas acumuladas desta maneira..." (1).
(1) "Pastoral Colectiva", in "Brotéria", Maio, 1942, p. 554.
316
Como a Igreja vê hoje o Criador do Mundo! E como ela o considera, tanto no trato com os homens, como na sua vida íntima!
Sabe-se-pois consta das Santas Escrituras-que a Rainha do Céu é esposa de Deus, da qual teve um filho, que se chamou Jesus, o Cristo, morto pelos judeus há mais de dois mil anos. Ora, não há bispo nem simples clérigo, por mais obtuso, que não saiba estas coisas. Apesar disso, não hesitaram em atribuir à Santa novas bodas, celebradas na Cova, há 25 anos! Mas, quem diz bodas diz matrimónio. E como este se não compreende sem macho e fêmea, pergunta-se: onde foi ela, em 1917, escolher o eleito da sua alma? E chamais-me blasfemo!... Que sois vós então, neste caso em que julgais a Senhora capaz de se juntar, por exemplo, com o violento Formigão,

o melífluo Galamba ou o bispo, mesmo inválido - essa trindade que mais lida com ela dentro e fora do Santuário? E salta agora a pergunta essencial:- A seca foi devida à falta de comparência na missa dominical e a trabalhos agrícolas realizados por campónios em dias santificados, ou à inconcebível aleivosia do episcopado português, celebrando uma coisa que muito deve ter irritado o Criador? Creio que ninguém deixará de votar pela segunda hipótese, a começar pelo bispo de Aveiro, que achou fora de todo o senso a tal celebração (). Era o mesmo que dá-la por viúva, e, na opinião do antigo professor de teologia, Deus, seu esposo, não morrera ainda!
(‘) “Dizer que são bodas de prata de N.a S.a à maneira das pequenas coisas e alegrias da Terra, é talvez vulgarizar e tratar um pouco de mais à vontade a Rainha dos Anjos

Mas, deixemos esta miséria e voltemos aos empresários da Cova, agora tão seriamente preocupados com o seu futuro. Efectivamente, o caso não era para menos. Em 1926 tinham lançado um “Manual” com alvitres do sr. bispo sobre curas, peditórios, hinos e regras para o serviço da Senhora *()*, O folheto vendeu-se, mas nem por isso o negócio avançou como se desejava. Tempos depois apareceu um *Guia {)* com novas orações e novos cânticos, agora musicados, mas com versos tão sensaborões, ou mais ainda, que os do cónego Formigão. Novo sucesso editorial, mas, como elemento de prestígio para a Santa e garantias de futuro para a Cova, pouco êxito deve ter alcançado. E digo isto porque, volvidos alguns meses, foi necessário lançar novo *Guia,* firmado pelo Padre João Marchi, e, pouco depois, mais um, apresentado por um tal Valentim Armas. Faltava só um calendário, mas também esse apareceu para o devoto pôr à cabeceira ou guardar no bolso do colete (").
E tudo isto na zelosa intenção de melhor esclarecer a população devota, que marchava sim, mas com sinais evidentes de cansaço e má vontade,

(continuação da nota da página anterior)
- é querer meter uma estrela inteira - e que estrela-dentro dum pequenino estojo, eu ia quase a dizer que é tratar por tu o Céu”. (D. *João Evangelista*, bispo de Aveiro, in *Stella*, Maio de 1942).
(2) “Manual do Peregrino de Fátima”, com o *imprimatur* do bispo de Leiria, dado a 13 de Março.
(3) *José Teodósio Almeida*, “Guia do Peregrino de Fátima”. 1929, com o *Imprimatur* de 17 de Abril do mesmo ano.
(4) “Calendário de N.a S.a de Fátima para 1940”, editado pela Casa de N.a S.a das Dores, Cova da Iria.

como o país largamente pôde observar. Quem, a meu ver, andou mais atiladamente, foi aquele que propôs a intervenção dum bom fotógrafo, a fim de se lançar obra de gosto, que *o* peregrino, ao regressar a casa, expusesse na sala de visitas ou mandasse como brinde a pessoa da sua estimação. E, de facto, em 1931 apareceu um bem apresentado álbum com 65 vistas, para ser guardado a par de certa colecção bibliográfica, que tem posto em relevo os monumentos e obras de arte nacionais (1).
Após tantos e tais expedientes, natural seria que as multidões corressem para Fátima, sem que a Empresa recorresse à publicidade jornalística, com reclames tentadores, nem à insistente intervenção do clero, secular e regular. Tal não sucedeu, porém, visto que em todas as igrejas continuou a pregação do pároco e, fora delas, o apelo dos agentes leigos, a arrastar devotos para a Cova... (O que, de facto, sucedeu a muitos deles, principalmente os que das Beiras, Douro, Minho e Trás-os-Montes, se arrastaram e arrastam ainda, ao sol e à chuva, mal alimentados, mal vestidos, a instâncias dos referidos párocos e corretores laicos da Empresa).
Em 1942, o receio duma liquidação vergonhosa para a Igreja não se apagara ainda, razão por que o chefe do grupo resolveu lançar novas amarras ao andor da Senhora, que, apesar de todos os consertos, não cessava de oscilar. Uma delas foi a revista católica “Stella”, que apareceu
• (1) “Fátima em 65 vistas - Álbum de gravuras dos atelier” Marques Abreu),

em Maio, vistosa como tudo o que nessa quadra floresce. Abre com um largo friso, em que surgem, lado a lado, a Rainha do Céu e Pio 12, assistidos por dois anjos de grandes asas, e *o* título da homenagem: “Duplo Jubileu de Fátima e do Papa” em caracteres góticos, igualmente floridos.
Mas o que ali mais vale, pela repercussão que de certo vai ter de norte a sul de Portugal, são as *Páginas de Ouro,* treze pequenos artigos, firmados por outros tantos bispos. O que eles para ali despejaram! Com tão vistosa reportagem, verbal e gráfica, julgou a Empresa que dessa vez a coisa iria. Não foi ainda, como tinha sonhado, mas nem por isso o desânimo a tomou. Vendo e

ouvindo, e com ela todo o episcopado, que as pessoas sensatas reprovavam os dolorosos sacrifícios que mensalmente exigiam da pobre gente das aldeias - abrandaram um pouco o "santo zelo" do confessionário e do púlpito, a fim de tomarem novo rumo.
Sabe-se que tanto o Papa Negro como o Branco dispõem hoje dum bem disciplinado exército, do qual destacaremos os seguintes membros do clero regular: Jesuítas - 26.303; franciscanos - 24.148 ; capuchinhos - 13.510; beneditinos - 10.978 ; dominicanos - 6.567 ; trapistas - 3.416. Das ordens não mencionadas acima, que actuam em Portugal, encontram-se, entre outras: Irmãos de S. João de Deus, com 2.142 membros e os Carmelitas descalços, com 2.928. Vêm, depois, as 93 congregações religiosas de varões, com 105.067; os salesianos, com 11.702; e, à frente de todos, os Irmãos das Escolas Cristãs, com 15.303.

320

"Mas - continua o órgão que me serve de guia - passemos à estatística dos inumeráveis institutos femininos. Se os religiosos são, como "vimos, 213.414, as religiosas duplicam este número. Elevam-se a 575.924, divididas por 720
congregações. Estes 800.000 homens e mulheres, prescindindo dos sacerdotes seculares e de muitas almas do estado laical..." (1*)*. (Porque faltam aqui todos os bispos, párocos e capelães, espalhados pelo orbe cristão, o que dará de certo alguns milhões). Ora, basta que os papas acima referidos (o Branco e o Negro) transmitam uma ordem, para serem logo obedecidos por todos os seus súbditos, qualquer que seja o ponto do globo onde se encontrem. É que fizeram votos. Renunciaram ao mundo e à liberdade. Juraram obediência. Por isso eles os moverão sem que nenhuma objecção ou resistência oponham, tal
como se fossem mortos *(perinde ac cadaver).*
, / Efectivamente, o novo plano foi proposto, discutido, aprovado e seguidamente posto em execução, segundo as normas dum novo opúsculo,
agora de carácter mais grave: *Primeira Peregrinação Internacional a Fátima,* para os dias 3, 4 e 5 de Maio de 47 (2). Antecedido pelo *Nihil*
obstat e pelo respectivo *Imprimatur,* desdobra-se o vastíssimo programa sob os auspícios da Igreja Católica e o zelo ardente da Juventude Católica Feminina de todo o mundo, que por este meio "convoca para a Cova da Iria as suas

(1) Revista "Brotéria", Dezembro, 1941, p. 587.
(2) Opúsculo de 144 págs., editado pelo Secretariado Nacional da Juventude Católica Feminina, de Lisboa.

321

irmãs de Ideal em todas as Nações", (p. 3). Ao seu apelo, erguem-se, primeiro "as raparigas portuguesas de todos os meios sociais, em espírito *de fé, de penitência, de gratidão, de prece"* (p. 3), ou sejam, como o referido programa especializa, as raparigas de todas as dioceses do continente, ilhas e ultramar, sem exceptuar as de Goa, Cochim, Meliapor, Macau e Timor (p. 4). Seguem-se as estrangeiras, de Espanha, França, Inglaterra, América, Brasil, Bélgica, Áustria, Luxemburgo, Alemanha, Suíça, Irlanda, Líbano, Suécia, Polónia, Itália e Noruega (p. 4).
Para que todos possam avaliar o significado da Peregrinação e acompanhar os actos de culto a realizar, tanto no percurso como na Cova, a cada uma delas será distribuído um exemplar do opúsculo redigido em três línguas. Nele encontrarão tudo: horário de comboios, horas e locais das refeições, visitas a monumentos religiosos, etc, sem esquecer a oração pelo êxito de tão piedosa jornada, oração que a todos é imposta, para que "N.a Senhora de Fátima abençoe a Peregrinação Internacional" (p. 14). O que nesses três dias de Maio se passou, à plena luz, consta do tal programa. O que, porém, não consta são as sessões secretas, que essas meninas realizaram, acobertadas pela Igreja. Essas não as pode saber nenhum profano, nem talvez o governo da Nação, apesar de ter autorizado e auxiliado semelhante parada.
Segundo a reportagem dum diário sempre bem informado, mormente em assuntos referentes à Igreja, "a Peregrinação excedeu as expectativas que criara". Mais noticiava que, além dos que já mencionámos, "grande parte dos países ameri-

322

canos - Estados Unidos, Brasil, Argentina, Cuba, México, etc. - não quiseram faltar, enviando também as suas raparigas". E acrescentava: "Uma torrente inundou os caminhos de Fátima" (1). Podemos, portanto, afirmar que, simbolicamente, na Cova da Iria, o mundo inteiro ajoelhou aos

pés da santa que baixara do Céu para ser Rainha de Portugal e, após a peregrinação. Rainha do Universo.
Sim, mas quanto custou esse gesto simbólico? Que incalculáveis sacrifícios acarretou? Que pressões se terão feito por parte dos corpos orientadores da Igreja? E para quê? Em., para quê? Avivaria a fé dos tíbios? Não avivouI Acrescentaria alguma coisa ao prestígio da Igreja? Não acrescentou nada! Contribuiria, ao menos, para melhorar as condições morais e materiais do povo de que foi proclamada soberana? Não contribuiu! Pelo contrário, pois que, nada trazendo, só nos causou embaraços e acarretou encargos. Mais ainda, porque nos obrigou a compromissos, provocou aborrecimentos e sobretudo muita desilusão. Tais e tantos, que ninguém mais convidará essas meninas, como elas também não quererão voltar. Reconhecendo o falso passo que ordenara, a Igreja resolveu outra modalidade, mais simples, mais prática e, sobretudo, imensamente mais rendosa: levar a santa à casa daqueles que a visitaram.
E foi assim que começou esse espectáculo nunca visto nem sonhado: um ídolo, puramente pagão, erguido num andor, a percorrer o mundo I

(1) “O Diário da Manhã”, Lisboa, 6-5-47.

SÉTIMA PARTE O ÍDOLO ITINERANTE

ANDANÇAS NA SUA TERRA

Eminência:

Permita-me que retome o fio da na*rrativa.* A história do ídolo itinerante é realmente peregrina. E começou, não por inspiração de quem andasse cultivando a Vinha do Senhor, mas por algum espírito do mal, incumbido de lançar o descrédito sobre todas as virgens e santas mães que, durante séculos, foram consolação de muitos, esperança de pecadores e âncora de salvação no tempestuoso mar da vida”, como rezam certos manuais de piedade. Se até as mais Pestigosas, "como a de Nazaré, há quase mil anos vela pela gente do mar, acabou por não ter quem lhe rogue uma súplica, faça um voto ou lhe deponha no altar uma daquelas oferendas que tiveram dela a mais rica e poderosa do contmente português. A todas a menina da Cova arrancou a auréola que, junto ao trono de Deus, as tornam poderosas e amadas. Ora, ficando só e soberana, não se limitou ao local que escolhera para chamar a si a devoção dos crentes, como as outras que, se uma vez por ano saíam dos seus nichos, era apenas para dar volta ao adro ou ao cruzeiro, quando muito. Esta não. Instalada num andor refulgente, ei-la que sai da Cova, disposta a convencer a pobre gente das aldeias que só ela é Rainha do Céu e da Terra.

Visitada a primeira paróquia, avança para a segunda, terceira, quarta... Animada com a primeira tentativa, dirige as vistas para a vila mais próxima. Com espanto geral se verifica então que ao seu encontro vem o governador civil, ladeado por numerosos funcionários públicos, Guarda Republicana, bombeiros, professores primários, crianças das escolas, irmãs de caridade e todo o clero da região. Bom agoiro para novos percursos I
Efectivamente, estes não param mais. Visitados os concelhos em torno, avança para a sede do distrito, onde alcança triunfos de maior significado, porque nessa altura já não vão com ela apenas os campónios, que a transportam aos ombros, mas um corpo de bolseiros, habilmente adestrados na recolha de ofertas, que em geral se apresentam sob a forma de moeda corrente. Na passagem de um para outro concelho, o cerimonial nada tinha de complicado: o pároco que a vinha acompanhando fazia alto, arengava uma fala e entregava ao colega a Peregrina. De distrito para distrito, a coisa era bem diferente. Dum lado, o clero que a deixava; do outro, o que a recebia, e, ao centro, o bispo, ladeado pelas autoridades civis e militares, professorado, colegiais, muito povo, filarmónica e foguetório. Como já sucedera nas primeiras jornadas, todos os camponeses, seja ou não dia santo, abandonam a enxada e a charrua, e aí vão eles, endomingados, sob a chefia do seu pároco, aclamar a nova santa. Transportada agora por

oficiais do exército, iniciava a marcha entre soldados e funcionários públicos, aos quais, nesses dias, era concedida tolerância de ponto. Foi assim que conseguiram

percorrer grande parte do país, com a mira no cofre daqueles que o clero não convencera ainda a visitar a Cova.
Mas Lisboa, a cidade dos mármores e dos bancos, essa ia ficando para trás. Contudo, era necessário defrontá-la, saltar-lhe os muros, for-çar-lhe as portas e palpar-lhe as algibeiras, nas quais, agora, se baseia e concentra o principal objectivo da Igreja Católica Romana. Ora, para que a Santa desse entrada em Lisboa, sem riscos de ser vaiada ou apeada do andor e desfeita em cavacos, como os cristãos faziam às imagens das divindades greco-romanas, foi necessário tudo prevenir com uma série de medidas realmente seguras e eficazes, das quais destacaremos as seguintes: *a)* coroação da imagem pelo legado pontifício, em Maio; 6) discurso de Pio XII, reconhecendo e proclamando, definitivamente, as maravilhas de Fátima; *c)* congresso mariano, realizado em Outubro, na cidade de Évora.
Escusado seria recordar a primeira com todo o seu cortejo de altas individualidades eclesiásticas, civis e militares, se não fora o dever de bem documentar todo este longo embuste, de que, já agora, terei de ser o fiel narrador, indigno embora de tal honra.
Segundo relatou o órgão do Patriarcado e, com ele, toda a denominada “boa imprensa”, Fátima transformou-se, nesse 13 de Maio, em “centro do mundo”, visto que para lá convergiram, “vindos de toda a rosa dos ventos, romeiros, mensagens, actos de presença, flores, saudales.” (').
Entre todos, porém, erguia-se o
(1) “Novidades”, Lisboa, 13 de Maio de 1946.

legado pontifício, “investido da augusta representação do Vigário de Cristo”, solicitada, meses antes, pelos altos empresários da Fátima, à frente dos quais V. Em.a agora marcha (1). Após uma viagem apoteótica, “acolhido com palmas e flores, aclamações e vivas entusiásticos, significativas manifestações de simpatia”, o legado entrou em Fátima, à vista de enorme multidão, de que faziam parte “representantes de multas nações e de muitas línguas da cristandade”. Em seguida” a Comissão de Senhoras, representada pela presidente da Acção Católica Feminina, “procede à entrega da coroa ao representante do chefe da Estado, que por sua vez a entrega ao Cardeal Legado para a benzer. Após a bênção, o sr. Ministro do Interior conduziu a coroa para junto da imagem de Nossa Senhora; e aqui o cardeal Masela recebeu-a de novo das mãos daquele membro do governo e colocou-a na cabeça de Nossa Senhora. Momento único, que a multidão aplaudiu freneticamente” (2).
Pouco depois, e “à hora exacta”, iniciou Pio XII a “significativa saudação” à santa que acabava de ser coroada como rainha de Portugal. Discurso longo, cheio de pormenores e de pausas, devidas às frequentes citações que o pobre velho teve que intercalar, para não deixar dúvidas acerca do que estava afirmando. Foi assim que.
Nós, acedendo aos desejos e súplicas do episcopado português, havemos por bem coroar solenemente a insigne imagem de N.a S.a de Fátima”. (Mensagem de Pio XII ao seu legado Masela, segundo o órgão católico *Novidades),*
(2) “Novidades”, Lisboa, 14-5-46.

ao iniciar a fala, teve de recorrer à autoridade de S. Paulo (Segunda Epístola aos Coríntios capítulo 1, versículos 3 e 4). Ao afirmar que a Mãe de Deus é padroeira dos portugueses, aconselhou logo, em aparte, que lêssemos o *Auto da Aclamação de N.a Senhora da Conceição,* votado nas Cortes de Lisboa, em 1646. Nessa altura - recorda S. Santidade - o monarca da Restauração “depôs a coroa real aos pés da Imaculada... Hoje, vós todos, todo o povo da Terra de Santa Maria, com os pastores de suas almas, com o seu Governo..., às mil homenagens que vos ditou o amor filial e reconhecido, juntastes aquela preciosa coroa...” (1). Que ela bem o merece, por ser descendente do santo rei David. E cita a fonte onde colheu tão preciosa informação, que foi S. Lucas, cap. 1, vers. 32 e 33. Mais informa que Deus lhe deu todo o poder, como pode verificar-se em S. Mateus, 28-18. Mais ainda: asso-ciou-a, como Mãe e Ministra, ao Rei dos Mártires: porque assim lho garantiu o seu antecessor Leão XIII, na encíclica *Adiutricem,* de 5 de Setembro de 1895, como podemos confirmar, lendo a *Ata,* vol. 15, p. 303.
Ao proclamá-la Rainha dos Céus, funda-se na autoridade do “Breviário Romano”, 2.a antífona final, B. M. V. Mas ela é também rainha do Mundo, como se reza no *Off. B. M. V. ad Magn. per*

annum. E rainha digníssima, para o que basta abrir o Missal romano *comuni in comm. B. M. V. de Monte Carmelo*

(1) “Preciosa coroa de oiro, cravejada de pedras preciosas; oferecida pelas mulheres católicas de Portugal”. (Joma E “O *Primeiro de Janeiro”,* Porto, 13-5-1946*).*

330

Este longo, infindável e mal pronunciado discurso foi ouvido “em meio de impressionante silêncio”, disse a imprensa. E porque não dizer também “de espanto” em presença do escrúpulo de S. Santidade ao querer documentar, minuciosamente, tudo quanto ali veio afirmar aos portugueses, sem se lembrar que todos nós sabíamos aquilo desde os bancos da escola. Que meia hora tão comprida - para o ancião do Vaticano, a mastigar uma língua que mal conhece e também para a vasta assistência da Cova!

O que a todos valeu, para quebrar a monótona leitura do pastelão que daqui lhe enviaram para Roma, foram os versos do poeta oficial das peregrinações:

Eh lá, rapazes, eh lá! Há sol de muita maneira... Oh que sol, - o *da voss'Alma Ao derredor da azinheira!* (1).

E então sim, que houve alegria, porque, de certo, os tais rapazes, escolhendo pares entre as devotas, começaram dançando e cantando em torno da referida árvore:

Eh, rapazes! Sois mais belos Que nenhum soldado o foi.

Estavam presentes numerosos oficiais do exército, alunos da Escola de Guerra, Pupilos do

(1> “Palavra de Ordem de Correia de Oliveira”, in *“Brotéria,* Dezembro de 1946, p. 659.

331

Exército e marinheiros. Apesar disso, o poeta lançou, sobre os rapazes que dançavam, o resto da cantiga:

Os caminhos para santo Valem mais que para herói.

Nesse momento, o entusiasmo foi tão grande que até a santa se moveu - o que logo foi interpretado por desejos que teve de descer do andor e entrar também na dança. Mas não desceu, por ter de seguir para a capela das aparições, onde daria beija-mão, visto que tanto o Papa como o Patriarca de Lisboa a proclamaram, ali mesmo, Rainha de Portugal e seu império, da-quém e dalém-mar (1).

Outra grande medida que houve de ser tomada foi a do Congresso Mariano em Évora e Vila Viçosa. Programa vasto e variado. O episcopado português todo paramentado e em fila. Sermões e conferências pronunciados por sacerdotes, professores liceais e universitários, procissões, discurso de encerramento pelo arcebispo de Évora e palavras finais do Cardeal Patriarca, de que destacaremos as seguintes: “Há três séculos que o povo português se levantou para aplaudir a Imaculada Conceição como Rainha de Portugal. Hoje, de novo, se reúnem cortes mariais para ratificar o voto nacional de então. Aqui se repeliu, vibrantemente, o clamor que se ouve por

(1)”A voz de Sua Eminência, o sr. Cardeal Patriarca, quebra o emocionante silêncio, consagrando Portugal à. Santíssima Virgem”, *(Brotéria,* p. 656).

332

todo o país e ecoa já pelo mundo inteiro: Real!... Reall... Reall... Pela Virgem Padroeira, Rainha de Portugall” (1).

Pois bem: apesar de tantos e tão categorizados congressistas, e bem fundamentados quanto à legitimidade do seu reinado sobre nós, portugueses, a revista que nos serve de guia não hesitou em registar as seguintes considerações: “Quando, depois das impressionantes manifestações de devoção à Padroeira, em Évora e Vila Viçosa, começou a circular a notícia de que a imagem de N.a Senhora de Fátima viria, em real visita, à capital do Império, muita gente encolheu arreliadamente os ombros, sentenciando, com ar enfadado e pessimista, que essa visita seria contraproducente e redundaria num espantoso fiasco. “Que ideia! - dizia-se por aí, e Deus nos perdoe se algumas vezes o acreditámos - que ideia,, trazer, outra vez, a Senhora. E de mais a mais no Inverno!” E já se esperava uma decepção imensa, um desinteresse geral, e não sabemos que mais. Era, talvez, a razão e o bom-senso a falar”... *(2).*

Efectivamente, o comentário tinha razão de ser, atendendo a que fora a primeira viagem, preparada quase em segredo e realizada com infinitas cautelas, não fosse o povo de Lisboa transformar aquilo em comédia ou proceder, como em 1895, por ocasião do centenário de Santo António, em que desfez a procissão e pôs em fuga os

(1) *Brotéria,* p. 670.

(2) *Brotéria,* p. 671.

representantes do clero (1). O público, de facto, mal deu conta de semelhante jornada. Apesar disso, a Peregrina e os seus bolseiros desempenharam bem o papel que lhes fora incumbido, visto que, só nos dois dias que lá se demorou, conseguiu recolher 14.000 contos 1 Daí o seu desejo de voltar, mas com mais calma, maior brilho e menos pressa. Desejo instante dos empresários da Cova, mas grande receio por parte dos altos corpos da Igreja portuguesa, que nunca mais pôde esquecer a derrota e vergonha sofridas com a célebre mistificação de La Salette, que findou, como já vimos, nos tribunais franceses, com a condenação dos empresários. Dos fracos, porém, não reza a história. Por tal razão, a grande, a triunfal jornada foi solenemente decidida, não só pela Empresa do Santuário, como ainda pelo episcopado português. E começou a marcha... Incorporemo-nos também, porque realmente vale a pena, pela série de lições que dela tiraremos.

A partida da Cova, a 22 de Novembro, foi iniciada "em meio de aclamações, lágrimas e preces", tendo a primeira paragem no Fetal, cujas ruas estavam lindamente ornamentadas, e onde a multidão, quando a imagem chegou, irrompeu em manifestações de emocionante entusiasmo religioso. E assim por toda a parte - Leiria, Batalha, etc, até chegar a Alcobaça, onde

(1) Apenas ficou de pé, em plena rua do Ouro, o bispo de Coimbra, D. Manuel de Bastos Pina, por se saber que na sua diocese não admitia jesuitas.

a esperava um andor novo (1*),* no qual passou a noite e nele continuou, depois, através do Patriarcado, conforme o seguinte programa: Dia 25 - partida, às 13; chegada a Nazaré, pelas 18, ficando para o dia seguinte. Dia 26 - partida, às 8; chegada a Caldas da Rainha, pelas 18. Ali ficou para o dia seguinte, 27, partindo, às 16, para Óbidos, onde pernoitou. Dia 28-partida às 10, para Peniche, onde ficou para o dia seguinte. A 29, chegou à Lourinhã; a 30, ao Bombarral; no dia 1, dormiu no Cadaval; no dia 2, em Torres Vedras, donde, no dia seguinte, derivou para Mafra. Dia 4 - partida para Loures, donde saiu a 5, pelas 11, chegando aos subúrbios de Lisboa às 15.

Momento soleníssimol É que o passo em frente era arriscado e decisivo. Tinham à vista o novo Rubicon, ou fosse a velha cidade, capital dum país que, desde a fundação da nacionalidade, ergue estátuas aos que sempre repeliram a intervenção da Santa Sé na sua vida interna, expulsando legados, secularizando igrejas e conventos, suprimindo ordens religiosas, acabando por demolir o trono da última rainha que, ao bom andamento dos negócios do Estado, antepunha o respeito e obediência à Companhia de Jesus e demais ordens, de que era zelosa

(1) Informa o órgão da Companhia de Jesus-"Brotéria". p. 272: "O andor é todo construído em casquinha, com talha dourada. No caso de chover, o andor devia ser encerrado numa urna do mesmo estilo, encimado por uma grande coroa de rainha.., Nele trabalharam 7 operários e 8 entalhadores continuamente, durante 15 dias".

protectora (1). Não vi escrito, mas é de admitir, que o bispo de Vatarba, director do cortejo, ao chegar com a sua gente ao fundo da Calçada de Carriche, erguesse a mão e, traçando no ar a cruz simbólica, exclamasse como César: *Alea jacta est!*

Mas, se o fez, foi um gesto bem inútil, em presença do aparato que aos olhos de todos se ostentava. Primeiro, as autoridades civis, eclesiásticas e outras individualidades do Lumiar, a fim de lhe abrirem as portas da cidade. A seguir, filas compactas de oficiais da Polícia de Segurança Pública e de Viação e Trânsito; depois, continuando estas, novas filas de soldados da Escola Prática de Administração Militar; numerosos professores e crianças das escolas, enquadrados e continuados por todos os membros dos numerosos organismos religiosos, existentes em Lisboa, além de outros vindos do Norte e do Sul do país. Pelas 14 horas, o cortejo inicia a sua marcha em direcção ao campo 28 de Maio, levando à frente motociclistas da Polícia de Viação e Trânsito, em duas filas, e o andor aos ombros dos soldados.

Ao penetrar na Alameda das Linhas de Torres, a Peregrina deparou com novas filas, constituídas por guardas da Polícia de Segurança Pública em toda a extensão daquela. "Ao mesmo tempo

(1) Citaremos: Vários monumentos a D. Afonso Henriques, estátuas a D. José, Marquês de Pombal, D. Pedro IV, Joaquim António de Aguiar, Fernandes Tomás, Mousinho da Silveira, Garrett, Alexandre Herculano, José Estêvão, Antero de Quental e Oliveira Martins, além das honras de Panteão Nacional tributadas a Guerra Junqueiro e Teófilo"

336

que isto sucedia, verificou-se que de todos os lados afluíam grupos de fiéis, membros de organizações católicas e de outras colectividades e rapazes da Juventude Católica, que tomavam lugares nos pontos previamente indicados". No topo norte da praça, erguera-se um palanque, donde as crianças lançaram flores sobre a santa da Cova, que ali era aguardada pelos bispos de Aveiro, Angra e Beja, cónegos da Sé Patriarcal, párocos de todas as freguesias, representantes de outras ordens religiosas, seminaristas de Almada, etc. "Daqui a procissão dirigiu-se à igreja de Fátima, agora com a presença de muitos prelados, Pupilos do Exército, alunos do Colégio Militar, cadetes das Escolas do Exército e Naval, rapazes da "Mocidade Portuguesa", colégios religiosos, noelistas, associações marianas, filiados da Acção Católica, etc, vendo-se também o ex-rei da Itália com sua esposa e filhos" (1). ,. E o ídolo entrou no seu novo santuário, um dos mais, senão o mais rico da cidade, tanto é o ouro, a prata e os estofos preciosos que ali se exibem ao olhar deslumbrado dos que vivem sem conforto e sem pão, em lares que são tocas de bichos ou pocilgas. Entrou, pois, no seu palácio, e logo V. Em.a entoou aquele hino triunfal que a "boa imprensa" tanto enalteceu: "Veio, até aqui, coberta de flores, aclamada com cânticos, saudada com invocações, implorada com lágrimas, servida com sacrifícios... Por onde passou, tapetaram-se as estradas, embandeiraram-se as povoações, ilaminaram-se as casas, encheram-se

Ver relato dos jornais d" 6-12-46.

337

as igrejas, repicaram os sinos...". E prosseguia, em louvor ao seu ídolo: "Só para a ver e saudar, despovoaram-se os campos, embargaram-se as estradas... Toda a gente acorreu: crianças, adultos, velhos..." (1*).*

Sim, todos esses campónios acorreram. Só para ver e saudar? Não, porque todos eles traziam na algibeira a moeda que os bolseiros haviam de arrancar-lhes, em nome daquela que viera do Céu para visitar os portugueses. Aquela e não a outra que cada um deles tinha na igreja onde se baptizara e comungara... Sim, despovoaram-se os campos, mas encheram-se as bolsas da Senhora, que sobretudo para isso empreendera tão longa, tão custosa jornada. Do hino que V. Em.a entoara à menina da Cova, o que mais espantou os ouvintes foi perguntar-lhes se a cidade que ela acabava de atravessar era realmente Lisboa, "Ou estarei sonhando? O canto, "O louvor, a alegria, a aclamação parecem mais do Paraíso. A multidão é inumerável: vejo-a nos olhos, e chora, chora de alegria e de fé..." (2).

Ah Se esses pudessem responder-lhe... Noventa por cento, pelo menos, ter-lhe-iam replicado: "Está realmente na cidade, capital do Estado que em 1910 proclamou a República. Cidade que passou a ser a capital do Império em que V. Em." é o único investido com o manto de púrpura. Investidura que, em poucos anos, a reduziu ao que é hoje: calada, submissa, amordaçada, triste, pobre, sem liberdade, sem direitos!

(1) "Brotéria", p. 672.
(2) "Brotéria", p. 673.

338

Investidura satânica, que só impõe deveres, dei-xando-nos apenas a liberdade de formar cortejos ao seu ídolo; liberdade para a levar aos ombros e despejar a nossa nas suas bolsas; liberdade para rezar e chorar, na medida que está vendo". Ninguém, entretanto, replicou a V. Em.a, porque ninguém poderia fazê-lo sem ser logo espadeirado e espezinhado até ficar reduzido a massa informe. Apesar disso, V. Em.a teve um sexto sentido que recolheu o pensamento da multidão, porque, depois de tanto incensar o precioso ídolo, fez uma pausa para corrigir as heresias da sua fala: "Tudo o que fizer e disser, embora se dirija à linda imagern, não é para ela: é para a Virgem Santíssima, que está gloriosa no Céu"(). Disse, mas não cumpriu, visto que terminou com este convite, verdadeiramente inconcebível na boca dum simples cristão, quanto mais na dum pastor

da Igreja: “Entrai, Senhora, e ficai connosco!” Só lhe faltou acrescentar: “E traga as pombas!” E, aqui, uma nova pergunta: Porque não quis enaltecer também esse episódio da magistral comédia? Porque não afirmou que os passarinhos acompanharam a Senhora por expressa vontade do Altíssimo? Poderia mesmo garantir que eram a viva, a palpitante encarnação do Espírito Santo, que ninguém o desmentiria (2).

(1) “Brotéria”, p. 674.
o “milagre” das pombas foi muito mal urdido, pois redundou em descrédito dos divinos poderes. Lançadas no Bombarral, por duas crianças, uma fugiu logo. No percurso para Torres Vedras, fugiu outra, e a terceira dali até Lisboa. Das três que seguiam a santa, uma foi esmagada pelos molhos de flores que atiraram para o andor. Das restantes-

339

Mas não o fez. Porquê? Supomos não errar, afirmando que V. Em.a teve vergonha de intercalar as infelizes no discurso, pois bem sabia que até para a mistificação há um limite, que aqui ultrapassou toda a medida.

Concluida esta jornada sem graves incidentes para a santa, faltava outra: a que havia de levá-la à Catedral, onde, finalmente, daria beija-mão, como rainha de Portugal, que era. Acto de grande significado e projecção, há muito meditado, mas só agora efectivado, como réplica do alto e baixo clero aos inimigos da Igreja, que não se limitando a expulsar os Jesuítas em 1759, as ordens religiosas em 1834 e 1910, foram mais longe ainda, completando a sua obra de emancipação e de resgate com o diploma de 20 de Abril de 1911, que separou o Estado das Igrejas. Resposta fulminante e sem réplica, dada com esquadrões à vista - uns, de baioneta calada e metralhadoras aperradas; outros, igualmente alinhados e aguerridos - os que em todo o percurso se exibiram de roupeta e cabeça bem alta, como a dizer ao povo de Lisboa: “Baniram-nos, mas cá estamos de novo, mais numerosos e melhor instalados do que nunca. E sem medo!...” (1).

Somente uma “ficou fiel ao andor; mas, ontem à tarde, à saída da Cova da Piedade, esvoaçou por cima duma casa "vizinha e desapareceu”. *(Novidades,* 10-12-1946). Vai sem comentários, que não são precisos, esta notícia a*o* órgão do clero português.

(1) Foi por esta altura que na base da estátua ao Marquês de Pombal, no alto da Av. da Liberdade, em Lisboa, apareceu escrito a pixe: *Desce cá abaixo, ó Merçués, que eles já cá* ***estão*** *outra* ***vez!***

340

Efectivamente, não podiam ter medo, enquadrados, como iam, entre filas da força pública, assim distribuida: “Clarins de cavalaria, à frente. Uma charanga de cavalaria. E, depois, ainda, em alas - cantando sempre, solenes, graves, profundas - as deputações da “Mocidade Portuguesa”, dos Escoteiros, da Casa Pia, alunos marinheiros, soldados de Engenharia, de Metralhadoras, de Caçadores... Pegando no andor, sucessivamente, pupilos do Exército, alunos da Escola Naval, da Escola Militar, membros da “Legião Portuguesa”,.. Ao lado e no coice destas, novas filas, igualmente ensaiadas, e igualmente compactas e firmes, no canto-chão como nas atitudes, constituídas por “alunos das Oficinas de S. José, Juventude Católica, organismos da Acção Católica... E mais, ainda, irmandades, confrarias, congregações, alunos dos Seminários dos Olivais e de Almada... As colegiadas vão e vêm, por entre essas alas, orientando, guiando, marcando os cantares: *Hossana, hossana, Rainha de Portugal!” (}).*

Após, segue o cabido da Sé, os bispos e arcebispos e, ao centro, “sob o pálio, S. Em.a, de mitra, capa de asperges e báculo, constantemente, incessantemente lançando a sua bênção para os lados, sobre a multidão ainda ajoelhada” (). Efectivamente, esta, mal viu a santa ao longe, alvejada por focos luminosos, ajoelha no pavimento frio, no saibro úmido ou na lama, que a chuva miudinha provocara. E assim ficou,

(1) “Brotéria”, 608. *(-)* “Brotéria”, idem.

341

submissa, com a vela na mão, até que ela passou... Mas não se ergueu, porque os frades das colegiadas impunham aquela humilhação com os hinos à santa: *Hossana! Hossana!...* E V. Em.a e os seus acólitos, uns já gastos pelos anos, outros pesadões pela gordura que a vida sedentária e a boa mesa trazem sempre, arrastavam os passos lentamente. E a multidão não tinha ordem de erguer-se nem de apagar as velas, sem que V. Em.a chegasse, abençoasse e passasse.

A procissão - “a mais assombrosa que jamais se viu em Portugal” (1), deve ter começado logo à boca da noite. Pois à uma da madrugada havia ainda povo de Lisboa ajoelhado na calçada e na

lama, à espera que V. Em.a o visse, o abençoasse e passasse adiante. V. Em.a levou horas e horas a chegar, traçar cruzes sobre o rebanho ali caído, e a prosseguir na triunfal jornada. “Ainda ajoelhada” - garante a reportagem dessa noite. Ora, à vista de fiéis tão completamente rendidos, V. Em.a poderia ter completado a sua obra. Tinha já uma rainha, solenemente proclamada e aceite. Porque não fez incorporar também um rei por direito divino? Ficaria para sempre sossegado. Monarquia teocrática, Igreja triunfante e o povo do Império transformado em rebanho - balindo e marchando, humilde e manso, à voz dos seus pastores.
Era quase manhã, e os sinos das igrejas badalavam ainda. “Soavam clarins em continência. Canta-se e reza-se”. E, por fim, tocaram o hino nacional, “A Portuguesa”. Nada mais oportuno,
(1) “Diário de Notícias”, Lisboa, 8 de Dezembro.
342
visto a rainha subir as escadas para o seu palácio, onde, finalmente, ia ser entronizada, com o duplo título de Rainha de Portugal e de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.
Consumatum est? Ainda não. Falta a cidade-invicta, o Porto. Falta o Mundo! Os liberais de 20 tinham desembarcado no Mindelo, nos arredores do Porto, e sublevado esta cidade, que em breve riscaria o direito divino dos negócios do Estado. Mas aquela - devem ter ponderado os mais sensatos - estará já madura, a pontos de, sem mesmo a sacudirmos, cair também, de esteio, aos pés da Peregrina? E se os bravos do Mindelo ressuscitam, nos correm a pontapés e reduzem o ídolo a cacos? A cautela, vamos primeiro colher frutos que sabemos maduros, graças ao bom amanho que a Santa Sé tem ordenado. Aceito o bom conselho, ei-la que parte por caminhos, por mares e até por céus nunca dantes sulcados.
Eram cinco da tarde quando a Peregrina partiu da Cova, no seu carro, a caminho de Ourém. Em Alvaiázere, terra do nobre amigo que tanto fez por ela, recebem-na entre clamores e rosas, reclamando as autoridades a grande honra de levarem aos ombros a verdadeira imagem da tal senhora de rara formosura. Em Areias, realiza-se uma feira anual. Sabendo isso, o carro vira para lá, e logo a “feira se desmancha em absoluto”, e os feirantes, esquecendo os negócios, correm a ver a Peregrina. Em Sernache do Bom Jardim, é “recebida, fidalgamente, por Dom Nuno,
343
as dádivas multiplicam-se” (1*).* Na Certa, a “multidão cobre dois quilómetros de estrada”. A notícia da passagem da Senhora, que se vai de longada pelo mundo, corre, célere. Sobe as montanhas, desce aos vales, espraia-se pelas planícies..., e os homens correm às bordas dos caminhos, prostram-se por terra, em rendida omenagem à Virgem Graciosa e Doce, que se digna visitá-los. E a procissão em Portugal é uma só. Não sofre interrupção de Fátima à fronteira espanhola”. Por toda a parte, as autoridades são as primeiras a chegar e a “recebê-la fidalga-mente”. “O exército associa-se... À passagem pelos quartéis, os soldados apresentam armas. Os governadores dão-lhe as boas-vindas e fazem as despedidas”. A certa altura, surge um comunista disposto a desafiar a Peregrina com o seu desprezo, aprumado, cabeça alta, as mãos atrás das costas... Eis senão quando sente um rosário a passar-lhe nos dedos. Volta-se, mas não vê nada. Retoma a posição e o aprumo, e de novo o rosário a tilintar-lhe nos dedos, uma, duas, três vezes. Era demais! Então, dando-se por vencido, mal vê a Senhora “tão maneirinha”, cai-lhe aos pés, e “chora, canta e reza”. Havia por ali, também, uma mulher da vida. Essa, porém, não se abeirou da “caminheira”. Pelo contrário: escon-deu-se atrás dumas paredes velhas. Mas a Senhora viu-a. E, então, a mulher pública, fazendo coro com o outro, cai também de joelhos, a rezar e a chorar, clamando que nunca mais vão procurá-la
(1) M*aria Teresa Pereira da Cunha,* “Senhor” de Fátima, Peregrina do Mundo”, p. 19.
344
a sua casa, onde não estará para ninguém... (1)► Como se vê, a coisa principiava sob os melhores auspícios: primeiro comunista, conversão radical; primeira meretriz, renúncia imediata e para todo o sempre às tentações da carne. Ela e as seis companheiras que lhe estavam sujeitas, por contrato. A continuar assim, o resto dos vermelhos e galdérias de Espanha, mal vejam ao longe a Peregrina, de coroa de prata e manto alvinitente, não ficará um nem uma que não se prostre de joelhos, a chorar e a rear. Assim o esperam todos.
(1) *Obr. cit.*, p. 19-22.

II

ANDANÇAS NA TERRA ALHEIA

Eminência:

"Na fronteira espanhola, está um mar de gente" - informa a dama de companhia. "Fronteira dividida com flores, gentil lembrança do Generalíssimo Franco. E, num arco triunfal: *Espanha a teus pés!* Quis-se renovar ali o "milagre" das pombas, mas as duas que lhe "puseram aos pés, acobertadas pela fímbria do vestido, mal atravessaram a fronteira", não quiseram saber do que lhes fora imposto, por meio de ensaios demorados, como às outras, no Bombarral: ergueram vôo e fugiram. A charanga "toca a *Marcha Real,* o governador militar de Cáceres desenrola a bandeira da Espanha, e o bispo de Sória abre o cortejo, seguindo, após, o clero, a nobreza e o povo. Em Valência de Alcântara, os devotos entoam cânticos previamente ensaiados:
De Fátima vienes En viaje triunfal.
E segue, e segue... Cáceres, Placência, Salamanca, Valhadolid... "Em Burgos está o nosso embaixador... A imagem, levada aos ombros pelo general Yague, passa revista aos quartéis".

Num deles, "o comandante vem colocar-lhe a espada aos pés". A emoção é grande. Há olhos marejados, há soluços. Voltando à rua, vê-se marchando à frente um grupo de "chicas e chicos", dançando e tocando flauta. Agitação nos corpos, alegria nas almas. Os suspiros findaram e limparam-se os olhos lacrimosos. Em Vitória, "abre o cortejo um grupo de rapazes a tocar bandolim". Só faltam a pandeireta e as castanholas, mas hão-de aparecer também. Entretanto, a multidão comprime-se em torno da Senhora, para a qual 200.0 00 vozes suplicam: *Noestra Senora de Fátima, ruega por nosotros!* Essa "explosão" e esse "delírio" foi, todavia, quebrantado por incidente muito desagradável. Porque no religioso, como no profano, há sempre uma voz destoante, ou, como se diz na minha aldeia, uma "velha ranhosa. Ora, esta surgiu na pessoa de certo lavrador, que recusou atrelar dois cavalos que tinha, para ir ao encontro da Senhora. "Preciso deles na quinta, onde há muito que fazer I" - "Pois ela te dirá se tens muito ou pouco que fazer!..." Efectivamente, à hora da chegada, o céu turva-se, encastelam-se as nuvens, a trovoada estoura e um raio mata duma só vez os dois cavalos do lavrador *(1).* Apesar de nenhuma culpa terem, lá ficaram no campo, tisnados como o lição na ucha. "Caso que impressionou imensamente"- regista a cronista da jornada. E com razão!... Mas também para que brincou ele com a Senhora? Pois aí tem V. Em.a: "Sem cavalos
(1) obr. cit., p. 27-28.

ficara sempre!" E, pior ainda, sem direito à salvação eterna!
Em Loiola, os jesuítas tomam a Senhora à sua conta: pegam-lhe aos ombros e levam-na para a sua igreja, que é rica e magnífica, e ali lhe dirigem os amavios do costume. E, de certo, lá passaria a noite, se não fosse ter de seguir para San Sebastian, atrás de 4.000 ciclistas, que por lodo o caminho não cessaram de buzinar louvores e anunciar todas as "maravilhas" que o cónego da Cova para lá anunciara. Estes clamores e maravilhas chamam crentes e descrentes de toda a parte e em tal número, que, ao chegarem à cidade de Concha, novas maravilhas se realizam ante o olhar deslumbrado daquele mundo de gente: "uma senhora paralítica deita fora as muletas e começa a andar". Mais espantoso ainda foi ter aparecido um novo comunista. Claro esta que a este sucedeu como ao outro, como a todos quantos apareceram, embora jamais os identificarem, por onde a "Caminheira" transitou. U bispo de Vitória, D. Belester, esse engraçou de tal modo com a "santa", que nunca mais pode largá-la. Só lhe faltou dançar, como aqueles bailarinos que em Trun a receberam com bailados e canções da Biscaia, onde por certo entraram alguns bem reinadios.
E a dama de companhia fecha a reportagem do percurso ibérico, com esta sensacional interpretação: "Em todas as províncias, os alcaides entregavam à santa os seus bastões, - *ile dictu! - ma poreja de la Guardiã Civil,* de 200 em 200 metros -em todo o percurso da

nação vizinha - apresentava armas!" *(}).* E ei-la, finalmente, junto à ponte que liga os dois países, Espanha e França, anos havia de relações cortadas. Que fazer? Recuar? De modo nenhum! Fronteira encerrada para o mundo, mas não para aquela menina, com passaportes,

credenciais e outros papéis de livre trânsito, chancelados pela Santa Sé, os quais lhe dariam direito a percorrer todas as nações do globo, incluindo a Rússia, onde também não faltaria, se no caminho continuasse a encontrar parelhas como as da Guarda Civil, destacadas pelo Generalíssimo Franco! Infelizmente para ela e seus comparsas, essas parelhas acabaram, mal entraram em França, agora livre. Houve ainda discursos e recepções, mas lágrimas como as que o bispo de Vitória derramou, ao ver que lhe levavam a menina (-), nunca mais teve. O bispo de Baiona, impressionado com a desolação do colega espanhol, tentou consolá-lo, prometendo que por ela velaria com o maior carinho: *Entrez... Les chemins de la France et le coeur des français vous sont largement ouverts!* Garganta! Porque, mal os espanhóis viraram costas, foi uma correria a esconder a palhaçada, para não serem vistos nem vaiados! O que lhes valeu foi não

(1) O A cronista não alude ao rapto da santa feito pelos guerrilheiros antifascistas das Astúrias, nem ao caso da sua substituição por outra que de Portugal partira logo de avião. Caso muito falado, mas de que a imprensa portuguesa se não ocupou, afirmando ou desmentindo. Compreende-se!
(2) "Senhora, não precisais de fazer maiores milagres, pois o grande milagre que fazeis é, tendo-vos a Espanha tanto amor, deixar-vos partir" *(Obr. cit.,* 31).

haver gente parada à beira das estradas. Isso e os bons ofícios do Padre Demontiez, que descera da Bélgica, tempos antes, a preparar itinerários e a prevenir, arredando assim qualquer espécie de obstáculos. Ele próprio o disse, em carta dirigida à Empresa de Fátima: "A França, a Bélgica e a Holanda já estão preparadas". Apesar disso, a França foi duma frieza desconcertante. Não facilitou paradas oficiaisj não organizou cortejos, não forneceu tropa que a transportasse, não lhe abriu os quartéis, não fez discursos, nem mandou tocar o hino. Se, ao menos, desse um viva e deitasse um foguete... Mas nem isso!

O cortejo, agora, via-se reduzido aos comparsas da comédia e a um ou outro português que, encontrando-se por França em situação difícil, venha observar, a ver se pesca alguma coisa... Envergonhado, o bispo de Baiona ordenara ao motorista da Senhora Caminheira que acelarasse a marcha. E assim se fez, só parando junto das igrejas para limparem o suor e o pó. E também para inquirirem, assustados: "Como acabará isto?" E razões tinham para assim cogitarem, pois que, desde a fronteira, os bolseiros não haviam recolhido ainda com que mandar tocar um cego. De Hendaia a Baiona, só encontraram, "no meio dum pinhal, cerca de 30 religiosas" (1). E de mãos a abanar!

Vendo tão pouca gente e tamanha pobreza, os bolseiros fizeram sinal ao motorista, que deu logo à manivela. S. Paulo tinha escrito: *Fides*

(1) *Obr. cit.,* 31-33.

sine opera mortua est. Mas os tempos são outros. Outro, também, o santo e a senha. Traz dinheiro? Pode entrar! Não traz? Siga viagem, porque hoje *fides sine pecunia mortua est.* De Baiona a Labenne, o mesmo alheiamento de pessoas e bolsas. Resolveram então provocar um desvio, levando-a a certa clínica, "ali perto". Uma doente,. ao vê-la, chama-lhe "maman", o que enterneceu tanto a pequena assistência, que "ninguém pôde conter as lágrimas". Bela ocasião para um milagre! A Caminheira, porém, não quis fazê-lo. Nem à entrevadinha que lhe chamara "maman" I Porquê, se a "Voz de Fátima" enche colunas e colunas, com milagres para todas as idades e em todos os países?!

Bem mal fez, porque "daí em diante, relata a dama de companhia, começa a verdadeira peregrinação de penitência... De princípio, os homens escasseiam, mas, a pouco e pouco, lá vão aparecendo". Mas onde? É de que espécie? Aquele português que há 30 anos não visitava a pátria? Um malandrão que tratara mal o pároco da sua freguesia? À falta de melhor lá o aceitaram, mas pondo condições que só gente daquela poderia aceitar: confessar o seu crime, ouvir missa, comungar e, em seguida, alombar com o andor, um certo número de quilómetros, *à pata (1).* Dali a Bordéus, foi um martírio contínuo. Como se sabe, as Landes nunca foram hospitaleiras. Mas agora, com aquela "estiagem,

(1) "Para maior penitência, caminha descalço, e assim anda durante o tempo que a acompanhou" *(Obr. cit.,* 35).

a praga de gafanhotos" (1) e, por toda a parte, comunistas, de olho aberto e bomba em punho... Quem pudera ter a vida segura!...

Enfim, sempre chegaram... Mas logo uma reclamação do bispo de Lourdes, melindrado por terem passado tão perto e nem sequer "bons dias!" "Então, retrocedendo 400 quilómetros, a Peregrina foi a Lourdes". Mas antes nunca lá pusesse os pés, por que foram encontrar um ambiente de tal modo carregado que se cortava à faca! Apesar disso, "organizaram uma procissão, levando a imagem em triunfo, coisa que em Lourdes não é hábito". Não ousaram, porém, encaminhá-la para o templo da outra, que, embora sem coroa de ouro nem de prata, reina ali e em todo o vale do Gave, como soberana absoluta e incontestada.

Constaram em Portugal diversas coisas, algumas de certa gravidade, mas não conseguimos apurar devidamente e por isso as passamos por alto. Sabe-se, todavia, que, se não foram apedrejados, deveu-se à rápida intervenção do bispo e à cooperação dos "portugueses que regressavam de Roma, onde haviam ido assistir à canonização de São João de Brito". Salvos desta aventura, ou, melhor, desta enrascada, em que os metera o impensado bispo, nem para trás olharam. E correram... Correram...

Passando em "regiões particularmente descris-tianizadas", tiveram informações que os

(1) "A Peregrina atravessou as Landes martirizadas pela estiagem, pela praga dos gafanhotos e ainda por vários atentados comunistas". *{Idem,* p. 36).

obrigaram a correr mais ainda: as *mairies* em poder dos comunistas, a "Maçonaria em largo campo de experiências", etc, etc. De tudo, porém, o que mais os aterrou, foi terem de passar numa paróquia tão alheia ao culto do Senhor, que motivou "estas palavras dolorosas", dirigidas pelo pároco à Caminheira e ao seu grupo: "Apenas tenho um cristão na minha freguesia!" (1*).*

Se até ali correram a bom correr, dali por diante não corriam: voavam. Razão por que a cronista desta infeliz jornada nunca mais pôde ver aldeias floridas, castelos, catedrais e, muito menos, cidades, por mais populosas que fossem. Mas, enfim, sempre conseguiram escapar, alcançando a fronteira belga, a 2 de Agosto. Que alívio para todos, incluindo a Caminheira, que nessa fuga realizou o maior dos seus milagres: não ter ficado no caminho, reduzida a cavacos, ela e o seu andor, como parece ter acontecido à imagem anterior. E tudo isto, apesar dos esforços empregados pelo zeloso padre Demontiez, que, na sua qualidade de Oblato de Maria Imaculada, aliciara bispos, curas, comendadores, latifundiários e até um certo *maire* comunista, que prometeu e não faltou, chegando mesmo a presidir a uma das cerimónias.

Já refeitos do susto, tanto a "santa" da Cova, quanto os seus companheiros, deliberaram prosseguir a "triunfal Jornada". Começando em Tournai, passando a Charleroi ("que, apesar de comunista, recebe a Virgem Peregrina"), seguem a Paturage, Namur, Liège, onde ficam três dias.

(1) *Idem,* p. 36.

Em Soumagne, terra de mineiros, sucede nova maravilha, que a dama de companhia relata nestes precisos termos: "O padre Demontiez ensina-lhe o *A vé* de Fátima, em português". Como eles o cantam, ufanos, entusiasmados!... (1). Mas o padre não quer que ela só veja pessoas bem vestidas e limpas. Quer mostrar-lhe também os sujos e os esfarrapados.

Foi assim que a desceram a uma das minas, onde, a 960 metros de profundidade, "sobre o negro carvão", ressaltou a sua "brancura imaculada". E, uma vez lá no fundo, "os mineiros não a largam"! A entrada duma galeria, lêem-se estas palavras, em grandes caracteres: "Notre Dame de Fátima, priez pour les mineurs!" Após a celebração da missa, lá no fundo, "os mineiros deixam a custo sair a Senhora Branca que os visitara". Um deles, ufano por ter sido escolhido para a acompanhar no elevador, afirma a um dos padres: "Senhor prior, não trocaria o meu lugar por cem mil francos!"

Vogava a santa neste mar de rosas, quando chega um pedido feito por Monsenhor Brossart, bispo auxiliar de Paris, para que ela volte a França, a fim de ser recebida pela grande cidade, capital da República. Aterrada com semelhante convite, a comitiva suspende as visitas em curso, e lá torna com a sua Dama Branca ao país das ideias e das revoluções. Sossegou, porém, quando dois membros da Comissão, que tinham ido a Portugal, ao passarem em Paris, souberam duma reunião de bispos auxiliares, presidida pelo

(1) *Obr. cit.,* p. 37-46.

Núncio, "em que se tinha ventilado o assunto das aparições, informando aquele que o Santo Padre ia dar instruções aos bispos de todo o orbe, a fim de serem muito rigorosos nos inquéritos feitos a videntes". Tinha sido abordado o problema de Fátima. "Apenas encetada a conversa,, o senhor Núncio corta imediatamente: Em Fátima não se toca, pois é uma realidade" (1). Ao que, da Bélgica, teriam respondido: - "Se na verdade lhe não tocam, então podemos ir!" E assim confortados, lá partiram mais a caminheira. Mas, à cautela, durante esse longo percurso, foi sempre camuflada, a fim de evitar que os devotos da Senhora de Lourdes a vissem e corressem novamente com ela. Chegados que foram às barreiras de Paris, verificaram, com viva satisfação, que ninguém tinha vindo esperá-los. Esconderam melhor a Peregrina e, dando ordem ao motorista para que não parasse nem olhasse para a banda, em pouco mais dum quarto de hora estavam em Notre Dame, onde se recolheram, para mais uma vez se limparem do pó, do suor e... do susto. Apresentada ao sr. Arcebispo, que a achou graciosa, a Dama Branca passou, com as mesmas cautelas, à Igreja russa, "onde o sr. Brossart produziu uma comovente alocução,. que fez chorar tanto os católicos, como os ortodoxos".
Feito o que, tornaram a embrulhar a Peregrina e partiram, a 100 à hora, para Lovaina, a fim de prosseguirem nas visitas, que findaram em Bruxelas, com uma cena bem pouco edificante.
(1) *Obr. cit.*, p. 48-49,

O Padre Oblata, cicerone e mestre de cerimónias da jornada, tinha feito reunir, na mais célebre igreja da cidade. Santa Gudula, 600 doentes, na esperança de que a "Dame Blanche" os devolvesse aos respectivos lares, completamente livres de chagas, quebraduras e outros males que os vinham flagelando. Pois a santa deu entrada no templo, viu tudo, ouviu tudo, e voltou costas sem estirpar um furúnculo, eliminar uma verruga ou raspar uma simples erupção cutânea!
A desilusão foi de tal vulto, o insucesso tão completo, que a dama de companhia, não podendo ocultá-lo, limitou-se a dizer: "Os doentes recobram, se não a cura dos seus males, a força para os suportar..." (1). Bolas! Desses milagres qualquer de nós é capaz de fazer, sem necessitarmos descer do Céu, com mensagens do Eterno para cobrir a Terra de prodígios, como ela trazia.
Divulgado o fiasco, a visita que fizeram a Gand e a Bruges teve o aspecto de cortejo fúnebre. E se não fosse outro comunista que viram no caminho, e que logo arranchou para se converter (2), aquilo acabaria numa tal pasmaceira que até a Peregrina seria capaz de adormecer e cair do andor.
E o Padre Oblata de Maria Imaculada, para onde se terá escapado, que nunca mais o vimos? Pobre mestre de cerimónias, que tão mal desempenhou o papel que lhe distribuíram!
Encabulada pela triste figura que fizera, a Caminheira rodou
(1) *Obr. cit*, p. 50-51.
(2) ..."militante comunista. O irmão, católico, vendo-o na igreja, mostra-lhe o seu espanto. "Que queres? A Virgem passou, e eu... prometi-lhe mudar de vida". *(Obr. cit.*, 51).

em direcção à Holanda, onde chegou a 1 de Setembro, à noitinha. E logo uma surpresa que a todos comoveu: "um numeroso grupo de homens de casaca e luvas brancas, que o bispo de Roeremond ali mandara estar", para mostrar à visitante que se encontrava agora entre pessoas ordeiras, de qualidade e limpas. Bisca atirada ao frade belga, que andou com ela por galerias subterrâneas, mal cheirosas e, ainda por cima, aos encontrões com figuras sinistras e negras como o carvão que ali brocavam e carreavam! Mas se aqui andou como verdadeiro diplomata, outro tanto não sucedeu quando avançou ao seu encontro para lhe dar as boas-vindas. Ignorando o que se passara em Santa Gudula, o pobre homem caiu em pedir-lhe "que derramasse sobre a Holanda as suas graças carinhosas" (1). Rogo inútil, mas que ninguém lhe levou a mal, por tê-lo feito na melhor das intenções!
Outro número, realmente edificante e comovente, foi terem posto, "num trono de grande altura, uma rapariga que representava Nossa Senhora". O povo holandês, em sua grande maioria protestante, se o não tivessem informado de que a menina que iam pôr no trono representava a mãe de Deus, teria exclamado, ao vê-la tão galante: "Repetiram o gesto dos franceses em 89. É a deusa Razão!" Efectivamente, a semelhança era completa: formosa, bem vestida... A mais só

tinha os anjos a cercá-la e os projectores a iluminá-la. Assim, não admira que a dama de companhia exclamasse, deslumbrada: “A visão

(1) *Obr. cít.*, p. 52.

tinha o seu quê de sobrenatural!” (1)• Esta cena pagã, que a Caminheira viu, sem protestar, contribuiu decerto para quebrar aquele poder que trazia do Céu, quando caiu na Cova, porquanto, ao visitar outro hospital com 550 doentes, nenhum deles experimentou o mais pequeno alívio, no moral como no físico, não obstante serem preparados para aquela visita e ela “ter passado, bondosa e meiga, junto da cama de cada um”. Pois apesar dela nada ter curado, nem mesmo aliviado, os bispos católicos da Holanda convidaram-na a presidir a um Congresso Internacional! Do que eles lhe disseram e do que ela lhes respondeu, na sequência dos debates, nada constou cá fora, mas deve ter sido coisa digna de passar à epopeia. E afirmo isto, porque, mal o presidente encerrou os trabalhos do Congresso, foi logo assaltada pelos holandeses, que, apesar de frios, “subiram às cadeiras e treparam para as costas uns dos outros, a fim de tocarem na Branca Senhora” (2*)*.

“E deste país - informa a cronista - passou ao Luxemburgo”. País onde quase todas as famílias contam, entre os seus membros, um sacerdote ou uma religiosa. População: 250.000 habitantes. Pois bem: desses, apenas 109.000 receberam a sagrada partícula! Melindrada por semelhante indiferença para com seu Divino Filho, a *Dante Blanche* resolveu pôr-se a

(1) *Obr. cit.*, p. 52.

(2) “Viu os holandeses, de frio temperamento, tocarem-na e beijarem-na com ternura... - Eu, um frio holandês, chorei ao ver partir N.a Senhora”. (Obr. cit., p. 53).

caminho, em direcção ao porto onde um navio a estava esperando. A ver se conseguiam demorá-la um pouco mais, lançaram mão de vários expedientes como esse de lhe “colocarem aos pés uma criancinha que nascera naquele instante”. Mas nem assim! Foi então que o bispo, apesar de doente, resolveu levantar-se, paramentar-se e correr ao seu encontro, a ver se conseguia detê-la. Não o conseguiu. Vendo que persistia em ir-se embora, começou a dirigir-lhe as mais patéticas expressões da sua língua: “Mãe querida, vais-te embora!... Nossa Rainha e Senhora, adeus!... Senão quiseres que nos vejamos de novo na Terra, adeus, até ao Céu, onde, tenho a certeza absoluta, nos hás-de conduzir a todos!” (1).

Se ela ouviu isto e mesmo assim abandonou o Grão Ducado do Luxemburgo, ou não tem coração, ou é mais fria que os holandeses que vimos acima, encavalitados uns nos outros para lhe darem beijos. Mas ela a voltar costas e toda aquela mole de povo a rodear o bispo e a levá-lo em triunfo, por todas as ruas e travessas, devido à caridade que tivera ao garantir a todos a salvação eterna. Foi um delírio! Delírio que a dama de companhia já não viu nem descreveu á devota fidalguia (2) que no Cinema S. Luís assistira à leitura do seu minucioso relatório, mas que facilmente se avalia.

(1) *Obr. cit.*, p. 59.

(2) Promoveram essa reunião as seguintes fidalgas: Infanta D. Filipa de Bragança, Duquesa de Palmela, Marquesa de Rio Maior, Condessas de Vila Flor, Almoster, Vale dos Reis e Fornos. Viscondessa de Rotelho e mais 13 novas-ricas.

III

A CAMINHEIRA VOLTA À PÁTRIA SUA ENTRADA NO PORTO

Eminência:

Foi a 28 de Fevereiro de 1948 que o paquete “Ribeira Grande” saiu de Antuérpia com a Caminheira, a fim de a transportar a foz doUouro e dali perguntar aos portuenses se querem ou não reconhecer a sua realeza. Dúvida que tinha sua razão de ser! É que a ninguém é permitido ignorar a sua história, que se iniciou com o desembarque no Mindelo, a sublevação da cidade e a abolição da tirania mantida à sombra do direitodivino. Não é este o momento asado para folhear os anais que registam os feitos memoráveis desse Povo que preferiu sempre quebrar a

que o torçam. Lembraremos, no entanto, que o civismo dos portuenses-os de ontem, como os de hoje-tem raízes que mergulham em nateiros profundos, cuja ceiva nunca deixou renovar-se. Gerada à luz de novos sóis, logo se vinculou no coração do povo, que nunca mais deixou de transmiti-la a sucessivas gerações, onde fulgiram temperamentos de aço, **a** par de corações e espíritos luminosos, desde os poetas, escritores, professores, homens do foro, artistas, industriais, comerciantes, ao simples cidadão, homem da rua.
360
os quais, tomando conta de tão nobre como pesada herança, noite e dia velaram para que a chama viva, que tantas almas aquecera, não se apagasse mais. Lume santo, avivado a toda a hora em cortejos cívicos e representações cénicas, pela imprensa, pela tribuna, pelo livro e, sobretudo, pelo convívio social das classes laboriosas- da fábrica, da oficina e do balcão. Não se extinguiram ainda os ecos dessas épicas Jornadas contra infiltrações jesuíticas e outras, em que entoavam oradores como Alexandre Braga pai e filho - os maiores que até hoje o Porto ouviu *(1).* Como também nunca mais deixarão de alentar o coração do povo as estrofes ardentes, com que, uma noite, num dos mais vastos e concorridos teatros da cidade, Guilherme Braga fizera delirar toda a assistência:

Milhafre do jesuitismo, Que pairas por sobre o Porto, Querias vir acolher-te Sob os ínclitos brasões? Vai chumbar tuas algemas Aos débeis pulsos dos cafres. Não fazem ninho os milhafres Na caverna dos leões! (2)
Em 1891, perante a humilhação de Portugal-infligida pela então reinante dinastia de Bragança, o burgo heróico resolve despertar e levantar o

(1) Correm impressos os discursos do primeiro, pronunciados no teatro de S. João em 1880 e 85.
(2) Guilherme Braga, autor de “O Bispo” e de “Os falsos Apóstolos.
361
país, procurando derrubar instituições caducas que não souberam ou não quiseram reagir”
Traído e algemado, o Porto nem assim considerara vencida a causa santa, que era agora a da Nação inteira. Dos corações, que sangravam ainda, nova luz se acendeu. Luz viva, luz ardente que a todos guiará nas lutas da sua fé. Ao seu calor, outras almas, outros poetas se erguerão para vingar os mártires:
O *galo canta!*
Rompe a manhã, vibra um clarim. Justiça eterna! Aurora santa, Teu disco de oiro se levanta Ao longe! Enfim! (1)
Anos depois, o mesmo grande Poeta surge desferindo, em lira de ouro e bronze, luminosas estrofes, que ficarão vibrando, idades fora:
Cavaleirosa espada relumbrante!
Se nesse lodo amargo um braço existe
De profeta e de herói, que te levante!
Inda bem que na lâmina persiste.
Em crua remembrança e galardão Do sangue fraternal a nódoa triste! (2)

A mesma chama viva, ardendo sempre, como logo era 1903 o país verificou, vendo iniciar-se nas Portas do Sol, pela voz dum catedrático

(1) *Guerra Junqueiro,* “Hino de algum **dia”,**
(2) ***Guerra*** *Junqueiro,* “Pátria”, p. 166.
362
eminente *(}),* a série de conferências políticas, que em poucos anos lançariam por terra um trono secular.
Entretanto, V. Em.a apareceu, foi professor universitário, conspirou com o episcopado, foi-lhe confiada a Sé Patriarca!, subiu ao solo pontifício e, agora, bem seguro em altas posições, resolveu não só desconhecer todo esse passado, mas ainda amarfanhar os que não reconhecessem a soberania da Igreja e, particularmente, a da Senhora da Cova, de que se tornara seu pioneiro-mór. Fê-la reconhecer no Vaticano, ergueu-lhe uma basílica e, a seguir, uma primeira igreja no bairro mais aristocrático de Lisboa. E, proclamando-a rainha, ordenou que

saísse da Cova e fosse, com os seus bolseiros e servitas, dar beija-mão por todos os concelhos. E assim se fez! Vimos como Lisboa a recebeu: de joelhos em terra, a chorar e a rezar. Mas do Porto ninguém mostrara ainda o menor desejo de a ver a dentro dos seus muros. E era preciso e urgente que não só a reclamassem, como também a recebessem, na qualidade de rainha, que o era de Portugal inteiro. Um ou outro espírito sensato, conhecedor do que se projectava na capital do Norte, deve ter-lhe chamado a atenção para a nobreza e coragem cívica da sua grei, recordando mesmo a estrofe ameaçadora:

Não fazem ninho os milhafres Nas cavernas dos leões!

(1) Dr. Bernardino Machado, professor da Universidade de Coimbra.

363

- Ah! não?! (terá V. Em.a respondido). Pois -vamos ver! E, se bem o prometeu, melhor o cumpriu. Sabendo que a Peregrina tinha sido infeliz nas suas jornadas por França e Aragança, e que se encontrava numa praia do Norte, a bordo dum navio, alquebrada, arreganhada e de bolsa vazia, ordenou que ela voltasse para casa, mas com paragem à vista da tal cidade invicta. Que se iria passar? Quem a receberia? Que percursos faria? Como iriam tratá-la? Bem sabia *V.* Em.a que tudo havia de correr como fora prévia e seguramente ordenado. Entraria num sábado. Mas, desde o princípio da semana que os organismos incumbidos de dar à recepção o maior brilho trabalhavam infatigavelmente. Para que tudo se cumprisse a rigor, dividiu-se a população em dois grandes sectores: o religioso e o profano, agrupando-se neste o elemento civil e militar.
A Comissão Executiva, presidida pelo vigário geral da diocese, fora incansável na selecção de pessoas e distribuição dos postos de comando. E, para que todos tivessem tempo de se documentar e apresentar com decência, o mesmo vigário geral fizera publicar na imprensa largos comunicados, convidando toda a população, "especialmente o clero secular e regular, as Ordens, Confrarias, Irmandades, organismos da Acção Católica, associações piedosas, colégios, internatos e mais instituições religiosas". Recomendava, além disso, que "todas as casas por onde passar o cortejo no sábado e a procissão no domingo, sejam enfeitadas festivamente... e iluminadas as fachadas de todos os prédios na noite de sábado para domingo, em que se fará a

364

vigília eucarística" (1). Mais ainda, ordenava "solenes pregações preparatórias em todas as igrejas paroquiais do Porto". A par destes comunicados, os jornais de 24 davam publicidade ao programa oficial, que não reproduzimos, visto que vamos assistir à sua execução, minuciosamente observada.
No dia 25, a imprensa anunciava ao público particularidades como esta: "A comissão de vereadores encarregada dos preparativos para a recepção, em nome do Município, à *N.* S. de Fátima, tem trabalhado afanosamente. A Câmara Municipal iluminará com projectores as igrejas da Sé, Santo Ildefonso e Clérigos, ao mesmo tempo que na torre do edifício novo da Câmara Municipal figurará um emblema Mariano e um rosário de lâmpadas eléctricas. Para se avaliar o efeito, bastará saber-se que a cruz desse rosário tem 4 metros de altura". Nada mais era preciso para que toda a gente ali caisse - uns a venerar, outros a contemplar a maravilha nunca vista desde que o Douro é rio e o Porto aglomerado humano. A imprensa não mencionava a colaboração dos elementos militares e civis, por não ser necessário, pois bem sabia o público que o zelo apostólico dos organismos oficiais respectivos, principalmente dos ministérios da Guerra e do Interior, faria comparecer todos os que lhes estão sujeitos, à hora exacta e no local previamente indicado. E foi só quando V. Em.a teve conhecimento de que tudo se cumpriria

(1) O comunicado, à largura de duas colunas, tinha por título "Nossa Senhora de Fátima" e era assinado por M. Pereira Lopes, Vigário Geral.

365

segundo as instruções que dera, de harmonia com a Concordata- (que pôs todos os portugueses de joelhos e a beijar os pés ao Santo Padre) - é que ordenou a entrada triunfal da menina da Cova. Para que tudo se documente com rigor, volta a ter a palavra a dama de companhia, que lá estava no barco, sempre fiel à sua Caminheira e atenta às ordens que do Céu eram transmitidas para a Terra: "Apenas atracado (o paquete "Ribeira Grande"), entram a bordo raparigas da Juventude Católica Feminina, sobraçando lindíssimos ramos de cravos brancos, para adornar o

andor. Ajoelhados aos pés da Senhora, em oração recolhida, estão dois sacerdotes, que da Bélgica a acompanharam: os Rev."'" Demontiez e Vermer, Oblatos de Maria Imaculada".
E a Virgem Peregrina volta a pisar terra portuguesa. "Sai do barco aos ombros do Comandante e Oficiais de marinha, que se sentem honrados por transportar tão excelsa Senhora, e a entregam à Ex."* Câmara Municipal de Matozinhos". Ao acto assistiram, entre outras individualidades, o Governador Civil, o General Comandante da 1/ Região Militar e os capitães dos portos de Leixões e Matozinhos. Avançando dois passos, a dama de companhia entrega aos oficiais do navio uma medalha comemorativa daquela viagem (Antuérpia- Leixões - 1948), sem dúvida remetida do Céu para aquele piedoso fim. "A entrada do Porto estão todas as autoridades marítimas, militares, civis e eclesiásticas. O Presidente do Município, Dr. Luís de Pina, saúda *a* excelsa Caminheira e entrega-lhe as chaves da cidade" (•)•
(1) *Obr. cit.,* p. 59.

Nessa altura, como seria natural e de acordo com a tradição em cerimónias desta natureza, a Senhora da Cova deveria ter feito o milagre de desligando as mãos da posição que todos lhe conhecem, pegar nas chaves e dirigir-se às portas, abrindo-as logo de par em par. E aí iria ela, a Rainha de Portugal, de coroa no alto da cabeça, vendo a seus pés a multidão dos servos. Humilhada? Contrita? Adiante veremos que apenas meia-dúzia de pobres-diabos, vindos de Castro Laboreiro ou de Barroso, foram vistos de joelhos e de mãos erguidas, à passagem do ídolo.
A frente do cortejo... Antes que avance, um ligeiro reparo que não deve molestar ninguém. É que antigamente, quando o pais se regulava só pelos preceitos evangélicos, quem abria os cortejos religiosos eram as irmandades com suas opas, cruzes e guiões, seguindo-se-lhes os dignitários eclesiásticos, sob o pálio, e, na cauda, em massa mais ou menos compacta, os devotos do Santo ou da Santa. Agora, porém, que nos regulamos pela Concordata, que a todos nós fez católicos, a coisa é muito diferente, conforme vimos em Lisboa, e agora aqui vai repetir-se.
Efectivamente, quem, nesta grandiosa procissão, substituiu as devotas e recatadas irmandades, foi o conjunto marcial da Cavalaria da Guarda Republicana, e a Santa, em lugar de assistida, piedosamente, pelos seus adoradores, era ladeada (benzei-vos, ó crentes da verdadeira fé, ó partidários da bondade e simplicidade cristã!) pela Polícia Internacional! E, logo após, os capacetes dos Bombeiros e as fardas da Brigada Naval e da Legião Portuguesa, que, se não tem,

deve passar a ter capacetes metálicos Quebrando esse aparato bélico, seguiam-se corporações indivíduos pacíficos, ou que Pareciam sê-lo: bispos, clérigos subalternos, agremiações sindicais e desportivas, Casas dos Pescadores... no Rossio da Circunvalação, esperavam-na novas entidades oficiais e numerosas individualidades de representação social: o bispo de Vila Real, comandantes dos regimentos da Guarnição comandantes da PIDE, da Polícia de Segurança Pública, Legião Portuguesa, etc, etc. Os clarins de formação de Sapadores Bombeiros faziam ouvir a estridência dos toques de sentido.
Foi então que se procedeu a nova e comovente cerimónia: a entrega do andor da santa *nobre* e *invicta cidade do Porto.* Nesta altura, surgiu uma esquadrilha de aviões que *longo* tempo evolucionou sobre a Santa e a multidão devota. De toda a parte vinham chegando agora novas entidades: Congregações Marianas do Apostolado da Oração, colégios e associações femininas, Liga dos Homens Católicos, Juventudes Católicas, Colégio dos Orfãos, Oficinas de São José, Tutoria da Infância, Circulo Católico de Operários, Ordens Terceiras, Associações de Catequistas, escuteiros, a mancha negra, dos Seminaristas, etc.. No centro da praça, viam-se:o chefe do Estado Maior da 1.a Região Militar, presidentes de todas as Câmaras Municipais , Juntas de Freguesia do distrito, Magistratura judicial, oficialidade da Guarda Nacional Republicana e vários bispos. Além destes, avultavam os dirigentes da União Nacional, Legião e Mocidade Portuguesa, Brigada Nacional, etc. Às 19

horas, girândolas de foguetes anunciaram a chegada da imagem à rotunda da Boa Vista,
O resto deixa de interessar-nos: foi a marcha através da cidade, em direcção à Sé. Há, porém, dois pormenores que devem ser registados, relativos ao aprumo da multidão que acorreu para

ver passar a Caminheira. Um dos jornais que nos serviram de guia apenas viu, “nalguns locais, gente ajoelhada e de mãos erguidas”. Eram os tais de Castro Laboreiro, que nunca tinham visto uma criatura tão galante. O outro pormenor foi fixado, no dia seguinte, pelo presidente do Município, após a missa campal na Avenida dos Aliados. Mal o sacerdote concluiu a homilia, ei-lo de pé, em atitude da maior reverência. E, após ter feito uma sentida invocação à Virgem, entronizada no seu altar votivo, junto ao brasão de armas da cidade, fechou aquela parada memorável, rezando em voz alta a “Avé-Maria”, o que profundamente comoveu a cidade, por ter à frente do seu município um varão de tão arraigada fé cristã.
Assim finalizou a primeira jornada internacional da Caminheira. E agora, que tudo se passou com a precisão, segurança e respeito que V. Em.a desde logo previra, pois bem conhece a força dos cordelinhos que manobra por detrás da cortina de ferro e sombra, que é hoje ainda a Igreja Católica, formulo novamente a pergunta que atrás ficou incompleta: Para que foi todo aquele aparato militar-policial-eclesiástico-civil? Receio de que novos poetas surgissem declamando as estrofes que pouco recordamos? Que novos

congregados na sua maior força, para conter todos quantos, cristãmente, se erguessem protestar contra as honras divinas que se andam prestando àquela figurinha de gesso ou de madeira. E compreende-se: V. Em.a transigiu o medo dos outros, não com o próprio, pois bem sei que não tem medo algum, como vem demonstrando desde que um dia entrou, de pistola aperrada, numa assembleia de propaganda social e política, sendo já lente e sacerdote (1). O nosso povo sim: esse é que tem medo. Muito medo! Em primeiro lugar, de V. Em.a por ter ao seu dispor forças de terra, mar e ar; em segundo lugar, da Peregrina, que tanto o vem humilhando, degradando e empobrecendo!
Mas deixemos, por agora, os comentários e voltemos ao aparato bélico de que lançarammão. *Para* quê e porquê? - volto a perguntar. - também de que a massa popular secundasse – como tantas vezes fizera- os protestos e cóleras dos seus tribunos e poetas? Melhor do que ninguém conhece V. Em.a a impossibilidade de *?tais gestos, privado como foi o populacho, a tal Canalha, de todas as suas regalias e direitos. Junte-lhe agora o pavor da maioria, ameaçada nos seus cargos, actuais e futuros, e, sobretudo” as

(1) Cerejeira - *Vinte anos de Coimbra,* 1943. Lê-se pág. 222-223: “Eu recordo-me de que me muni de uma pistola *Mauxer...* Não estava disposto a oferecer-”lhes a outra face, antes defenderia a primeira quanto pudesse"

dificuldades económicas que a flagelam, e dia e noite vão crescendo, e terá, bem à vista, os motivos que a trazem alheia não só a protestos clamorosos, como a simples manifestação duma ou de outra regalia postergada.
Mais ainda: no silêncio do seu túmulo tinham emudecido os velhos escritores e professores racionalistas, que longos anos se bateram nas lutas da sua fé: Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Heliodoro Salgado, Sampaio Bruno, Rodrigues de Freitas, José Caldas, Basílio Teles, Teófilo Braga, Boto MachadO; Magalhães Lima, Alexandre Braga, Miguel Bombarda, João Chagas, Guerra Junqueiro, Afonso Costa, Brito Camacho e tantos, tantos outros. E os que não sucumbiram ainda, todos sabem as torturas a que estão sujeitos: uns a ferros, outros refugiados em trapeiras, de ouvido à escuta, não surja a polícia política, para os meter no carro celular e os degredar para os campos de concentração de onde se não volta, ou se volta achacado para toda a vida.
A Maçonaria que, além da assistência social que prestava aos. seus confrades, velava pela rigorosa observância dos Direitos do Homem, posta fora da lei, de nada lhe valendo esse humanitarismo. Assaltada a casa mãe, tudo lhe foi usurpado ou destruído. Por outro lado, a censura, amordaçando a imprensa democrática, fez com que esta de todo emudecesse. Para que foi, portanto, mobilizar forças de tal magnitude? Se fosse alguns anos atrás, quando a Constituição e as leis permitiam que o cidadão falasse, escrevesse e confiasse no *veredictum* da Justiça, compreender-se-ia que V. Em.a usasse de todas as

cautelas, não fosse o referido cidadão erguer a voz, apontando à multidão os embustes com que a Igreja vem ludibriando a boa-fé dos ignorantes e dos simples. Mas agora, repito, quem haverá capaz de levantar o mais pequeno grito, erguer o menor obstáculo à passagem do ídolo pagão?

Apesar disso, alguns dos vossos fâmulos julgaram que não bastaria terem encerrado agremiações liberais, centros políticos, universidades populares e suprimido a voz da imprensa livre, reduzindo, ao mesmo tempo, o povo a esta "apagada e vil tristeza" a que chegou, para que os tiranos possam dormir tranquilamente. E vá de aconselharem V. Em.a a mobilizar não só os elementos subordinados à Santa Sé, como ainda as forças da República: Exército, Marinha, Aviação, Mocidade e Legião Portuguesas, Polícia -
E volto com o meu espanto: Que pavor tão descabido!

IV
NAVEGANDO E VOANDO, O NOVO ÍDOLO TORNA AOS CAMINHOS DO MUNDO

Eminência:

Mas a Senhora Caminheira (como a baptizou a sua dama de companhia) não terminou aqui as "viagens triunfais", iniciadas pela Europa ocidental. "Acabou apenas o primeiro capítulo dum livro que certamente será longo. Dentro em pouco... é nosso firme propósito levar a Imagem da Virgem Peregrina a correr o mundo inteiro, e, no nnal desta peregrinação, única na história da Igreja, depô-la, como símbolo da unidade dos católicos de todo o Orbe, nas augustas mãos do soberano pontífice". Desta maneira, é natural que ela oiça "rezar, cantar e chorar em todas as línguas e dialectos". E a mesma dama inquire: "Será isto ousadia? Fruto de imaginação exaltada? Talvez. Mas o certo é que de toda a parte nos chegam pedidos para que a Senhora os visite" (1). E cita: Africa Portuguesa, Cono Belga, Marrocos Espanhol, África do Sul, Egipto, Argentina, Chile, Brasil, Inglaterra, Alemanha,
(1) *Obr. cit.,* p. 60-61.

Polónia, Hungria, Noruega, Itália, índia, China, Timor...
- Que despesas enormes não irão ser consumidas em tão longas e demoradas viagens! - exclamarão os que vão comigo atrás da Caminheira. Despesas nenhumas, visto que tudo correrá pelo "cofre inesgotável da Providência Divina", informa a dama de companhia, com a autoridade que lhe vem de tal cargo.
E aqui surge um reparo ou errata: afinal, as bolsas que temos visto na mão de certas criaturas, que, ao lado e após a Peregrina, as vão abrindo, enchendo e recolhendo, não são bolsas reais, mas apenas símbolos. Os símbolos da Fortuna em marcha! Como simbólicos são também os pedidos feitos e atendidos sem demora pelas "Companhias de Navegação - *Colonial* e *Insulana"*, e ainda pelo "Senhor Ministro das Colónias". Simbólicas foram também as palavras da conferencista no Cinema São Luiz, quando disse, ao finalizar: "A nós cabe-nos pedir, e portanto à saída poderão V. Ex."''", se tiverem devoção e quiserem, deixar algum óbulo nas bandejas das raparigas que estão à porta". E acrescentou com uma audácia e... coerência dignas dos varões de Plutarco: "Ao Senhor cabe multiplicar as notas, e isso temos a certeza de que o fará" (1).
Não duvidamos de tal afirmativa, porque ao Senhor nada é impossível. Simplesmente, surge aqui novo reparo: Se o Senhor, como afirmou então e confirmou, tempos depois, na publicação que autenticou com o seu nome e lançou no
(1) *Obr. cit.,* p. 61-62.

mercado, após a recolha feita às portas do referido Cinema, se o Senhor, repito, multiplicou as notas, do que ninguém agora pode duvidar, caiu sob a alçada do Código Penal, visto haver praticado um dos mais graves delitos previstos no referido código: o de fabricante e passador de

moeda falsa. Viciou, portanto, as séries, alterou a numeração e, sem que para tal fosse autorizado, aumentou a circulação fiduciária, defraudando, assim, em larga escala, o tesouro nacional.
Compreende-se agora a referência ao tal "cofre inesgotável da Providência Divina", donde saíram as avultadas somas com que se custearam as longas e demoradas viagens da menina da Cova. Resta saber quantos seriam os desgraçados, surpreendidos com tais notas. Dalguns sei eu que não só ficaram sem elas, como ainda foram presos e julgados. Este caso, porém, denunciado em sessão pública, deixa de ser connosco, visto passar às mãos da Polícia de Investigação Criminal. Ponto final, portanto, neste escuro negócio!
Desejaria registar nestas páginas todas as idas e vindas realizadas pela Caminheira, mas isso levar-nos-ia muito longe, razão por que só focaremos as de maior relevo. Pondo já de lado as de Madrid, em Maio de 1948 (1*)*, e de Roma, em

(1) Madrid, 25 - Durante a noite passada, multidão incalculável recebeu a imagem de N.a S.a de Fátima no bairro las Ventas. Dali será levada processionalmente à paróquia do Sagrado Coração de Jesus, no distrito de Buena

Novembro de 1949 (2), saltemos ao Extremo Oriente, a começar pela índia portuguesa. Acompanhada por três sacerdotes e pela nossa já bem conhecida senhora, dama de companhia da Santa, visitou as principais cidades dessa velha colónia portuguesa, onde os bolseiros devem ter sido bem felizes, como todos os que ali vão tentar fortuna, segundo a tradição. Para o que muito devem ter contribuído os milagres que praticou ao pisar terras onde o islamismo e bramanismo há muito deixaram de exercer tão salutar função. No Malabar, sobretudo, pois, além de taumaturga, foi hábil diplomata, como logo as agências divulgaram em todos os meios cultos. Assim, no próprio dia em que chegou, fez demitir o único membro do Governo, partidário de Moscou (3). Outro aspecto da sua acção: Sabendo os orientais que a Santa andava empenhadíssima em chamar a Rússia de novo para Deus, resolveram estender, no caminho onde ela havia de passar, uma bandeira dessa mesma nação, para que a

Vista, onde haverá beija-mão. O Cardeal Patriarca de Lisboa, esperado aqui na sexta-feira, será recebido, no sábado,. pelo Chefe do Estado. O Generalíssimo Franco assistirá, no domingo, à missa campal, em que o purpurado português proferirá, em espanhol, uma alocução. (Dos jornais de 26-5-1948).
O "*Roma,* 25-11-49. A imagem da Senhora de Fátima chegou a Roma de avião. Foi levada para a capela do aeroporto de Campino, onde ficará dois dias, até partir para *O*-Cairo e Bombaim). (Dos jornais de 6-11-1949).

(2) "No dia em que a imagem entra no Malabar, é demitido o único ministro comunista do Governo do Estado. Os católicos atribuem essa demissão a uma graça da Virgem *(Diário de Notícias,* Lisboa, 24-2-50).

pisasse e repisasse com seus divinos pés. O que ela realmente fez, em meio do regosijo de uns, do espanto de muitos e do protesto da massa popular, que, no Levante, não é muito para brincadeiras (1). Efectivamente, dessa pisadela resultou a pobre santa não poder voltar mais àquelas terras, mesmo andando segura, como se diz, numa grande companhia europeia desse ramo.
Recheadas as bolsas com o oiro e as pérolas que hoje ainda ali abundam, ergueu vôo, tomando o rumo de Ceilão, onde também era esperada pelos agentes da Acção Católica, alguns dos quais se haviam incorporado na Peregrinação Internacional que viera à Cova, como já relatámos. De Ceilão passou a Timor, Austrália e Nova Zelândia, onde nada aconteceu digno de ser contado, a não ser a colheita aurífera, que outros elementos da referida Acção Católica lhes hão-de ter proporcionado - que para isso iam, porque a santa e a sua comitiva só vão onde-lhes paguem bem os sacrifícios da viagem e, sobretudo, os riscos do naufrágio.
Entretanto, de Bagotá, um despacho de 28 de Novembro de 1949 informava que o avião saído de Bucaramanga para Calcutá, ao chegar a Ar-boleda, se despenhara, envolto em chamas, com nove pessoas a bordo, entre as quais se dizia ter seguido também a imagem da Santa. Esta comunicação alarmante foi desmentida no Oriente,

(1) "Uma bandeira da União Soviética é colocada no chão em Changanaor, para que a imagem da Virgem, ao passar-lhe por cima, se compadeça daquele infeliz país. *(Diário de Notícias.* Lisboa, 24-2-50).

como no Ocidente, esclarecendo-se que a 2 do mês seguinte essa imagem partira de Bombaim para Goa. Apesar do desmentido, logo reproduzido na imprensa portuguesa, nem por isso deixou de circular com insistência que, de facto, a Senhora ia no avião incendiado, acrescentan-

do-se, todavia, que ela milagrosamente se salvara. Dias depois, esta mesma notícia teve que ser igualmente desmentida, porquanto não fazia sentido que a Santa saisse ilesa do horrível sinistro e deixasse carbonizar os companheiros. Versão esta logo aceite por católicos, mas não por indiferentes e ateus. Afirmavam estes que o desastre se dera, mas a imagem que seguia para Bombaim era uma das muitas que se negociavam para figurar em altares de catedrais, de igrejas ou de santuários domésticos.

Ocorrida a catástrofe, nova imagem seguiu, agora duplamente santificada pelo milagre que lhe fora atribuído por pessoas mal aconselhadas. Era? Não era? Mau foi a imprensa oriental meter o nariz em assuntos a que não devia ser chamada. Assim, por mais que desmentissem, a dúvida ficou sempre. E de tal modo arraigada, que ainda agora, passado tanto tempo, há quem sustente a realidade do desastre. E também quem recorde, a propósito destes e de outros desmentidos, as palavras que o autor do *Germinal* escreveu quando tomou a peito defender o capitão Dreyfus, no célebre processo que lhe moveu o governo francês, ao serviço da Igreja Católica: ce *mensage en necessite un autre, de sort que Vamas devient éffragable"* (1). Mas, se neste

(1) *Emile Zola, "La verité en marchea,* p. 105.

ponto a dúvida persiste, outro tanto não sucede quanto à gratidão dos potentados indianos, pela acção da Santa no expurgo dos partidários de Moscou, que ela ou converte, como na Europa, ou demite dos cargos, como na Ásia. Ora, tol em reconhecimento de tais graças que um desses potentados a presenteou com uma nova coroa d*e* oiro, mas agora cravejada com as mais preciosas jóias que o poderoso marajá de Mysore em tempos ofertara a outro grande da terra, como tributo de respeito ou recompensa por serviços prestados (1).

Arrumados, por agora, os negócios da Santa nas terras do Levante, vamos com ela ao Vale do Nilo, onde nos esperam coisas surpreendentes, como é natural, em domínios do Islão. Já em tempos, que não vão longe, tive ensejo de comunicar em missiva dirigida ao Santo Padre: "Ampliando estas exibições atentatórias da pureza da fé e do bom-senso, esse mitrado (era V. Em.a fez ainda pior, pois a obrigou a tomar o caminho do Nilo, fazer entrada triunfal na cidade do Cairo e receber outra coroa de oiro, sendo, por muçulmanos e católicos, proclamada rainha do Egipto. O Santo Padre: eu não me benzo, porque perdi

(1) *Bombaim, 31-7-50* - A imagem peregrina, que há 5 meses anda em viagem pela índia, Paquistão e Ceilão, partiu hoje para Lisboa, por via aérea. Antes de partir, monsenhor Valeriano Gracias, bispo auxiliar de Bombaim, colocou uma coroa de oiro, cravejada de pedras preciosas, na imagem, oferida por uma das principais famílias católicas-romanas de Mysore - feita com jóias presenteadas pelo marajá de Mysore em 1891, ao falecido T. R. A. Thumboo Chetty. *(Dos jornais).*

O jeito, mas vós, que representais o fundador do Cristianismo, benzei-vos por nós ambos. De que haviam de lembrar-se os desvairados? Confundir esta com a outra de impúdica memória! Porque, até hoje, rainha do Igipto, só era conhecida como tal - Cleópatra. Pois agora são duas: a da Cova da Iria e a concubina de Júlio César, de Pompeu, de Marco António e possivelmente de outros cuja lista a História, por pudor, recusou inserir nos seus anais" (1). Que mais poderei acrescentar, não para glória, que a não há, mas como desagravo à menina da Cova que, ao representar de Virgem Santa, pensaria em tudo menos em que fosse designada com tão ignominioso título?!

Afirma um dos comunicados que a viagem se fizera "pelo caminho seguido pela Sagrada Família, quando fugiu da Palestina para o vale do Nilo" (2). E acrescenta, em confirmação do que em tempos garantimos ao papa: "Voltará à noite para o Cairo, onde será coroada na Igreja de S. Marcos, com uma coroa de oiro maciço de grande valor, oferecida por subscrição entre os católicos do Egipto". E também entre muçulmanos, aos quais ninguém ousou garantir não ser aquela a filha do profeta, também denominada Fátima, e desde o início do Islamismo venerada por todos os crentes do Alcorão. E foi por isso que os bolseiros, valendo-se da torpe mistificação, abarrotaram as bolsas e as subscrições avolumaram,

(1) "Bancarrota - Exame à escrita das agências divinas", p. 268.

(2) Jornais de 5-7-49.

a pontos de poderem ofertar a tal coroa de oiro. No decurso dessa jornada, agora verdadeiramente triunfal, visto que todos os maometanos que a viram percorrer estradas e visitar Porto oaide, o Canal de Suez e a cidade do Cairo, todos a veneraram como autêntica

representação da filha do fundador do Islamismo. Essa ilusão da parte deles e embuste da parte dos católicos manteve-se enquanto a Caminheira permaneceu no Vale.
Aproveitando-se daquela tão rendosa ignorância, a Empresa da Cova, agora já com raízes no próprio Vaticano, resolveu tornar com ela ao país dos Faraós, mas a mistificação deve ter sido revelada ao povo muçulmano, porquanto, ao regressar ali, decorridos dois meses, mal desceu do avião, logo levantou vòo para outras paragens, não fossem os maometanos atirá-la aos crocodilos (1). Este aspecto das incríveis peregrinações a países onde o islamismo predomina ou actua fortemente foi revelado pela própria dama de companhia, na sua conferência em Outubro de 1950, no Liceu Pedro Nunes, ao regressar da índia: "Pessoas das mais variadas castas e religiões da península indiana, embora não renegassem os seus credos, acorriam a prestar homenagem à Virgem e a entregar-lhe oferendas, muitas delas valiosas" (2). Como se fosse admissível que um islamita ou um brâmane, mesmo

(1) Diz a agência, ao seu bem significativo laconismo: *Cairo,* 27-3-47 -Regressou a esta cidade N.a S.a de Fátima, que foi coroada Rainha do Egipto".

(2) *Diário de Notícias,* Lisboa, 26-10-1950.

broncos na interpretação da sua fé, ousassem praticar semelhante impiedade! É que também ali, como no Egipto, se ocultara a verdade.
Outra viagem memorável foi a que nos revelou um despacho telegráfico de Tóquio, em 29 de Abril de 1953, segundo o qual até fuzileiros navais americanos, em combate na frente da Coreia, teriam reconhecido e proclamado, como sua rainha, a Senhora de Fátima. Mais ainda: o bispo e vigário apostólico de Seul, levado por um helicóptero, teria ido aos campos de batalha coroar uma imagem, aconselhando os soldados presentes a confiarem na Senhora e solicitarem desta que não demorasse a conversão da Rússia. O que, porém, mais impressionou os povos do Ocidente, incluindo ateus e indiferentes, foi o facto desses briosos fuzileiros se inscreverem na Cruzada do Exército Azul, comprometendo-se, ao mesmo tempo, a usar sempre o escapulário e a recitar diariamente o rosário, como aos videntes exigira a Senhora da Cova. Comovente!
As restantes viagens pelo mundo pouco ou nada têm de grandioso, a não ser as que levaram a cabo no Brasil e na América do Norte. A primeira, porque finalizou com missa campal, à meia-noite, no estádio Maracanã, o mais vasto do mundo. Aí, sim, que as bolsas tiveram de ser substituídas por sacos de linhol e estes carregados em camiões, donde foram tirados para bordo e acautelados na casa-forte do navio que levara e trouxera a Caminheira (1*).*
A segunda, essa tem mais que se lhe diga, **tantos** e tão vastos foram os cofres que se abriram,

(1) Ver jornais e revistas de Julho de 1953.

desde que ali chegara, a 6 de Fevereiro de 1947, até sair, a 19 de Outubro seguinte. Durante esses meses de marchas incessantes, percorreu 52 dioceses do Canadá e dos Estados Unidos. Só na de Providence permaneceu seis semanas, durante as quais visitou 25 paróquias das mais devotas e mais ricas. Este feliz sucesso correu logo através de toda a imprensa mundial. O que todos calaram foi o cabedal, em dólares-oiro e papel, que a santa amealhou. Soube-se apenas que de nenhum país voltara tão cheiínha e contente. Ela e os seus,bolseiros.
Falta acrescentar apenas que muitos e variados foram os episódios que assinalaram esta feliz viagem. Nenhum, porém, que a comovesse tanto como a recepção que lhe fizeram os famosos Cavaleiros de Colombo, com os seus uniformes de grande gala, chapéus altos, de pelúcia brilhante e espadas desembainhadas. Espectáculo tão impressionante, que chegou a ver-se um ou outro ianque, a desdobrar o lenço para limpar os olhos. Também, já não era sem tempo! Correra oiro em barras e em barda, mas lágrimas que apontassem aos olhos só agora, à vista daqueles chapéus lustrosos e daquelas espadas reluzentes, voltadas na direcção da Caminheira. Era tempo, repito!
E findemos aqui, porque o resto são passeatas sem valor apreciável, a não ser para apontar incréus que lhe não tirem o chapéu, abrir vagas nas repartições do Estado e espremer uma ou outra teta rústica, que escapasse ao varejo espantoso que os bolseiros têm feito em terras de Portugal, daquém e dalém-mar!

OITAVA PARTE

OFENSIVA GERAL

NO BERÇO ONDE NASCEU

Eminência:

Quando em 1846 se desvendou a indecorosa mistificação de La Salelte, levada a cabo por um pároco e uma ex-religiosa, o espanto foi grande, pois se julgava que, após a obra dos enciclopedistas e a proclamação dos Direitos do Homem, que aboliram o direito divino, a era das aparições miraculosas tinha acabado no mundo. Não acabara.
Mas, se as mistificações continuavam, a reacção agora produzida não só era mais viva, como também melhor documentada, e por isso mais amplo o campo onde se debatia o problema em causa.
Não admira, pois, que a tal audácia respondesse uma bem numerosa e aguerrida falange, capitaneada por alguns dos mais brilhantes espíritos da França, destacando-se entre eles Anatole France, Clémenceau, Sebastião Faure, Littré e Alfonse Karr. Este principalmente, cuja vida esteve em risco, devido aos pormenores que desvendou e divulgou, em diferentes passagens dos seus livros *(1).*
(1) “A história, absolutamente verídica, da menina Mer-lière, por mim contada no livro intitulado “O Credo do

Dessa campanha resultou serem chamados a juizo e condenados os principais empresários desse grosseiro embuste (2).
Não sabemos se também o de Fátima acabará nos tribunais, onde há muito devia ter subido, se não fosse a doença epidémica do medo, que a todos fecha a boca e tapa os olhos. Mas, suba ou não aos tribunais civis, o processo, desde logo iniciado, vem sendo largamente discutido, a fim de ser julgado num tribunal maior: o da opinião consciente e livre, de que não pode haver apelação.
Efectivamente, se o delito premeditado e praticado em 1917, encontrou defensores, a princípio bem tímidos, encontrou igualmente acusadores, mas estes, desde a primeira hora, perfeitamente esclarecidos na matéria - e por isso a discutiram com elevação e veemência. Nenhum órgão da imprensa livre deixou de vir à estacada, apontando o fenómeno como impróprio da época e, até, do meio, apesar do atraso em que viviam e vivem ainda as populações onde ocorreu. Nessa linha de fogo, devemos salientar, além dos diários da capital - O *Mundo, A Manhã, O Debate, O Povo e A Batalha* - muitos semanários da

(continuação da nota da página anterior)
jardineiro”, produziu grande sensação...” (Dieu et Diable, p. 3). A história a que se refere vai da p. 283 a 309. O processo judicial que em Grenoble condenou a “Virgem” encontra-se a p. 300-302. O seu advogado, Jules Favre, apelou da sentença, que foi confirmada pelos novos juizes *{Le Credo du jardinier.* Paris, 1890).
(2) Pormenor digno de registo: “Agora anunciam, descaradamente, um novo milagre *em* La Salette. Isto depois de se ter verificado, perante o tribunal, que a menina Mer-lière havia, insolente e tolamente, representado o papel de Virgem...” *(Dieu el Diable,* p. 58).

província, que denodadamente se bateram, em nome da razão e do bom-senso.
Ouvi, durante anos seguidos, a crítica serena de uns, os protestos clamorosos de outros e a ironia contundente de muitos. Ouvi e entrei também na ardorosa refrega, que bem cara ficou aos que desempenhavam cargos públicos. Muito se batalhou, uns pelo jornal e pelo livro, outros em conferências e comícios, todos no intuito, bem humano, de arrancar a gente simples, mormente os camponeses, ao suplício a que os obrigava a Empresa da Cova, em breve tempo auxiliada pelos bispos.
Infelizmente para a causa da livre expressão do pensamento, Roma tinha tomado já, sem que entre nós ninguém desse por tal, os principais, senão todos os postos de comando. É assim, a nossa obra de resgate foi não só detida, mas em parte anulada ou denegrida, e dispersos, por exílios e prisões, os mais zelosos contendores, quase todos já mortos. Mas se não lográmos, nessa altura, que a verdade triunfasse, pelo menos semeámos a dúvida em campos de tal

fertilidade que, apesar da estação lhe ser contrária, nem por isso deixou de lançar raízes, que logo se afundaram e alargaram de tal modo, que já não há charrua nem trator que consiga arrancá-las. Raízes que, por fim, vindo à superfície, rebentaram em caules, donde brotaram gomos e flores, e destas o copioso fruto que hoje circula, tanto aqui como lá fora, onde também gostosamente o saboreiam. Espalhada, pois, a dúvida, na largueza e profundidade que acabamos de ver, as consequências que daí resultaram são fáceis de avaliar.
390
Como V. Em.a perfeitamente sabe, da dúvida à incredulidade vai um passo. E esse passo foi dado, não por algumas dezenas ou centenas, mas por milhões de portugueses, como ambos nós sabemos, eu pela solidariedade que por toda a parte encontro, e V. Em.a pela falta de assistência que verifica nos templos, aonde não vão cinco por cento dos crentes de outrora. Isto, apesar dos convites, promessas e pressões de toda a natureza, porque sem estas nem um por cento lá iria. A "Santa" que voara do Céu para a Cova da Iria, não obstante a protecção que lhe concederam, ao sair das nossas mãos ia já de asa ferida. Ferida que não cicatrizou ainda nem jamais há-de cicatrizar. Prova-o claramente a atitude que muitos católicos continuam mantendo perante o "fenómeno" da Cova. De facto, muitos ali têm ido, mas quantos desejariam erguer a voz para desafrontarem a pureza da sua fé? Não o podem fazer, mas também lá não voltam, chocados com a exploração mercantil que viram praticar. Dentre todos, permita que destaque um jornalista muito conhecido e respeitado, que, à profissão, que tem desempenhado com a maior honestidade, aliou sempre um carácter recto e uma nobreza de alma, hoje pouco vulgares.
Não façamos como os cronistas dos milagres de Fátima, ao aludirem a meretrises e comunistas convertidos, sem lhes citarem o nome. O nome deste é Agostinho Domingues, o qual, à hora era que escrevo estas linhas, sulca os mares, a caminho da Africa Oriental, enviado em delicada missão profissional, pela Empresa do jornal "O Século", de Lisboa, onde há bastantes anos honra a corporação de que faz parte. Melhor do
391
que eu sabe V. Em.a o que seja, não a falência duma alma, mas a evidência duma fraude posta em face duma consciência formada à luz da natureza e agindo em organismo são. Tal o caso de Agostinho Domingues. Estruturalmente justo e bom, mal descortina, no campo da sua fé, a primeira senda tortuosa que possa desviá-lo para o erro, não hesita: volta à primeira forma, a fim de retomar o caminho da rectidão e do dever.
Ninguém, como ele, procurou viver o fenómeno de Fátima. Viu, ouviu, examinou. Foi uma, duas, três, cinco vezes. Mas tanto observou e analisou, dentro e fora da Cova, que acabou, não por saber tudo, mas por saber mais do que julgava ser possível saber-se. O administrador da Voz de Fátima", Padre Manuel Pereira da Silva, além de seu amigo e conterrâneo, foi seu padrinho de casamento. Confessou-lhe as suas dúvidas , e anseios. E o bondoso homem de igreja, apesarj da sua argúcia, não conseguiu argumentos com que pudesse, não direi já fechar-lhe os olhos razão, mas, pelo menos, atenuar-lhe as dúvidas, Pelo contrário: acentuou-lhas mais, quando patenteou os armazéns da Empresa, e Agostinho Domingues pôde ver a vastidão das suas tramoias, sacões e fraudes. A Cova - concluiu o jornalista - não era um santuário, mas uma casa de negócios. Não se pregava ali a doutrina de *Cristo* mercadejava-se com a fé da gente rude. Não ganhavam almas para Deus: iludia-se o Povo. Os altares eram substituídos por balcões, sacerdotes por verdadeiros traficantes.
Sabendo eu que ele redigira as suas versões, não para lhes dar publicidade, mas legar aos filhos, valia-me da mútua e viva
392
tia que mantemos há anos, para que me deixasse folhear o seu "Diário", que melhor intitularíamos "Breviário duma consciência". Ouçamo-lo:
"Fui à Fátima pela quinta e última vez, com uma peregrinação nacional vicentina, em 1934. No santuário da Virgem encontrei, cerca da meia noite, a uma luz propícia à azáfama que a essa hora ia pelos confessionários, o meu antigo condiscípulo, padre J. F. O., então prior de Aljubarrota. Não nos víamos desde que eu, um dia de primavera de 1923, deixara, com grande surpreza sua e dos seus companheiros, o seminário de Leiria, onde então cursávamos filosofia.
O encontro não foi muito efusivo, apenas devido à severidade do meio. Mas recordo-me de ter-lhe ouvido, após um cordeal abraço, estas palavras? "Folgo muito em ver-te. Tens sido muito

lembrado pela constância da tua fé!" Nada lhe objectei; mas mal sabia ele que, precisamente naquele momento, eu acabava de perder a fé que me atribuia".
"De desilusão em desilusão, o meu espírito,, após cerca de dez anos de fervor religioso e de apostolado activo, pela palavra e pela imprensa, começara a sentir-se aguilhoado pela dúvida. A sensibilidade dos católicos ricos e de comunhão diária, perante a miséria que os rodeava; as injustiças sociais que, em vez de remediadas, como eu esperava, por dirigentes católicos, eram cada vez mais agravadas; mil e um motivos, enfim, que não caberiam nestas linhas, levaram-me a duvidar da santidade da religião que professava e que nem sequer tornava melhores que os ateus os seus filhos mais diletos..., "Se *um* homem começa com certezas - diz Bacon - acabará
393
em dúvidas; mas se de início se contenta com dúvidas, acabará sustentando certezas". Foi o que aconteceu comigo-
"Educado na religião católica, procurei sempre cumprir, sem os discutir, os seus preceitos, convencido de que tudo que ela me ensinava, ou fora revelado por Deus, ou tão bem provado e estudado, que eu nada mais e melhor tinha a fazer do que seguir, submisso e alegre, os seus conselhos e doutrinas. Assim, pois, sem esforço - o que era óptimo para o meu feitio - aceitava como irrefutável e bom tudo que a Igreja me dizia ser verdadeiro e bom, e como falso e mau tudo o que ela julgava menos verdadeiro ou mau. Que situação mais cómoda podia desejar a minha inteligência? Tinha quem estudasse e pensasse por ela...
"Mas, um dia - bem tardio, reconheço-o - a dúvida, como térmite roedora, penetrou, subrepticiamente, no meu edifício espiritual, e minou todo o seu vigamento. Qual construtor que vê a sua obra ameaçar ruina, procurei escorar-me com os argumentos colhidos no estudo e na experiência. Apelei para a minha mestra, a Igreja, e pus, enfim, a postos todas as baterias da minha fé. Tudo em vão! Com grande surpresa e não nienor pesar, vi alçarem-se a incomparável altura as ondas de argumentos, que embatiam violentamente contra o frágil batel da minha fé. E verifiquei então, com espanto, que, ao contrário do que eu piamente acreditara, nada, em religião,, está provado. Tudo assenta em lendas ou princípios estabelecidos e modificados pelos homens, consoante os seus caprichos e interesses. Sendo assim, que diferença haveria entre a religiãof
394
católica e as outras, algumas das quais bem mais antigas e com mais numerosos adeptos? Como distinguir de entre tantas a verdadeira, se todas se apregoavam igualmente divinas e salvadoras? E onde estariam a justiça e a bondade de Deus, se nos condenasse por não termos seguido um caminho que é uma encruzilhada, sem nos ter dado, a todos, ao menos, a inteligência bastante para não errarmos voluntariamente? Pensamentos como estes sucediam-se, quase se atropelavam, na minha cabeça, dia e noite, por mais que os combatesse. É-me impossível descrever, nestas curtas páginas, o conflito que, durante meses, se travou entre os dois "eus" contraditórios, que se ergueram em mim: o crente e o descrente. De resto, a minha história é a história de todos aqueles que, não sendo caturras nem maus, arrepiaram caminho, cedo ou tarde, quando a sua consciência lho exigiu.
"Tudo isto veio a propósito para dizer que foi com ansiedade que resolvi tomar parte na peregrinação vicentina à Fátima. Era o último apelo, a tábua de salvação desejada pelo "eu" crente, que não podia conformar-se com a sua -destruição completa, sem consideração por um passado que lhe dera fortes raízes. Fui. Pelo caminho, como todo o bom peregrino, cantei e rezei. Preparava-me, como os doentes, para o milagre da minha cura, não física, como a deles, mas espiritual. É que, de toda a minha fé do passado, restava-me apenas, a atestar a divindade da Igreja Católica, a inexplicação dos milagres que por seu intermédio se operavam. Não achara nunca, é certo, bastante extraordinárias as curas <de Fátima, e, acerca das aparições da Virgem
395
na Cova da Iria, sentira sempre, no meu subconsciente, a tentarem vir à superfície, algumas contradições dos "videntes". Mas, enfim, o hábito de confiar e crer no que a Igreja ensina levara-me a acreditar em Fátima e até a defendê-la na Imprensa. Ia. pois, ao encontro do milagre! Mas a desilusão foi completa. Como o padre Pedro Froment, de Zola (1), também o antigo seminarista, "desde que se encontrava em frente da *Gruta,* se sentia apoderado de mal estar singular, de surda revolta que lhe gelava o entusiasmo da oração". Onde esperava

encontrar calor e alento para a minha fé, só encontrei frieza e tédio. Mas era preciso ir até o fim. Por isso ainda me confessei e comunguei, como toda a gente. Foram essas, porém, as minhas últimas confissão e comunhão. As últimas e creio que as únicas mal feitas, pois já não cria no que estava fazendo. Nesse dia, nasceu em mim o desejo de esclarecer o caso de Fátima e explicar os milagres".
Efectivamente, num dos capítulos do *Diário,* essa explicação faz-se de maneira a não deixar dúvidas a ninguém. Afirmamos já que o jornalista não permite a publicação do *Diário,* pois o redigiu apenas no intuito de registar a evolução do seu espírito após o fenómeno de Fátima. É possível mesmo que, a estas horas, o manuscrito que me confiara tenha sido reduzido a cinzas, como outros têm feito, no receio de buscas domiciliárias, impostas pelo Santo Ofício, a

(1) "Lourdes", pág. 141, que só li alguns anos depois da minha última peregrinação a Fátima. *(Agostinho Domingues,* "Diário").

sombra da personalidade jurídica que lhe outorgou a Concordata. Eu, porém, não lho restituí sem copiar certas passagens que vivamente me chocaram pela precisão com que alvejavam e atingiam em cheio os empresários da Cova. Exemplo: a "Santa" anunciou a Lúcia que "se não deixassem de ofender a Deus, em vez de acabar a guerra, começaria outra pior". E acrescentou: "Quando virdes uma noite iluminada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o mundo pelos seus crimes, por meio da guerra, da fome e da perseguição à Igreja e ao Santo Padre". Comentário de Agostinho Domingues: "Como se compreende que a Senhora de Fátima ameace *punir o mundo pelos seus crimes,* com a perseguição à Igreja e ao Santo Padre? O sr. bispo de Leiria não terá meditado nestas palavras antes de lhes dar publicidade? É que, admitindo-se como verdadeiras, temos de acreditar que são a Igreja e o Papa os criminosos ou os responsáveis pelos crimes do mundo".
Outra passagem que diz bem o sentimento que ditou esse *Diário:* "Quando penso nos sacrifícios inúteis e sem conta que fazem tantos milhares de peregrinos, deixando os seus afazeres e percorrendo a pé grandes distâncias ou gastando dinheiro conseguido à custa de suor e lágrimas, para irem à Fátima; quando me lembro dessas legiões de desgraçados que abandonam os seus leitos de dor, e, empreendendo viagens incómodas e perigosas, buscar, em vão, no santuário de Fátima, a cura para os seus males, ou refrigério para as suas amarguras - sinto que se não tentasse poupá-los, pelo menos, a mais esse

engano da vida, já tão cheia de enganos, morreria de remorsos".
Fecharemos aqui as transcrições com este comentário, também de Agostinho Domingues: "O meu caso é o daquele que andou muitos anos a ser ludibriado e que, acabando por descobrir o logro em que caíra, deseja desmascarar, já que não é covarde nem vaidoso, quem o enganou, e prevenir o semelhante, pois que tem sentimentos altruístas".
A citação foi longa, porque foi intencional. É que um testemunho desta natureza vale por tudo o que possa dizer-se contra a mistificação da Cova. Foi um seminarista estudioso e disciplinado; um obreiro que, durante anos, lidou com fé na vinha do Senhor. Incumbido de reportagens de responsabilidade, a que o levavam a sua pena fácil e o seu coração recto, acabou por ir também à Fátima, como jornalista, ao serviço da Igreja. Foi lá cinco vezes, como confessa, até que, durante as peregrinações, encontrou a sua estrada de Damasco. "Saulo! Saulo! porque me persegues"? - clamara a voz do Céu. Nesta estrada, porém, a voz foi outra. Não lhe vinha do Céu mas sim da Terra, gritada pelos que gemiam e se arrastavam atrás duma ilusão. Voz dolorosa, voz profunda, que encontrou eco no coração dum justo, filho do Povo, como eles-Nenhum depoimento, pois, se reveste de maior autoridade, constituindo por isso a mais grave condenação do embuste de Fátima.

II

EM TERRAS DE FRANÇA E ARAGANÇA

Eminência: '

Registada assim uma das muitas vozes que em Portugal se ergueram contra a exploração da Cova da Iria, ouçamos agora outras que, além-fronteiras, manifestaram igual repulsa. Por documentos que nos chegaram e continuam chegando às mãos, se verifica ter sido quase geral o clamor contra a exploração levada a cabo por empresários sem escrúpulos - sinal certo de que a sua Peregrina tem os dias contados, E eles bem o sabem, pois a estão chamando já à sua tenda, onde aguardam o dia em que a farão baixar à cova, donde nunca devia ter saído para honra da Igreja e sossego do Povo, tão flagelado pela miséria e pelo medo.
Mas, atrás dela, ou delas - pois são várias as que rodam ainda pelo mundo, não a fazer milagres, mas a estender as bolsas à caridade cristã - atrás delas o vozear dos descontentes é tão forte, os dardos que as alvejam tão acerados e certeiros, que os seus guardas e bolseiros, acossados de pânico, resolveram solicitar a intervenção do Geral da Companhia de Jesus, que logo destacou um dos seus mais fiéis e aguerridos combatentes, o irmão Luiz Gonzaga da Fonseca.
400
Dando exemplo de inteira obediência, enverga a cota de malha, põe o escudo no braço, e ei-lo que parte, a lança em riste, a defrontar as hostes inimigas. Bradam uns: “As obras escritas até agora sobre Fátima carecem de espírito crítico e são mal documentadas”. Gritam outros: “Certos factos não estão suficientemente provados”. Outros porém, exigem a “publicação integral e imediata de todos os escritos da principal vidente, não faltando até quem denuncie a falsificação de documentos (1*).*
Da Alemanha, da Bélgica e de outros pontos, chegam queixas dizendo que “a atitude de Roma para com Fátima está substancialmente mudada. A um breve período de consideração e entusiasmo, sucedeu frieza, desinteresse, desilusão”. Afirma-se até “que sua Santidade declarou a um personagem altamente colocado na hierarquia eclesiástica, que Fátima era a “maior desilusão -do seu pontificado” a ponto de nem querer ouvir falar dela. O mesmo defensor da Peregrina diz ter constado em França que “numa grande reunião do clero, um conferencista dera a notícia de que o Sumo Pontífice, ou talvez o Geral dos Jesuítas, por sua ordem, tinha nomeado uma comissão presidida pelo Rev. Padre Eduardo Dhanis, S. J., distinto professor na faculdade teológica de Lovaina, para estudar o caso de Fátima, e que a Comissão se tinha pronunciado contra, por unanimidade”. Mais lhe constou que dois padres jesuítas alemães tinham ido junto da

(1) *Brotéria,* fase. de Maio de 1951, p. 505.
401
Santa Sé “para demonstrar a Sua Santidade que toda a história de Fátima era pura invenção” (1), É certo que o agiógrafo desmente, como lhe cumpre, todos esses “diz-se”. Que fossem jesuítas também nos custa acreditar, por sabermos o papel que a Companhia de Jesus tem desempenhado em relação à grande Empresa. Mas que outras ordens mais respeitadoras do Evangelho, mais ligadas ao espírito cristão, o tenham feito ou tentado, é convicção de muita gente. Mas jesuítas, dominicanos ou franciscanos, o certo é que, alem-fronteiras, há cristãos e até católicos que se lançam na refrega, procurando derrubar o ídolo que tão grande escândalo vem causando no imundo. Dir-nos-ão que, por enquanto, é simples fumarada. Não se esqueçam, porém, que “onde há fumo há fogo”. E, realmente, o fogo lavra já, intenso e largo, como veremos pela documentação que o próprio P. Gonzaga da Fonseca vai apresentar-nos.
A primeira fornece-lho o já citado Dhanis, seu confrade, que, apesar de membro da Companhia, não hesita em pôr a sua inteligência e raciocínio ao serviço do senso-comum. Assim, segundo o referido articulista, “propõe-se limpá-lo (o milagre de Fátima) de incrustações lendárias, que supõe terem-se formado à volta dele, bem como dos *embelezamentos* com que a principal protagonista recentemente a enriqueceu, e que ele teme sejam produto de auto-sugestão inconsciente”. E acrescenta: “parecendo pôr quase tudo em dúvida, mesmo factos historicamente bem

(1) *Brotéria,* p. 505-507.
402
averiguados, ou por deficiência de informação, ou por preferir hipóteses científicas, induz o leitor incauto a crer que toda a história de Fátima está no ar” (1).
Quanto à dança do Sol, o mesmo padre “julga seu dever de crítico imparcial e consciencioso, cerceá-lo de todas as exagerações bordadas pelo entusiasmo”. E, após algumas observações dos que afirmam ter presenciado a dança (Visconde de Monteio, Almeida Garrett, missionário

Inácio Lourenço, etc), conclui: "Provavelmente o movimento rotatório deu por um instante a impressão de que o Sol ameaçava desprender-se e cair... Ameaças, porém, que não são factos". Para vincar a dúvida do confrade, o articulista junta o testemunho do irmão do missionário acima referido, que ao ver "o sol precipitar-se, céu abaixo, em ziguezague, foi tal o medo, que correu para a mãe e se lhe escondeu nas saias para ser por ela protegido, ou para morrerem juntos" (2).
Não sei se vale a pena gastar tinta e papel com infantilidades desta natureza, quando pessoas de são critério e olhar límpido "nada viram" (3).
Aludindo ao confronto que lá fora se faz entre a mistificação de La Salette e a da Cova da Iria, o jesuíta afirma que "não há a mínima semelhança nem na atitude de aparição, nem no vestido e muito menos nas palavras proferidas" (4).

(1) *Obr. cit.,* 508
(2) - nota. *Idem,* p. 511.'
(3) Escreve uma das peregrinas: "Voilá ce qu'ont dit à cóté de moi, et ce que des millieres de personnes affirment avoir vu. Moi je ne Pai pas vul".
(4) *Obr. cit.,* p. 515.

Vê-se que esqueceu já a mal ensaiada comédia da Senhora Merlière. De contrário veria que a segunda foi um decalque da primeira, como por várias vezes temos acentuado. Diferenças apenas no número dos pastores, indumentária e condução da "santa". Aquela usava saias compridas, à moda do tempo, enquanto que a primeira senhora da Cova veste saias altas e meias de fina seda, o que levou um dos pastores a julgar que as não tinha. A de lá vinha numa tipóia, mas não subia ao Céu; uma das de cá vinha igualmente de tipóia, mas trazendo a mais a lanterna de projecções, que a fazia descer pela azinheira e pela azinheira regressava aos espaços sem fim. Outra diferença: O condutor da tipóia francesa chamava-se Frontin; o da portuguesa, provavelmente vivo ainda, dá pelo nome de Manuel da Costa, conhecido também por Manuel Lamarosa, residente em Tomareis, freguesia do Olival. Diferente foi também o destino dos videntes: a pastora Melanie foi levada por um inglês e o Maximino tornou-se um bardino incorrigível (1*).* Outra diferença ainda: o Máximo de La Salette, para que se calasse, fizeram-no aguadeiro da fonte miraculosa; os de cá foram menos felizes: dois deixaram-nos morrer; a terceira foi sequestrada, de maneira que nenhum profano a
(1) Que sucedeu a estas duas crianças, escolhidas no mundo inteiro para espalhar a palavra da Mãe de Deus? Numa brochura que publicou, diz o advogado Frederico Tomás que Melanie *s'est fait enlever par un Anglais et que Maximin et devenue un assez mauvais sujei* (A. Karr, *Le Credo du Jardinier,* p. 297).

pudesse interrogar. Ultimamente, nem pessoas da Igreja, a não ser com licença especial do papa! (Tão arriscado é ouvir a pobre criatura, que nunca soube sustentar conversa dois minutos, quando repetia o que os empresários lhe ensinaram! Tantas foram as vezes que meteu os pés pelas mãos!),
Onde, porém, o decalque se observou com mais rigor foi na mensagem ou "segredo" escrito num papel que, devidamente selado, foi remetido a Pio IX. Nunca se soube o que tal papel continha, porque o pontífice, por decoro próprio, nem o mostrou, nem o legou ao hábil Leão XIII, que, se o visse, muito reinadios acharia a tal menina e o seu pároco. Aguardemos que outro tanto suceda ao que Lúcia recebeu e confiou ao bispo, que, se ainda o não queimou, também o não remeterá a Pio XII, por ter deixado de existir e ao seu sucessor ainda menos, pelo que dele se escreve e ele próprio diz.
Uma das coisas que mais espantou os próprios escritores católicos foi terem os videntes posto a senhora a mostrar-lhes e a descrever-lhes o Inferno. No que eles foram cair! Como se alguém, nos tempos que vão correndo, tome a sério esse velho espantalho! Apesar disso, o articulista gasta colunas e colunas a responder aos críticos que duvidam ou negam essa e outras infantilidades. Ele e o colega Veloso, no arrazoado que, na mesma revista, publicou meses depois (1*).* Tudo em pura perda, visto "nada haver mais
(1) Aspectos cruciais do problema de Fátima, in "Brotéria", Dezembro de 1951, p. 516.

fabuloso que essa fábula, nada mais absurdo que essa mentira", como diria o velho Apoleio.

Mas o órgão da Companhia de Jesus não desarma, sempre no intuito de levar o mundo inteiro a crer nos prodígios de Fátima. Vendo que os protestantes continuam firmes na obediência às Santas Escrituras, procuram demonstrar-lhes que nem só elas registam a palavra de Deus. Também os santos padres, os concilies, as encíclicas papais... A cantilena do costume! Mas as igrejas protestantes não têm ouvidos para essas cantatas, como demonstram as suas pregações, os seus escritos e assembleias, quando convocadas para discutirem pontos de doutrina. Numerosas têm sido, realmente, as publicações evangélicas, nacionais e estrangeiras, que se insurgiram, impugnando o novo culto como autêntica idolatria, contrário, portanto, à lei de Deus. Entre elas destacaremos a *Proiestantische Rundschau*, órgão da Liga Protestante Universal, que no seu número de Janeiro de 1943 se referiu ao fenómeno de Fátima em termos tais que obrigaram a revista da Companhia de Jesus a dedicar-lhe algumas páginas. “A nós, protestantes (escreve a referida revista alemã), em todos estes acontecimentos e teológicas interpretações dos mesmos, salta-nos com especial viveza à consciência ver quanta coisa exótica e digna de estranheza existe no catolicismo actual. Antes de mais nada, a atitude do mesmo em relação ao milagre. “E, comenta a revista portuguesa, as considerações seguem por aí abaixo, a dar a entender que o milagre de Fátima é um fenómeno de inferior piedade popular ou superstição milagreira. Depois, uma diatribe em forma contra

os estudos mariológicos na Igreja Católica, e, principalmente, nos estudos superiores” (1). E, a propósito da crítica feita a certos actos do pontície romano, junta este desabafo: “Não supúnhamos que, entre protestantes sinceros e esclarecidos, tivesse baixado tanto a confiança na oração da Igreja de Cristo”.

Como lá fora, também aqui os órgãos das igrejas protestantes marcaram bem definidas atitudes, como o leitor pudera verificar folheando qualquer deles. Uma passagem, no entanto, devemos desde já registar, por ter vindo à luz em boletim publicado na cidade por onde correm os negócios da Cova: “Mas teriam essas crianças visto a Mãe de Jesus? Então, porque morreram duas delas, pouco depois? E porque internaram a outra num convento em Espanha, a recato de conversas indiscretas? É fácil colocar uma imagem numa árvore representando a Virgem, ou vestir-se de branco uma rapariga O e iludir seres infantis, pois estas aparições têm sempre o seu fundo” ().

Também estes conheceram bem cedo o grande embuste! Mas, adiante, pois temos ainda muita gente na sala a fim de ouvir e ser ouvida.

(1) “Brotéria”, Março de 1944. p. 322-325.

(2) Adiante veremos se foi só esta ou também a esposa dum oficial do exército.

(3) *O Evangelho em Portugal* (“Boletim da Missão Baptista”, de Março de 1948). No mesmo número, a seguinte passagem, ouvida por um devoto que lamentava o abandono dum santuário, outrora imensamente concorrido: “Ahl meu senhor, explicou o sacristão, a Senhora de Fátima foi uma .ladra que apareceu à Senhora de Nazaré”!

“A ideia *(depõe um mensário brasileiro)* foi genial; transportar para o Brasil, era visita, a milagrosa imagem! Quem teria sido o génio desse golpe?! E não ter o Brasil outra Nossa Senhora para pagar a visita da sua!... É bem verdade que a Nossa Senhora brasileira, viajando por Portugal, não seria o negocião que foi a trasladação da de Fátima para os Brasis. Portugal, em miséria, não renderia dez réis de mel coado, ao passo que a empresa comercial Fátima & C." Ilimitada tirou de misérias o ventre insaciável da Santa Igreja em Portugal e Brasil. Porque o peditório foi, é, e vai ser, por muito tempo, fervoroso, activo, multiplicado e tenaz. A cada esquina, em cada repartição pública, igreja, capela, colégio, hospital, estações de tráfego, etc, etc, há uma beata pedindo, há cruzeiros tilintando nas salvas, nas bolsas, nas cestinhas, nas urnas, nos cofres. Um arrastão digno de S. Pedro! Essa redada fatímica foi um estalo formidável. A santinha, certamente, coroada pelo puro e venerando D. Jaime Câmara, irá, triunfante, percorrer o o Brasil de cabo a rabo. Entregue o arrastão de Fátima, uma das grandes redes do pescador Pedro, a mãos de um bispo assim prático, a que cifras não subirá o lucro líquido da empresa? Até quando haverá no mundo possibilidade de tão afrontosa bestificação do povo?” (1).

Dum opúsculo largamente espalhado no Brasil, recorto esta passagem: “A Virgem de Fátima,

(1) Jornal “Acção Directa”, n.o 86, Maio de 1953 -Rio de Janeiro. Artigo do seu director, o prof. José Oiticica, conhecido escritor, poeta, filólogo e catedrático do Colégio Pedro *2.*, colégio-padrão do Brasil.

depois do êxito comercial no seu percurso pelos sertões, onde foi recebida pelos seus fregueses e altas autoridades civis, caiu, como qualquer outro ídolo, em plena Praça José de Alencar, em Fortaleza, e os padres, com seus acólitos, mobi-lizaram-se e sacaram do povo, em poucos momentos, vinte mil cruzeiros para torná-la nova" (1).
Mão amiga envia-me de S. Paulo... Mas, para que citar mais folhas e opúsculos, se tantos são os que circulam pelo mundo, em luta aberta contra o maior embuste deste século?
A um apenas volto a referir-me, devido à importância de que se reveste - pelo autor e local onde foi exibido: a conferência do professor Alfaric, realizada em Paris, em 1952, a que atrás já nos referimos (p. 244, 248, 252 e 285).
Admirável síntese, que na primeira parte - *Les trois voyanis* - nos transporta ao "teatro das visões" e época em que se realizaram, para, em seguida, traçar a psicologia dos visionários e suas alucinações. Na segunda parte - *Le Clergé* - estuda a acção dos empresários de Fátima, vista quase exclusivamente à luz de dois trabalhos: "As maravilhas" do cónego Formigão e "Fátima, maravilha inaudita" de outros dois sacerdotes, o cónego Bartas e o jesuíta Pedro Fonseca. Nessa conferência se encontram quatro páginas que focara luminosamente a actuação de V. Em.a dentro da grande Empresa. A terceira parte é dedicada à Santa Sé - *Le Vatican* - em que se enumeram os serviços prestados à nova superstição pelos papas Bento XV, Pio XI e o
(}) "Páginas Panteistas", pelo "Filósofo da Selva", p. 7"

seu sucessor. Pena foi que o eminente conferencista não tivesse conhecido outros agiógrafos da Santa, para melhor ajuizar do que foi e continua sendo o "fenómeno" da Cova. Apesar disso, a análise que dele faz constitui um trabalho que demonstra bem o alto espírito do autor.
O ponto de vista de Alfaric, quanto às visões,, foi retomado por André Lorulot, publicista francês e vice-presidente da União Mundial do Livre Pensamento, que em Oran dissertou sábia e longamente sobre o tema *A verdade sobre Fátima e as aparições sobrenaturais.* Conferência de vulto, pois que o seu eco bem depressa conseguiu dar volta ao mundo, como se depreende do mau humor manifestado nos arraiais católicos!

III
ATÉ O CÉU FOI CONTRA ELA

Eminência:

Mas o clamor contra Fátima, alargando-se cada vez mais, chega a todos os sectores da imprensa livre, sem exceptuar revistas de cinema (1*).* Agora só faltava que também o Céu colaborasse, com os seus elementos, para desmanchar a panelinha, ou, pelo menos, colaborar de perto ou de longe, com os que defendem a verdade e o bom-senso ultrajados. E o Céu colaborou! O primeiro contributo deu-se em 9 de Julho de 1947. Mas que não foi do Céu, mas do Inferno o archote que, durante cinco horas (das duas às sete da manhã), destruiu as barracas de madeira, instaladas frente ao santuário, onde se guardavam os artigos religiosos (1), que a Empresa vende às companheiras do pobre Zé da enxada. Parece que o Diabo, realmente, aproveitando a ausência da Senhora, resolveu deitar-lhe o "fogo à farrapa", ocasionando um prejuízo avaliado, pela baixa, em 300 contos. E, se mais não ardeu, foi isso

(1) A revista francesa "Cinemonde", analisando o filme "O milagre de Fátima", ergue-se contra a imposturice, chamando à santa-*une dame en blanc.* Também ali sabiam já do embuste!
(-) "Primeiro de Janeiro", 10-7-47.

devido, não à santa, que andava passeando, mas aos bombeiros, que durante horas e horas se moeram a esguichar a pouca água que trouxeram de fora, porque a nascente milagrosa não deitou com que apagassem um tição, quanto mais as barracas em chamas.
Porque não correu a Santa - cabe aqui perguntar- a defender as suas coisas e, sobretudo, o seu prestígio? Era mais fácil do que vir lá do Céu, que fica a milhões e milhões de anos-luz, como

V. Em.a perfeitamente sabe. E os padres? E as freiras? E os devotos? Porque não correram todos ao santuário, a implorar o divino socorro? Segundo a boa e a má imprensa, eles, em vez de confiarem em Deus, preferiram arrombar uma janela do posto telefónico, pôr o canudo à boca e chamar os socorros da terra! (1). A boa imprensa regista nova inconveniência, quando afirma que, se o fogo não provocou maior calamidade, foi devido ainda aos voluntários! (2). "Mas então - perguntava o povo das aldeias que acudiu, aterrado - para quando reserva a Senhora o poder que tem para fazer milagres?
Tempos depois, como a santa andasse agora pelo Minho, a desorientar aquela pobre gente, o

(1) "Entretanto, era arrombada uma janela do posto telefónico público para se chamarem os bombeiros de Vila Nova de Ourém, que compareceram e trabalharam denodadamente com seis agulhetas, sob a direcção do seu comandante, sr. José Maria Pereira". (Século, 9-7-1947).
(2) "Graças à acção dos Bombeiros, evitou-se que o fogo se propagasse a outras barracas e à estação dos correios de que chegaram a retirar todos os móveis, por correrem perigo". (O Século, 9-7-1947).

Céu resolveu dar-lhe nova lição. Junto à Ponte da Barca, na estrada do Lindoso, o clero da região resolveu convocar os devotos com suas opas, bandeiras e guiões, para uma vistosa procissão em honra dela, a fim de esmagar a petulância dos raros incrédulos que por ali houvesse. E assim se fez. Estradas cheias. Multidão compacta. .. Eis senão quando, "um vento de grande impetuosidade destruiu todos os paramentos religiosos, deitando o povo a fugir, pelos caminhos, em gritos aflitivos" (1). "Felizmente - acrescenta a notícia - não se registaram desastres pessoais". Evidentemente, visto o ajuste de contas ser com a menina da Cova e não com os pobres minhotos, que vão nas procissões como os carneiros de Panurgio: em corda, uns após outros.
Um mês depois, o mesmo Céu, verificando que o povo continuava a perder tempo, dinheiro e saúde em actos de paganismo estúpido, resolveu correr com ele, quando, em grande número, se apinhava em torno da capela da Senhora, em Camarinha (Carrazeda de Anciães). "Nisto - informa o correspondente do jornal - trazido por grande trovoada e ante o pasmo de todos, caiu um raio na capela, acompanhado pelo forte ribombar do trovão. A faísca, depois de abrir, numa das paredes da capela, enorme e profunda brecha, atingiu o andor da Senhora, que estivera exposto aos fiéis, incendiando-o e ferindo ainda mais de trinta pessoas, que fugidas à trovoada e à chuva, se tinham ali refugiado" (-). Desta vez
(1) O "Jornal de Notícias", Porto, 18-5-1949. (2) Idem, 6-9

O Céu não se limitou a fulminar a santa e a danificar-lhe o templo: atingiu também, fisicamente, algumas dezenas de romeiros. Pior ainda: matou uma rapariga de 22 anos, deixando outra em perigo de vida.
Este descuido do Infinito (porque não era para aquela, mas para a Peregrina, que andava lá, de terra em terra, de capela em capela, de igreja em igreja), este descuido, dizíamos, provocando aqueles desastres pessoais, foi, pouco depois, reduzido a mais humanas proporções, quando, em 22 de Outubro de 1951, junto a Valpaços, ordenou que o mesmo facho, que na Cova reduzira a cinza as tais barracas e o respectivo recheio, entrasse na igreja matriz de Lebução e atacasse o altar da Senhora. Dito e feito, pois que nada escapou, "nem mesmo a própria imagem". E o comunicado acrescenta: "O povo que tem grande devoção pela santa, ficou como que petrificado em volta da igreja, a gritar, sem atinar com o que havia de fazer, assim permanecendo largo tempo" (1).
Não conseguindo apanhar a Caminheira, que desde então procurara refúgio em casas solarengas, onde há sempre crianças e abundância de servos, o Céu voltou de novo a face para a Cova. Estávamos a 8 de Novembro seguinte. O grande santuário acabava de concluir-se, faltando-lhe apenas o órgão que, por ser um dos maiores e mais bem afinados do mundo, só daí a meses chegaria (2). Era, portanto, boa altura.

(1) "o Século", 23-10-1951.

(2) O “Chegaram à Cova da Iria três caminhões carregados **com o** material nessessário para a instalação de um grande

Duas ou três faíscas no horizonte, logo seguidas de ribombos, em todos os corações “causaram grande medo”, como diz o Poeta. Frades e freiras recolheram às caves, ficando fora apenas os canteiros, broxadores e alguns serviçais, sem direito a procurar as caves. Subitamente, mesmo por cima do santuário, o Céu abriu-se e os coriscos desceram, ziguezagueando lume. O primeiro “atingiu a própria torre da basílica, indo despedaçar os vitrais do santuário, derrubar a tribuna onde se realizaram as cerimónias do Ano Santo, destruir as cabines, danificar a estação dos correios, a casa das religiosas Doroteias e assombrar os pobres operários”, que não tiveram tempo de procurar abrigos. E o comunicado acrescenta: “Não há memória, nesta localidade, de trovoada que originasse tão grandes prejuízos” *(1).* Dir-se-ia que o Céu estava farto de mentiras e de explorações, e, por isso, perdendo a paciência, resolvera atirar-se à cabeça do toiro! O que, porém, em tudo isto mais espanto causou, foi ter-se divulgado a tragédia por intermédio da grande tiragem do mais poderoso e melhor informado órgão da imprensa portuguesa, e que, desde o inicio, se havia colocado ao serviço de Fátima e

(continuação da nota da página anterior)
órgão na Basílica de Fátima. O enorme instrumento, construído em Pádua, compõe-se de cinco registos sonoros com 61 teclas cada, 32 pedais, 76 registos mecânicos, 42 pistões, 26 pedais de comando com sinalização luminosa, 10.000 tubos e 20 sinos. O peso deste material é de 65 mil quilos. Para a instalação do órgão, que é um dos maiores do Mundo, vieram da Itália diversos operários e técnicos e um delegado do Papa Pio 12” (Gazeta do Sul, Montijo 20-4-52.

(1) “Diário de Notícias”, Lisboa, 9-11-1 P 51.

de Roma. E logo na primeira página! E à largura de duas colunas!

Constou depois, cá fora, que mão desconhecida compusera a fatídica local, formara o respectivo galeão, tirara a prova, incluira-a na forma, passara-a à estereotipia, e daí à rotativa, que a gravou no papel e despejou na saca dos ardinas. Essa má nova só chegou ao palácio de V. Em.a quando Lisboa inteira e a maior parte do país já conhecia o espantoso, o irreparável desaire! “Foi, decerto, obra de Satanás!” - comentava-se nos cafés, salas de redacção e sacristias.

Continuava ainda na memória de todos esta desconcertante mas real intervenção do Céu nos negócios de Fátima, quando, a 24 de Abril de 1953, ali chegou nova informação aterradora: que outra faísca demolira parte do velho santuário da Senhora de Nazaré, erguido junto à costa (')

“Porquê?” - inquiriam os de Fátima. Julgaria o Céu que a Peregrina fora lá refugiar-se? Ou, devido ao nevoeiro, teria confundido os santuários? Mistério que nem a Terra nem o Céu revelaram ainda! Devido talvez a esse equívoco, parece que o Alto desistiu da total demolição da Basílica da Cova, limitando-se, de futuro, a lançar mão de processos menos violentos, mas não menos eficazes, o que fez logo no mês seguinte, como já vamos ver.

*(1) O Nazaré 23-4-53-*Um enorme relâmpago riscou o Céu em pavoroso clarão, tendo a faísca desabado precisamente sobre a torre sul da igreja paroquial. Os estragos -foram importantes: apanhado em cheio o corochêu da torre, pesados blocos de granito se desprenderam do alto, resvalando, uns para o lado exterior do templo, junto à

Os empresários da Cova, sempre prontos a estender as bolsas, tinham, uma vez mais, conseguido reunir, a 13 e na vasta esplanada, muitos milhares de peregrinos, à frente dos quais se destacavam “o sr. brigadeiro Correia Leal e o numeroso grupo de alunos da Escola do Exército, Colégio Militar e Pupilos do Exército”, seguindo-se, “em massa, os oficiais e soldados do Governo Militar de Lisboa e os de outras regiões do País”, a fim de assistirem à missa dialogada. “Estava ex'posto o Santíssimo no altar exterior da Basílica, e a escadaria que lhe dá acesso e o largo terreiro coalhados de fiéis. Cantava-se o *Avé* de Fátima”. Nisto, com espanto geral, das cataratas do Céu principiam caindo cordas de água de intensidade tal como jamais se vira! E demoradas, insistentes... E os peregrinos “a pé firme, indiferentes ao temporal desfeito que lhes ensopava as roupas e enregelava os corpos. E assim estiveram largo tempo”. Comenta o jornalista: “Teve-se a impressão de que uma tromba de água desabava sobre a Cova da Iria”. Uma, não: dezenas delas. Nem de outro modo se explica o espanto dos “peregrinos estrangeiros, muitos dos quais, empolgados, acompanharam a

(continuação da nota da página anterior)
frontaria, caindo outros perto do adro e entrando outros na igreja, depois de perfurarem o telhado. O raio, na sua trajectória de fogo, penetrou na sacristia e incendiou algumas vestes sacerdotais, queimando também vários objectos de culto. Os rombos produzidos pelo raio medem cerca de 20 metros quadrados”. *(Jornal de Notícias).* O “Diário de Notícias” de 24 confirma o colega do Norte: “Uma faísca fez ruir parte da cúpula central e arrancou enormes silhares, que por sua vez destruíram parte do Santuário e <do claustro”.

os seus irmãos portugueses, alguns com água até quase aos joelhos. E choveu toda a noite, abundantemente” (1).
E para tudo isso apenas uma tromba? Ponhamos cem, que não serão de mais. Para lavar tantos devotos, numa tal extensão e durante aquele tempo todo... Se assim não fosse, a água nunca lhes chegaria aos joelhos, ali, numa tão vasta esplanada.
Eminência: que tempos estes! E ao que a Igreja chegou: ter de munir, com pára-raios, todos os santuários, para que o Céu os não destrua! Medida realmente acertada, mas de que resultou esta pungente quadra, que o povo espalha hoje aos quatro ventos:

O pára-raios na igreja
Veio mostrar aos ateus
Que o crente, por mais que o seja,
Não tem confiança em Deus!

(1) “Diário de Notícias” 14-5-1953.

ALEGAÇÕES FINAIS

ÚLTIMA CARTA

Eminência:

É tempo de ultimarmos este processo-crime, cujos debates se arrastam há 41 anos, tornando-o um dos mais longos e intrincados a que a Igreja deu lugar pelo vezo que tem de pôr em almoeda tudo quanto os Santos Padres e Apóstolos lhe deixaram em virtude, fé e piedade cristãs. E não só intrincado, mas também um dos maiores, mais graves e aviltantes em que a mesma Igreja tem tomado parte como ré. Crime que nenhum juiz ou tribunal plenário, por mais benigno, ousará perdoar, porque, além de monstruoso, foi previamente calculado, ensaiado e seguidamente executado com o maior cinismo e crueldade.
Para ela, como para qualquer dos seus comparsas, não pode haver a menor atenuante, visto que todos nele tomaram parte e nele perseveraram, longos anos, sem que nenhum haja revelado o menor sinal de contrição. Todos conheceram e sentiram o que nele havia de abominável e sacrílego, pois que todos ouviram as queixas, verificaram a miséria e viram correr o sangue e as lágrimas a que ele deu motivo. Mas dos comparticipantes em crime de tal hediondez e projecção, há réus maiores e réus menores. Nestes figura a maioria dos párocos, e naqueles todo o episcopado português, tendo à cabeça o Santo Padre, que tudo sancionou com o voto que herdara daquele outro Pio, que a si próprio se

tornara infalível. No episcopado, todavia, justo é que destaquemos os dois mais ardorosos combatentes: V. Em.a e o colega que primeiro tomou conta dos negócios da Cova. Mas, como este continua paralítico (1) - com descrédito bem acentuado para a santa a quem assiste e cujo poder tanto apregoa - vamos deixá-lo entregue à sua dor e às suas orações, de que muito precisa,

para evitar as penas do Inferno, por haver chefiado a comandita que entre nós promoveu a mais escandalosa fraude que no género se tem arquitectado.
E assim ficamos só: V. Em.a e eu. Nem é preciso mais. Porque, se Vossa Eminência representa não só todo o episcopado português e seu clero, como ainda o próprio Santo Padre, eu, se ninguém me contestar este direito, representarei a voz debaixo: a dos humildes e esmagados; a dos que, apesar de vencidos, não perderam a fé em melhores dias. Que hão-de vir: tão certo como às trevas suceder a luz do Sol!
Colocados, portanto, frente a frente, vamos ver se podemos conduzir estas alegações, sem muito nos zangarmos. Ambos maiores na idade e, além disso, educados à luz de princípios morais, que perduram acima de religiões e sistemas políticos, creio bem que não será preciso alterarmos a voz, mesmo quando tenha de fazer depoimentos graves e afirmações chocantes para quem veste púrpura e assiste ao sólio pontifício. Mas, se assim for, a culpa é de V. Em.a que para tanto lhes deu causa.
(1) Falecido em 1957.

423
Formulei, como viu, o libelo acusatório contra a Empresa de Fátima, libelo que tive de alargar, porque, entretanto, a Igreja Católica resolveu intervir, perfilhando a obra dos mistificadores. “Crime premeditado” - lhe chamei; e amplamente executado, sem que, até hoje, nenhum dos deliquentes se confessasse arrependido. Agora mesmo acabo de saber que, longe de qualquer sinal de contrição, V. Em.a continua a valer-se da cegueira do povo e do medo que atinge grandes e pequenos, para dar mais autenticidade ao embuste da Cova.
Recorto dos jornais: “Alpiarça, 22-1-54 - Esta vila vai receber a imagem peregrina de Nossa Senhora, para o que estão preparados grandiosos festejos. O sr. Cardeal Patriarca vem a Alpiarça, no dia 7 de Fevereiro, e será recebido, no limite do concelho, por tudo o que esta vila tem de mais representativo. O sr. bispo de Ourem assiste a todas as cerimónias, que se realizam na igreja paroquial. A imagem visita a Quinta da Lagoalva de Cima, propriedade da marquesa *de* Tancos, e, no dia seguinte, é entregue na Junta da Torre, propriedade da família Canavarro, e ali ficará durante a noite”.
Ciente e consciente, pois, do grande embuste, apesar disso continua a defendê-lo, e, o que é pior, a impô-lo como dogma de fél Na verdade, Senhor, é preciso ter muita coragem para aceitar e propagar um erro de tamanha evidência, que salta à vista aos próprios cegos! Porque V. Em.a como chefe da Igreja portuguesa, não tem direito a ignorar coisa alguma do que se passa no campo religioso.
424
Sabe, portanto, como, quando e por iniciativa de quem se preparara a ignóbil farsa.
Conhece, nos mais insignificantes pormenores,, quando e como das mãos dos primeiros farsantes passou às do mitrado que, a princípio, cheio de apreensões, denunciara a fraude ao cientista seu amigo, que não pôde calar, nem aquelas nem estas.
Sabe como as três crianças foram catequisa-das, sugestionadas e iludidas, primeiro pela esposa do coronel Genipro (>) e a seguir pela rapariga a que se referiu o já citado *Boletim da Missão Baptista,* de Leiria (p. 338).
Sabe, tão bem ou melhor do que eu, quem foi e onde se encontra o cocheiro que trabalhou na farsa com a tal rapariga, filha de gente fina.
Sabe, e não quer pôr cobro a semelhante malvadez - para não dizer indignidade - como a Cova da Iria tem enriquecido alguns e empobrecido tantos I
Soube, e não condenou, antes aplaudiu, a vigilância apertadíssima exercida sobre as três infelizes crianças, vigilância que só terminou com

(1) Para identificar esta senhora muito contribuiu um clínico do Norte (mais um médico na dançai) que ao meu apelo respondeu, informando: “Falei novamente com o coronel médico (mais um: sinal de que a doente não escapa ou fica aleijada para sempre) que me disse: O coronel Genipro andava em trabalhos de cartografia na região de Fátima. Como demorasse, levou a esposa, que, senhora extremamente religiosa, ia passear, vestida de branco - era nova e estava-se no verão - e encontrando as crianças conversou longa e carinhosamente com elas sobre temas de devoção. Esses encontros repetiram-se a pedido da senhora para finS de catequese... A senhora era de trato afável e a imagina-

425

a morte dos dois irmãos e o sequestro de Lúcia em convento inacessível a profanos. • Soube que se inventaram nascentes e que a água que se vendia aos peregrinos, como santa era trazida, de noite, fosse lá de onde fosse.

Conhece, e não proibe, a exportação, em grande escala, que o bispo de Leiria faz para a América do Norte, de garrafas com água de Fátima, colhida não se sabe por quem, nem em que fonte ou poço, mas que lá se vendem em todas as igrejas católicas, a dólar cada uma, devendo ser por isso a mais cara do mundo.

Sabe que no Santuário se tem exposto certo número de cordões, pulseiras e peças de oiro, a fim de convencer as pobres camponesas e mulheres de pescadores a ofertarem também as suas jóias. Que nas folhas católicas se anunciavam falsidades, como a da junta de bois que um devoto levara, pela soga, aos pés da "Virgem Santa".

Sabe, e não condena, que em todos os pontos do País continua havendo corretores da Empresa da Cova da Iria que incitam o Povo a recorrer

ao coração das crianças construiu a lenda, sem dificuldade, junto dos pais broncos".

A seguir veio ao meu encontro um colega de Genipro, também coronel, que além de confirmar o exposto acima forneceu novos detalhes, valorisados com interessantes comentários.

"O que acabo de contar-lhe era sabido na região - porém na ocasião não liguei importância de maior, do que agora me arrependo".

E conclue: "Bem desejava exclarecê-lo melhor, pelo desejo que tenho em contribuir para o processo das - Desaparições - da Fátima, a maior aldrabice deste século".

426

à Senhora de Fátima, como sendo a única que poderá valer-lhe nas aflições, mediante promessas em moeda corrente, depositadas pelo próprio no seu altar da Cova.

Que muitas mães e esposas se desfazem da sua única jóia - o cordão do noivado - na esperança de alcançarem a saúde dos maridos e dos filhos.

Sabe, mas não ordena o desmentido, que o chuveiro de milagres que mensalmente se atribuem à santa e se inscrevem no órgão do Santuário ou são invenções do sacerdote que o redige, ou expedientes combinados entre o devoto, os empresários e o médico fácil que os atesta à luz duma prova irrecusável - a espórtula previamente estabelecida.

Leu e deixou circular que a Peregrina durante o seu percurso à capital, "fez mais conversões do que todos os Apóstolos, quando sairam do Cenáculo, cheios do espírito de Deus, a pregar a penitência ao mundo".

Mais ainda: não quis censurar nem desmentir o arcebispo de Braga que redigiu e assinou semelhante enormidade, só porque lisongiava a menina da Cova e favorecia a recolha de fundos (1).

Sabe que a Peregrina continua, de terra em terra, a despejar o pé-de-meia que o rústico amealhou para quando já não possa erguer a enxada ou guiar a charrua. E como agora o pé-de-meia deita pouco - vida cara, impostos agravados, multas, doenças, etc. - resolveu enviá-la

(1) *Stella* - Maio de 1942.

427

em forma menos aparatosa, de casal em casal, aproveitando tudo, até migalhas (1*).*

Sabe que a filatelia, nos tempos que vão correndo, é um bom elemento de propaganda, e por isso aí a temos apregoando o embuste de Fátima (2).

Nenhum, porém, mais eficaz que o Compêndio escolar, razão por que a figura da menina aparece logo no primeiro livro das escolas primárias.

Mentira atrai mentira, como vimos atrás. Donde resulta que, para justificar a inicial das aparições, autorize que novas mentiras se acumulem, proibindo, porém, que a verdade se escreva, pois conseguiu outra grande vitória: ter na mão o sector mais grave da Censura - o que respeita à liberdade de pensar e afirmar pela palavra escrita. Daí uma consequência inevitável: supres-

(1) Carta dum correspondente: "A imagem a que se refere é pequena, para ser facilmente transportada, e assenta sobre um cofre. É enviada, sucessivamente, a cada paroquiano, que a retém durante a noite, para que, tanto os patrões como os domésticos e visitas, introduzam no cofre o que for de sua devoção. De manhã regressa à igreja, onde o pároco abre o cofre e despeja o conteúdo, e à noite fá-la rodar de novo. Poucos casais aqui têm escapado ao varejo. Garanto-lhe a verdade do que afirmo" (A. D.).

Informa outro: “A tal imagem é pequena e tem à frente um cofre. Vi-a eu numa sala onde fui de manhã em serviço da minha profissão... Mas não aceitei o convite da patroa para lançar no cofre o que fosse da *minha devoção”. (fi* canalizador N. P.).
(2) Para comemorar o Ano Santo emitiram-se 10 milhões de selos com a efígie da Santa, e o seguinte plano de valores, tiragens e cores: $50, verde-seco, 2.500.000; ISOO, sépia, 5.000.000; 2000, azul, 2.300.000; 5$00, violeta, 200.000”. (*Diário de Notícias,* Lisboa, 3-5-1950).

são de todas as publicações que pudessem discutir os abusos da Igreja, ou, simplesmente, terem opiniões.

Se V. Eminência houvesse aparecido 80 anos antes, Portugal não poderia orgulhar-se de contar, entre as suas glórias, o maior historiador da Península (1). Como também não contaria “os vencidos da vida” e tantos, tantos outros valores, que teriam de procurar países de mais humanos climas ou apagar na alma a luz que os andasse guiando e aquentando.

Mas o crime maior que V. Eminência cometeu e comete, por que não quer dar remédio, é ver, sem comoção, a pobre gente que, de perto e de longe, ao sol, à chuva, mal vestida e mal alimentada, se arrasta em direcção à Cova, onde chega semi-morta.

E vai uma, duas, quatro, dez vezes, repetin-do-se as mesmas ladainhas, o mesmo contributo, as mesmas agonias. Tantos dias perdidos I Tanta energia gasta! Um dia só que seja para a ida, outro para regresso, e um terceiro para se refazerem, onde isso vai! Aplicados a um mínimo de 10 mil pessoas (às vezes reunem-se na Cova 500 mil), aí temos já 30 mil dias de trabalho, inteiramente perdidos para a economia popular.

Juntemos-lhe agora as despesas com viagens e contribuição para o cofre da Santa - 50$00, e é nada por cabeça - verificamos, pelo menos, 600 contos. Mas uma das peregrinações, segundo a imprensa, reuniu 500.000. Tributando-os com a mesma quantia, sem incluir a gasolina dos

(1) Alexandre Herculano

milhares de automóveis que lá foram, aí vemos nós 25 mil contos. Supondo agora que, durante o ano, ali concorre um milhão de pessoas - para mais, não para menos - pergunto: há o direito de permitir semelhante loucura? E pratica-se isto num país onde há tanta família sem lar nem pão! Onde numerosas crianças dormem em choças e barracas imundas e de dia vagueiam aos pontapés de toda a gente I Tudo isto em plena capital do Império e até junto a um dos palácios que V. Em.a habita! (1*).*

Se volvermos a vista para os campos, o quadro não é menos doloroso. Depõe uma voz autorizada: “O rosto esverdeado, as faces encovadas e sombrias de muitas pessoas, mal enroupadas, denotavam a tragédia biológica de seres humanos que, muitas vezes, nem conseguiram comer de três em três dias. Isto não é fantasia populista”, etc. (2).

Era assim em 1951. Mas piorou, porque, em 1953, o mesmo órgão católico informa que “o povo português vive em grandes dificuldades para vencer o ritmo do progresso”. E, a seguir: “O nível de vida, o padrão de vida do seu povo continua a ser baixo e sem grandes possibilidades de subir... A situação do nosso operário, para não falarmos na do trabalhador rural, que, segundo as necessidades alimentares de hoje, não chega a ganhar

(1) Um dos maiores bairros de latas que Lisboa tolera e o estrangeiro admira é o que existe junto ao muro **que** veda o palácio e seminário dos Olivais.
(2) “Brotéria”, Maio, **1951,** p. 590.

para satisfazer 70% das mesmas. Conbecemos os sacrifícios que muitos lavradores têm feito para não abandonar à sua triste sorte os seus trabalhadores, caídos, por vezes, na mais abjecta miséria” (1*).*

A situação, porém, em vez de melhorar, continuou piorando, a tal ponto que o bispo de Beja teve que vir também denunciá-la na sua pastoral de 8 de Dezembro, a que se refere outra folha católica, acentuando que, no seu veemente apelo, colocava os seus diocesanos “perante este angustioso facto: no Baixo-Alentejo, a miséria dos pobres, longe de ter diminuído, tem aumentado de ano para ano”. S. Ex.a Rev.a não receia dizer que, “em certas épocas do ano, as classes rurais caem nos braços da fome”. O quadro apresentado não é enegrecido: doloroso sim,

porém real. “Temos andado talvez a ocultar a verdade uns aos outros - diz o prelado. No Alto-Alentejo, boa parte da Beira e talvez até por todo o País, o quadro é parecido. As classes pobres, rurais, encontram-se frequentemente a braços com a miséria” (2). Só quem, realmente, desconheça o nosso meio social pode ignorar que “há dezenas de milhar de portugueses a braços com as mais precárias condições de vida” *().*
E V. Em.a é dos que o não ignoram, pois tem, repito, junto da sua porta um dos mais degradantes espectáculos que em nossos dias podem

(1) Carlos Hermenegildo de Sousa, in “Brotéria”, Outubro de 1953, p. 258.
(2) “o Distrito de Portalegre”, semanário da Acção Católica, 2 de Janeiro de 1954.
(3) Brotéria”. Maio, 1951, p. 602.

contemplar-se. Apesar disso, o que mais vivamente o preocupa não são os míseros com fome de pão e sede de justiça, mas a construção de grandes seminários, de igrejas luxuosas e órgãos monumentais, como esse que encomendou em Pádua para a Cova da Iria. “Eis o milagre da fé!” - grita V. Em.a ao microfone. Grito que, de Norte a Sul, todos os bispos repetem. “Milagre da fé!” -a hipnotização do povo ignaro e fraco de intelecto! “Milagre da fé” - a visão do Inferno com que a toda a hora o supliciam! Ao vê-lo caminhar em cordas intermináveis, é que se compreende como a religião conduz à imbecilidade e à loucura.
Foi observando misérias e degradações desta natureza, que um viajado sociólogo pôde afirmar que “não há salvação possível para uma nação que vive em genuflexões e rezas” (1)• Razão tinha, igualmente, aquele filósofo, que longos anos aprofundara os problemas sociais da sua época: “Ó Santa Igreja de Roma... nem te humanizas, nem morres. Perdoa então se, para vivermos, for preciso exterminar-te!” (2*).*
E findo aqui, sr. Patriarca de Lisboa, mas não sem que também lhe grite, com todo o vigor da minha alma: - Ó criatura sem entranhas, para que abismo pretendes arrastar o rebanho de surdos e de cegos que pastoreias em nome do Absoluto, à sombra do qual a Igreja procura

(1) *Elisée Reclus.* “Cartas”, vol. 2., p. 295.
(2) *Basílio Teles,* “Alma Nacional”, p. 100.

subjugar o mundo? Vê se encontras alguém que faça chegar ao teu espírito um raio de luz beneficente, e que, a seguir, destile sobre o teu coração uma gota que seja de verdadeiro amor pela pessoa humana!

FECHO DA ABÓBADA

Procurava eu qualquer facto novo para fecho desta obra de sentimento e de verdade, quando me chegou à mão a seguinte *nota oficiosa da Cúria Patriarcal:*

“Tendo constado em vários pontos do País que Nossa Senhora aparecera num lugar da freguesia de Rio Maior e chegando ao conhecimento desta Cúria que já por duas vezes ali se reuniram numerosas pessoas, a fim de assistirem a factos anunciados como extraordinários, esclarece-se que, depois de exame cuidadoso acerca do que sobre as pretensas aparições se passou, se verificou:
1.) Nada existir que confirme ou pareça confirmar a veracidade de tais aparições; 2.) carecerem inteiramente de fundamento as afirmações vindas a público.
Por isso é dever da autoridade eclesiástica:
1.) Lembrar a todos os católicos a obrigação de evitarem tudo quanto possa concorrer para dar publicidade a acontecimentos que apenas servem para comprometer a verdadeira fé. 2.) Proibir a todos os sacerdotes que tomem parte

em novas reuniões que se anunciam. 3.) Aconselhar a todas as pessoas de bom-senso que, na órbita da sua esfera de acção, esclareçam o povo sobre a necessidade da maior prudência em casos desta natureza e sobre a obrigação de impedir o alastramento da credulidade, que facilmente degenera em superstição perigosa (1).

Pus de lado os trabalhos em que me venho ocupando, para considerar apenas o estupendo e concludente documento com que fecharia as alegações aduzidas contra os empresários de Fátima. O espanto que me causou foi de tal natureza que cheguei a duvidar da sua veracidade. Mas não, porque a fonte donde procedera não permitia dúvidas. Era, portanto, genuino. Quê, Deus clemente! Impedir que tua Mãe volte a Portugal, de visita aos seus devotos, sem autorização do patriarca de Lisboa?! É lá crível que um ministro do altar suba tão alto no comando que chegue a semelhante audácia?! Efectivamente este é, que me conste, o primeiro bispo português, e, possivelmente, de todo o orbe cristão, que proibe à mãe de Deus deixar o Céu para nos visitar sem que da Cúria Patriarcal sua Eminência a autorize com o respectivo *Nihil obstat!*
O caso é deveras chocante, mormente para nós, portugueses, que desde a fundação da nacionalidade nos habituámos a vê-la descer com frequência dos altos Céus onde reside, a fim de visitar pastorinhos no monte, párocos nas igrejas, frades e freiras nos conventos, além de muita gente da cidade e do campo, a qualquer hora

(1) *Diário de Notícias*, Lisboa, 7-8-1954.

em qualquer parte, com ou sem mensagens, distribuindo graças ou sorrisos, conforme as pessoas a quem honrava com a sua presença ou influxo divino. Um dos seus agiógrafos deu-se ao trabalho de registar e enaltecer todas essas visitas e influxos, legando-nos um repositório assombroso, compendiado em dez volumes - o *Santuário Mariano* (1), que qualquer de nós poderá folhear e verificar se é ou não exacto o que estou afirmando. E só registou a vida mariana até à data em que a obra apareceu, porque se a tivessem continuado, encheriam outros tantos volumes.
Pois bem, apesar de tantíssimas vezes ter percorrido os caminhos que do Céu a traziam à Terra, nunca bispo algum, por mais entendido que fosse em matéria divina, se lembrou, repito, de embargar-lhe a passagem com “notas oficiosas” tão severas como a que fica atrás.
Também eu, como tantos, acompanhei desde o início a marcha da nova “aparição”. E que vi? Que viram todos? O mesmo ambiente devoto, a mesma santa a vir do Céu (-). o mesmo pastorinho a conversar com ela (), a mesma concorrência (2),

(1) Da autoria de Fr. Agostinho de Santa Maria. O 1.o e o 2.o volumes foram publicados em 1707: os restantes, sucessivamente, sendo o 10.o e último, em 1723.
(2) “Lá vem a Mãe Santíssima a descer do Céu!” - exclama o rapazinho (Carlos Alberto). (Da reportagem do “Diário Popular”, Lisboa, 13-7-1954). •
(3) “Quis fugir, continua o Carlos Alberto, mas ouvi a sua voz dizer: “Não fujas! Sou a Mãe do Redentor!...” Quando me apareceu pela segunda vez...” *{Idem).*
(4) “A multidão comprime-se... Massa densa de povo, de lugarejos e vilas próximas e também de localidades de muitas dezenas de léguas em redor, onde a notícia chegou

a mesma cópia de milagres, que logo começaram a produzir-se. Para que foi então proibir-se em Asseiceira o que se autorizara em Fátima? Todos o sabem - tão deselegante foi o expediente. Porque se não fosse o desvio da multidão devota, que em vez de ir despejar o pé-de-meia na bolsa-mãe de Fátima o despejava no cofre da Asseiceira, bem se importava a Cúria que a “santa” falasse a Joaquim ou a João! As bolsas, pois, e não a fé na Imaculada é que determinaram a excomunhão-maior lançada à face dos empresários da Asseiceira *().*
É certo que tanto para mim, cronista do embuste de Fátima, como para quem tenha miolos na cabeça e saiba formular raciocínios sobre factos e deles tirar conclusões, o que só agora sucedeu fora previsto há muito. O caso do pas-torinho levado ao Centro de Assistência Psiquiátrica da Zona Sul representou a primeira intervenção da Empresa de Fátima (). Assim se procedera já com a “santa” de Alfândega da Fé, levada ao Hospital de Coimbra, onde se fechou o círculo do seu poder miraculoso, graças à

(1) sem se saber como... Em redor do local das “aparições”, surgiu um verdadeiro mar de gente... E surgiu um ceguinho, pela mão da mãe, banhada em lágrimas, a querer beijar o “menino”. E surgiram outros doentes, alguns trazidos de bem longe”. *{Idem).*
(2) “A custo se abria caminho para o “menino” passar ao colo de um comerciante da região”. *(Idem).*

(3) Ofício do referido Centro, enviado ao *Diário Popular*, de Lisboa, que relatara a nova aparição: "O menor foi, de facto, observado em 11 do corrente, a pedido do senhor Presidente da Câmara Municipal de Rio Maior, na consulta que o Dispensário de Higiene e Profilaxia Mental de Lisboa

437

intervenção e olho clínico dos médicos assistentes. O mesmo sucederia aos "videntes" de Fátima, se não tivessem morrido ou os não escondessem.

Das preciosas recomendações da *nota oficiosa* destacarei a última, decerto formulada para alentar os que, como eu, prosseguem na obra de resgate a que se devotaram: "Aconselhar as pessoas de bom-senso que esclareçam o povo... sobre a obrigação de impedir o alastramento da credulidade, que facilmente degenera em superstição perigosa".

Até que enfim nos encontramos de acordo. Assim tenho procedido, assim continuarei até morrer! Apesar disso, aceito o estímulo para novos empreendimentos de ordem moral e espiritual, cultural e humana. Ninguém, pois, deixe alastrar a credulidade, que facilmente degenera em superstição, sendo a mais perigosa a das "aparições" de agentes sobrenaturais. Venham donde vierem! Trazidas por um ignorante ou por um sábio, por um cardeal ou por um papa, neste ramo do maravilhoso, a autoridade é sempre a mesma. Combatê-la é, portanto, um sagrado dever-moral e cívico!

Sosseguem, porém, todos quantos acreditem no sobrenatural e especialmente em agentes divinos, que do céu descem à terra, porque o interdito

realiza mensalmente no Hospital da Misericórdia de Santarém. Dos resultados desse exame nada, porém, se concluiu, concretamente; antes foi sugerida, posteriormente, a hospitalização do menor para a sua mais minuciosa e completa observação, por haver fortes suspeitas de se estar em presença de um caso de anormalidade psíquica". (Do referido jornal, n. de 20-7-1954).

438

O Patriarca de Lisboa parece limitar-se apenas à sua diocese.

E senão abram a "Voz de Fátima" (13 de Julho de 1958) e oiçam o que vos diz o seu colaborador assíduo - Trindade Salgueiro, actual arcebispo de Évora:

"O que se compreende menos bem é que um dos motivos das dúvidas ou das negações por parte de muita gente, fosse a paixão do "chauvinismo". Nossa Senhora não tem que pedir autorização a tal ou a tal povo, a esta ou àquela nação, para aparecer a determinadas pessoas, em determinadas circunstâncias, em países determinados".

Suspendo a transcrição a fim de formular as seguintes perguntas:

Pois quê: estes mitrados não foram beber à mesma fonte? O poder de ligar e desligar não lhes foi transmitido pelo mesmo Deus? Não os sagrou e ungiu com o mesmo Ritual e o mesmo óleo santo? Não lhes soprou o mesmo espírito divino?

Ó Santo Padre, chama-os aí ou manda aqui alguém a fim de os congraçar, dado o receio que acabais de revelar, motivado por um novo cisma que está lavrando fundo em terras do Oriente asiático.

Porque também nós estamos na eminência de se perderem almas, devido à confusão que, em matéria de fé, está lavrando agora em terras lusitanas.

Emile lacem luam. E enquanto é tempo, visto que já andam por aqui vozes que dizem, em retumbantes clamores:

439

"A religião é o ópio do Povo".

No mesmo diapasão concordam outras:

"A religião é um vício sentimental que é necessário curar rapidamente".

Se até dos túmulos se erguem luminosos espíritos a fazer coro com agitadores de tão desabalado ímpeto:

"O que ainda ampara a religião de Roma é o ignorarem-na três partes do género humano, que até de nome a desconhecem, e a indiferença de três partes dos indivíduos que dizem professá-la" (1).

Açudai Acuda aqui, ó Santo Padre, antes que venha o Diabo e leve o resto!

(1) Camilo Castelo Branco, *Boémia do Espirito*, 3.o p. 333.
ed.

COMO OS PROTESTANTES VÊEM FÁTIMA

"Grande é a Diana dos Efésios!" - bradava o povo de Efeso instigado por Demétrio e seus colegas fabricantes de "nichos" da célebre deusa, porque viam os seus lucros diminuidos pela pregação de São Paulo contra os ídolos *(Act. 19: 23-41).*
Quase vinte séculos depois deste levantamento popular, ainda há quem creia ser possível mandar Deus ao mundo imagens da Mãe de Jesus ou permitir que ela apareça a crianças para as avisar de acontecimentos futuros...
A Igreja Romana, como querendo emendar ou completar o que Deus fez *(Apoc. 22: 18: 1),* achou melhor chamá-la "Rainha dos céus", nome que os pagãos davam a uma das suas deusas *(Jer. 7: 18),* e "Mãe de Deus", fazendo dela uma *deusa,* contra o claro ensino do Decálogo: "Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egipto, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim" *(Exo. 20:2:3).*
E, não contente com tal heresia, aliás contradizendo-se, ao ensinar que *Jesus, como Deus, só teve Pai e não teve mãe,* enche os altares de imagens da Virgem, que expõe à adoração, no intento claro de conquistar o coração feminino e dominar assim o homem. De abismo em abismo, chegou ao que hoje se tornou escândalo para o Cristianismo, rebaixando-o aos olhos dos ateus,

dos pagãos e dos Judeus: o *culto público das imagens* que dizem ser cópias fiéis das *aparições* da virgem em Lourdes e em Fátima, fazendo-se com as desta o que se não fez com as daquela - a fabricação em série - para as levar a passeio aqui e no estrangeiro, assim expondo Portugal ao menosprezo das nações cultas.
Pelo país carrega-se a imagem dizendo-se que foi ela que nos livrou da guerra. E quem salvou a Turquia maometana? E a Suissa? E a Suécia, ambas protestantes?
Na América do Norte, porém, a propaganda é outra. Sabendo do embate de ideologias que existe entre aquela nação e a Rússia, prèga-se ali que só Fátima pode salvá-la do Comunismo! Se a Itália, com tanta religiosidade, não impediu que o Comunismo tanto avançasse no meio do seu povo; se as nações católicas, como a Áustria, a Polónia, etc, perderam o seu antigo poder, como é que se pretende levantar o prestígio católico com tais peregrinações ao som de "Aves" encomendados mas tão desafinados? Já o povo de Efeso gritava: "Grande é a Diana dos Efésios!"por acreditar que a imagem adorada no seu templo, uma das sete maravilhas do mundo antigo, havia descido do Céu, por ordem de Júpiter, "pai dos deuses"...: "Nada há de novo debaixo do sol", escreveu Salomão.
O que é Fátima? Uma pequena aldeia a poucos quilómetros de Leiria. O seu nome vem de uma filha de Mahomé, ou não tivesse sido esta região povoada há oito séculos pelos seguidores do Corão. Perto há uns pequenos montes onde os rebanhos mal encontram que pastar à sombra de umas raquíticas azinheiras. Neste desolador lugar

fica a "Cova da Iria", onde se preparou a lenda da aparição, dizendo-se que três crianças andavam a guardar ovelhas quando a Virgem lhes apareceu a 13 de Maio de 1917, anunciando-lhes que a guerra (a 1.a Grande Guerra) ia acabar em breve, mas... só 16 meses depois é que foi assinado o armistício, que durou até Agosto de 1939. Isto facilmente se espalhou, que o momento psicológico era o melhor. As mães, as esposas, as noivas e as irmãs dos soldados que andavam nos campos de batalha, logo começaram a invocar a "Senhora de Fátima", como passou a ser chamada a nova "senhora aparecida", e, "como entre mortos e feridos sempre escapa alguém", diversas eram as mulheres que diziam que havia sido feito o milagre de voltarem a receber os seus amados. E a lenda correu célere, que o vento era favorável...
Mas teriam essas crianças visto a "Mãe de Jesus"? Então porque morreram duas delas pouco depois? E porque internaram a outra num convento em Espanha, a recato de conversas indiscretas? É fácil colocar uma imagem numa árvore representando a Virgem ou vestir-se de branco uma rapariga e iludir seres infantis, pois estas aparições têm sempre o seu fundo... Mas a

propaganda fez-se, e, como há multidões que crêm que as águas em que foram espalhadas as cinzas de Gandhi fazem muitos milagres, assim se acredita nos milagres de Fátima!... A verdade, porém? Não andaremos longe dela se dissermos que tudo isso foi preparado por alguém interessado em desviar de Lourdes as peregrinações portuguesas, iludindo a credulidade dos simples. E assim surgiu mais uma *senhora milagrosa.*
446
ao lado de tantas outras, sendo as velhas substituídas pelas novas, como a Senhora da Nazaré, hoje quase esquecida, a propósito da qual me contou um irmão nosso na fé que, tendo ido com outros vê-la, ouviu o sacristão dizer, respondendo a alguém que lamentava a pobreza actual daquela *senhora:* “.*Ah* meu senhor, a senhora de Fátima foi uma ladra que apareceu à Senhora da Nazaré”...
O culto de Fátima arrasta hoje de facto milhares de pessoas, mas de lugares distantes, porque o povo dos arredores é o que menos acredita em tal, para confirmar o rifão: “Santos de casa não fazem milagres...” Ouve-se dizer em Leiria: Como é que a Senhora de Fátima faz milagres a quem vem de longe, e não a nós, os seus vizinhos? Mas fará milagres de facto? Como Mahomé em Meca, o rio Ganges na índia e os manipanços na Africa.,. É um verdadeiro escândalo público tal culto. Primeiro, pela exploração vergonhosa a que o povo é submetido. A chamada capela das aparições é tão pequena que mal cabem nela seis pessoas, mas em frente estão três cofres de mármore que formam maior volume que a capela, isto sem contar os novos cofres da rectaguarda desta, no edifício onde
vendem relíquias, etc.! Para onde vão tanto
e tanto dinheiro ali recolhidos, que chegam a carregar automóveis? Nada é gasto com os pobres nem com a urbanização do local, e até a própria basílica parece nunca mais acabar, há tantos anos anda em construção...
As peregrinações têm causado por vezes a morte de algumas pessoas, e até de sacerdotes, e dão lugar a cenas indecorosas, porque os principais
447
ajuntamentos são de noite, espalhando-se " o povo numa escandalosa promiscuidade pelas dobras do terreno e fragas.
Fátima! Fátima! Eis um nome muçulmano a atrair os católicos de todo o Mundo.
A 30 quilómetros de Leiria, entre serras, fica, uma pequena aldeia a que os discípulos de Mahomé, outrora habitantes desta região, deram o nome de Fátima, certamente em homenagem a uma filha do seu mestre assim chamada.
Séculos e séculos se passaram sem que ninguém em tal povoação reparasse, escondida entre penedos, urzes e azinheiras, até que em 1917 alguém se lembrou de induzir três crianças (duas meninas e um rapaz) pastores de ovelhas, a dizerem que a Virgem Maria lhes falara anunciando para breve o fim da guerra (a de 1914-1918), mas só quase um ano e meio depois é que o armistício foi assinado! Entretanto, duas das crianças morreram e a outra foi internada num convento em Espanha, onde ninguém lhe podia falar... A oportunidade era áarea, dada a ansiedade que todos tinham que findasse a guerra. Daí fácil ser a propaganda... E Fátima passou a ser a “Senhora Aparecida” de maior reputação no Mundo, e por isso escolhida para ali se realizar o encerramento do *Ano Santo* para o estrangeiro. Anunciou-se que vinham milhares, muitos milhares de peregrinos de toda a parte (falou-se num milhão ou mais de estrangeiros) tomando-se providências para que todos fossem acolhidos da melhor maneira, e, junto da “Capela das Aparições” levantaram-se duas mil tendas militares, algumas podendo alojar 50 pessoas a 20$00 cada e por noite, ao mesmo tempo que se preparavam
448
parques para milhares de automóveis, camionetas, etc.
As cerimónias começaram pelo “Congresso da Mensagem de Fátima” a que se procurou dar nome trazendo-se de fora algumas figuras decorativas, mas em tão pequeno número que logo se previu o fracasso. A nota saliente foi a paz, como em 1917, com uma novidade: a conversão da Rússia, mas esqueceram-se os seus promotores que a *Itália tem mais igrejas dedicadas à Virgem que todas as nações do Mundo juntas e,* apesar disso, conta mais de quatro milhões de comunistas, mais do que qualquer outro país fora da Rússia, e mais mesmo que neste país,

considerada a diferença da população! Como “sperar, portanto, que Fátima converta os comunistas russos?
Terminado tal Congresso, o que ficou? Uma tremenda decepção... Os milhares e milhares de peregrinos estrangeiros que se esperavam não apareceram, e, muito menos, os americanos! Os hotéis e pensões que se prepararam para os receber, sofreram grandes prejuízos nos fornecimentos que fizeram, tendo ficado às moscas! E, se duvidam, eis o que publicou o jornal monárquico-católico, “O Debate!) de 18 de Outubro: “Pena foi que entre essa multidão raros fossem os estrangeiros, não obstante ter sido afirmado “ reafirmado que chegariam em barcos, comboios, aviões, etc. com gente de todo o Mundo” *(}).*
(1) (Do N.o do “Boletim da Missão Baptista”, publicado, em leiria, em 1952, e de que é redactor o Dr. A. Maurício).

O ANO SANTO

Fátima 13 - ... Pio XII nomeou o seu Legado e escolheu um cardeal diplomata, de grandes títulos na cúria, com um séquito pomposo e expressivo, quase do tempo da Idade Média. O cardeal Tedeschini parece que vinha tratar, como embaixador extraordinário, dalgum caso solene, de um ajustamento entre um rei e um pontífice dos séculos que precederam a queda de Roma.
Isto é: Pio XII está em Fátima na pessoa do seu cardeal datário, arcipreste da basílica vaticana. Eis o caso político, um aspecto da fase política do acontecimento Fátima.
A cerimónia da chegada à entrada do Campo - onde já o esperavam os outros quatro eminentes cardeais e noventa e dois arcebispos e bispos - foi frouxa. Sem fácil espírito crítico dizemos que nos pareceu quadro de opereta; chovia, e Sua Eminência vinha sob um chapéu de chuva. Os capacetes e trajos dos guardas suíços perderam a dignidade. Mas depois...
Depois o cortejo dirigiu-se ao Santuário, longa fila de capas vermelhas, roxas e violeta. A multidão, como um mar, aclamou com lenços brancos; pareciam pombas presas nos dedos. E seguiram cerimónias do ritual, entre repicar de sinos, já o fumo das salvas de artilharia se havia dissipado nos contrafortes da serra de Aire.
Este acto foi a abertura. Às 17 horas a multidão acomodava-se sobre o chão empapado das
Fl. 29
450
chuvas da véspera, verdadeiro lodaçal, com charcos que a iluminação profusa não revelava.
E vejamos agora a grande nota humana. Fátima é uma Babel de línguas. A despeito de não terem vindo várias peregrinações estrangeiras, estão aqui milhares de crentes de todo o Mundo. Em certos locais o francês, o espanhol, o italiano, o inglês, o holandês, enrodilha-se com a nossa linguagem. Os tipos ricos distinguem-se, e entre milhares de sacerdotes descortina-se bem: este - deve ser espanhol, aquele - talvez seja russo.
Percorremos de tarde e de noite os acampamentos. A “parada” de automóveis, dispersos em parques, soma cerca de 7.000. Estes peregrinos, ou curiosos ávidos de um espectáculo emotivo e raro, comem e dormem nos carros. Há centenas de acampamentos em tendas de campanha. Mas há os acampamentos que não têm lona, nem teto, nem quase lugar. E esta é que é a nota penetrante e cândida da Fátima.
Parai, almas! Se admirais o sacrifício humano em face de uma luzinha ou de um clarão - parai, almas! Vieram de todos os lados. Trazem nos olhos chispas de Fé e de amor à Virgem. São famílias inteiras: velhos, casais, crianças. Rezam e cantam de mãos postas. E quando a extrema fadiga chega ou um lapso das cerimónias o consente, agrupam-se debaixo de uma oliveira, ou onde seja. Encostam as crianças, a cabeça nas pernas das mães, ou estas nos regaços das avós, enquanto os velhos pendem o tronco, vencidos por tanto cântico, tantas orações, tantas
451
alocuções dos padres, tanta balbúrdia serena, tanto êxtase de luz, que nem a todos os sítios chega.
Trazem cabazes das suas terras com as provisões. Mas vê-se que não é romaria. Cabazes, cabazes, cabazes aos montões - que vão servir de travesseiro.
A unção espiritual, a pureza eucarística e perfumado rosmaninho, e giesta, e alfazema, nascidas do granito, do cheiro das resinas e da maresia, a sinceridade primitiva destas alminhas de Deus -

domina-nos. Isto sim, que é Fátima. Xilogravura bárbara, amaciada pela mão de Deus, cujas réplicas talvez não seja possível encontrar noutro qualquer país, a não ser nalgumas regiões ao Norte da Espanha.
Isto sim, que devia ver, para transmitir ao Santo Padre, o Cardeal Tedeschini. E chove! E eles rezam, a dormitar, sem se dar conta. Tanta humildade ao abrigo de uma azinheira (1).
Norberto Araújo
(1) ("Diário de Lisboa", 13-10-1951).

DOIS LIVROS E DOIS AUTORES

António Boto é um poeta português, cujos admiradores afirmam ser "o maior do seu tempo".
"Suas poesias - afirma um foliculário pequeno-burguês - andam pelo vasto mundo, traduzidas em quase todos os idiomas e onde ecoam, provocam deslumbramentos".
"Os ventos da adversidade sopraram forte sobre a existência do grande vate", - continua afirmando o mesmo foliculário - "e aos dias de triunfo sucederam as horas tristes de solidão e sofrimento. Os amigos e patrícios que o adulavam e procuravam, foram desaparecendo".
Nem N. S. de Fátima, a Santa da Cova da Iria, cuja glória ele cantou no mais belo poema da raça, num livro recentemente editado nesta Capital, lhe está valendo no momento.
Ele continua só, com os seus sofrimentos e suas angústias.
Permaneceu e talvez ainda permaneça recolhido a um quarto da Santa Casa da Misericórdia desta Capital, mercê da generosidade de uma criatura de bons sentimentos, por sinal bem colocado na vida: ministro do Supremo Tribunal Federal.
Tomás da Fonseca, também português de nascimento e de ideias contrárias às do "consagrado" autor de "Fátima", escreveu outro livro sobre a mesma "Fátima", relatando, em seus

mínimos detalhes, as mistificações engendradas pelos roupetas portugueses para explorar monetariamente o "aparecimento" da "Santa" em terras de Portugal.
O livro de Tomás da Fonseca, como o de António Boto, foram publicados aqui, no Brasil.
Enquanto o de Boto permanece, como inédito, por falta de leitores e seu autor se encontra recolhido a um quarto de hospital, lamentando-se da ingratidão dos "amigos" e da "misericórdia divina", o livro de Tomás da Fonseca encontra-se com a edição quase esgotada e o seu autor gozando a mais perfeita saúde, apesar de sua avançada idade.
Verifica-se, facilmente, a diferença entre um apologista e defensor da existência de Deus, abandonado por todos aqueles que deviam ampará-lo, principalmente os católicos, e um livre-pensador cuja vida inteira de lutas contra a Igreja lhe renova constantemente as energias físicas e morais para prosseguir, com mais vigor, no esclarecimento da verdade.
O confronto é bastante elucidativo para todos aqueles que se deixam iludir com as palavras mentirosas dos vigários de Cristo. Milhares de seres humanos vivem sofrendo toda a sorte de vicissitudes e misérias porque ficam esperando que Deus se lembre deles e de sua situação...
"Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles será o reino do"... inferno, a que está reduzida a vida vivida no Brasil e no mundo inteiro, com guerras, fome, bombas atómicas e mistificação fradesca.
Pedro Botelho Júnior
Acção Directa - Rio **de** Janeiro - **Agosto de 1956).**

CÓPIA DO AVISO AFIXADO NO SANTUÁRIO DA FÁTIMA
LEIA POR FAVOR:

É sagrado o chão que vai pisar.
Aqui apareceu a Virgem Santíssima, Mãe de Deus. Desça, pois, ao recinto em silêncio. O lugar é de recolhimento e de oração.
HOMEM - Não entre em calção (shorts) ou em mangas de camisa. Descubra-se e não fume.

SENHORA - Vele a cabeça. Não pode entrar vestida de homem. Que as mangas do seu vestido desçam pelo menos até ao cotovelo. Modéstia cristã no seu trajo. Não deixe as crianças à vontade.
Não deite papeis, etc. para o chão. Estime o asseio deste lugar sagrado. São permitidas as fotografias se forem observados a compostura e o silêncio. OBRIGADO.
(De *Ecos do Sameiro* - Agosto de 1958).

FÁTIMA NA POESIA (1)

Vendo-se publicamente acusado de ter ofendido Nossa Senhora, e ameaçado, pelo Santo Ofício, com as penas do Inferno, Tomás da Fonseca apelou para o Céu. Eis como lhe responderam!

Dizem todos que fui eu Quem insultou a Senhora. Mandei sabê-lo no Céu E a resposta veio agora.
Diz Jesus no seu despacho: "Li os papéis e, em suma. Devo dizer que não acho Agravo de espécie alguma.
O Diabo é que se riu com essa nova doutrina. Se ela foi quem me pariu, como é que a julgam menina?
Mãe e Virgem! Porventura Há imbecis portugueses. Que assim julguem a criatura Que deu à luz sete vezes! (2)

(1) Panfleto que circulou, anónima e clandistinamente, em Portugal, em Março de 1949.
(2) Diz o Evangelho de S. Marcos: "Eis que tua mãe e teus irmãos te buscam lá fora (13-32)!". "E muitos, ouvin-do-o, se admiraram, dizendo: "Não é este o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E não estão aqui, connosco, suas irmãs?" (6-8 e 3).

Quem há que defenda, quem tão estranho desatino, Se até levaram, a mãe A enjeitar o seu menino!
Ah /, esse mundo é bem tolo! Tu é que disseste bem, pois ela, sem mim ao colo, não pode ser minha mãe.
Eu é que a santifiquei e a fiz Rainha do Céu: simples vaso onde incarnei - e *nada mais, que o sei eu!*
Mas vê tu que malandragem pela Terra se espaneja! Não é fé, mas rapinagem com que desonram a Igreja.
Ao fundá-la, dei as chaves
a Pedro que ainda labuta.
Mas quem a rege, bem sabes,
são esses filhos da... Cia. de Jesus.
E que são meus companheiros! Mas se eu à Terra voltasse, seriam eles os primeiros a escarrarem-me na face!
Raça perversa e maldita, é preciso dar-lhe fim... Se te agarram temos fita: fazem-te o mesmo, acredita, que me fizeram a mim!
Céu,! de Março de 1940.
(a) *Jesus de Nazaré*

GAZETILHA

o tesoureiro da Fazenda Pública em Pombal desfalcou o Estado em 7.200 contos e a sra. de Fátima em 3.000 contos:

(Dos jornais)
Que ele desfalcasse o Estado,
Está certo, é natural,
Desde que está separado
O Deus do céu estrelado

Dos ímpios de Portugal.
Mas o caso extraordinário
Que ninguém acha com geito,
É como “contou o vigário”
à santa do calendário
Que mais milagres tem feito;
Que fascina as multidões
E ao pé da qual ninguém morre;
Que cura calos, fleimões,
E até trata dos... pulmões
A quem a ela recorre!
Tal caso que nos enleia.
Torna a santa parecida
Com certa gente de aldeia
Que, a tratar da vida alheia.
Deixa atrás a sua vida.
Ou, então, brilha o ditado,
Que o povo há muito adoptou,
E aqui vejo confirmado:
“O dinheiro *mal ganhado!*
Agua o deu, água o levou.
(a) *Cipriano Simões Alegre*
Idei” Letre” - Anadiji - Novembr - 1930)

PALAVRAS DE RENAN NO SEU LEITO DE MORTE:

(Guardem-me contra o clericalismo, que eu vou entrar no período em que a Igreja costuma apoderar-se, traiçoeiramente, do enfraquecido espírito dos moribundos para os desonrar! arrancando-lhes, pela violência, retratações falsas ou inconscientes.”
Palavras que perfilho também, acrescentando:
“.Se ainda em vida, ou depois de morto, aparecerem palavras minhas que vão de encontro às doutrinas que tenho defendido nos meus livros - ou são inventadas por agentes de Roma, ou ditas quando o espirito se haja eclipsado para entrar em demência.”
Agosto de 1955.

TOMÁS DA FONSECA.

ÍNDICE

OBRAS de TOMÁS DA FONSECA a editar em Portugal e no Brasil:

1 - Fátima - 2.a edição melhorada
II - O Diabo no Espaço e no Tempo
III - O Santo Condestável 2.a edição ampliada
IV - o Rescaldo de Lurdes - 2.a edição
V - Sermões da Montanha - edição melhorada
VI - Poesias completas
VII - O Sexo Devoto
VIII - Currais de Augias
IX - Águas Novas - 2.a edição
X - Águas Passadas - 2.a edição
XI - Agiológio Rústico - 2. vol.
XII - No Caminho do Céu
XIII:-Discursos e Conferências
XIV - Origem da Vida - 2.a edição
XV - Filha de Labão - 2.a edição
XVI - Novas do Calcanhar do Mundo.

Composto e impresso na: EMP. TÉC. DE   TIPOG.,   LDA. - Vila Franca de Xira

Digitalizado por Miguel Santos e
Corrigido por Maria da Conceição Santos
Em Março de 2006